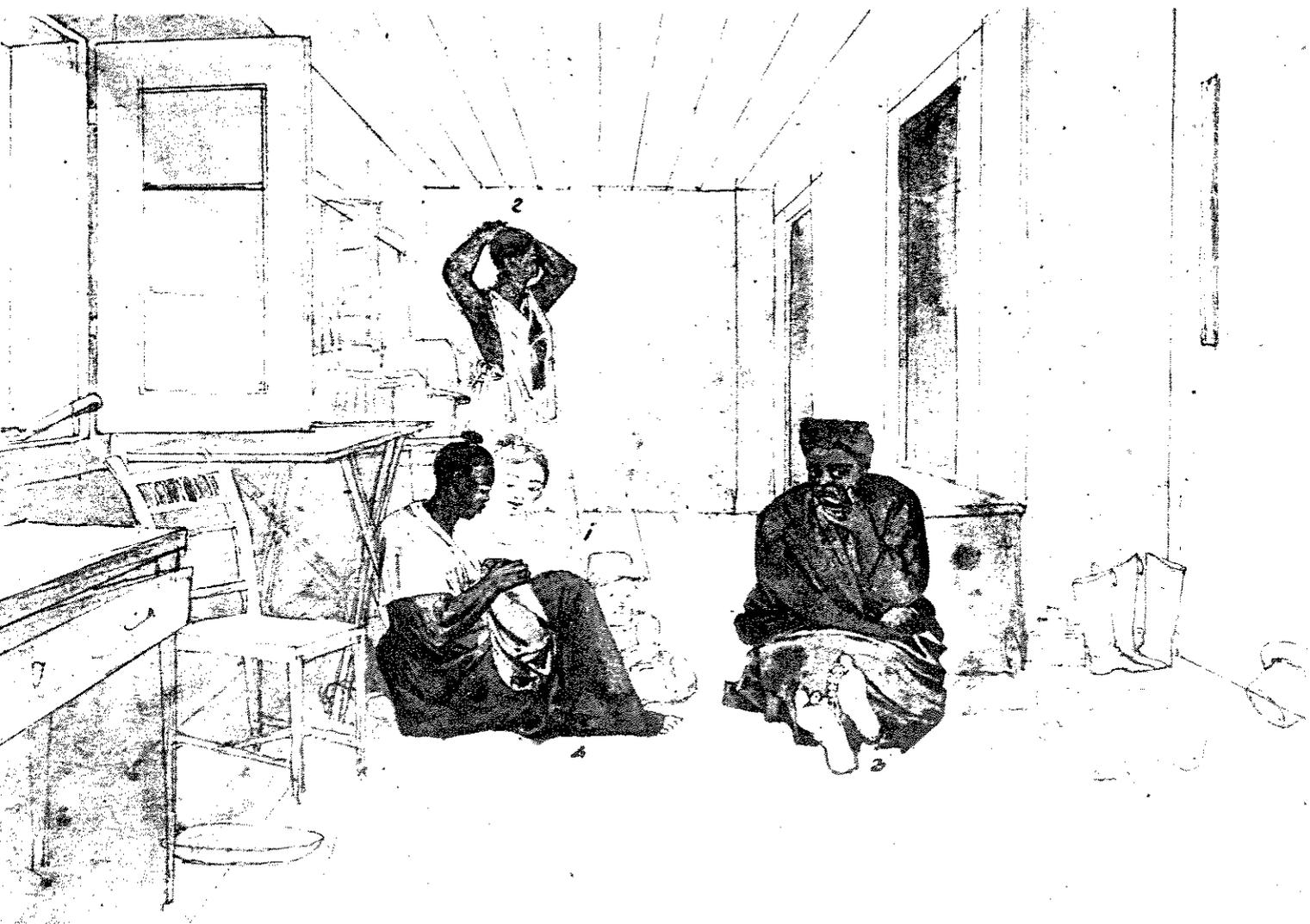


Sandra Sofia Machado Koutsoukos.

A CASA E A "TRASTARIA": história e iconografia de interiores de moradias da cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX.



Professor Orientador: José Roberto Teixeira Leite.  
Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Departamento de Artes do Instituto de Artes da  
Universidade Estadual de Campinas, em agosto de 1994.

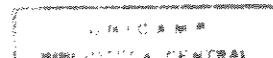
~~Este exemplar é a redação final da tese~~

defendida por Sandra Sofia  
Machado Koutsoukos

e aprovada pela Comissão Julgadora em

01/12/94  
José Roberto Teixeira Leite

Prof. Dr. José Roberto Teixeira Leite



Para Sidney, pelo apoio de sempre e pelo Lucas.

Para meus pais, Jean e Valeria, por tudo.

## **AGRADECIMENTOS:**

Que coisa difícil, essa de escrever agradecimentos. Corre-se sempre o risco de deixar alguém importante de fora. Mas vou tentar... Inicialmente agradeço aos funcionários da Biblioteca Nacional e do Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro, da Biblioteca do Congresso, em Washington, do Instituto de Artes e da Biblioteca McKeldin, ambos da Universidade de Maryland, em College Park, da Coleção Sérgio Buarque de Hollanda, na Biblioteca Central da Unicamp, e da Biblioteca do IFCH, também da Unicamp; foram esses os locais onde realizei a maior parte da pesquisa.

Aos professores dos cursos de mestrado em Artes e do mestrado em Multimeios da Unicamp, devo algumas das idéias que tive para o desenrolar do texto --idéias conseguidas nas minhas tentativas de produzir trabalhos finais de disciplinas que pudessem, de alguma forma, me ajudar na produção da tese. Dessa forma, agradeço aos professores: Ivan Santo Barbosa, Regina Müller, Daisy Peccinini de Alvarado, Júlio Plaza e Haydée Dourado Cardoso. Ao meu orientador, professor José Roberto Teixeira Leite, devo o meu mais carinhoso agradecimento. O professor, com quem tenho grande afinidade de temas, e razão pela qual optei por cursar o mestrado do Instituto de Artes, procurou sempre, com seu sorriso calmo de mestre, me animar nos caminhos tortuosos da pesquisa desta dissertação. Obrigada, professor.

Aos meus pais, Jean e Valeria, eu devo tudo. Foram eles que custearam sempre, com amor e incentivos, todas as minhas vontades. Sidney, companheiro de tantos anos, foi o responsável por

esta encrenca em que me meti. Foi ele quem viu que aquela então pequena pesquisa, iniciada em meados de 1989, poderia se transformar em projeto de mestrado. E, em incontáveis conversas e broncas, me estimulou a ir até o fim. Agora o Lucas, esse pequenino ser, que ocupa um espaço tão grande dentro de mim... Filhote, obrigada pelos chutes que você dava dentro da minha barriga, enquanto eu procurava adiantar ao máximo a produção do texto desta tese. E desculpa o tempo que eu tive que roubar de você, nenêzinho, para que eu pudesse cumprir com meu compromisso. Quem sabe um dia você se divertirá lendo (ou rasgando) estas páginas...

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) agradeço os dois anos e meio de bolsa, sem a qual certamente o bom termo deste trabalho teria ficado mais difícil. Bom, se acabei me esquecendo de alguém, me desculpem, mas estes agradecimentos não são outro texto de tese.

Campinas, julho de 1994.

**ÍNDICE:**

AGRADECIMENTOS.....s/n/p

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES.....s/n/p

APRESENTAÇÃO.....p.1

1. BREVE HISTÓRIA DO MOBILIÁRIO LUSO-BRASILEIRO

(ATÉ MEADOS DO SÉCULO XIX).....p.6

2. A CHEGADA DA CORTE E DAS TRASTARIAS.....p.23

2.1. Repensando a evolução do conforto nos interiores das residências.....p.40

3. A DIVISÃO DO ESPAÇO INTERNO DAS MORADIAS.....p.46

3.1. Casas Nobres.....p.48

3.2. Casas de Sobrado.....p.55

3.3. Casas Térreas.....p.60

3.4. Iconografias de Construções.....p.69

4. OS INTERIORES VISTOS PELOS VIAJANTES.....p.76

4.1. Salas.....p.77

4.2. Varandas.....p.106

4.3. À Mesa.....p.113

4.4. Cozinhas.....p.120

4.5. Quartos e Gabinetes de trabalho.....p.125

4.6. A Higiene.....	p.138
Trastes de Higiene.....	p.150
5. TRASTES DE TRANSPORTE.....	p.164
6. A TRASTARIA NAS RUAS.....	p.187
EPÍLOGO.....	p.202
NOTAS.....	p.206
BIBLIOGRAFIA: Livros de Viajantes.....	p.227
BIBLIOGRAFIA DE APOIO:	
Livros de mobiliário.....	p.230
Outros Livros.....	p.232
ARTIGOS.....	p.236
JORNAIS DE ÉPOCA.....	p.239
FONTES MANUSCRITAS -- INVENTÁRIOS (citados).....	p.240

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES:

- ILUSTRAÇÃO I -- Contador-arca indo-português -- pág.9
- ILUSTRAÇÃO II -- Cadeira de braços em jacarandá, couro e metal -- pág.10
- ILUSTRAÇÃO III -- Meia-cômoda em pau-santo e metal -- pág.13
- ILUSTRAÇÃO IV -- Cabeceira de cama em jacarandá e damasco -- pág.14
- ILUSTRAÇÃO V -- Meia-cômoda em jacarandá com marchetaria e metal -- pág.16
- ILUSTRAÇÃO VI -- Escrivaninha em mogno e bronze dourado -- pág.17
- ILUSTRAÇÃO VII -- Cômoda em jacarandá e marfim -- pág.18
- ILUSTRAÇÃO VIII -- Cadeira em jacarandá e palhinha -- pág.19
- ILUSTRAÇÃO IX -- "Casas na rua Matacavalos", de Richard Bate, 1808 -- pág.70
- ILUSTRAÇÃO X -- "Um subúrbio do Rio de Janeiro perto de Saco do Alferes", de Franz Frühbeck, 1817 -- pág.72
- ILUSTRAÇÃO XI -- "Rio de Janeiro", de Debret, década de 1820 -- pág.74
- ILUSTRAÇÃO XII -- "Salão de recepção do Palácio do Conde von Eltz", de Thomas Ender, 1817-1818 -- pág.86
- ILUSTRAÇÃO XIII -- "Interior Barroco", de Thomas Ender, 1817-1818 -- pág.87
- ILUSTRAÇÃO XIV -- "Entrudo", de Augustus Earle, década de 1820 -- pág.88
- ILUSTRAÇÃO XV -- "Recepção de uma família abastada", A.P.D.G., 1826 -- pág.89
- ILUSTRAÇÃO XVI -- "Uma senhora brasileira em seu lar", de Debret, década de 1820 -- pág.91
- ILUSTRAÇÃO XVII -- "A Sesta", de James Henderson, 1820 -- pág.93
- ILUSTRAÇÃO XVIII -- "Interior de uma casa portuguesa", de Thomas Ender, 1817-1818 -- pág.95
- ILUSTRAÇÃO XIX -- "Visita a uma fazenda", de Debret, década de 1820 -- pág.97

- ILUSTRAÇÃO XX -- "Famille de planteurs", de Rugendas, 1821-1825 --  
pág.99
- ILUSTRAÇÃO XXI -- Interior de casa pobre, de Thomas Ender, 1817-  
1818 -- pág.101
- ILUSTRAÇÃO XXII -- "Vendedora de frutas de Benguela com sua filha",  
de Thomas Ender, 1817-1818 -- pág.102
- ILUSTRAÇÃO XXIII -- "Família pobre em sua casa", de Debret, década  
de 1820 -- pág.104
- ILUSTRAÇÃO XXIV -- "A Sesta", de Debret, década de 1820 -- pág.107
- ILUSTRAÇÃO XXV -- "Interior de uma residência de ciganos", de  
Debret, década de 1820 -- pág.109
- ILUSTRAÇÃO XXVI -- "Dame brésilienne recevant une visite", de  
Tollenare, [1818] -- pág.110.
- ILUSTRAÇÃO XXVII -- "Costumes de Rio de Janeiro", de Rugendas,  
1821-1825 -- pág.112.
- ILUSTRAÇÃO XXVIII -- "Repas d'une dame brésilienne", de Tollenare,  
[1818] -- pág.115.
- ILUSTRAÇÃO XXIX -- "O Jantar", de Debret, década de 1820 -- pág.116
- ILUSTRAÇÃO XXX -- "Debret à l'auberge -- Debret au travail", de  
Debret, década de 1820 -- pág.123
- ILUSTRAÇÃO XXXI -- "Extraíndo um bicho do pé. Cena dos Brasis", de  
Augustus Earle, década de 1820 -- pág.124
- ILUSTRAÇÃO XXXII -- "Quarto do Barão von Hugel", de Thomas Ender,  
1817-1818 -- pág.129
- ILUSTRAÇÃO XXXIII -- "Vue de la fenêtre du salon a la Gloria", de  
Guilherme von Theremin, 1825 -- pág.131
- ILUSTRAÇÃO XXXIV -- "Escritórios no Palácio do enviado  
extraordinário da Áustria", de Thomas Ender, 1817-1818 -- pág.132.
- ILUSTRAÇÃO XXXV -- "Un savant travaillant dans son cabinet", de  
Debret, 1827 -- pág.134
- ILUSTRAÇÃO XXXVI -- "Atelier de Debret à Catumby", de Debret,  
década de 1820 -- pág.136
- ILUSTRAÇÃO XXXVII -- "Quarto numa residência no Rio de Janeiro", de  
Thomas Ender, 1817-1818 -- pág.137
- ILUSTRAÇÃO XXXVIII -- "Casas de Banho no jardim do Palácio onde  
ficou hospedado von Eltz", de Thomas Ender, 1817-1818 -- pág.140



ILUSTRAÇÃO XXXIX, de Armand Julien Pallière -- pág.142

ILUSTRAÇÃO XL -- Interior de toucador de jovem senhora. Gravura francesa publicada no Jornal das Senhoras, em 30 de janeiro de 1853 -- pág.146

ILUSTRAÇÃO XLI -- Interior de toucador de jovem senhora. Gravura francesa publicada no Jornal das Senhoras, em 4 de setembro de 1853 -- pág.147

ILUSTRAÇÃO XLII -- Rede, de Henry Chamberlain, 1814 -- pág.165

ILUSTRAÇÃO XLIII -- "O regresso de um proprietário", de Debret, década de 1820 -- pág.165

ILUSTRAÇÃO XLIV -- "Serpentina", de Maria Graham, 1821-1823 -- pág.166

ILUSTRAÇÃO XLV -- "Liteira para viajar no interior", de Debret, década de 1820 -- pág.168

ILUSTRAÇÃO XLVI -- "Dame brésilienne en chaise à porteur dans une rue du quartier de Santo Antonio", de Tollenare, [1818] -- pág.175

ILUSTRAÇÃO XLVII -- "Cadeira estilo D. José" -- pág.176

ILUSTRAÇÃO XLVIII -- "Senhora na sua cadeirinha a caminho da missa", de Debret, década de 1820 -- pág.178

ILUSTRAÇÃO XLIX -- "Rio de Janeiro", de Debret, década de 1820 -- pág.181

ILUSTRAÇÃO L -- Sege, de Henry Chamberlain, 1814 -- pág.182

ILUSTRAÇÃO LI -- "Portão de uma casa rica", de Debret, década de 1820 -- pág.183

ILUSTRAÇÃO LII -- "Une vente d'esclaves, à Rio-de-Janeiro", de François Auguste Biard, 1858 -- pág.188

ILUSTRAÇÃO LIII -- "Retour d'une vente d'esclaves, à Rio-de-Janeiro", de François Auguste Biard, 1858 -- pág.190

ILUSTRAÇÃO LIV -- "Paisagem da Glória", de Bertichem -- pág.191

ILUSTRAÇÃO LV -- "Déménagement d'un piano, à Rio-de-Janeiro", de François Auguste Biard, 1858 -- pág.192

ILUSTRAÇÃO LVI -- "Loja de barbeiros", de Debret, década de 1820 -- pág.193

ILUSTRAÇÃO LVII -- "Café torrado", de Debret, década de 1820 -- pág.195

ILUSTRAÇÃO LVIII -- "Vendedoras de frutas e aves", de Thomas Ender, 1817-1818 -- pág.197

ILUSTRAÇÃO LIX -- "Engenho Velho", de Eduard Hildebrandt, 1844 -- pág.198

ILUSTRAÇÃO LX -- "Fatal e rápido incêndio que reduziu a cinzas, em 23 de agosto de 1789, todo o antigo Recolhimento de Nossa Senhora do Parto, salvando-se entre as chamas a milagrosa imagem da mesma senhora" (detalhe), de João Francisco Muzzi, 1792 -- pág.200

#### **Plantas de residências:**

PLANTA A -- "Grande casa de cidade", por Debret -- pág.53

PLANTAS B e C -- Casas térreas -- pág.61

PLANTA D -- "Pequena casa brasileira de cidade", por Debret -- pp.65-66

PLANTA E -- "Pequena casa brasileira de campo", por Debret -- pp.67-68

#### **Desenhos de trastes de higiene:**

DESENHO 1 -- "A Lady's Dressing Table", de Thomas Sheraton -- pág.151

DESENHO 2 -- "A Lady's Dressing Commode", de Thomas Sheraton -- pág.152

DESENHO 3 -- "A Lady's Cabinet Dressing Table", de Thomas Sheraton -- pág.153

DESENHOS 4 e 5 -- "Dressing Glasses", de George Hepplewhite -- pág.154

DESENHO 6 -- "Horse Dressing Glass", de Thomas Sheraton -- pág.155

DESENHO 7 -- "Shaving Table", de George Hepplewhite -- pág.156

DESENHO 8 -- "Bidet Shaving Table", de George Hepplewhite -- pag.157

DESENHO 9 -- "Bidet Dressing Table", de Thomas Sheraton -- pág.158

DESENHO 10 -- "A Cylinder Wash-hand Table", de Thomas Sheraton -- pág.159

DESENHO 11 -- "A Wash-hand Stand", de Thomas Sheraton -- pág.160

DESENHO 12 -- "Bidet", de George Hepplewhite -- pág.160

DESENHOS 13 e 14 -- "Night Tables", de George Hepplewhite --  
pág.161

DESENHOS 15 e 16 -- "Corner Night Tables", de Thomas Sheraton --  
pág.162

\*

**APRESENTAÇÃO**

"Só depois de freqüentá-los na intimidade e situá-los no cenário em que se moveram, estaremos habilitados a compreender-lhes as atitudes".<sup>1</sup>

## APRESENTAÇÃO:

O objetivo deste trabalho é o de fazer um estudo de como moravam alguns dos antigos habitantes da cidade do Rio de Janeiro, que tipos de trastes possuíam nos interiores de suas moradias, quais eram os estilos de seu mobiliário, por que e como o utilizavam. Delimitei um período que me pareceu mais interessante e rico em material a ser estudado. Justifica-se assim a escolha da primeira metade do século XIX, a época da mudança da Corte portuguesa e de grande número de fidalgos para o Brasil, mais precisamente para o Rio de Janeiro; parto da idéia de que tal afluxo de pessoas e a imediata abertura dos portos ao comércio exterior -- fatos que ocorreram no mesmo ano de 1808 -- transformaram a vida e os costumes dos cariocas de então, "ocidentalizando", aos poucos, a cidade, os interiores das residências, os corpos dos habitantes etc.

Existem diversos estudos abordando o período -- alguns precisamente sobre o mobiliário de interiores --, destacando-se dois importantes livros da pesquisadora Tilde Canti, O Móvel no Brasil e O Móvel do século XIX no Brasil. Nos dois livros citados, a pesquisadora conta a história do mobiliário luso-brasileiro, suas

origens e características, e faz um levantamento (inventário) dos exemplares que conseguiu encontrar. Partindo da minha paixão pelo tema, tive a curiosidade aguçada pela afirmação de João Hermes Pereira de Araújo, no prefácio do segundo livro de Tilde Canti, onde ele ressaltou a importância das fontes escritas que se preocuparam em retratar os interiores das moradias, lamentando, todavia, a "pobreza franciscana" de nossa iconografia de interiores: "Certamente pela exigüidade desse tipo de documentação, ninguém no Brasil teve ainda a iniciativa de reunir essa iconografia em pequeno ensaio", intuiu João Hermes.<sup>2</sup> No entanto, quando comecei minha pesquisa aos viajantes na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, "descobri" que existiam vários desses documentos iconográficos; obviamente, estes não eram em enorme quantidade e encontravam-se, inclusive, bastante espalhados. Este trabalho, portanto, tenta reunir as ditas **fontes iconográficas** sobre os interiores das moradias da cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX, cruzando tais fontes iconográficas com os relatos escritos de forma sistemática, visando assim uma reconstituição o mais detalhada possível do **recheio das residências** de pessoas comuns e de diferentes posses.

Comecei este trabalho com uma pesquisa aos livros e artigos sobre mobiliário (português e luso-brasileiro), que encontrei no Real Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro e na Biblioteca Nacional. Um breve estudo sobre o mobiliário luso-brasileiro, suas principais características, influências externas,

sua produção, adaptação, a mão-de-obra utilizada, etc. se constitui no primeiro capítulo desta dissertação. O referido estudo se faz necessário para que possamos tentar perceber como eram os interiores das nossas primeiras moradias, e como se deu parte da evolução do seu conforto.

Para detalhar mais a idéia inicial e reforçar a minha tese sobre as transformações que ocorreram no conforto dos interiores das moradias, tive de recorrer a uma vasta pesquisa aos anúncios de dois jornais da época: a Gazeta do Rio de Janeiro (que circulou entre 10 de setembro de 1808 e 31 de dezembro de 1822) e o Jornal do Commercio (que começou a circular em 1 de outubro de 1827), ambos da seção de periódicos da Biblioteca Nacional. Os diversos anúncios me deram uma visão mais ampla das transformações que estavam ocorrendo na cidade, no comércio e na vida das pessoas. Através do número crescente de trastes (móveis, utensílios e objetos de uso e de capricho) diversos que estavam chegando importados, vindos dos diversos países europeus e também dos Estados Unidos do Norte, e sendo aqui anunciados, pude confirmar que os interiores dos lares foram, aos poucos, ficando mais requintados (e "ocidentais"). Para que haveria tanta oferta, se não houvesse procura que a justificasse? Por outro lado, não foi difícil imaginar também que as novas modas atingiram, pelo menos por algum tempo, apenas a parte abastada da população. Sendo assim, no capítulo 2 deste trabalho tento uma descrição do que se modificou na cultura material com a chegada da Corte de D. João VI e das trastarias, que começaram a surgir já a partir da abertura

dos portos em 1808.

Os anúncios dos jornais mostram o que estava chegando à cidade e sendo oferecido, e as crônicas dos viajantes e as listas de bens dos inventários do período retratam o que os habitantes efetivamente possuíam dos objetos de arte decorativa e de uso nos interiores de suas moradias. A pesquisa aos inventários foi feita no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro; mas acabei por me utilizar de um número bastante restrito dessas fontes manuscritas. As referências aos inventários que selecionei aparecerão eventualmente ao longo do texto.

No capítulo 2, trato da chegada da Corte e das tristezas e, no capítulo 3, faço um estudo da divisão do espaço interno de alguns tipos de moradias (nobres, de sobrado e térreas). Para este estudo me utilizo dos testemunhos dos viajantes, de umas poucas plantas de residências que consegui localizar, de alguns anúncios de jornais e listas de inventários, os quais possuem descrições bastante detalhadas das divisões internas dos diferentes tipos de construções. Após este estudo, chego na parte que considero o principal objeto deste trabalho, ou seja, nos **interiores vistos pelos viajantes**. Para melhor organizar este tema, dividi o referido capítulo 4 em alguns itens, que são: salas, varandas, à mesa, cozinhas, quartos e gabinetes de trabalho, e higiene; e apresento as iconografias encontradas, começando sempre pelos interiores mais suntuosos, para chegar aos mais pobres.

No capítulo 5, desenvolvi um texto sobre os principais meios de transporte da época, procurando analisá-los como os



trastes que eram, já que muitas pessoas que possuíam serpentinas, cadeirinhas, liteiras, traquitanas, seges, carruagens e etc. costumavam guardá-las nos interiores de suas residências. Conforme veremos, muitas vezes as cadeirinhas e as serpentinas eram guardadas suspensas e presas aos tetos; outras vezes, eram instaladas no meio do caminho, nos corredores. Já as carruagens, seges e traquitanas, de propriedade dos mais abastados, costumavam ser guardadas em locais mais apropriados. O uso de muitos desses trastes de transporte era um **símbolo de status**, e algumas pessoas gastavam verdadeiras fortunas na decoração das carruagens e cadeirinhas e nos uniformes dos escravos que acompanhavam o cortejo.

No capítulo 6, analiso mais algumas iconografias de viajantes, sendo que nestas o objeto é a trastaria nas ruas; ou seja, nestas iconografias aparece um pouco da movimentação dos trastes nas ruas da cidade do Rio de Janeiro: por exemplo, um leilão ao ar livre, um piano de cauda sendo carregado à cabeça de seis negros, uma mudança passando por uma rua do bairro da Glória etc., e também um detalhe da tela que representa o "Fatal e rápido incêndio que reduziu a cinzas, em 23 de agosto de 1789, todo o Recolhimento de Nossa Senhora do Parto,...", de João Francisco Muzzi, onde vemos os móveis, e tudo o mais que se podia tentar salvar do incêndio, sendo jogado pelas janelas do edifício.

Mas já é tempo de deixarmos de mais delongas e irmos ao trabalho...

## CAPITULO 1

## 1. BREVE HISTÓRIA DO MOBILIÁRIO LUSO-BRASILEIRO (ATÉ MEADOS DO SÉCULO XIX).<sup>3</sup>

Até o início do século XIX, o mobiliário brasileiro era um desdobramento do mobiliário português, que, por sua vez, sofria influências de correntes estilísticas diversas --de origem moura, chinesa, indiana, italiana, espanhola, francesa, inglesa etc<sup>4</sup>--. O mobiliário, se não vinha de Portugal, era feito no Brasil por artesãos portugueses ou seus descendentes, mas baseados nos modelos que chegavam nas embarcações portuguesas. Os primeiros colonizadores que chegaram ao Brasil trouxeram consigo mestres de vários ofícios, entre eles carpinteiros, marceneiros e entalhadores, que passaram a se dedicar a diversas atividades, inclusive à execução de móveis.<sup>5</sup> Além disso, existia uma produção doméstica de mobiliário feita por escravos, e até mesmo por índios, os quais recebiam sua formação inicial através dos mestres importados de Portugal --sobre a mão-de-obra escrava, utilizada na produção de móveis, trataremos no final deste capítulo.

As modas da Corte portuguesa aqui chegavam com atraso e se difundiam lentamente pelo vasto território brasileiro. Os móveis brasileiros, inspirados nos móveis portugueses, eram, geralmente, feitos em maiores proporções, em madeira mais grossa e mais "rústicos" (ou simples) que seus modelos originais --esses móveis eram maiores e em madeira mais grossa devido à maior disponibilidade de boas madeiras, e ao fato de que deveriam ser mais duradouros, já que aqui não se costumava substituir os móveis

à toa. Consta ainda que as peças de mobiliário executadas em Portugal, com o jacarandá brasileiro, eram em menores proporções por serem feitas a partir do aproveitamento de caixas de açúcar da Bahia, que eram confeccionadas, por mais incrível que possa parecer hoje, com a referida madeira.<sup>6</sup> O mobiliário produzido no Brasil era executado em cedro, canela, jacarandá, vinhático e outras madeiras de lei brasileiras de boa qualidade e beleza. Os artesãos, sem muita comunicação entre si, davam freqüentemente interpretações próprias a diversos estilos, tirando por vezes elementos da fauna e da flora local, causando uma certa "anarquia estilística".<sup>7</sup>

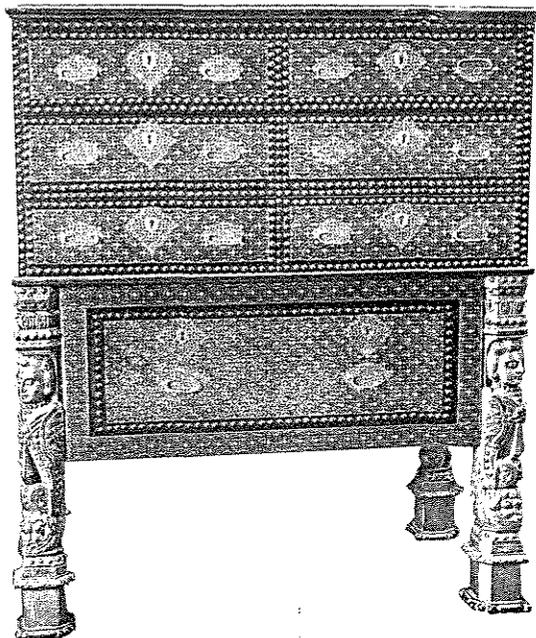
Os colonos do primeiro século ainda não sonhavam com luxo, pois estavam em fase de lutas, conquista e defesa; quando muito, possuíam baús e arcas, camas (sendo estas muito raras), cadeiras, tamboretas, uma tábua com cavalete, servindo de mesa, e um pequeno oratório com o santo de sua devoção.<sup>8</sup> Um ou outro mercador mais abastado teria a possibilidade de possuir também algum móvel rebuscado e colchas de damasco e brocado;<sup>9</sup> mas, para muitos, os móveis se reduziam a grandes baús, nos quais guardavam as roupas e outros trastes, e que serviam, ainda, de assento ou de leito.<sup>10</sup> Todos faziam uso também de ganchos, cavilhas e cabides espalhados pelas paredes, atrás das portas e até pelos tetos, onde se pendurava parte da tralha da casa. Nas cozinhas podia-se encontrar uma mesa bastante tosca para o preparo dos alimentos e grandes caixas simples, sem acabamento e sem fechos, algumas de madeira branca (de pau) e muitos recipientes de barro de origem indígena, nos quais eram armazenados os mais diversos alimentos. As

arcas, caixas e baús eram as peças de mobiliário mais utilizadas, pois serviam como armário para roupas, objetos e utensílios diversos, papéis e/ou alimentos, e ainda serviam como meio de carregar a tralha toda quando em viagens ou mudanças. Atendendo a pessoas de todas as classes, esses trastes variavam apenas na qualidade da madeira utilizada e no acabamento da peça.<sup>11</sup> O clima quente do país propiciava também o uso de redes e esteiras, talvez mais uma influência da cultura indígena na vida dos primeiros povoadores do Brasil.

Os descobrimentos do "caminho" para as Índias em 1498 e para a China do sul em 1516 deram início à influência de novos elementos na decoração de interiores portuguesa. A Portugal chegavam objetos de arte e de luxo. O intercâmbio de artífices entre Portugal, China e Índias estimulava o interesse pela manufatura de origem "exótica".<sup>12</sup> No mobiliário surgiram motivos fitomorfos e zoomorfos; ou seja, tornaram-se comuns os entalhes, incrustações etc. inspirados na flora e na fauna africana e asiática. Da Índia veio a utilização da talha dourada sobre fundo vermelho e entalhes muito recortados. Da China chegou o uso do charão e da laca; o fundo dos móveis era pintado em cores escuras ou em vermelho, e os desenhos eram dourados tendo como motivos animais exóticos e elementos da fauna chinesa.<sup>13</sup> Ao Brasil chegaram alguns exemplares de móveis, objetos de uso e adorno, colchas e alfaias orientais, mas tais luxos atingiram à princípio apenas alguns afortunados, já que "os simples colonizadores e mesmo alguns fidalgos e nobres não possuíam os recursos necessários para

usufruir, na colônia, do luxo implantado em Portugal".<sup>14</sup> No século XVI, o preço de muitos móveis era mais alto que o preço de um bom lote de terra.

ILUSTRAÇÃO I -- Contador-arca indo-português<sup>15</sup> -- em carvalho, ébano, teca, marfim, madeira vermelha e metal amarelo. Século XVIII. Dimensões: 1,313 x 1,08 x 0,61m. Caixa com dois corpos. No primeiro, três gavetas simulando seis, com arca na parte superior. No segundo, gavetão entre pernas de carvalho entalhadas em forma de "Nagas". Decoração em embutidos geométricos. Taxas, argolas e espelhos rendilhados em metal amarelo. Encontra-se no Museu Nacional de Arte Antiga -- Lisboa.



Em fins do século XVI, os colonos sentiam mais segurança e estabilidade no Brasil, o trabalho tornou-se mais produtivo, propiciando alguma acumulação de riquezas e, dessa forma, o desejo por maior luxo e conforto. As pessoas já não se contentavam apenas com o necessário, o mobiliário havia de estar de acordo com a nova situação econômica de alguns senhores mais abastados.<sup>16</sup> Chegaram da Metrópole peças ricas em detalhes, as quais passaram a ornar muito interior de moradia de senhor-de-engenho, sendo que também

foram, é claro, copiadas por outros. Os móveis, que se encontravam nos interiores dos mais ricos, eram um pouco menos rústicos, porém permaneceu a sobriedade na sua arrumação nos interiores daquelas residências<sup>17</sup>. Na feitura dos móveis desse período, as linhas retas ainda predominavam --o todo enquadrado em massas retangulares e rígidas--, o que continuava a corresponder com a severidade da arquitetura das moradias e com o próprio estilo de vida das pessoas naqueles lares. A cadeira da Ilustração II é um exemplo de um dos tipos de cadeiras nobres que foram usadas no decorrer do século XVII, com assento e encosto retos revestidos de couro trabalhados com desenhos, e com taxeadado.

ILUSTRAÇÃO II -- Cadeira de braços em jacarandá, couro e metal.<sup>18</sup>  
Século XVII.

Dimensões: altura 0,92; assento 0,44 x 0,60 x 0,40m.

Assento e encosto em sola lavrada. Decoração fitomorfa e pregaria miúda (a pregaria miúda era uma característica do período; mais para o fim do século passou-se a utilizar a pregaria graúda em alguns exemplares). Pernas retas de secção quadrangular com travessas lisas. Encontra-se no Museu Imperial de Petrópolis -- Rio de Janeiro.



Poucos eram os que podiam possuir uma cadeira como a da Ilustração II; até mesmo uma cama era ainda artigo raro. "Só os ricos teriam um espelho, alguma cadeira de espaldar vindos de Portugal nas frotas, e alguma prata", escreveu Gilberto Ferrez.<sup>19</sup> E a necessidade de ostentação dos mais ricos transparecia também no uso de tecidos, não adequados ao nosso clima, para a decoração e vestuário, como veludos, damascos, guadamecins etc. (os quais deveriam ornar móveis luxuosos e caros, com certeza). Para outros, o luxo, quando havia, consistia mais no grande espaço dos aposentos do que no recheio do mobiliário.<sup>20</sup> Carlos Eduardo da Rocha, em O Mobiliário antigo da Bahia, considerou que a preocupação com o conforto, e certo "requinte" nos interiores, se deveu à mulher de origem européia e não ao colonizador varão. Rocha atribuiu a ela a continuação dos hábitos e costumes peninsulares.<sup>21</sup>

No decorrer do século XVII, o uso de curvas começou a surgir na decoração do mobiliário. De início, essas curvas eram apenas recortadas na madeira, não afetando o aspecto essencial do móvel, mas, com o tempo, a decoração foi se "abrindo" e se desdobrando em ondas sucessivas, dando a impressão de "movimento e vida".<sup>22</sup> Esses esforços para se romper com o equilíbrio tectônico das peças produzidas até então foram aqui características marcantes de toda a produção do século XVIII, e se dividiram basicamente em duas fases: o estilo barroco que se espalhou por todo o Brasil e ficou conhecido entre nós como estilo D. João V, o soberano que reinava em Portugal; e, na segunda metade do século, o estilo



rocalha, ou rococó, que aqui recebeu o nome de D. José I. Durante a transição do estilo de linhas quadrangulares (denominado por alguns de "Manuelino", ou "Jesuítico") para o D. João V, alguns móveis sofreram grande modificação em sua estrutura; como exemplo mais ilustrativo temos o da arca, que ganhou inicialmente divisões em dois compartimentos: a parte de baixo com uma ou duas gavetas, utilizadas para a guarda de roupas; e, com o tempo, acabou a arca por se transformar em cômoda, apesar de as arcas simples ainda terem continuado a ser fabricadas e utilizadas por longo tempo.<sup>23</sup>

O estilo D. João V apresentava as pernas dos móveis em curvas e contracurvas, as joelheiras eram amplas, saltadas e possuíam entalhes altos e exuberantes. Surgiram as volutas, as estilizações da folha de acanto e do feixe de plumas e os pés dos móveis passaram a ser em forma de pata de animal, em garra segurando bola, uma influência chinesa (Ilustração III), ou em forma de cachimbo com sapata entalhada.<sup>24</sup> Para José Marianno Filho, o estilo D. João V viveu aqui desambientado, sofrendo sempre o contraste de suas linhas graciosas com as paredes nuas e pobres das velhas casas brasileiras:

"Grandes paredes nuas, simplesmente caiadas, com tetos em masseira, divididos em caixotões, ou em gaméla, bastavam para criar um ambiente propício ao aparecimento das grandes mesas torneadas, das cadeiras de sola, e dos armários embutidos. Mas, para o faustoso estilo D. João V, mesmo desprovido do ouro, esse cenário tornava-se apenas miserável".<sup>25</sup>

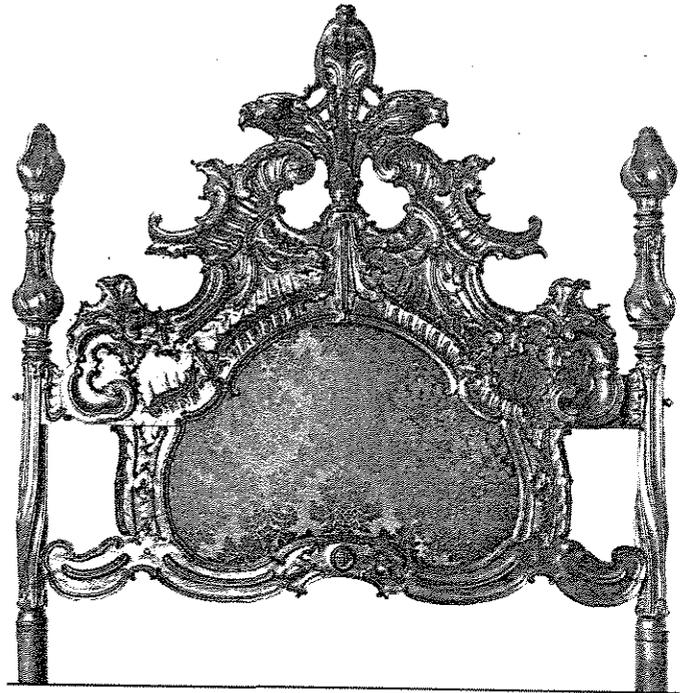


ILUSTRAÇÃO III -- Meia-cômoda em pau-santo e metal.<sup>26</sup> Estilo D. João V. Segunda metade do século XVIII. Dimensões: altura 0,90, largura 1,36m. Caixa ondulada com duas gavetas e um gavetão, puxadores e espelhos em bronze lavrado. Aba em avental recortado com entalhe assimétrico que se repete nas ilhargas. Pernas de joelheira volumosa e entalhada; pés de garra e bola. Encontra-se no Museu Nacional Soares dos Reis, Porto -- Portugal.

O estilo rocalha foi um prolongamento do barroco, diferenciando-os basicamente o desenho amaneirado do rococó, as proporções mais esguias, "a ornamentação fina e profusa, percebendo-se não raro, no conjunto, uns ares meio preciosos, senão propriamente afetados", observou Lúcio Costa.<sup>27</sup> No decorrer do século XVIII, a decoração ostentada no mobiliário era mais importante do que a própria função das peças. A cabeceira de cama

retratada na Ilustração IV é um exemplo de como alguns pedaços de boa madeira conseguiram estimular a habilidade e a imaginação dos marceneiros, torneiros, carpinteiros, entalhadores, ensambladores etc. do período.

ILUSTRAÇÃO IV -- Cabeceira de cama em jacarandá e damasco.<sup>28</sup> Período D. José I. Segunda metade do século XVIII. Dimensões: altura 2,04, comprimento 1,90, largura 1,43, altura das colunas 1,31. Cabeceira alta composta de frontões bem recortados com entalhes rocalha arrematada por feixe de plumas aberto. No centro, cartola estofada em damasco grená. Meias-colunas com engrossamento em goivados e caneluras verticais, ligeiramente espiraladas. Encontra-se no Museu Histórico Nacional -- Rio de Janeiro.

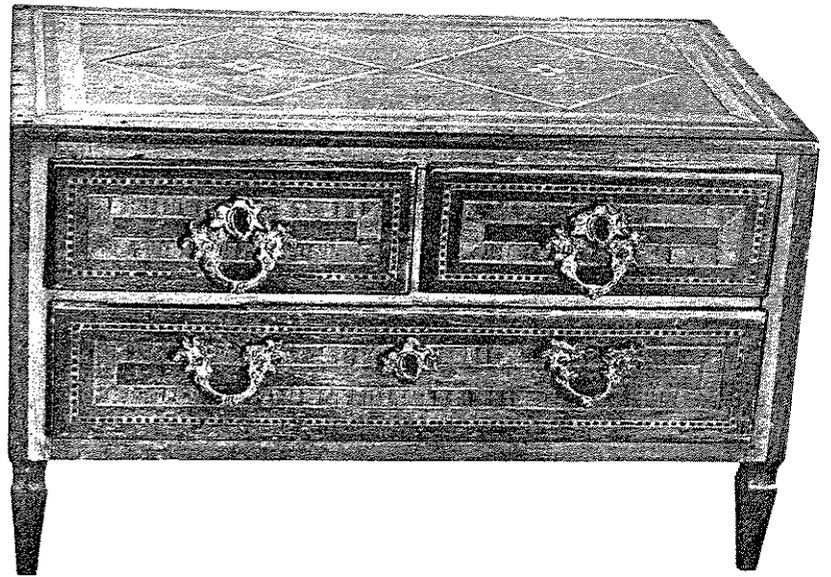


O mobiliário brasileiro, assim como o português, sofreu neste período as influências inglesa e francesa. Estas influências passavam sempre por Portugal, que ainda mantinha o monopólio do comércio com o Brasil. A influência da Inglaterra foi muito marcante devido às relações políticas entre as duas nações e ao intercâmbio comercial, perdurando por todo o século XVIII;<sup>29</sup> já a

francesa se fez sentir principalmente a partir da segunda metade do século XVIII até a Revolução. Depois de 1789, o estilo inglês se impôs mais fortemente e vigorou até a Paz Geral, consolidada pelo Congresso de Viena, em 1816, que dissipou as prevenções políticas e artísticas, permitindo definitivamente a entrada e predominância dos estilos franceses,<sup>30</sup> conforme poderemos ver mais claramente a partir do estudo de alguns anúncios dos jornais de época, no capítulo 2.

No final do século XVIII surgiram no Brasil os primeiros indícios do neoclassicismo, desenvolvido durante o reinado de D. Maria I em Portugal. O estilo D. Maria I apresentou duas fases distintas: a primeira, de transição, ainda com elementos do período D. José I, que tinha como características os entalhes floridos, ou embutidos em madeira clara sobre fundo escuro com motivos florais, ou ainda móveis pintados, sendo alguns entalhados e com dourados, ou pintados e torneados. Na segunda fase, o neoclássico de D. Maria I recebeu inúmeras influências externas e se caracterizou pelas linhas retas das pernas e das colunas dos móveis, pela simplicidade de forma e pela delicada decoração em embutidos e marchetaria, com ausência de entalhes.<sup>31</sup> Na silhueta dos móveis nota-se, a partir de então, uma forte reação contra as formas arredondadas do barroco e do rococó.<sup>32</sup>

ILUSTRAÇÃO V -- Meia-cômoda em jacarandá com marchetaria e metal.<sup>33</sup> Último quarto do século XVIII. Dimensões: 0,40 x 0,63 x 0,33m. Caixa com duas gavetas e um gavetão com puxadores de bronze fixos e lavrados, sem espelhos, estes últimos apenas nas entradas das fechaduras. Decoração em marchetaria de madeira clara e escura, recobrando o móvel em faixas e frisos; o tampo, com losangos centrados por uma flor. Pernas curtas, retas e afinando para baixo. Linhas retas neoclássicas. Coleção Djalma Lessa -- Rio de Janeiro.



No início do século XIX, o Brasil passou a importar todo tipo de trastaria, e não só de Portugal. Primeiramente chegaram modelos da Inglaterra nos estilos Adam, Hepplewhite e Sheraton (ver **Trastes de Higiene**, no final do capítulo 4). Estes estilos ingleses, de fins do século XVIII, eram de gosto neoclássico, influenciados pelas então recentes descobertas das ruínas de Herculano e Pompéia, e que, aqui copiados e adaptados, ganharam por vezes características locais. Da França chegaram os de estilo Diretório e Império (ou Napoleônico, desenhado pelos arquitetos Percier e Fontaine), ambos também com grande influência das artes da antigüidade clássica. O estilo Império tinha ainda alguns elementos da arte egípcia, e era o preferido pela família Real e

sua Corte no Rio de Janeiro.<sup>34</sup> Alguns desses móveis ainda podem ser encontrados nos museus Histórico Nacional (no Rio de Janeiro) e Imperial de Petrópolis. Na decoração do estilo Império apareciam alguns motivos como delfins, cabeças de leão, leões alados, esfinges, quimeras, e cariátides, ou outras figuras mitológicas, tudo em bronze aplicado sobre a madeira.<sup>35</sup>

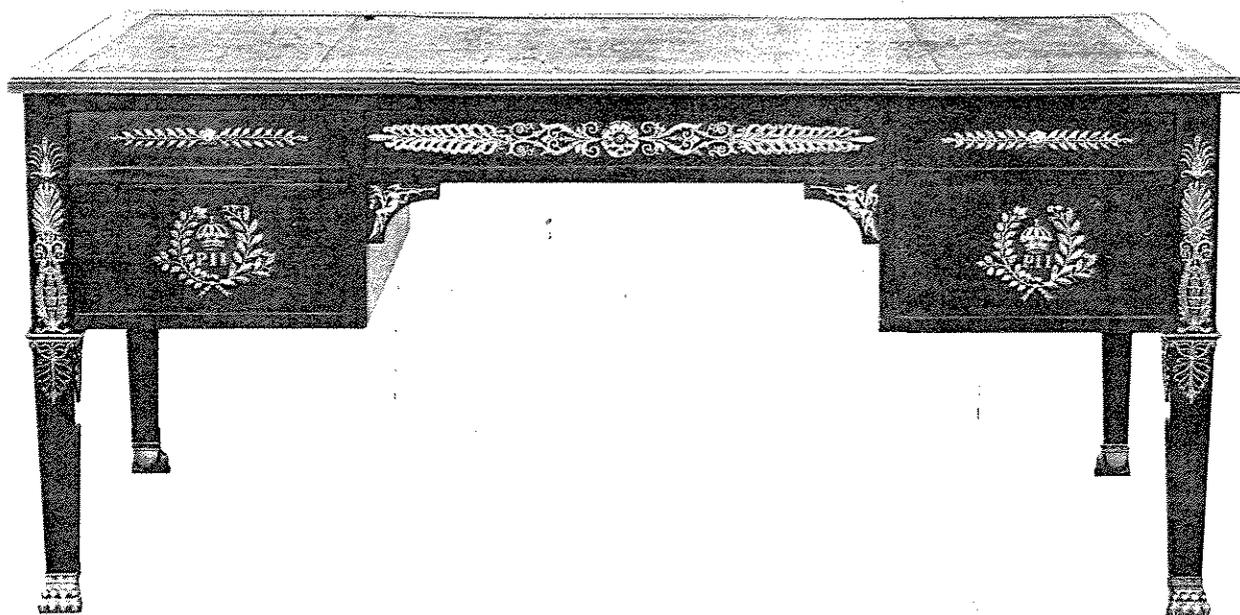


ILUSTRAÇÃO VI -- Escrivaninha em mogno e bronze dourado.<sup>36</sup> Meados do século XIX. Dimensões: 0,74 x 1,60 x 0,84m. Decoração em estilo Império francês com ramos de café e fumo. Com três gavetas na parte superior e mais duas laterais. Pernas afinando para baixo, de corte quadrangular, terminadas por pés de garra em bronze dourado. Encontra-se no Museu Imperial de Petrópolis -- Rio de Janeiro.

A partir da segunda década até meados do século XIX, surgiu aqui um estilo denominado por alguns de D. João VI. Os

nossos móveis D. João VI se constituíam basicamente de consoles, cômodas, sofás, cadeiras e mesas, cujas linhas estruturais ainda seguiam os princípios neoclássicos, mas tinham na sua decoração entalhada alguns motivos de interpretação considerados "brasileiros", como os leques nos cantos dos painéis, os losangos, as rosetas e os triângulos de estrias concêntricas ou em forma de "pontas de diamante".<sup>37</sup> Outros elementos decorativos eram de influência do Regência inglês, como as caneluras ou frisos retos e os torneados em "rolo-de-fumo". A seguir temos dois exemplos de móveis D. João VI com influências diversas dos estilos Império e Regência.

ILUSTRAÇÃO VII -- Cômoda em jacarandá e marfim.<sup>38</sup> Segundo quarto do século XIX. Estilo brasileiro D. João VI, em estrutura Império. Dimensões: 1,24 x 1,31 x 0,64m. Duas gavetas e três gavetões; as gavetas projetadas para fora estão apoiadas às colunas laterais torneadas com o centro em rolo-de-fumo. Na parte superior da barra e das colunas, entalhes fitomorfos, perolados, círculos e losangos estriados com ponta em diamante. Pés torneados e cubo de amarração com uma flor entalhada. Encontra-se na reitoria da UFRJ.



ILUSTRAÇÃO VIII -- Cadeira em jacarandá e palhinha.<sup>39</sup> Terceiro decênio do século XIX. Estilo Regência com elementos decorativos D. João VI. Perfil sinuoso da linha Regência. O espaldar é rematado por travessa com torneados em rolo-de-fumo ao centro e encurvada para baixo. Os montates são revirados para fora na parte superior. A travessa do meio do espaldar tem vazados, elementos em forma de lira e, ao centro, quadrado com entalhes de roseta e estrias em curvas concêntricas. O assento é em palhinha e as pernas são em sabre. Encontrase no Museu Histórico Nacional no Rio de Janeiro.



O número de marceneiros e entalhadores cresceu bastante na Corte durante a primeira metade do século XIX. Apareceram, além de portugueses, artesãos alemães, franceses, ingleses, italianos etc., alguns mais comerciantes de móveis do que artifices.<sup>40</sup>



Vejamos um anúncio publicado na Gazeta do Rio de Janeiro, em agosto de 1820, por um imigrante português:

"Antonio José Pedro, actor do Real Theatro de S. João nesta Corte, Maquinista e Professor em Artes, participa ao muito respeitavel publico, que elle está formando na caza n.32, no Largo do Rocio, o estabelecimento de huma fabrica de construir moveis de caza, e maquinas para differentes usos".

Apesar da oferta de mão-de-obra estrangeira haver aumentado nesse período, a mão-de-obra escrava ainda era bastante utilizada e, algumas vezes, por esses mesmos estrangeiros que para cá vinham abrir seus próprios negócios. Os anúncios a seguir foram publicados no Jornal do Commercio e ilustram o oferecimento de trabalho escravo para tais fins:

Terça feira 16 de fevereiro de 1830.

"Quem quizer comprar hum preto de nação, de idade 22 anos, muito boa figura, sem defeito algum, e official de marcineiro, pode dirigir-se a rua de Matta Cavallos n.33, para tratar com seu Sr. que fielmente declarará o motivo por que o vende".

Segunda feira 1 de março de 1830.

"Vende-se hum bonito moleque ladino, de idade 16 a 18 annos, bom official de empalhar cadeiras, na rua da Alfandega n.203".

Thomas Ewbank, que esteve no Rio em 1846, relatou ter visto escravos trabalhando como "carpinteiros, pedreiros, calceteiros, impressores, pintores de cartazes e ornamentos, fabricantes de carruagens e escrivaninhas e litógrafos".<sup>41</sup> Ewbank viu também escravos e negros libertos trabalhando com esculturas em pedras e imagens sagradas em madeira com "admirável habilidade".<sup>42</sup>

É bom ressaltar que, naquele período, o considerado bom artista, ou artesão, era aquele que conseguia copiar o mais fielmente possível os móveis que aqui chegavam importados, vindos nas inúmeras embarcações. A **cópia** fazia parte da própria finalidade da Arte da época. Para os pintores, isso significava copiar a natureza, o real; para os artesãos de móveis, isso significava copiar os "móveis de último gosto", baseados nos modelos importados. Porém, felizmente, muitos dos nossos artesãos locais não eram meros copistas e, muitas vezes, deram interpretações próprias a diversos estilos. E, sendo o Brasil um país tão grande, a comunicação era dificultada entre aqueles artesãos; logo, muitas dessas interpretações próprias acabaram se transformando em características locais, regionais. Para José Marianno Filho, os artesãos negros e mestiços teriam dado interpretações diferentes aos estilos devido à abundância de excelentes madeiras, que ofereciam à mão-de-obra dos marceneiros a oportunidade para tratar os perfis com maior robustês.<sup>43</sup>

Existiam três tipos essenciais de móveis: os de "luxo", ou "nobres" (construídos em madeiras de lei brasileiras, como o jacarandá, o vinhático, entre outras, e importados ou aqui mesmo copiados), os "ordinários" (também construídos em madeiras de lei brasileiras, porém menos aparatosos) e os "toscos" (para uso popular ou para o serviço doméstico).<sup>44</sup> Os móveis feitos pelos escravos domésticos costumavam ser aproveitados para uso da casa, sendo que alguns eram bastante simples, feitos de pau --e estes eram aproveitados, principalmente, nas dependências de serviço--;

outros, feitos por escravos mais habilidosos para esse ofício, e em madeiras mais nobres, se constituíram em verdadeiras obras-primas executadas por uma mão-de-obra ingênua e despreziosa, a qual, muitas vezes, tinha como pagamento apenas o sorriso da sinhá moça.<sup>45</sup>

No capítulo seguinte, veremos alguns indícios do que mudou na cidade do Rio de Janeiro e nos interiores de suas residências com a chegada da família Real portuguesa, de grande número de fidalgos e de comerciantes estrangeiros. As evidências das transformações na decoração e comodidade das habitações, com o crescente comércio, desfilam nas páginas amareladas dos anúncios de jornais do período.

## CAPITULO 2

## 2. A CHEGADA DA CORTE E DAS TRASTARIAS.

Eram fulminantes as decisões de Napoleão. Logo após o anúncio da entrada das tropas francesas em território português, a família Real e uma Corte inteira embarcaram numa esquadra de "oito naus, quatro fragatas, três brigues, uma escuna e quantidade de charruas e outros navios mercantes".<sup>46</sup> Era o dia 29 de novembro de 1807. Cada um trazia o que podia: arcas, caixotes, alfaias, baixelas, pratarias, porcelanas, cerâmicas, quadros, livros, jóias, entre inúmeros outros trastes de uso e de capricho; mobiliário e instrumentos de música: pianos, cravos e harpas; candelabros, lustres, tocheiros e espelhos; muitos ricos tecidos orientais para decoração e trajar; além de diversos veículos e cadeirinhas de arruar. Muita coisa porém se estragou com a "arrumação apressada, a travessia marítima ou a falta de colocação nos dois Solares Reais", observou Morales de los Rios Filho.<sup>47</sup>

No dia 14 de janeiro de 1808, chegou a notícia de que a Corte portuguesa tinha embarcado com destino ao Rio de Janeiro. Deu-se um verdadeiro "corre-corre", pois a alta administração da colônia se viu em apuros para acomodar, senão com luxo, ao menos com conforto, tão augustos hóspedes e sua numerosa comitiva.<sup>48</sup> Consta que vieram para cá, nas quase quarenta embarcações, por volta de quinze mil pessoas; antes da chegada de D. João VI e companhia, a população da cidade do Rio de Janeiro era de cerca de sessenta mil habitantes.<sup>49</sup> Vieira Fazenda comentou acerca de alguns

dos preparativos para a recepção da Corte portuguesa:

"Todos se muniam de polvilho para o empoado dos cabellos. Varriam-se as ruas, pintavam-se as casas, reformavam-se moveis, tiravam-se das commodas as velhas e custosas colchas da India".<sup>50</sup>

A vida na colônia era simples e sem grandes confortos. Dois terços da população do Rio era de gente de cor, livre ou escrava.<sup>51</sup> Com a chegada de grande número de pessoas, foram aos poucos se modificando as condições de vida na cidade. A vaidade da Corte exigia um padrão de vida com feições européias. Foram dadas ordens aos proprietários das melhores casas da cidade para que as pusessem à disposição dos nobres que chegavam.<sup>52</sup> Algumas pessoas simulavam obras eternas em suas residências para que não fossem desalojadas. Surgiram os problemas de falta de moradias, acrescidos de que os nobres recém-vindos não eram fáceis de se contentar.<sup>53</sup> Um fidalgo, munido de uma intimação judicial, tinha poderes para desalojar e se apropriar da casa de qualquer proprietário, fixando as letras "P.R." (Príncipe Regente) na porta principal. O povo logo deu nova interpretação às duas letras, que diziam significar: "Ponha-se na rua".<sup>54</sup> Era a chamada lei das "aposentadorias". Estavam livres do abuso das aposentadorias apenas os proprietários de construções miseráveis; mas ai de quem possuísse um sobrado. Muitos cidadãos se viram em sérias dificuldades, enquanto outros foram obrigados a pagar aluguéis das lojas de seus próprios prédios, aos seus próprios inquilinos, dos quais nada recebiam.<sup>55</sup> Novamente Vieira Fazenda comentou:

"As aposentadorias eram activas ou passivas: nas primeiras, certas e determinadas pessoas gosavam do privilegio de tomar a outrem a pousada para si. Tinham a graça das segundas outros individuos, que podiam conservar suas casas e não ser dellas despojados pelos que tinham a aposentadoria activa".<sup>56</sup>

As principais transformações que aconteceram na cidade a partir de 1808 se deveram principalmente à abertura dos portos ao comércio exterior. Antes, mesmo as pessoas que possuíam condições de adquirir elementos essenciais ao seu comércio ou ao seu conforto, não o faziam, pois quase não havia utensílios para se comprar. Podemos ilustrar essa afirmação com o comentário de um viajante norte-americano, o Reverendo Kidder, que esteve no Rio por volta de 1837, mas que aqui se referiu a um período anterior:

"Um rico plantador em condições de usar a mais rica baixela de prata maciça numa festa, não podia oferecer a cada um de seus hóspedes uma faca em sua mesa. Um simples copo tinha necessidade de fazer repetidas voltas em torno dos convivas".<sup>57</sup>

Nesse período ocorreu um grande desenvolvimento urbano, surgiram novas estradas e um novo cais. O intendente geral de policia, Paulo Fernandes Viana, era quem cuidava dos problemas de urbanização. As ruas novas eram mais largas<sup>58</sup>, o governo incentivava o aterro dos locais pantanosos, a construção de casas de sobrado e tentava impedir a construção de casas térreas.<sup>59</sup> Foi proibido, ainda, o uso das madeiras de pinho nas construções, por serem frágeis e fáceis de se queimar. Por conta da "política urbanística" do governo, muitas casas foram demolidas, pois foram

consideradas em mau estado e em risco de desabamento; outras foram escoradas, e muitas foram construídas.

Abriram-se novas casas de comércio estrangeiras. De início quase todas eram inglesas, devido às relações políticas entre Portugal e Inglaterra, mas a partir de 1816 as mercadorias francesas também começaram a disputar o mercado. Consta que os primeiros navios ingleses que entraram no porto, após a abertura deste ao comércio exterior, trouxeram enorme variedade de artigos, entre eles, inclusive, alguns inadequados ao clima do nosso país: pesados cobertores de lã, fogões para calefação de residências, bacias de cobre para aquecer as camas e, até mesmo, patins para gelo!<sup>60</sup> Ansiosos que estavam por travar relações com os estrangeiros recém-chegados, adquirir as últimas novidades e parecerem "modernos", os "da terra" conseguiram achar utilidade para cada um dos novos trastes, incluindo os citados acima, inadequados ao nosso clima; as lâminas dos referidos patins para gelo, por exemplo, viraram facas, maçanetas, ou outra coisa qualquer onde o aço pudesse ser utilizado. O inglês John Luccock, que esteve na cidade do Rio de Janeiro entre 1808 e 1818, relatou ter visto na casa de um fazendeiro uma maçaneta de porta feita de uma lâmina de patim.<sup>61</sup>

Em pouco tempo, os novos comerciantes que se estabeleceram na cidade logo perceberam quais eram os artigos que aqui faltavam e quais os que teriam bom mercado. Iniciou-se o comércio do "luxo", dos trastes requintados, alguns realmente necessários, mas vários de capricho. As pessoas que tinham posses,



e os remediados, ou os que se esforçavam por parecê-lo, adquiriam o que lhes interessava; mas para o restante da população, o valor de cada traste era muitas vezes demasiado alto.<sup>62</sup> Segundo o viajante prussiano Leithold, que esteve no Rio em 1819, havia muito luxo disponível, e com dinheiro podia-se comprar principalmente os artigos franceses e ingleses da moda.<sup>63</sup>

Os anúncios de jornais da época, como a Gazeta do Rio de Janeiro (que circulou entre 10 de setembro de 1808 e 31 de dezembro de 1822) e o Jornal do Commercio ( que começou a circular em 1 de outubro de 1827), entre outros, informam sobre o que passava a chegar à cidade e o que era negociado entre seus habitantes. Através dos anúncios pode-se notar nesse período um crescente interesse pela música --interesse observado também por inúmeros viajantes-- através da grande variedade na oferta de objetos com música: "pendulas muito bem montadas, com música dos melhores autores de Paris, repetindo até 15 árias diferentes (...)" (Gazeta do Rio de Janeiro, 23 de novembro de 1816) e "(...) hum relógio Inglês de construção a mais engenhosa, tocando diferentes sonatas e minuêtes, com a maior regularidade" (Gazeta do Rio de Janeiro, 20 de junho de 1818). Há exemplos de anúncios de instrumentos musicais à venda: "hum grande sortimento de violas francezes, muito lindas e boas, musica de piano, flauta, rebeca, cordas para violas, (...)" (Jornal do Commercio, 17 de dezembro de 1827); "pianos ingleses e allemães, de parede e de mesa (...)" (Jornal do Commercio, 28 de abril de 1835); ou o curioso anúncio com desenho publicado no



Pelo *Margarets e John Peat*, vindos de Londres no mez proximo passado, recebeu-se hum novo sortimento de pianos fortes de mogno e jacarandá, tanto horizontaes como de armario, no deposito de pianos, rua da Alfandega n. 41, defronte da capella da Mãi dos Homens.

Surgiram inúmeros anúncios de fábricas de pianos nas ruas mais centrais da cidade, como este de 29 de dezembro de 1832, também publicado no Jornal do Commercio:

"Na rua dos Ourives n.88, na nova fabrica de pianos, se vendem pianos de bom gosto e fortes pianos da ultima moda, e todas as qualidades de pianos por preços muito commodos, e tambem se trocão pianos novos por velhos por commodo preço; (...)"

A música e a dança passaram então a fazer parte da educação dos jovens, incluindo-se aí algumas moças que a partir dessa época passariam a ser um pouco melhor "educadas". É preciso ressaltar que o papel das filhas aumentou a partir daí, já que a sua beleza e "educação" esmerada poderia trazer "sangue novo" para dentro do complexo de negócios do pai, caso conseguissem realizar um bom casamento. O móvel que talvez se constituísse no maior símbolo de ostentação de um interior rico era o **piano**, um móvel excessivamente grande e caro, mesmo quando se apresentava sob a forma de um piano de parede<sup>64</sup> (ver o valor do piano de cauda --800\$000--, que consta

da lista dos bens do inventário de D. Izabel Helena do Amaral Laemmert, no item 4.1, em comparação com o valor dos outros trastes listados). O piano passou então a significar a riqueza do dono e a sua cultura; e as moças da época deveriam aprender a, pelo menos, tocar algumas modinhas naquele instrumento, para que a sua "educação" fosse considerada completa e esmerada. Em 1858, Charles Ribeyrolles fez uma divertida observação acerca do que considerou excesso de uso de tal instrumento:

"O piano faz barulho em todas as salas. Esse enfadonho **pedalista**, que não tem nem os grandes sopros, nem os cantos profundos do órgão, invadiu tudo, até os depósitos de bananas, e matou a conversação".<sup>65</sup>

No romance Iaiá Garcia,<sup>66</sup> de Machado de Assis, passado na década de 1860, há uma passagem curiosa que ilustra bem a importância e o preço absurdo que o piano alcançou no período. Na referida passagem, a mocinha do romance, Iaiá, dedilha na borda de uma mesa, para mostrar ao pai como estava aprendendo a tocar piano no colégio. O pai, Luís Garcia, fica triste ao pensar que a filha não possuía aquele instrumento em casa e, no dia seguinte, retira parte de suas economias da Caixa Econômica e compra um lindo piano para Iaiá. "Eram da filha as poucas economias que ajuntava; o piano era para ela igualmente; não lhe diminuía a herança". A menina, assim que vê o instrumento, fica feliz, mas logo pensa no sacrifício que o pai deveria ter feito para agradá-la e, olhando ao redor, compara o piano, "tão novo e lustroso, com os outros móveis da casa, modestos, usados, encardida a palhinha das cadeiras, roído

do tempo e dos pés um velho tapete, contemporâneo do sofá". Passada a preocupação, Iaiá se põe a tocar (mal) o instrumento e confessa ao pai o seu desejo de se tornar "mestra de piano".

Os novos colégios destinados ao sexo feminino, muitos dos quais dirigidos por senhoras, ofereciam em seus anúncios atividades como: aprender a ler, escrever e falar o português e noções das línguas inglesa e francesa, além de aulas de música, dança e desenho; ensinavam ainda a bordar, costurar e cuidar da casa. O anúncio de um internato para moças na rua da Alfândega, publicado no Jornal do Commercio a 4 de outubro de 1829, especifica a educação oferecida, o que era exigido das meninas, o preço das aulas e até mesmo que trastes cada qual iria necessitar:

"(...) ensinar-se-ha a (...) contar e fallar francez, a cozer, cortar e bordar de branco, matizado e de ouro e prata, marcar, fazer meias, crivos e flores. As pensionistas internas pagarão 10\$000 rs. mensaes; as que jantarem somente 4\$000 rs., e as que vierem ás lições e retirarem-se 2\$000; esceptuão-se as que aprenderem francez, desenho, musica e dança, cujo estipendio sera separado. As pensionistas internas trarão huma marqueza com o necessario para a cama, huma bacia para lavar o rosto, outra de arame, ou gamella para banho, hum ourinol, huma quartinha para agua, hum talher, hum pente de alizar, outro fino, huma escova para dentes, e huma cadeira baixa para sentarem-se, a roupa será feita no Collegio".

É interessante notar que as moças dormiriam nas marquezas, fariam uso de apenas um talher (provavelmente uma faca para cortar e espetar os alimentos), e de um pente fino (arma indispensável contra os piolhos tão freqüentes...). A escova de dentes também era uma novidade na cidade; antes eram usados os dedos, ou, quando muito, raízes, que eram mastigadas e a seguir cuspidas. A cadeira

baixa era comumente usada para se fazer trabalhos manuais como bordar, costurar etc., ou mesmo para rezar, e as moças e senhoras nelas se sentavam com as pernas cruzadas, à moda asiática.

Podemos principalmente notar pelos anúncios de jornais as evidências de que os interiores de algumas moradias estavam ficando mais requintados, ilustrando o desejo de muitos em mostrar, através da decoração "moderna" e "ocidental", o seu bom gosto, a sua cultura e, mais que isso, a sua fortuna. Por exemplo, foi naquele início de século que começaram a surgir aqui também os anúncios de papel de parede. Antes as paredes da maior parte das casas eram caiadas de branco e poucas possuíam alguma decoração; quando a tinham, as mais abastadas possuíam ornatos com arabescos do período barroco, outras, menos ricas, se apresentavam lisas e coloridas de rosa, ou azul, ou outra cor clara e com cornijas, estas se constituindo de filetes pardos, amarelos, azuis claros, vermelhos, rosas etc, conforme testemunhou Luccock entre 1808 e 1818<sup>67</sup> (ver a Ilustração XVI, "Uma senhora brasileira em seu lar"). Uma ou outra residência de pessoas de posses podia ter suas paredes decoradas com chitão ou damasco, geralmente em sangue de boi (a cor) --uma influência oriental-- arrematado por cercadura de madeira pintada.<sup>68</sup> E muitas portas e portadas eram pintadas de amarelo, com molduras vermelhas, róseas ou azuis.<sup>69</sup> Vejamos o anúncio de papel de parede oferecido por um trabalhador estrangeiro, que prometia inclusive a proteção do material contra a enorme quantidade de insetos existentes no Rio no período:

Gazeta do Rio de Janeiro, Sabbado 12 de setembro de 1812.

"Antonio Giorgi, de nação Romano, faz saber que elle he Pintor que pinta quaesquer cazas, e forra sallas de papel Inglez, nas paredes mais humidas, sem que o dito papel seja offendido, e pega papel nas ditas paredes com huma certa composição de colla, que tão bem a todo o tempo, assim de frio, como de calor, a humidade nunca ofenderá, pela dita composição de colla, e estará livre de qualquer qualidade de bichos e de copim. He morador no Campo dos Siganos, n.8, nas cazas do Brigadeiro Manoel Luiz".

Outro comerciante, José Bellieni "faz publico", a 22 de abril de 1820, também na Gazeta do Rio de Janeiro, "que recebeu ultimamente hum grande sortimento de papel pintado para sallas", além de diversos espelhos com molduras de todos os tamanhos. A inglesa Maria Graham, em 1823, esteve em Botafogo na casa do Sr. Luís José de Carvalho e Melo, figura política da época, e notou as paredes decoradas com papéis franceses e molduras douradas; segundo Graham, a casa tinha sido construída com muito gosto e era ainda ricamente mobiliada.<sup>70</sup> Surgiam então móveis especiais para cada finalidade, os quais estavam à disposição, de quem por eles pudesse pagar, nas novas lojas e marcenarias, ou nas casas de consignação ou de leilões. Encontravam-se mesas, cadeiras, sofás e etc. de todos os tipos, e multiplicavam-se as cômodas, meias cômodas, consolos, secretárias, gabinetes, escritórios, bibliotecas e armários de diversos tamanhos, e para as mais diversas finalidades, apesar de as arcas e os baús "antigos" terem continuado em uso por longo tempo, mesmo na casa de muita gente abastada. Vejamos alguns "reclames" que ofereciam ricos trastes de pessoas de posses que se retiravam da Corte de volta às suas terras; anúncios como esses são típicos principalmente das terceira e quarta décadas do século XIX:

Jornal do Commercio, sabbado, 10 de março de 1832.

"J.J.Dodsworth, faz leilão no dia segunda feira 12 do corrente: ás 11 horas da manhã, no Catete n.97, lado esquerdo, na casa da residencia do Illustrissimo Cavalleiro Ankarloo, Encarregado de Negocios de S.M. o Rei da Suecia, que se retira desta Corte, dos moveis, porcelana etc., que lhe pertencem; a saber: hum aparador de mogno, cadeiras de jacarandá, commodos de dito e de vinhatico, mezas de sofá e de jogo, sofás, huma cama de jacarandá completa, espelhos, toucadores, hum relógio de cima de meza do autor Roskell, hum guarda livros, huma secretária de cilindro de mogno, hum lavatorio com bidet, ditos ordinarios, dous lampiões de Buffet de bronze, patente de bomba, huma meza de jantar, cadeiras Americanas, quadros, marquezas, hum aparelho de porcelana branca, hum pequeno trem de cobre de cosinha, algum vinho de Champagne, e Xeré.

Tambem huma traquitana completa com duas mullas e hum cavallo".

Esses anúncios de venda de trastes de pessoas de posses que se retiravam da Corte são talvez os mais interessantes, pois nos permitem saber exatamente o que havia nos interiores daqueles tipos de residências, cujos proprietários, muitos dos quais estrangeiros, costumavam "ditar" o que deveria ser considerado de "bom gosto" e de última moda. Era ainda para pessoas de iguais posses que os comerciantes das lojas mais elegantes costumavam vender seus ricos trastes recém-chegados nos navios vindos da Europa, ou Estados Unidos do Norte, ou os trastes copiados de outros ricos exemplares por marceneiros e artistas das oficinas locais. Vejamos mais um anúncio de leilão da tralha do interior de outra rica residência de estrangeiros:

Jornal do Commercio, domingo, 19 de janeiro de 1840.

"Hoje domingo 19 do corrente, ao meio dia, na residencia e por conta do Exm. Sr. barão Rouen, ministro plenipotenciario de França, na estrada da Gloria n.2, Frederico Guilherme fará leilão dos muito elegantes trastes, bronze, piano, espelhos, curiosidades, miudezas

de capricho, lustres, relógios de cima de mesa, carruagens, 2 perfeitíssimos cavallos de sellim, do Cabo, duas bestas perfeitas, as quaes forão do uso particular da Exm.a baroneza de Rouen, que se retirou para Europa; entre estes devem ser reparados sobretudo os trastes e pertences do quarto de dormir, e os da sala de trabalho (boudoir), cuja elegancia e perfeição nada ha a desejar, a saber:

Quarto de dormir -- Riquissima mobilia de jacarandá embotido, constando de cama, armario com rico espelho, commodas de portas e gavetas com marmore branco, mesas de cabeceira, conversadeira com assento elastico, toucadores grandes, mesas de costura, 6 cadeiras, 2 bastidores, diversas caixas e frascos de cristal, bronze, diversos e ricos relógios de cima de mesa, tudo de hum gosto perfeito.

Sala de trabalho (boudoir) -- Hum riquissimo espelho, hum lindissimo piano, o mais perfeito; huma elegantissima mobilia de feitio gothico, constando de sofá, 4 cadeiras, e huma dita de braços, tudo em madeira preta, com assento elastico, forrado de seda azul lavrada e franjas; duas lindas cadeiras com braços, e duas ditas sem elles, tambem de feitio gothico, da mesma madeira, com assento elastico de seda e ouro; huma linda mesa quadrada, do mesmo feitio e madeira, forrada de veludo carmesim; huma dita de sofá de jacarandá embotido de metal; huma lindissima parteleira de jacarandá gothica, hum armario de vidro da mesma madeira e feitio, hum lindo mocho de piano, hum lindissimo lustre de bronze florentino (moyen âge), huma grande diversidade de miudezas de capricho, cristaes, porcelana, etc., etc., além disso tem diversos trastes, cuja relação será patente no acto do leilão. (...)"

Notar a presença dos móveis chamados de **estilo gótico**, os quais voltaram a ser apreciados por volta da década de 1830, por influência do movimento romântico. Uma outra novidade muito importante do período foi o uso do vidro transparente nas janelas, nas mangas dos objetos de iluminação, nas portas dos armários, das cristaleiras, nos oratórios, nos utensílios de mesa, etc. O vidro, antes muito dispendioso, era encontrado quase exclusivamente nas casas mais nobres e nas igrejas e conventos; a partir dessa época, o seu uso se torna cada vez mais comum, contribuindo, com seu brilho, na aparência "luxuosa" de muitos móveis.<sup>71</sup>

O anúncio de leilão dos trastes e dos escravos da moradia de uma pessoa de situação econômica confortável, porém não rica,



mas que também se retirava da Corte, mostra um pouco da diferença do trastejar dos interiores das residências das diferentes classes, se comparado com o anúncio anterior. Notar a ausência de marquêsas ou baús, e a existência de um certo requinte no uso de castiçais de prata com mangas de vidro, e na presença do bidé, do piano, do guarda-louça e etc.:

Jornal do Commercio, 24 de abril de 1835.

"A. Lawrie e C. fazem leilão hoje Sexta feira, em seu armazem na rua dos Pescadores n.39, dos moveis e mais utencilios de casa, pertencentes a huma pessoa que se retirou para Portugal, a saber: camas, cadeiras e sofás; bidé, secretaria, mesa, trem de cozinha, faqueiro e castiças de prata com mangas de cristal, etc. piano, escrevanhinas, guarda-roupa, guarda-louça, quadros, lampiões, vinho de Bellard, Porto e Madeira; Absinthe, etc. Vender-se-hão diversas fazendas, chá preto, realejos e 10 pretos, entre elles huma preta com cria; ás 11 horas em ponto".

O anúncio a seguir mostra uma lista de vários trastes de último gosto, chegados de Paris em 1840 e, como não poderia deixar de ser, colocados à venda na rua dos comerciantes e modistas franceses no Rio, a elegante rua do Ouvidor:

Jornal do Commercio, 11 de fevereiro de 1840.

"Frederico Guilherme, (...), faz leilão, (...), na rua do Ouvidor n.71, de huma muito escolhida colleção de trastes novos ultimamente chegados de Paris, constando de riquissimas mobílias completas para sala de visitas, mesas de jogo de nova invenção, para écarté, boston, etc.; ricos armarios grandes com espelhos, ricos lavatorios com espelho, e pertences de porcelana; toucadores grandes, ricas commodas e secretarias de mogno com pedras de marmore, lindas conversadeiras, mesas de costura, ditas muito elegantes para meio de sala, com pedra de marmore, ricos consolos com dito, lindas escrevanhinas para senhoras, ricos aparadores de sala de jantar, com pedra de marmore; sofás e cadeiras com assento elasticos, bibliothecas, camas, armarios, ricas mesas de jantar elasticas, de mogno massiço, para 24 pessoas, etc., etc.; magnificos relogios de bronze dourado, vasos e candelabros de dito,

cristaes, etc., etc.; e muitos outros elegantes artigos. (...)"

Os franceses que se instalaram na rua do Ouvidor eram comerciantes de artigos diversos (muitos dos quais, artigos de adorno e capricho), eram cabeleireiros, modistas, alfaiates, etc. e, em pouco tempo, passaram a ditar a moda na cidade do Rio.

Gilberto Freyre ressaltou que os diversos artigos trazidos do Oriente, tão abundantes no Brasil no século XVIII e ainda no princípio do XIX, não cederam lugar sem resistência aos artigos importados do Ocidente.<sup>72</sup> Através da leitura dos anúncios de jornais, podemos perceber que, além da importação dos trastes chamados ocidentais, em sua maioria franceses e ingleses, ainda continuavam a chegar móveis e objetos de decoração e de uso da China e da Índia: "35 caixas com louça da China, ourinós, aparelhos para jantar, jarros e bacias, 26 caixas com chá hysson, 2 fardos com colchas da Índia, (...)" (Jornal do Commercio, 21 de novembro de 1828); "fazendas de seda da Índia, setins de Macão, artigos de charão, jogos de voltarete, de gamão, secretaria, jogos de chadrez de marfim, diversos objetos de madre perola, etc., esteiras da Índia para tapetar salas, etc." (Jornal do Commercio, 10 de março de 1835) --essas esteiras da Índia costumavam ser muito usadas pelas famílias que tinham criança em idade de engatinhar; outras eram também usadas como cortinas nas janelas--; "relogios de bronze dourados e esmaltados, com figuras, e de gosto chinês (...)" (Jornal do Commercio, 21 de fevereiro de 1835); "hum biombo chinês" (Jornal do Commercio, 15 de janeiro de 1840); "bocetas e cestinhas

de palhinha com tampas de charão, ditas com azas, ditas de palhinha lavradas, tambores, marmotas, cágados, cachorrinhos de cabelo, aranhas, figuras de barro, (...)" (Jornal do Commercio, 11 de fevereiro de 1840).

Encontramos também anúncios de "cadeiras Americanas com assento de palhinha, douradas; ditas com assento de páo, ditas para crianças, furadas com vasos de pó de pedra" (Jornal do Commercio, 16 de janeiro de 1828) --notar que essas **cadeiras furadas**, com vasos de pó de pedra encaixados sob o seu tampo, eram usadas como **latrinas**. Havia anúncios, bastante raros, de brinquedos infantis: "hum pequeno, e lindo carrinho de quatro rodas, muito proprio para qualquer menino" e "huma porção de boneco de barro pintados de todos os tamanhos para brinquedo de crianças" (Jornal do Commercio, 9 de agosto de 1828 e 5 de março de 1828, respectivamente). Ou ainda anúncios de inúmeros outros trastes curiosos e (ou) requintados: "hum lindo sofa de volta com braço, 6 cadeiras com golfinhos na frente" (Jornal do Commercio, 1 de março de 1828) -- cadeiras com entalhes de golfinhos é uma característica dos móveis estilo Império francês, a chamada linha "Trafalgar", da primeira metade do século XIX; o referido sofá de volta, que acompanhava as cadeiras, poderia ser também do mesmo estilo Império francês--; e, ainda, móveis de mogno de Baltimore e Hamburgo, "sendo toucadores, sophas, mezas de jogo elegantissimas, mezas de costura para Sras." (Jornal do Commercio, 12 de março de 1828); "bibliothecas de pôr entre janelas (...), cadeiras de braços com assento de marroquim,

(...)" (Jornal do Commercio, 30 de março de 1835). Havia, finalmente, os móveis de higiene: "huma banheira de cobre batido, estanhada por dentro e pintada por fóra, com rodizios para se mover, e chave para tirar agua" (Jornal do Commercio, 7 de janeiro de 1835) e "(...)lavatórios, bidés e caixas de retrete" (Jornal do Commercio, 5 de março de 1835) --sendo que esses lavatórios eram móveis que costumavam ser feitos com ricas madeiras como o jacarandá e com o tampo de mármore branco ou de cor, sobre o qual se colocavam uma bacia e um jarro de porcelana ou bronze; já **caixa de retrete** era o nome dado às caixas que continham os ourinós, ou latrinas, ou barris de despejo, e que, após o uso devido, eram retiradas fechadas dos quartos pelos escravos. (Ver desenhos de **Trastes de Higiene** no final do capítulo 4).

Assim como o mobiliário, também uma profusão de utensílios domésticos e demais objetos de decoração e de uso pessoal foram se tornando de uso geral e, com o passar do tempo, considerados "indispensáveis". Entre alguns deles, temos: galheteiros, cafeteiras, compoteiras, faqueiros com talheres para as mais diversas finalidades (muitos de prata), arandelas para paredes, serpentinas e candelabros, "cristaes lapidados e fundidos, aparelhos de porcelana lisos, e dourados para chá, café e jantar; vasos de ditos com flores e mangas, lampiões de bronze e folha de cima de mesa" (Jornal do Commercio, 21 de fevereiro de 1835); "castiças com mangas, (...), castiças de casquinha, (...), relógios de mesa, bengalas, huma imprensa de copiar, espelhos com

gavetas" (Jornal do Commercio, 23 de fevereiro de 1835); "hum elegante sortimento de ornamentos de alabastro (agata e porfiro) tudo peças do gosto mais moderno de Italia" (Jornal do Commercio, 31 de janeiro de 1828); "hum rico e elegante candieiro dourado a ouro fino, para velas de cera, ou esparmacete, com bandeira, e que se apaga por si mesmo, (...)" (Jornal do Commercio, 12 de março de 1828); "huma maquina para tirar retratos" (Jornal do Commercio, 4 de abril de 1835); "caixinhas de mogno para costura com almofada e espelhos, a 2\$000" (Jornal do Commercio, 21 de abril de 1835); "escovas de roupa, e de cabelo, caixas de sabonetes, (...), caixas de perfumaria, caixas de tabaco finas, caixas de pomadas, estojos com navalhas, (...)" (Jornal do Commercio, 14 de janeiro de 1828); etc. Na pesquisa aos inventários do período, podemos perceber muito claramente o grande uso que tiveram esses e outros trastes de uso e(ou) de capricho, conforme veremos nas listas de bens transcritas no capítulo 4.

Moema Parente Augel escreveu, em Visitantes Estrangeiros na Bahia Oitocentista:

"Os bens importados provocam o despertar de uma necessidade de consumi-los, necessidade alargada do essencial ao supérfluo, necessidade que gera o gosto pelo uso, uso que desencadeia novos hábitos".<sup>73</sup>

A presença dos ornamentos ou objetos de uso em porcelana, cristal, ou mesmo vidro, etc. assinalava o caráter aristocrático de uma residência, assim como a variedade e a qualidade do mobiliário. Por outro lado, é importante ressaltar que, apesar de todas essas

"novidades" ostentatórias, muitos dos viajantes que passaram pela cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX não se satisfizeram com os então recém-chegados índices de ocidentalização e se desapontaram com a vida na cidade, com suas construções "à moda portuguesa", chamaram os hábitos dos habitantes de "provincianos", consideraram seus interiores mal alfaiados, suas mulheres mal educadas e mal vestidas, entre vários outros "pequenos defeitos"...

### **2.1. Repensando a evolução do conforto nos interiores das residências.**

Até o século XIX, a mulher branca vivia enclausurada e constantemente vigiada; primeiro pelo pai, depois pelo marido, ou pelo tutor. Ela quase nunca saía à rua e, quando em casa, raramente aparecia para o eventual visitante, mas sempre espreitava pelas frestas das portas e pelas treliças das rótulas. À mulher se devia a conservação dos hábitos, a manutenção de tradições, usos e costumes, perpetuando o artesanato dos bordados, rendas, tecidos, doces, bolos etc.<sup>74</sup> Os artigos de uso doméstico e os objetos pessoais eram raros e caros e, sendo assim, muitos eram produzidos em casa. A dona-de-casa distribuía medicamentos em caso de doenças, ensinava aos filhos as primeiras letras (quando as sabia), cumpria uma enorme quantidade de obrigações religiosas, supervisionava o trabalho dos negros, mas era mantida na quase total reclusão. Luiz Edmundo observou sobre a vida da mulher no interior do lar

colonial:

"Na casa colonial passava a existência entre um oratório de jacarandá, uma rede, uma esteira, fazendo rendas, bordados, cosendo, engordando e aprendendo a falar mal com os escravos (...)"<sup>75</sup>.

O funcionamento da casa colonial, por outro lado, "necessitava" do braço escravo. Lúcio Costa escreveu:

"Era ele que fazia a casa funcionar: havia negro para tudo -- desde negrinhos, sempre à mão para recados, até negra velha, babá. O negro era esgoto, era água corrente no quarto, quente e fria; era interruptor de luz e botão de campainha, o negro tapava goteira e subia vidraça pesada; era lavador automático, abanava que nem ventilador".<sup>76</sup>

Os senhores, as senhoras, as crianças e os negros conviviam comumente nas residências. No entanto, a presença do escravo foi, por alguns autores, apontada como um dos elementos inibidores de uma relação mais íntima entre os membros da família. Além disso, a família era voltada para o sistema patriarcal, "piramidal", cujo topo era ocupado pelo homem que tinha o poder econômico, cultural e social. Todos a ele se ligavam e dele dependiam. Jurandir F. Costa concluiu acerca dessa intimidade superficial:

"Como seria previsível, o conteúdo emocional da família refletia e adequava-se a seu continente. A casa colonial produziu indivíduos a sua imagem e semelhança. Sua intimidade superficial, atrofiada, pouco diversificada prolongou-se e serviu de exemplo a seus habitantes".<sup>77</sup>

O desconforto dos interiores despreparava o ambiente para receber

a família. O número grande de pessoas "estranhas" inibia as relações afetivas e pessoais. O temor ao "pai" mantinha a distância emocional entre os indivíduos. Segundo Lúcio Costa, a habitação antiga não tinha, ainda, o clima "calmo, tranqüilo, caloroso e aconchegante"<sup>78</sup> que viria a ser o ideal em períodos posteriores.

Quando a família Real chegou à cidade do Rio de Janeiro, as janelas das residências possuíam gelosias e rótulas, o que lhes dava uma aparência de gaiolas e tornava o seu aspecto carregado e suspicaz.<sup>79</sup> (Ver exemplo de gelosia nas janelas superiores dos edifícios que aparecem na Ilustração XLIV, "Dame brésilienne en chaise à porteur dans une rue du quartier de Santo Antonio", no capítulo 5). John Luccock, que chegou à cidade em 1808, escreveu sobre as gelosias que viu nas construções:

"Entre os objetos que mais atraíam a atenção de um estrangeiro, nas ruas do Rio, achava-se a proeminência das janelas de cima, chamada gelosia. Em cada janela, e ao mesmo nível que o assoalho do cômodo, havia uma espécie de plataforma de pedra, de cerca de dois pés e meio de balanço, que servia de base ao balcão, não apenas tão alto quanto o peito, mas erguendo-se até o cimo da janela. Era feito de treliça, em geral de modelo caprichoso e dividido em painéis ou compartimentos, alguns deles munidos de dobradiças na parte de cima de maneira a formar uma espécie de alçapão que, quando aberto, por pouco que fosse, permitia às pessoas do balcão olharem para baixo a rua, sem que elas próprias fossem vistas".<sup>80</sup>

Para Luiz Edmundo, as casas coloniais eram "gaiolas gentis", onde as grades de pau espessas tocavam quase a "cimalha dos prédios".<sup>81</sup> Em junho de 1809, o Príncipe Regente, por intermédio do Intendente-Geral de Polícia, ordenou a eliminação das rótulas e gelosias das janelas dos sobrados. Motivos diversos foram alegados, como a má



circulação do ar nos interiores daquelas moradias, ou a aparência de gaiolas que as gelosias davam às casas das ruas; porém, o motivo principal talvez tenha sido o medo de emboscadas contra a família Real.<sup>82</sup> Para o inglês Luccock, o efeito no novo visual das construções foi curioso, pois, na falta de vidros ou escuros nas janelas, as casas ficaram de repente devassadas; muitos se sentiram envergonhados com a sua aparência e a de seus interiores e procuraram imitar o que lhes parecia a moda, principiando, assim, a haver um certo gosto pelas "novas maneiras" recém-vindas da Europa.<sup>83</sup>

Aristocratas, diplomatas estrangeiros, comerciantes, políticos, literatos, artistas etc. invadiram o antigo cenário de burocratas, pequenos comerciantes e senhores de escravos.<sup>84</sup> Após a chegada da Corte, os senhores locais procuraram se introduzir no novo meio, onde, entre outras coisas, havia fartas concessões de cargos e títulos, e, para isso, precisaram os ditos senhores se adaptar às regras que permitiam a entrada no restrito círculo da classe dominante. As famílias mais ricas tentaram seguir os novos modos de se comportar, vestir, viver etc. e algumas dessas novas tendências acabaram, com o passar do tempo, por influir também sobre as classes mais populares (guardadas as devidas proporções, é claro).

As festas privadas tornaram-se uma necessidade para que se criassem condições favoráveis aos novos interesses econômicos e (ou) políticos. O sucesso dessas reuniões dependia, em parte, do requinte do ambiente e de como a mulher do senhor local conseguia

se apresentar, comportar, recepcionar e hospedar.<sup>85</sup> As européias que freqüentavam as recepções eram mais bem educadas e instruídas do que as "brasileiras"; dessa forma, a mulher local passou também a receber uma melhor "educação". Aquelas mulheres deveriam então tratar de tornar suas residências mais elegantes e confortáveis, segundo os novos padrões, para que os maridos pudessem criar condições de realizar, em reuniões íntimas, seus novos interesses. Nessas ocasiões, esposas e filhas deveriam se apresentar também devidamente trajadas, de acordo com as últimas tendências; deveriam tentar abandonar alguns de seus antigos hábitos, "europeizando seu corpo, seus vestidos, seus modos".<sup>86</sup> O historiador Eric J. Hobsbawm escreveu, se referindo à sociedade burguesa européia de meados do século XIX, algumas palavras que talvez também se encaixem ao ambiente senhorial urbano da Corte na mesma época:

Esta sociedade "atingiu seu apogeu neste período, pela aparência das roupas que seus membros usavam, pelos interiores que os cercavam. (...)". Foi uma "época em que a mobilidade social poderia de fato colocar numerosas pessoas dentro de uma situação histórica inteiramente nova para desempenhar papéis sociais novos (e superiores), e portanto, tendo que usar as roupas apropriadas".<sup>87</sup>

Dessa forma, com o tempo a mulher senhorial passou a participar um pouco mais da vida da sociedade, da vida da sua própria família e, com relação aos interiores das residências, com o crescente comércio e a produção industrial oferecendo maior número de móveis, objetos, utensílios, a preços mais acessíveis, a tendência natural era de que as casas se tornassem mais aconchegantes, confortáveis e, muitas vezes, até mesmo entulhadas.

A impressão mais imediata de um interior senhorial de meados do século XIX, em comparação com os do início do século, é a de ser bastante repleto e elaborado, com objetos os mais variados: cortinas, tecidos diversos, papéis de parede, quadros, móveis caros e requintados para todas as finalidades, etc. Mesmo em um ambiente ainda opressivo, muitas mulheres conseguiram encontrar alguma compensação: o luxo ostensivo. Os objetos expressavam o seu custo e a **elaboração** era um índice adequado para mostrar o valor de objetos caros, e este era, sem dúvida alguma, um "importante" sinal de **riqueza** e **status**<sup>88</sup> almejado por muitos, e alcançado por vários.

A seguir, vamos procurar fazer um estudo da divisão do espaço interno das moradias da cidade do Rio de Janeiro no período estudado, apresentando umas poucas plantas de casas nobres, casas de sobrado e casas térreas, outros anúncios de jornais selecionados e exemplos de residências listadas nos inventários pesquisados.

### CAPÍTULO 3

### 3. A DIVISÃO DO ESPAÇO INTERNO DAS MORADIAS.

As construções da cidade do Rio de Janeiro, na primeira metade do século XIX, se dividiam basicamente em casas nobres, casas de sobrado e casas térreas, além, é claro, de inúmeros casebres de pau-a-pique. Os diferentes grupos sociais se encontravam em locais mais ou menos determinados no espaço urbano.

Os estrangeiros, os comerciantes mais ricos, os aristocratas e os altos funcionários procuravam morar em bons sobrados, ou em chácaras nos bairros dos arredores da cidade, como Glória, Catete, Botafogo, Flamengo, Laranjeiras, São Cristóvão, Engenho Velho etc.<sup>89</sup> O conde de Palmela escreveu em carta para a condessa, sua mulher, em 22 de janeiro de 1821:

"...Há sítios lindíssimos muito perto da cidade e onde moram muitas pessoas da sociedade, e, por exemplo, o que chamam a baía de Botafogo é, sem exageração, comparável aos mais belos sítios da Itália ou da Suíça".<sup>90</sup>

O cunhado do viajante Leithold (1819) morava no Catete. O prussiano assim descreveu o local:

"O Catete, onde moram meu cunhado e vários ministros e cónsules estrangeiros, é um bairro bem mais saudável do que o centro e consiste numa única rua, larga e não pavimentada, que conduz a uma encantadora enseada, distante apenas um quarto de hora, toda rodeada de montanhas e de agradáveis chácaras habitadas por ingleses".<sup>91</sup>

Maria Graham, na primeira visita que fez ao Rio, em 1821, foi morar no Catete; o viajante/comerciante Richard Bate, no Rio entre 1808 e 1848, morava na Glória --sinal de abastança, segundo Gilberto

Ferrez, já que poucos comerciantes podiam se dar ao luxo de possuir loja no centro e morada nos bairros mais elegantes e distantes, pois a locomoção entre um e outro acarretava em grandes despesas<sup>92</sup> --; o empregado público Luís dos Santos Marrocos morou, após seu casamento, nas proximidades do Passeio Público<sup>93</sup>; e o próprio Intendente de Polícia, Paulo Fernandes Viana, responsável pelas diversas atribuições ligadas à política de urbanização da cidade, tinha chácara no Engenho Velho. Já os integrantes da Missão Artística Francesa, que chegaram ao Rio de Janeiro em 1816, enfrentaram dificuldades de acomodação, pois estava a cidade quase sem alojamento, prejudicada pelos abusos das "aposentadorias"; assim, os Taunay, por exemplo, foram morar na Glória, enquanto construía a famosa casa da cascatinha da Tijuca.<sup>94</sup>

No centro se instalavam muitos comerciantes --que, geralmente, moravam nos andares superiores dos sobrados onde tinham negócio-- e o "povo dos ofícios", os artesãos.<sup>95</sup> Em 1808, o comerciante inglês John Luccock teve sua primeira residência no Rio na esquina da rua do Ouvidor com a rua da Quitanda. Nos arrabaldes da cidade, em bairros mais "populares" como Mata-Porcos (atual Estácio de Sá), Catumbi, Saco do Alferes etc.<sup>96</sup> moravam, com algumas exceções, os menos abastados da população.<sup>97</sup>

O responsável pela construção de uma habitação era, geralmente, o próprio proprietário, muitas vezes auxiliado por um mestre de obras, ou, quando muito, por um mestre de risco. "Só os raros palácios e algumas casas nobres eram obra de arquitetos", escreveu Maria Beatriz Nizza da Silva.<sup>98</sup> Vejamos este anúncio de

um pintor francês, que, instalado na elegante rua do Ouvidor, oferecia seus dotes de pintor, decorador no "gosto mais moderno" e desenhista de plantas para a construção de edifícios:

Jornal do Commercio, 6 de maio de 1835:

"M. Cieutat, pintor de Paris, recém-chegado a esta Côte, onde fixou residência, tem a honra de avisar ao publico, que elle executa, no estilo mais variado e gosto mais moderno, toda a qualidade de decorações de salas; faz emblemas, paineis de taboletas, inscripções de qualquer caracter; finalmente, incumbe-se da pintura mais ordinaria, de dourar, forrar de papel pintado, e de tudo o que diz respeito ao enfeite de huma sala. Além disso, M. Cieutat executa toda a sorte de desenhos de architectura para planta de construcção de edificios, etc. Rua do Ouvidor n.143".

O viajante Thomas Ewbank, que esteve no Rio de Janeiro em 1846, observou que era costume, quando se queria construir, falar-se com um pedreiro e um carpinteiro, pedindo para que construíssem uma casa semelhante à do Sr. Fulano de Tal e com janelas iguais às de uma outra residência indicada. E, completou Ewbank, o trabalho progredia lentamente.<sup>99</sup>

### 3.1. Casas Nobres.

As casas denominadas nobres eram as que possuíam cocheira(s), estrebaria(s), pátio com poço próprio, grande número de salas e demais cômodos para a família, quarto(s) para os escravos, entre outras regalias. Uma outra característica importante das casas nobres era o maior número de janelas na fachada. Nos anúncios a seguir, publicados no Jornal do Commercio,

podemos ter uma idéia de algumas divisões dessas chamadas grandes casas:

Sexta feira, 21 de março de 1828.

"Vende-se huma boa chacara proximo a Praia Pequena, em terra firma, 200 braças do mar e 100 da estrada de Santa Cruz, com huma casa nobre acabada de novo, 12 braças de frente e 24 janellas de 3 lados, duas grandes sallas forradas de papel, 7 alcovas, quarto para escravos, dispença, tudo forrado e assoalhado, aria, estribaria e cosinha; terras proprias, com abundante e boa agoa de poço, muito arvoredado com fructas de espinho e caroço, café, bananal, ananazes, canavial, e outras muitas fructas do paiz, boa horta, excellentes campo e muito capim para criar gado, e tudo cercado de espinho: quem a pertender dirija-se á rua do Sabão proximo a da Quitanda n.57, que lhe dirão quem a pertende vender".

Sabbado, 2 de junho de 1832.

"Aluga-se a casa da rua do Sabão da Cidade nova n.11 com 7 janellas de frente, sacadas com grades de ferro, 3 salas a frente forradas de papel, sala de espera, 6 quartos, grande sala de jantar, despensa, cosinha com forno, sotão com huma sala, varanda e 2 quartos; e embaixo cocheira, cavallariça para 7 animaes, aria, quintal com poço, duas saletas e alcovas para criados, e mais tres bons quartos para escravos, arreios, etc, estando toda a casa decentemente, pintada de novo, e a maior parte forrada de papel; quem a quizer vêr, dirija-se á mesma, e para ajustar á chacara que foi do fallecido Commendador João Gomes Barrozo, passando á Igreja de Mattaporcos, na estrada que vai para o Engenho Velho".

Quinta feira, 9 de janeiro de 1840.

"Vender-se-ha em leilão, por Frederico Guilherme, em hum destes dias, huma linda chacara perto da praia de Botafogo, com huma grande e bella sala de visitas na frente, huma dita de espera, duas ditas para dormir e costura, huma grande e boa sala de jantar, 4 grandes quartos, e hum sotão nos fundos da sala de jantar, com duas pequenas salas, cozinha, dispensa, cocheira e estrebaria: a chacara tem 90 braças de fundo e 14 de frente, com rio corrente para lavar roupa, e hum poço de dita de beber, etc., etc.; capim para 4 a 5 animaes. Quem a quizer ver e examinar pôde dirigir-se á mesma; e tratar, na casa do annunciante, rua do Ouvidor n.84".



Quinta feira, 13 de fevereiro de 1840.

"Vende-se huma propriedade nobre, n.27, na rua da Cadêa, com huma frente de 5 braças, com quatro grandes saccadas de ferro, sala de espera, grande salão para visitas, espaçosa sala para jantar, grande alcova de dormir, sala de vestir, quarto para dispensa, grande cozinha, hum vasto sotão com cinco quartos e vista para o Castello, grande cocheira, cavallariça, poço, e hum escriptorio independente; toda a casa reformada de novo, pintada a oleo, e forrada de lindos papeis; para a vêr, a toda a hora, e para tratar, na rua do Ouvidor, n.122".

É preciso ressaltar que as casas como as acima anunciadas se tornaram mais comuns após a mudança da Corte portuguesa para a cidade do Rio de Janeiro. Jaime L. Benchimol, em Pereira Passos: um Haussmann Tropical, escreveu que, entre 1808 e 1816, foram construídas cerca de 600 casas de sobrado no perímetro da cidade, e 150 nos arredores, sendo que a maior parte dessas últimas eram chácaras, que funcionavam como residência de verão de muitos senhores, com sua família e sua numerosa escravaria doméstica.<sup>100</sup> Já Gilberto Ferrez observou que o surto de construções que houve com a chegada da Corte e de grande número de fidalgos e estrangeiros se fez notar mais nitidamente, nos arredores da cidade, por volta de 1815-1820.<sup>101</sup>

Muitos viajantes que chegaram ao Rio nas primeiras décadas daquele século se encantaram com algumas dessas casas nobres. Maria Graham, em 1821, em passeio a Laranjeiras, notou as casas de campo, que para ela não eram nem muito grandes, nem luxuosas, decoradas com boas varandas e uma escadaria até a casa de residência do dono; e que, ainda segundo a inglesa, tinham portão e um caminho com todas as espécies de flores.<sup>102</sup> Também em Botafogo

Maria Graham viu numerosas e belas casas de campo que "surgiram com a chegada da Corte de Lisboa".<sup>103</sup> E, na segunda visita à cidade, em 1823, Graham visitou a casa da Sra. Rio Seco, que tinha salão para baile, para música, uma gruta e fontes, além de inúmeros aposentos bem decorados para uso da família e das visitas.<sup>104</sup>

O alemão Carl Schlichthorst, que esteve no Rio entre 1824 e 1826, descreveu uma confortável casa em Botafogo, que pertencia a uma espanhola, e que tinha uma enorme varanda aberta para o mar.<sup>105</sup> Schlichthorst foi um dos poucos viajantes que consideraram as casas antigas, "construídas ao gosto português", como agradáveis e frescas, ressaltando várias vezes ao longo do seu texto as variadas vantagens dos balcões dos andares superiores, que eram, para ele, "o maior encanto da arquitetura meridional".<sup>106</sup> O alemão ressaltou também as vantagens das construções maciças:

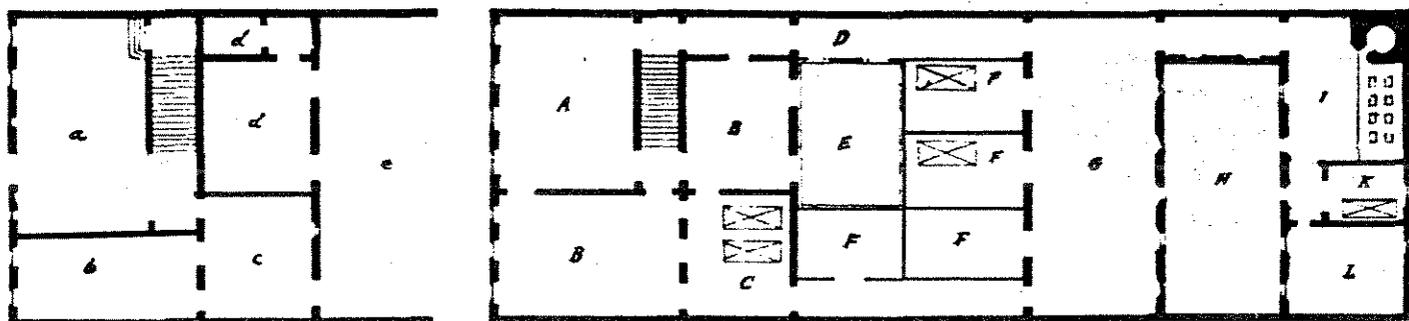
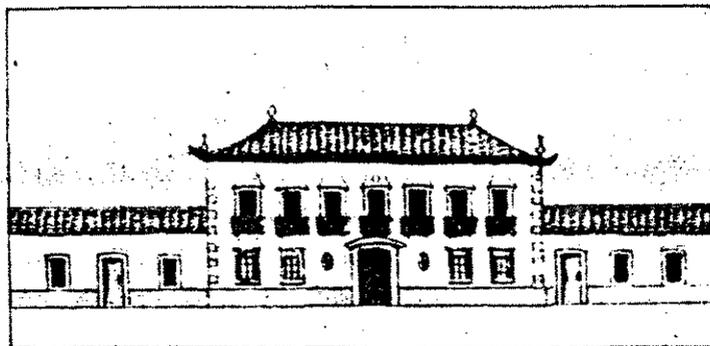
"Acendo um cigarro e me embalo numa rede até o sono me fechar as pálpebras. (...). Assim passam as horas quentes do dia, que, dentro das casas, de construção sempre maciça, são muito menos sensíveis".<sup>107</sup>

É bom lembrar também que, quando Schlichthorst chegou ao Rio, as janelas superiores das casas já não mais possuíam as terríveis gelosias que haviam mantido, por longos anos, aprisionados e sufocados os moradores das habitações coloniais. Robert Minturn, vários anos depois, em 1858, se desagradou ao notar as casas grandes e "construídas com paredes grossas de 3 a 4 pés de largo", mas se encantou tanto com os "magníficos jardins bem cuidados" -- que tinham, para ele, o aspecto de um Éden-- que escreveu,

exagerando: "Se o paraíso existe na Terra, é aqui, é aqui".<sup>108</sup> Luiz Edmundo comentou que essas paredes grossas eram, na verdade, paredes duplas, as quais muitas vezes tinham terra no oco. Para este autor, cuja lusofobia é conhecida, tais casas "ao gosto português" causavam um reumatismo persistente em muitos dos moradores e favoreciam o mofo nas paredes, móveis e roupas, além da proliferação de inúmeros insetos.<sup>109</sup>

A **Planta A**,<sup>110</sup> denominada por Debret como planta de grande casa de cidade, é o exemplo de uma casa nobre. Esta foi assim classificada principalmente devido ao número de janelas que possui na fachada, mas poderia ser também considerada como um bom sobrado. A construção, ainda segundo o gosto português, é um retângulo com enorme número de subdivisões. No pavimento inferior, vemos o vestíbulo (a) onde ficava a carruagem e uma escada que leva à moradia; ao lado, (b) é a selaria; (c) a estrebaria; (d) depósito e (e) quarto dos escravos do serviço externo. No pavimento superior, (A) é a sala de visitas com quatro janelas com sacadas que dão para a frente da moradia; (B) é o quarto dos senhores, que também dá para a rua e possui três janelas com sacadas; (C) são as famosas alcovas --cômodos sem janelas, com circulação de ar bastante deficiente, aonde muitas vezes dormiam (ou eram guardadas) as moças da casa; outras vezes, nas casas com maior número de cômodos, as alcovas serviam de toucador, que era o lugar onde os senhores tomavam os seus banhos de gamela e faziam o restante de sua toilette (conforme veremos no item 4.6, referente

à higiene)--; (D) é o corredor; (E) é o gabinete envidraçado e com clarabóia no teto. Como podemos notar, não havia janelas nas



PLANTA A -- "Grande casa de cidade", por Debret.

laterais da construção, já que esta tinha o terreno limitado e dividia a parede com outras edificações; dessa forma, algumas das construções se utilizavam do artifício da clarabóia ou de telhas transparentes (estas últimas trazidas da França) para tentar iluminar os cômodos que se localizavam na parte central. (F) são os quartos da família, ou melhor, outras alcovas, mas cada qual com

uma única porta; (G) é a sala de jantar; (H) é o pátio interno -- único lugar onde, por longos anos, foi permitido o contato com o sol e o ar às senhoras da família--; (I) é a pequena cozinha, com as inúmeras divisões feitas de tijolo que serviam de forno e fogão; (K) é o quarto dos escravos do serviço interno --exceto das mucamas, que costumavam dormir nos quartos ao pé da cama de suas senhoras ou no corredor à soleira da porta do quarto da sinhá--; e (L) é a copa. Algumas casas construídas dessa forma podiam ser encontradas nas ruas comerciais do centro da cidade, onde, por vezes, tinham o pavimento inferior ocupado pela loja ou armazém do comerciante, que morava com a sua família no pavimento de cima e conservava apenas uma pequena estrebaria nos fundos para seu cavalo, ou besta.<sup>111</sup>

O Reverendo norte-americano Kidder, que chegou ao Rio de Janeiro por volta de 1837, escreveu sobre essas grandes casas de cidade:

"A casa da cidade não é um lugar atraente: as cocheiras e as cavalariças ficam no primeiro andar, enquanto que a sala de visitas, as alcovas e a cozinha ficam no segundo. Não é raro existir uma pequena área ou pátio ocupando o espaço entre a cocheira e a cavalariça, e esse espaço separa, no segundo andar, a cozinha da sala de jantar".<sup>112</sup>

E à noite a larga porta em arco, que dava passagem à carruagem, costumava ser fechada com grossas grades de ferro.

Com relação à falta de iluminação e de ar nos interiores das moradias coloniais e a alguns dos problemas que isso acarretava, Gilberto Freyre, em Sobrados e Mucambos, nos traçou um panorama bem claro da vida das pessoas naqueles lares. Escolhi o

parágrafo a seguir por se referir exatamente aos quartos e às alcovas, mencionados há pouco:

"A proteção do interior da casa de cidade contra os excessos de luminosidade e de insolação direta foi grandemente exagerada no Brasil patriarcal, devido principalmente a preconceitos morais e sanitários da época e por imposição do regime social então dominante. Procurava-se a segregação da família contra uma série de inimigos exteriores: desde o ar e o sol até os raptos, os ladrões e os muleques. Dormia-se com as portas e as janelas de madeira trancadas, o ar só entrando pelas frinchas. De modo que os quartos de dormir impregnavam-se de um cheiro composto de sexo, de urina, de pé, de sovaco, de barata, de mofo. Porque nas alcovas também se guardavam roupas, às vezes penduradas do teto -- como certas comidas na despensa -- por causa dos ratos, dos bichos, da humidade. Quando a inhaca era maior, queimavam-se ervas cheirosas dentro dos quartos".<sup>113</sup>

### 3.2. Casas de Sobrado.

Pela classificação mais utilizada, denominava-se "casa de sobrado" à construção cuja fachada do pavimento superior acompanhava a extensão da fachada do andar inferior. As casas que possuíam a moradia no térreo e uma escada levando ao sótão, este com sala e alcova e ocupando apenas uma parte do espaço do telhado, aparecem nos inventários como "casas térreas" ou, raras vezes, como "casas térreas assobradadas", sendo estas, na verdade, uma solução intermediária entre a construção térrea e o sobrado. Uma característica comum às casas de sobrado e térreas, localizadas nas ruas centrais da cidade, era a de que possuíam a frente das construções mais estreitas e os fundos mais largos, e eram ainda muito compridas, em relação à sua largura, isso devido ao alto preço que tinham os terrenos do centro. Vejamos algumas descrições

de casas de sobrado contidas nos inventários selecionados, onde podemos ter uma idéia de suas divisões e também dos materiais utilizados nas construções:

Em 1833, no inventário dos bens pertencentes ao espólio do falecido Antonio dos Santos Coelho, aparece listado um sobrado, entre algumas casas térreas:

"Huma morada de cazas de sobrado na rua da Candellaria numero dous que tem de vão vinte oito palmos e de fundo noventa e seis a sua formação na frente pedra e cal com tres portaes na loja e tres de sacada no sobrado tudo de cantaria as paredes dos lados pedra e cal as devizoens frontaes de tijollo, adobo e estuque com salla duas alcovas varanda despença e cozinha com sotão com dous quartos e salla forrada athe oprumo d'agoa a loja toda em armazem com precizão de reforma o terreno proprio avalliada em dous contos e quatro centos mil reis".<sup>114</sup>

Notar que, por serem os terrenos urbanos muito estreitos e compridos, as divisões internas das moradias pouco podiam variar. Por outro lado, todas as construções possuíam dupla orientação: uma para o pátio (nos fundos) e outra para a rua.

Em 1840, no inventário de Antonio Rodrigues da Costa, de quem foi inventariante a sua viúva Maria Candida da Conceição, aparece um sobrado, este entre várias casas térreas:

"Huma morada de cazas de sobrado numero oitenta e hum na rua da Ajuda, cuja tem de vão trinta palmos, e de fundo cento e treze, e de quintal trezentos e vinte palmos; a sua formação na frente pedra, e cal, com trez portaes de cantaria na loja, e no sobrado trez janellas de sacada com suas rotulas de madeira; as paredes dos lados pedra, e cal até o vigamento, e do vigamento para cima pilares, e frontaes de tijollo, e do mesmo as suas divizões, e estuques, com salla, alcova, varanda, salla de jantar, despença, e cozinha, tudo forrado, menos a sua cozinha, com sua escada de madeira que desse para baixo; o quintal todo arrumado, com hum poço, e hum telheiro, e hum quarto ao lado; o corredor da rua lageado de pedra, a loja com salla, que serve de armazem, com

varanda, e dous quartos, e cozinha, assoalhado, e forrado até o prumo da área, o terreno proprio, avaliado em seis contos de reis".<sup>115</sup>

O detalhe interessante nesse inventário de 1840 é a presença das rótulas de madeira, nas três janelas de sacadas, há muito já em desuso, mas que teimavam em continuar enfeitando muita porta e janela de casa de gente de boa situação financeira.

Em 1850, no inventário de D. Izabel Helena do Amaral Laemert (o nome aparece com um **m** só, o que com certeza foi um erro do escrivão, sendo o correto **Laemmert**, sobrenome de uma família de proprietários da tipografia mais importante da cidade no período), cujo inventariante foi seu marido Eduardo Laemert, aparecem listados dois sobrados e uma casa térrea, sendo que era nesta última que funcionava a oficina de tipografia --e cuja descrição veremos no item 3.3., referente às casas térreas. Mas vamos aos sobrados:

"Huma casa de sobrado na rua do Cano de numero cincoenta e dous tem de vão vinte e trez palmos, e hum quarto e de fundo cento e dezenove ditos, sua formação na frente de pedra e cal, com tres portadas pela rua dos Ourives, e pela rua do Cano com sete ditas sendo huma larga, e huma janella, e no sobrado com dez janellas de sacada, sendo sete pela rua do Cano, e huma de peitoril, e trez pela rua dos Ourives, tudo de Cantaria com grades de ferro, a parede de hum lado de pedra e cal até o madeiramento, suas divisões frontaes, e estuque dividida com salla, duas alcovas, salla de jantar, despensa e casinha, forrada até a salla de jantar com seu sotão no centro, com frente para a rua do Cano, com trez janellas á frente e duas para o telhado, huma para o fundo, tudo com portaes de madeira, trez com caixilhos, e duas com grades de ferro. A loja dividida com trez sallas e hum quarto toda assoalhada, e forrada precisando de algum reparo, avaliada em dezoito contos de reis".<sup>116</sup>

Observe-se o detalhe da presença da **casinha**, que era uma espécie primitiva de banheiro, ou local onde eram guardados os barris de



despejo.

"Huma casa de sobrado na rua D'Alfandega numero dusetos e sesenta e cinco, a qual tem de vão quatorze palmos, e meio, de fundo cento e dous, e de quintal trinta e oito ditos, este murado de pilares e frontaes de tijolo. Sua formação na frente pedra e cal, ate o vigamento, com duas portas de cantaria, na loja, e o sobrado com frente de pilares, e frontaes de tijolo com duas portadas de madeira sacada do mesmo e rotula. As paredes dos lados dos pilares e frontaes de tijolo, e do mesmo suas divisões e estuque, dividido com salla duas alcovas, salla de jantar, hum quarto e cozinha, forrada a salla e as duas alcovas. A loja com os mesmos commodos, assoalhada até a varanda, e forrada só a salla, precisando de grande reparo, avaliada em dous contos de reis".<sup>117</sup>

Interessante a diferença de preço entre os dois sobrados, visto que o primeiro era um sobradão que tinha portadas para a rua dos Ourives (atual Miguel Couto) e para a rua do Cano (atual Sete de Setembro) e dez janelas na sacada com grades de ferro. O segundo sobrado tinha apenas duas portadas e sacada ainda com rótula.

D. Izabel Helena do Amaral Laemmert havia morrido provavelmente de parto, pois deixara uma única filha, recém-nascida, que na pia batismal recebeu o nome de Izabel Maria. O jovem casal Laemmert estava, ao que tudo indica, começando sua vida de casados e podia, com certeza, ser chamado de um casal abastado, apesar de não possuir nenhuma chácara, ou casa nobre; no entanto, os Laemmert tinham 16 escravos a seu serviço, a maioria trabalhando na tipografia, e longa lista de objetos de prata, ouro e pedras, louça e vidros, inúmeros trastes de madeira e ricas roupas pessoais e de casa (lista essa que veremos no decorrer do capítulo 4). Curiosamente, não encontrei nenhuma carruagem, ou mesmo uma cadeirinha; dessa forma, imagino que o casal, residindo talvez no primeiro sobrado da lista, o da rua do Cano, ou atrás da

tipografia na rua dos Inválidos, se locomovia a pé pela cidade, visto que ambas as construções se localizavam no miolo do centro comercial, onde podia-se facilmente adquirir qualquer coisa que fosse necessária.

Em 1824, o viajante Ernst Ebel alugou o segundo e o terceiro pavimentos de um sobrado, em "rua movimentada e abrigada do sol",<sup>118</sup> e escreveu que a casa, assim como "a maioria das casas do Rio" tinha apenas três janelas ou portas na frente, com sacadas com gradis de ferro, para onde dava uma grande sala, e, no corredor, uma alcova, que fazia "as vezes de dormitório". Nos fundos havia um pequeno pátio, uma cozinha e "escuros cubículos", os quais serviam "para quartos de criado, ou para despejo". O terceiro andar consistia de um sótão, "bem alto e com magnífica vista, por cima dos telhados vizinhos".<sup>119</sup> Considerou ainda o viajante que tal disposição era adequada ao calor reinante na cidade, pois assim a construção ficava menos exposta ao sol, razão também para que o pé direito fosse alto (às vezes três, ou quatro metros). Um outro detalhe digno de nota era o de que quase todas (ou todas?) as residências, grandes ou pequenas, quando não tinham cocheiras no andar térreo, possuíam nos fundos um pequeno quintal com um rancho de telhas para, pelo menos, um ou dois animais. Nesses casos, porém, os animais não tinham outra entrada senão a porta da frente da casa (ou da loja), passando ainda pelo longo corredor que levava aos aposentos dos fundos e chegando, finalmente, ao pátio ou quintal. Isso quando não passavam também

pela sala de visitas, pela sala de jantar e, de quebra, pela cozinha. Não era mesmo à toa que se queimavam tantas ervas aromáticas...

Para fechar esse item, selecionei um anúncio, do Jornal do Commercio, de uma boa casa de sobrado com janelas com vidraças, e papel e barras pintadas a óleo nas paredes, detalhes de alguns "luxos" característicos da última moda das casas de moradia dos abastados de então. Notar a presença do **gabinete**, antes apenas um móvel, mas aqui sob a forma de um ambiente privado de boa residência; certamente um ambiente destinado ao homem da casa. O imóvel era recém-construído e possuía muitas janelas, mas a alcova, colocada em destaque no anúncio, ainda não podia faltar:

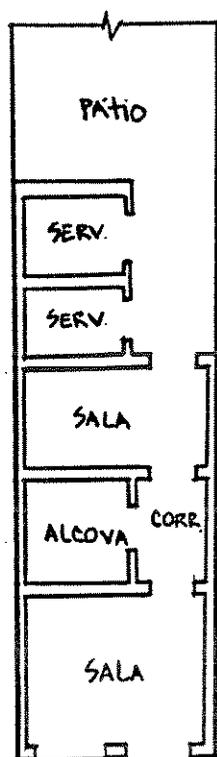
Terça feira, 3 de março de 1835.

"Aluga-se no Rio Comprido huma casa de sobrado nova n.14, com 13 janellas de vidraças para todos os lados; tem huma sala e huma alcova forrada de lindo papel; gabinete a frente, boa sala de jantar com as barras pintadas a oleo, e todos os corredores até a porta da rua; tem grande cocheira com hum quarto para bolieiros, etc. Dirigir-se ali para ver, que as chaves estão nas casas immediatas n.10, e para ajustar á rua Direita n.68".

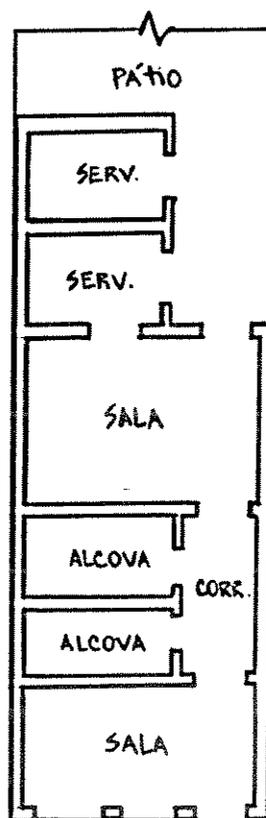
### 3.3. Casas Térreas.

Na maior parte das vezes, as casas térreas se apresentavam apertadas entre construções; sendo assim, a sua planta variava pouco: todas possuíam, como muitas casas nobres e de sobrado, portas e janelas estreitas, pouca ventilação e iluminação, corredores compridos e estreitos, alcovas úmidas e escuras,

cozinhas sem água corrente, ausência de banheiro, áreas e quartos de despejo aglomerando os dejetos dos vários habitantes etc. As Plantas B e C<sup>120</sup> ilustram as distribuições mais tradicionalmente usadas no espaço interno de casas térreas, como algumas das que foram vistas pelos viajantes nas ruas do centro e, principalmente, nos arrabaldes da cidade. O mais comum era a existência de uma sala



PLANTA B.



PLANTA C.

na frente da moradia, com um corredor lateral, que servia a todos os cômodos, uma ou duas alcovas, sala de jantar, cozinha, despensa

(que podia servir também de quarto para os escravos e/ou quarto de despejo) e, nos fundos, um pequeno pátio.

Em 1819, Leithold viu na cidade casas de dois, três e até quatro pavimentos, mas escreveu que a maioria delas era de apenas um pavimento. Leithold relatou que quase todas essas casinhas tinham uma única janela dando para a rua, a qual, em muitas, era inteiramente de madeira e fechada por "uma grade de trama apertada" (as rótulas), assim como a porta exterior, que também servia de janela --as janelas e a parte de cima das portas de rótula freqüentemente abriam se projetando para fora, o que atrapalhava sempre a passagem das pessoas pelas calçadas, que já eram estreitas. O prussiano escreveu ainda que a porta de entrada dessas casas dava em uma exígua sala, que tinha ao lado uma alcova e, para o quintal, a cozinha e um pequeno quarto com uma janelinha de vidro por onde entrava a luz.<sup>121</sup>

Leithold visitou também a pequena casa de um outro prussiano, o General Hogendorp, que morava com um casal de escravos no alto da encosta do Corcovado. Apesar de possuir bastante espaço para ter uma moradia maior, o excêntrico Hogendorp vivia em uma casa térrea com uma porta e duas janelas na frente, com uma espécie de alpendre, ou varanda, sustentado por quatro colunas de madeira. Dentro da casa havia uma sala, dois cômodos pequenos --um servindo de adega e o outro com uma escrivaninha e uma pequena biblioteca--, e o quarto do general, com a sua famosa cama. A dita tinha o formato de um sarcófago, era envernizada de preto e guarneçada de gavetas e um mosquiteiro<sup>122</sup> --com mais um

detalhe, as paredes do quarto também eram pintadas de preto, tendo sido descritas ainda por outros viajantes que visitaram a propriedade de Hogendorp, como Maria Graham, em 1821, e Ernst Ebel, em 1824.<sup>123</sup> Atrás da moradia havia uma outra casa "bem menor", que constava de um quarto para o casal de escravos e seu filhinho, e um depósito e uma cozinha; no quintal, um rancho coberto de palha servia de abrigo para o cavalo do general, quatro vacas e alguns porcos.<sup>124</sup>

O anúncio do Jornal do Commercio, a seguir, é de uma casa térrea com (pouca) mobília que estava para alugar na rua do Lavradio:

Sabbado, 5 de janeiro de 1828.

"Alluga-se por alguns mezes huma casa terrea na rua do Lavradio com salla, alcova, hum quarto, salla de jantar, dispença, cosinha e quintal, tambem se alluga com a mobilia que na mesma se acha que he cadeiras, mezas, sofa, e trem de cosinha, a quem se faça precizo póde fallar na praça da Constituição em huma loja de ferragem n.18, ou na rua do Valongo ao sahir á praia no sobrado por cima da venda para se tratar do ajuste".

No inventário, de 1823, do senhor Ignacio Miguel Pinto, cuja inventariante foi sua esposa, D. Aucencia, aparece na lista uma única morada de casa térrea assobradada:

"(...) avaliamos uma morada de caza terria assobradada... fazendo canto ao Beco do Piolho cuja tem de vão noventa e dois palmos e de fundo sento e oitenta e dois, a sua formação em ambas as frentes pedra e cal com hú portal enove janelas de peitoril tudo de cantaria com seos caixilhos de vidraça e parede do lado... e frontal de tijolo e do mesmo as suas devisões, a parede do fundo de tijolo... salas quatro alcovas, salas de jantar seos quartos para comodos sala de ispera despença e cozinha com sua cavelheriça com portão de coxeira de madeira todas forradas e assoalhadas a cozinha ladrilhada de cantaria, todas as portas e janelas com seos caixilhos e bandeiras de vidraça no quintal seu poço com bordadura

de cantaria, ...-----1.200\$000".<sup>125</sup>

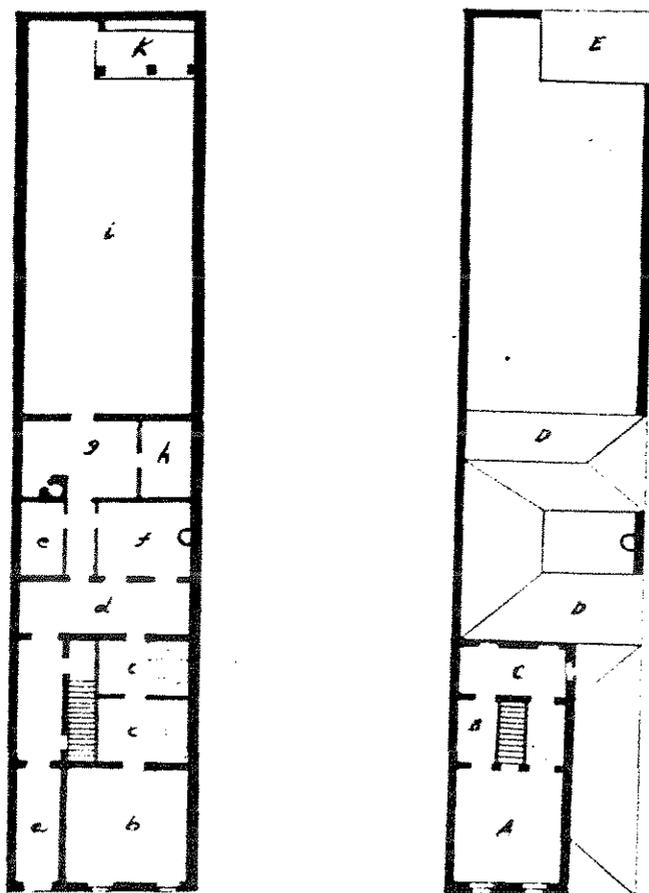
Considerarei importante usar a descrição da casa térrea acima, pertencente à família do senhor Ignacio, devido ao fato de que estudaremos também as listas de trastes de madeira, louça e vidros, constantes do mesmo inventário, no decorrer do capítulo 4.

Voltemos agora ao inventário de D. Izabel Helena do Amaral Laemmert, falecida em 1850, e à descrição da casa térrea com sobrado no fundo, onde estava instalada a tipografia:

"Huma casa terrea na rua dos Invalidos numero sessenta e hum com sobrado no fundo, a qual tem de frente sessenta palmos, de fundo cento e oitenta e trez e de quintal cento e noventa e sete ditas, sua formação na frente de pedra e cal, com hum portão, e quatro janellas e aos lados destas duas portadas, que dão entrada para um e outro lado, todas de cantaria, as paredes dos lados de pilares, e paredes dobradas, no fundo o sobrado formado sobre pilares, e paredes dobradas com treze janellas para os lados e fundo, huma porta com escada de cantaria, que desse para o quintal, tudo com portaes de madeira dividido com huma varanda no fundo salla de visita, quatro quartos, salla de jantar, e duas cosinhas tudo forrado, menos huma cosinha. A loja toda em armases assoalhado de asphalto que serve de officina de Tipographia. Ao lado da frente no pavimento terreo com hum quarto assoalhado, e forrado, tendo de hum lado da casa trinta palmos de terreno, e do outro lado dez ditos que ao todo prefaz cem palmos, avaliada em dezoito contos de reis".<sup>126</sup>

Vamos aproveitar este estudo e parar nossa cadeirinha à porta da residência de Monsieur Debret, no bairro do Catumbi, no Rio de Janeiro.<sup>127</sup> A Planta D<sup>128</sup> mostra a divisão interna de uma residência média urbana, térrea e assobradada, e as reproduções das fachadas frontal e oposta -- esta última voltada para o quintal, nos fundos da construção. No primeiro pavimento: (a) é o longo corredor; (b) a sala de visitas com duas janelas para a rua; (c) são duas alcovas escuras, com uma porta de comunicação entre elas;

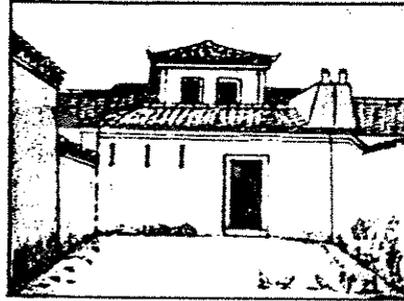
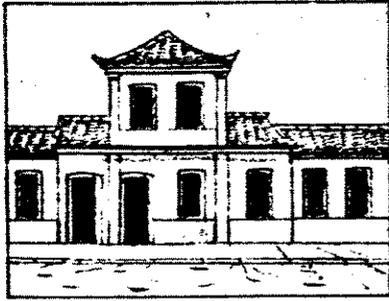
(d) é a sala de jantar; (e) a copa; (f) é uma área com poço; (g) é a cozinha; (h) o quarto dos escravos; (i) o pátio interno, quintal, ou jardim; (k) é a estrebaria. Note-se que, para chegar à estrebaria, o(s) cavalo(s) do morador (no caso, Debret) deveria(m) entrar pela porta da frente, atravessar o corredor, a sala de jantar e a cozinha... Mas vamos ao segundo pavimento: (A) é o quarto com janelas; (B) o corredor; (C) o gabinete com janelas dando para os telhados; (D) são os telhados; e (E) o telhado da estrebaria.<sup>129</sup>



Planta Baixa (primeiro e segundo pavimentos).



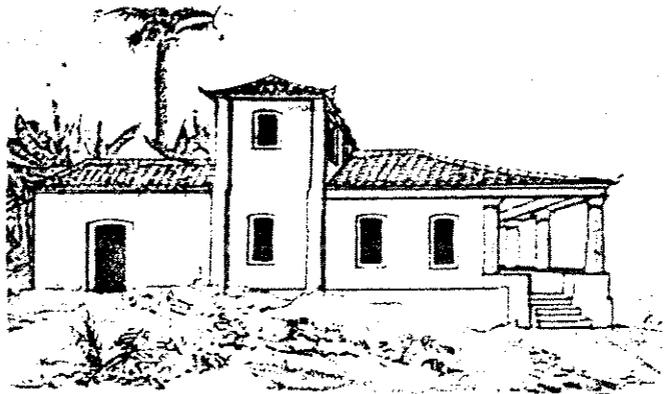
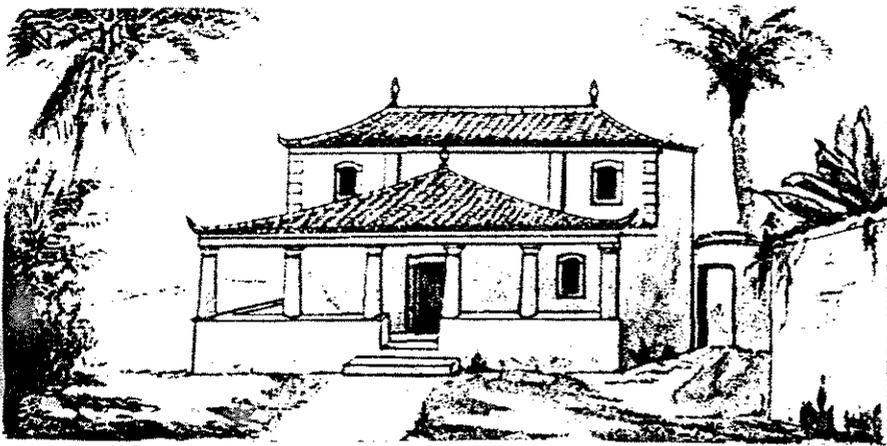
Fachadas.



PLANTA D -- "Pequena casa brasileira de cidade", por Debret.

Segundo Robert Smith, a casa térrea era o tipo de residência usada pelos elementos mais pobres da população; porém, a partir de fins do século XVIII e início do XIX, a casa térrea passou também a ser a forma de construção preferida por muitos ricos proprietários de chácaras luxuosamente mobiliadas, localizadas nos arredores do Rio de Janeiro.<sup>130</sup> A **Planta E**,<sup>131</sup> também de Debret e denominada por ele de "Pequena casa brasileira de campo", se constitui de planta baixa e vista das fachadas frontal e lateral de uma casa de chácara. Debret comparou esta planta à casa romana, que julgava ser a matriz da casa de fazenda fluminense (Kidder também notou algumas semelhanças entre esse tipo de construção e as casas de Herculano e Pompéia). Vejamos suas divisões: (1) é a grande varanda, que toma toda a frente da casa; (2) o altar para o oratório --como as chácaras costumavam ficar afastadas da cidade, o oratório se tornava ainda mais indispensável. Muitos proprietários rurais recebiam aos domingos o capelão para rezar missa e, assim, o altar devia ficar colocado





Fachadas da Planta E.

Em 1837, o Reverendo norte-americano Kidder se encantou com as chácaras que viu na rua do Engenho Velho:

"(...) alinhada de residências das famílias mais ricas, cada qual cercada de sua chácara com a sua vegetação constante de mangueiras, laranjeiras, e palmeiras, misturadas a flores dos mais brilhantes coloridos no fim da qual alcança-se a base da montanha" (serra da Tijuca). "Aí se veem muitas vilas pitorescas, com varandas na frente, tendo muitas vezes na entrada um grande portão de ferro, onde, às tardes, a família se senta, e distrae as suas horas de lazer vendo passar os transeuntes. Essas residências de campo são construídas em estilo que condiz com o clima quente. O frontão e as

cornijas das casas são ornamentadas de arabescos, num fundo azul vivo. Nenhuma chaminé fumegante deforma os telhados; as paredes brancas reluzem entre a folhagem escura, ou formam forte relevo contra os flancos abertos da montanha".<sup>134</sup>

Em 1865, o casal Agassiz, em um passeio à Laranjeiras, também notou as chácaras, como a da Planta anterior, com casas baixas rodeadas de largas varandas e cercadas de "jardins magníficos". E perceberam que à medida em que se afastavam mais do centro da cidade, tais chácaras iam rareando.<sup>135</sup>

#### **3.4. Iconografias de Construções.**

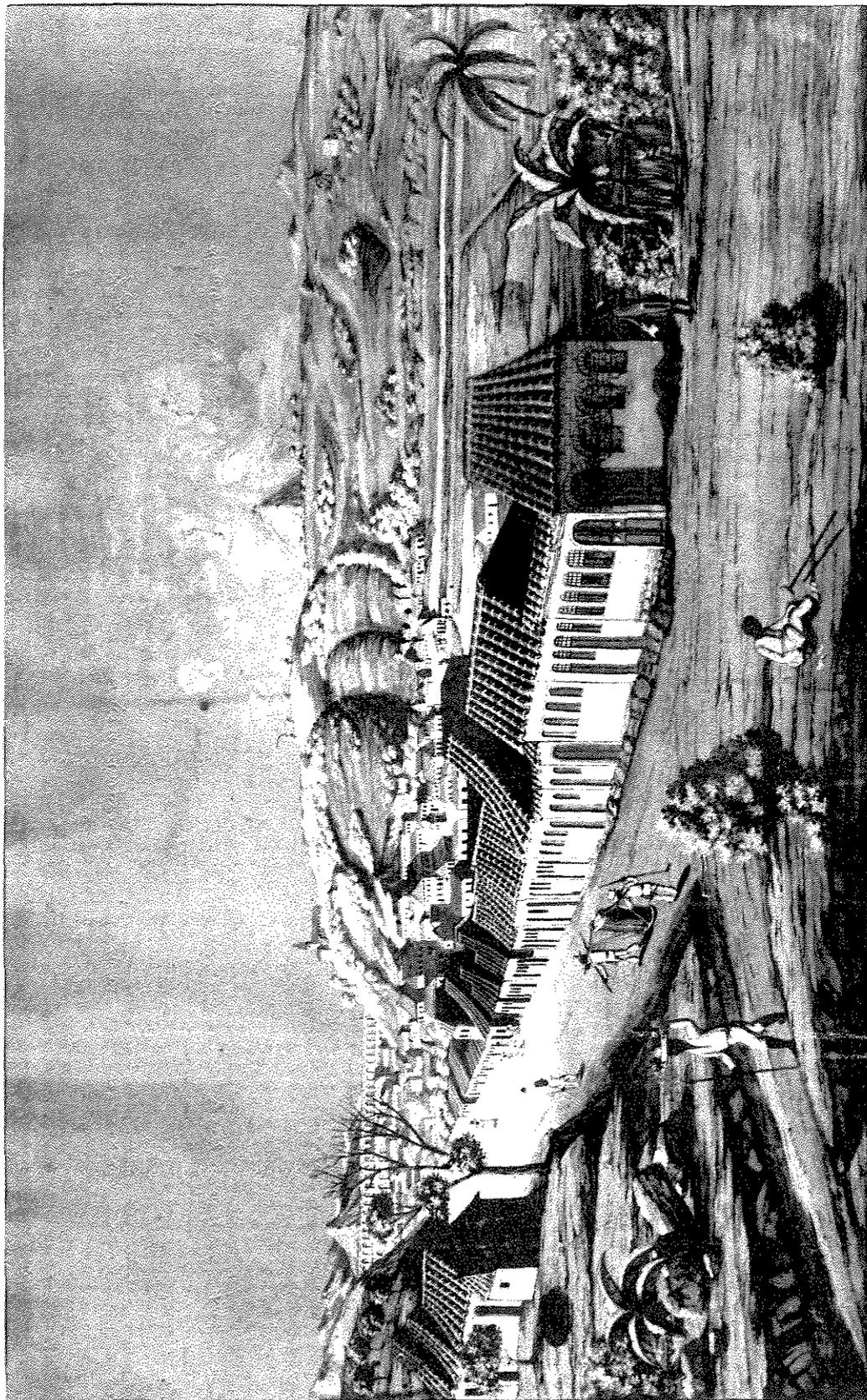
Veremos agora exemplos de iconografias onde aparecem aspectos da arquitetura externa de alguns dos tipos de construções que acabamos de estudar. A Ilustração IX, "Casas na rua Matacavalos",<sup>136</sup> atual rua Riachuelo, foi talvez um dos primeiros registros do comerciante inglês Richard Bate, pois é de 1808 e Bate chegou ao Rio no final de 1807. As duas casas térreas apresentam rótulas formando desenhos variados nas portas e janelas; a parte superior possui caixilhos que são presos por dobradiças que permitem que as rótulas sejam abertas, se projetando para fora, o que atrapalhava sempre a passagem das pessoas pelas calçadas estreitas. Essas partes móveis eram abertas com as mãos, ou a cabeça, e os habitantes se colocavam reclinados com a cabeça por baixo da parte inferior das rótulas, se apoiando sobre os cotovelos, conforme observou Henderson em 1821.<sup>137</sup> Através das



treliças das rótulas, as raparigas e as senhoras observavam, sem serem vistas, todo o movimento da rua. As referidas treliças permitiam ainda a circulação de ar dentro de casa. Na casa à direita, uma escrava, sentada à porta, descansa com seu filho pequeno. Em cima da rótula da janela da casa no centro, vemos representado um papagaio e uma gaiola. O sobrado à esquerda contrasta um pouco com a simplicidade das duas casas térreas, já que possui vidros na janela (em 1808?) do segundo pavimento --o fato de esse sobrado ter sido representado com vidros na janela de cima, talvez indique que esse desenho de Bate não é de 1808, mas sim posterior à ordem que proibiu o uso de rótulas e gelosias nos sobrados, impondo o uso das janelas de vidraça, em junho de 1809.

A Ilustração X é um trabalho de Franz Frühbeck (1817).

"Um subúrbio do Rio de Janeiro perto de Saco do Alferes"<sup>138</sup> mostra uma longa fileira de casas térreas caiadas de branco, com exceção da primeira que é de tijolos aparentes e possui "escuros" nas janelas. A segunda casa apresenta uma novidade para os cariocas do período --as janelas com vidros encaixados na parte superior, o que permitia a entrada de luz, e ainda poupava seus moradores dos olhares indiscretos dos transeuntes. Na rua, dois negros passam carregando uma cadeirinha com cortinas; à esquerda, um outro negro carrega à cabeça um cesto com frutas, e, no centro, mais um personagem aparentemente examina seus pés, enquanto descansa. No fundo da ilustração se encontra o enorme aqueduto que abastecia de água os chafarizes da cidade do Rio de Janeiro.



72 ILUSTRACÃO X -- "Um subúrbio do Rio de Janeiro perto de Saco do Alferes", de Franz Fröhbeck, 1817.

A aquarela "Rio de Janeiro",<sup>139</sup> Ilustração XI, de Debret, mostra uma rua larga do centro da cidade e serve para vermos os diferentes tipos de construções das ruas principais, e também do costume, já mencionado, de manter, nas casas de sobrado de ruas comerciais, a loja no primeiro pavimento e a moradia no segundo. Na casa da esquerda pode-se identificar bem esta divisão: no centro da construção se encontra uma grande porta que dá acesso ao estabelecimento comercial; no vão, à direita da construção, uma escada leva ao segundo pavimento, onde reside a família, que, neste momento, se encontra descansando na grande varanda --a qual possui arcos de aparência árabe. A casa do meio, térrea, simples e aparentemente dividida em duas (geminadas), tem, no alto de suas portas e janelas de rótulas, um vão que permite a circulação de ar e a entrada de alguma luz, mas que fica fora do alcance dos olhos dos transeuntes. Geralmente, as construções que não tinham o seu andar térreo ocupado pela "loja" ficavam com o aspecto meio sombrio, devido ao uso das rótulas. No caso de casas geminadas, as divisões internas de uma correspondiam exatamente às divisões da outra; notar, ainda, o mirante, comum às duas casas. A casa da direita, um sobrado, possui balcões individuais de madeira no segundo pavimento e toldos de proteção, que se encontram enrolados. No centro comercial, esses balcões costumavam ser pintados de cores vivas, como rosa, azul, amarelo, verde, etc.; já os toldos costumavam ser listrados, às vezes de vermelho e branco, por exemplo.<sup>140</sup> No andar térreo desse sobrado, vemos a janela, também com rótulas, e a porta entreaberta resguardada por uma grade baixa,



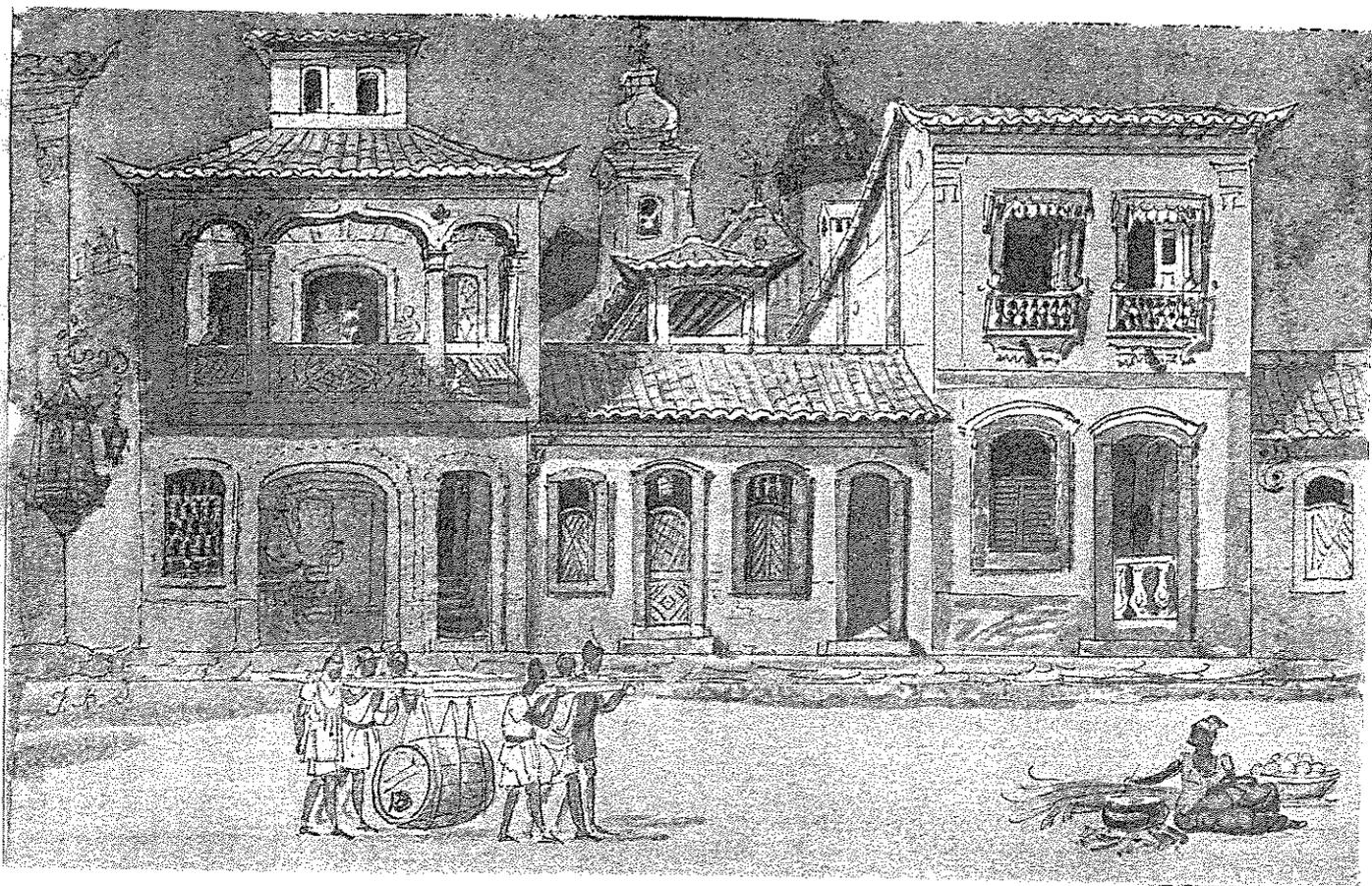


ILUSTRAÇÃO XI -- "Rio de Janeiro", de Debret, década de 1820.

de travessas de madeira, "protegendo" a entrada. Notar, ainda, os desenhos variados das rótulas das janelas e os umbrais grossos que eram usados em todas as casas --muitos desses umbrais eram feitos com os granitos cinza ou coloridos fornecidos pelas pedreiras locais. Os telhados das construções são de 2, 3 ou 4 águas, com grandes beirais em forma de asas de andorinha (uma influência

oriental), sem calhas, apoiados nas cornijas e avançando sobre a calçada, onde deveriam despejar a água das chuvas. No canto esquerdo do desenho, aparece representado um dos inúmeros oratórios da cidade. E, no centro da rua, calçada de pé-de-moleque, uma negra prepara seus quitutes no grande caldeirão, enquanto um grupo passa carregando aos ombros um enorme barril --esse método, de amarrar o objeto a ser transportado com cordas e suspendê-lo com varas que se apoiavam aos ombros dos carregadores, era um dos métodos usados para transportar móveis muito pesados e/ou frágeis, como pianos, cômodas, grandes armários com vidros, como veremos no capítulo 6, referente à **Trastaria nas ruas**.

Trataremos a seguir do que foi visto nos interiores das moradias pelos inúmeros viajantes estrangeiros que estiveram na cidade do Rio de Janeiro no início do século XIX. Enquanto os anúncios de jornais, como os que vimos no capítulo 2, mostram claramente a variedade dos trastes que se tornaram então disponíveis, a iconografia e as descrições dos viajantes permitem uma visão mais detalhada do que era adquirido --por exemplo, os estilos do mobiliário, as características dos utensílios, etc.-- e de como as pessoas, de diferentes condições econômicas, utilizavam e organizavam os (novos) objetos em suas residências.

**CAPÍTULO 4**

#### 4. OS INTERIORES VISTOS PELOS VIAJANTES.

Neste capítulo estudaremos as iconografias de interiores de residências e as descrições dos viajantes que passaram pela cidade do Rio de Janeiro no período estudado. O objetivo é o de tentar perceber o que havia de trastaria (no caso, móveis, objetos e utensílios de uso e adorno) em cada tipo de interior retratado, e como essa trastaria teria sido organizada e utilizada. Devido a isso, procurei organizar as ditas iconografias, começando pelas de interiores mais suntuosos, passando pelos de média fortuna, chegando assim aos mais pobres (e, algumas vezes, até mesmo aos paupérrimos). Um outro detalhe interessante é poder ver nitidamente, em algumas das iconografias, os já referidos **símbolos de status**, considerados tão importantes por tantas pessoas, como o piano, uma cadeira de espaldar e de estilo, um sofá, uma escrivaninha, ou console de **último gosto**, um rico traje, etc., ou ainda o número às vezes grande de escravos em um interior que proporcionava muito pouco, ou nenhum, conforto aos seus habitantes. Veremos também parte da lista dos bens do inventário, de 1850, de D. Izabel Helena do Amaral Laemmert, já citado no capítulo 3, e de outros dois inventários, cujos conteúdos considerei significativos. A utilização destes inventários se fez necessária numa tentativa de completar e contrastar com as descrições dos viajantes e, conseqüentemente, ampliar o estudo do recheio das moradias da época em questão. No capítulo 2, vimos os trastes que estavam chegando à cidade, entre outros que estavam aqui sendo produzidos, e sendo

oferecidos a quem por eles pudesse (e quisesse) pagar. No capítulo 3, estudamos a divisão interna dos tipos de construções mais usados; e agora vamos ver o que havia de recheio nessas construções. Dessa forma, passo a "pena" aos senhores viajantes...

#### 4.1. Salas.

Alguns viajantes se surpreenderam com a pobreza do mobiliário de certas residências cariocas da primeira metade do século XIX, apesar de nessa época o comércio e a confecção de móveis estar evoluindo e se adaptando à nova realidade inaugurada com a vinda de D. João VI e de numerosos comerciantes estrangeiros. Mesmo nas casas de alguns senhores abastados a mobília consistia apenas de camas, cadeiras, marquesas, baús, mesas --e muitos ainda dormiam em redes.<sup>141</sup> Segundo Debret, a marquesa era uma espécie de cama de forma etrusca que "de dia serve de canapé muito fresco e cômodo num país quente".<sup>142</sup> Esses canapés, muitos em jacarandá, tinham o leito constituído por um couro bem esticado, geralmente couro de boi; no decorrer do século XIX, os leitos de palhinha vão se tornando mais comuns, assim como as cadeiras com assento de palhinha, talvez uma exigência do próprio clima quente do país.<sup>143</sup> Em 1817, Louis de Freycinet notou que os mais pobres cobriam suas marquesas com madeira ou, quando muito, com couro; já os mais abastados ainda as revestiam com marroquim ou rotim. Freycinet reparou ainda que a classe mais rica começava a adquirir os móveis elegantes que estavam sendo importados, como espelhos de França,

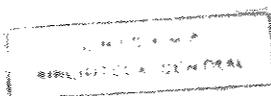
consolos, mesas de jogo, pianos de cauda etc.<sup>144</sup>

Vejamos o depoimento que nos deixou o inglês Luccock, que esteve no Rio entre 1808 e 1818, sobre o mobiliário que viu em algumas salas de residências:

"O mobiliário dos aposentos mais elegantes é escasso e pobre. Vêem-se neles, em geral, um sofá de madeira, ao mesmo tempo tósco e fantástico no formato, acompanhado de umas poucas cadeiras de modelo semelhante; muitas delas são pintadas de vermelho e branco e ornadas de grupos de ramalhetes de flores, (...)"<sup>145</sup>

Essas cadeiras a que Luccock se referiu podiam ser exemplares do período de transição do estilo D. José I para o D. Maria I (fins do século XVIII), cujas características eram as pinturas e os embutidos, ou entalhes, floridos, muitas vezes em vermelho. Motivos como frutas e flores da terra são características dos móveis feitos no Brasil naquela época.

Em salas mais modestas, Luccock viu apenas o sofá, ou então duas ou três cadeiras; e, por vezes, "uma mesinha com alguns objetos religiosos e instrumentos usados nas suas cerimônias"<sup>146</sup> - o oratório geralmente consistia de um armário (grande ou pequeno, simples ou rico) com duas portas almofadadas, tendo, no seu interior, uma ou mais imagens de santos, iluminados por uma lamparina, ou vela de cera protegida por manga de vidro. O oratório podia ser colocado sobre uma cômoda, uma papeleira ou uma mesinha,<sup>147</sup> e costumava não faltar nas residências, pois, dessa forma, as senhoras faziam as suas orações em casa e, muitas delas, só saíam para a missa aos domingos ou dias santos, e mesmo assim acompanhadas pelos respectivos maridos.<sup>148</sup> Nas casas mais nobres



e nas chácaras, além do oratório, havia uma capelinha com altar, ou mesmo um nicho num dos lados da varanda da frente (como vimos na Planta D, no item 3.3). Arago, em 1817, considerou que custava pouco mobiliar uma casa no "estilo brasileiro", e escreveu que uma sala de estar estaria bem mobiliada se contivesse meia dúzia de cadeiras e um sofá, sendo uma mesa e um móvel com gavetas indicações de luxo. Já em 1820, em uma segunda visita à cidade, Arago notou diferenças no trastejar dos interiores das residências, os quais considerou então um pouco mais sofisticados.<sup>149</sup>

O príncipe alemão Maximiliano de Wied-Neuwied, que esteve no Rio entre 1815 e 1817, foi mais um que não se satisfez muito com o que encontrou nos interiores das moradias. O nobre Maximiliano descreveu a pobreza das residências mais abastadas de então, dizendo faltarem móveis e requinte: "Nenhum quadro, um medalhão, um troféu de caça". Viu esteiras, redes e sólidos tamboretas com assento de couro de boi, e disse que a prataria, as toalhas de renda, as almofadas de plumas, e a água morna nas bacias de prata do Porto eram destinadas apenas aos hóspedes.<sup>150</sup> Já Maria Graham, em 1823, considerou que o Rio recebia na época um "maravilhoso polimento" e que tudo estava adquirindo um "tom europeu". Graham havia estado em casa de algumas pessoas de melhores posses como a Sra. Rio Seco, cuja casa tinha salão de baile, salão de música, uma gruta e fontes, além de outros aposentos extremamente belos, ornados com relógios franceses e cortinas de seda.<sup>151</sup>

O americano Thomas Ewbank, no Rio em 1846, fez uma visita a uma residência de nível modesto, provavelmente um sobrado, na rua

do Catete, e observou os detalhes da decoração tropical da sala de visitas da moradia, enquanto esperava ser atendido pelo dono da casa; escreveu Ewbank:

"Antes de sua chegada tive tempo de observar que a aparência e a mobília da sala eram indicativas do clima tropical; teto alto, assoalho coberto de esteiras, cadeiras e sofás com assentos de palhinha, paredes recobertas de papel, mas nada semelhante a tapetes, passadeira, cortinas, lareiras e outras coisas essenciais às nossas salas de visitas".<sup>152</sup>

Com o tempo, os cariocas também passariam a ornar suas residências com tapetes, passadeiras, cortinas etc., sendo que muitos já o faziam, o que contribuía para tornar as casas ainda mais quentes e empoeiradas. Apenas as lareiras, essenciais no aquecimento das construções dos países mais frios, não se tornaram de uso comum; para os habitantes do Rio no período, o fogo tinha a função de cozinhar os alimentos e iluminar os ambientes, porém, raras vezes, de aquecer. Os castiçais com mangas de vidro, as serpentinas e os ricos relógios, que nos países frios costumavam ser colocados sobre a lareira, eram aqui colocados sobre uma mesa.

Na lista do inventário, de 1822, de José Duarte dos Santos, que deixou viúva e dois filhos, podemos perceber como era sumário o interior de sua moradia. O referido inventário começa com a descrição de um terreno repleto de árvores frutíferas, mas não faz referência alguma à moradia da família (se é que o casal possuía uma, e não vivia de aluguel). Mas vejamos a lista completa dos **trastes de madeira**:

"- 12 cadeiras de jacarandá com palha uzadas-----28\$800  
-- 1 meza comoda dita embotida velha-----11\$000



-- 1 meza de hú pé com tabua redonda-----3\$200  
 -- 1 comoda antiga de madeira branca  
 com frente de jacarandá-----8\$000  
 -- 1 tocador dito pequeno velho-----\$480  
 -- 1 oratorio de madeira branca (...) com vidros velho---4\$800  
 -- 1 Imagem da (Conceição) de madeira & S. Anna &  
 S. Ant. & Imagem do (Senhor)-----15\$000".<sup>153</sup>

Não há aqui o registro da existência de camas, ou mesmo de uma marquesa; assim, imagino que o casal e seus dois filhos dormissem e repousassem sobre esteiras, ou em redes. Mas lugar para se sentarem, havia: doze cadeiras de jacarandá com palhinha. Interessante também é a falta de baús e a referência a uma cômoda branca, disfarçada de cômoda de jacarandá; e, ainda, a ausência de qualquer tipo de traste de higiene (dos quais trataremos no item 4.6) e a presença do oratório, o qual, como mencionei há pouco, não costumava faltar. Por outro lado, o casal possuía entre seus "bens" 16 (!) escravos jovens (entre 16 e 45 anos), no valor total de 1:817\$600, e alguns objetos de prata (constando de um faqueiro completo, dois castiçais, uma salva, um pratinho e uma tesoura), que valiam 168\$000, mais do que o dobro do valor dos trastes de madeira.

No inventário, de 1823, citado no capítulo 3, do senhor Ignacio Miguel Pinto, o qual também deixou viúva e dois filhos pequenos, aparece listada apenas uma "morada de caza terrea assobradada", onde morava a família. O casal tinha, a seu serviço, uma cozinheira e uma ajudante com seu filho pequeno, e dois negros de ganho (um oficial de pedreiro e um barbeiro e sangrador), que trabalhavam fora de casa. Na lista deste inventário já podemos notar uma maior preocupação com o conforto no interior da moradia

da família. Os **trastes de madeira**, que transcrevo a seguir, são os que imagino que pudessem fazer parte das salas de estar da residência --o resto da tralha, incluindo móveis da sala de jantar e dos quartos, a louça, os vidros e os trastes de higiene, veremos nos próximos itens:

"- 18 cadeiras de jacarandá com acento de palha embotidas uzadas-----18\$000  
 -- 2 mesas ditas de abrir com pano-----8\$000  
 -- 1 marqueza dita com acento de sola-----8\$000  
 -- 2 ditas com acento de palha uzadas-----10\$000  
 -- 1 dita com acento de madeira-----3\$000  
 (...)  
 -- 2 mesas de vão de parede de ditas-----6\$000  
 -- 2 mesas ditas coadradas com pano-----7\$000  
 -- 2 mesas de madeira branca oitavadas com pano-----8\$000".

E também os objetos de iluminação:

"- Hum par de serpentinas de trez luzes com seu uzo----20\$000  
 -- Hum par de dito de duas luzes-----12\$800  
 -- Hum par de castiças-----6\$400  
 (...)  
 -- 9 mangas de vidro para luz-----10\$260  
 -- 1 vidro de lampião sem os pertences-----1\$280  
 -- 2 castiçais de vidro com pés de casquinha-----2\$560  
 -- 4 castiçais de louça da India matizado e dourado-----3\$200".<sup>154</sup>

É necessário esclarecer que a lista dos trastes de madeira dos inventários não apresenta divisão por cômodos; sendo assim, precisamos sempre procurar imaginar que móveis deveriam ornar cada ambiente. Nesse caso, imagino que algumas dessas dezoito cadeiras de jacarandá, com acento de palhinha, se encontrassem na sala de jantar da moradia; e que algumas dessas marquesas devessem se encontrar espalhadas pelas quatro alcovas; e, ainda, que nem todas as mesas listadas ficassem entulhando apenas as salas...

Vejamos agora a lista dos **trastes de madeira** do farto

inventário, de 1850, de D. Izabel Helena do Amaral Laemmert, que, como me referi no capítulo 3, era um membro da família de proprietários da tipografia mais importante da cidade do Rio de Janeiro no período, daí, talvez, o por que da sua maior sofisticação. Da lista a seguir constam apenas os trastes que suponho fizessem parte das salas da moradia; o restante dos trastes do inventário veremos transcritos nos próximos itens:

"(...)

```
-- Hum sofá de crina de mogno estragado-----10$000
-- Huma meza de escriptorio de madeira branca com
   quatro gavetas e huma estante usada-----6$000
-- Huma pequena estante de madeira branca para livros----1$000
-- Hum relógio de parede com madeira dourada-----6$000
-- Hum banco de palhinha de madeira branca-----6$000
-- Hum sofá de pau-----2$000
-- Hum dito de palha ordinario-----2$000
-- Trez mezas pequenas de madeira branca-----4$800
-- Deseseis cadeiras de mogno uzadas com uma lyra-----32$000
-- Hum sofá de jacarandá com trez travesseiros-----30$000
-- Huma meza redonda de mogno-----24$000
-- Hum Piano de cauda em bom uzo-----800$000
-- Huma pequena mesa de jacarandá com pedra marmore----16$000
-- Dous consolles de mogno com pedra marmore-----32$000
-- Dous bancos de piano de mogno uzados-----10$000
-- Huma meza console com seu espelho-----30$000
-- Hum sofá de crina uzado-----10$000
-- Hum tapete de sofá uzado-----2$000
-- Huma marquesa de jacarandá uzada-----10$000
-- Huma dita de jacarandá com sua armação avaliada em---12$000
-- Huma mesa de pinho para engomar-----5$000
-- Deseseis cadeiras de jacarandá com assento
   de palhinha-----22$400
-- Duas ditas de dito de braços-----8$000
-- Huma dita de pau de braços-----1$000
-- Seis cadeiras leves de palha-----12$000
-- Huma secretaria de mogno-----40$000
-- Huma cadeira de pau de balanço-----1$000
-- Duas mezas pequenas de madeira branca-----2$000
-- Huma marquesa de madeira branca-----3$000
-- Hum sofá de jacarandá com assento de palhinha-----10$000
```

Apesar da grande quantidade de trastes listados, havia

poucos objetos destinados à iluminação dos aposentos; eram eles:

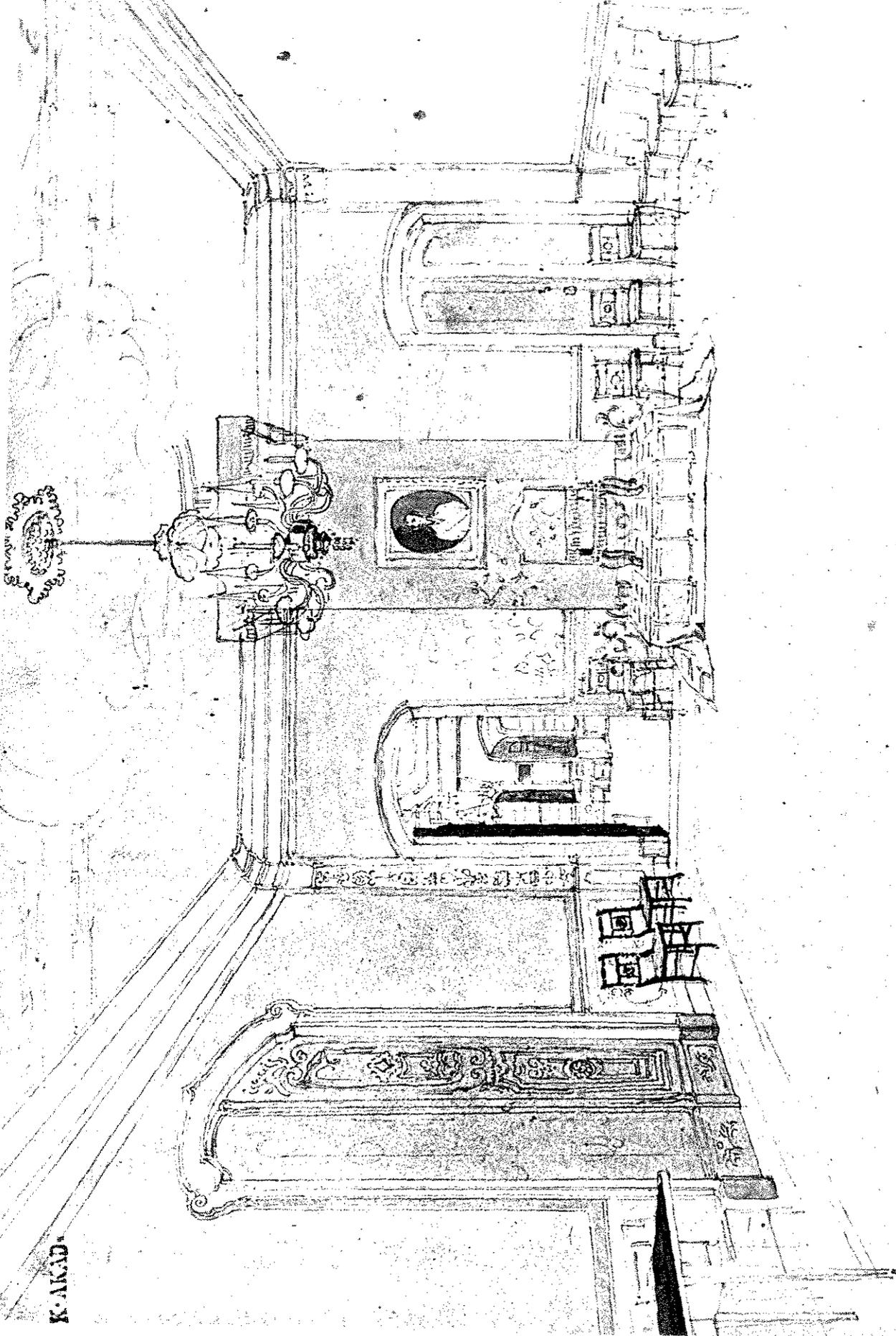
"- Dous lampiões de gas-----12\$000  
-- Quatro castiças de vidro com mangas lavradas-----16\$000  
-- Dois ditos com enfeites de porcelana-----12\$000".<sup>155</sup>

O jovem casal Laemmert também possuía 16 escravos jovens, quase todos trabalhando a serviço da tipografia, e, como pudemos ver no capítulo 3, possuía ainda dois sobrados e uma casa térrea, sendo que nesta última estava instalada a dita tipografia. Assim, como infelizmente os trastes aparecem listados sem referência a que construção, ou cômodos, pertenciam, ficamos sem saber de que forma se encontravam distribuídos pelos inúmeros aposentos. Mas podemos, é claro, intuir que os trastes construídos em madeiras mais caras, madeiras de lei, certamente deviam ornar a casa de moradia do casal Laemmert. Da mesma forma como os trastes de madeira branca ou de pau, caso também pertencessem à moradia dos Laemmert, deviam se encontrar na parte de serviço da casa. Deve-se notar a diferença de preço entre os trastes construídos em madeiras de lei e os construídos em madeira branca, ou de pau; e o valor exorbitante do **piano de cauda** --800\$000-- em comparação como o valor de qualquer um dos outros móveis, ou em comparação com o valor dos escravos, que variavam de 200\$000 a 400\$000. Um outro detalhe interessante da lista é a presença de "dous bancos de piano de mogno uzados": seria o elegante instrumento tocado a quatro mãos pelo jovem casal?

Vamos começar a nossa análise das iconografias de salas de residências deixadas pelos viajantes. Começemos pelas salas de moradias mais suntuosas para, por fim, chegarmos às mais pobres...

O vienense Thomas Ender, quando esteve no Rio, entre 1817 e 1818, ficou hospedado no casarão que havia sido destinado ao Embaixador especial da Áustria, o Conde de Eltz. Ender teve então a feliz idéia de registrar, para sua obra, também alguns dos aposentos do rico palácio. A Ilustração XII mostra o "Salão de recepção do palácio do Conde von Eltz".<sup>156</sup> Nesse desenho, Ender conseguiu retratar um pouco do luxo do interior do palácio. O salão representado é a sala do dossel com o trono sob o retrato do Imperador Francisco, mobiliada pelo Intendente Paulo Fernandes Viana com alfaias da Casa Real,<sup>157</sup> onde ainda vemos a porta, à esquerda, abrindo de par em par e deixando ver uma outra sala também ricamente ornamentada. Notar as diversas cadeiras com características dos estilos ingleses Hepplewhite ou Sheraton, o rico lustre, e os detalhes rebuscados da decoração do reboco das paredes e do teto do salão, com grandes florões entalhados para o lustre.

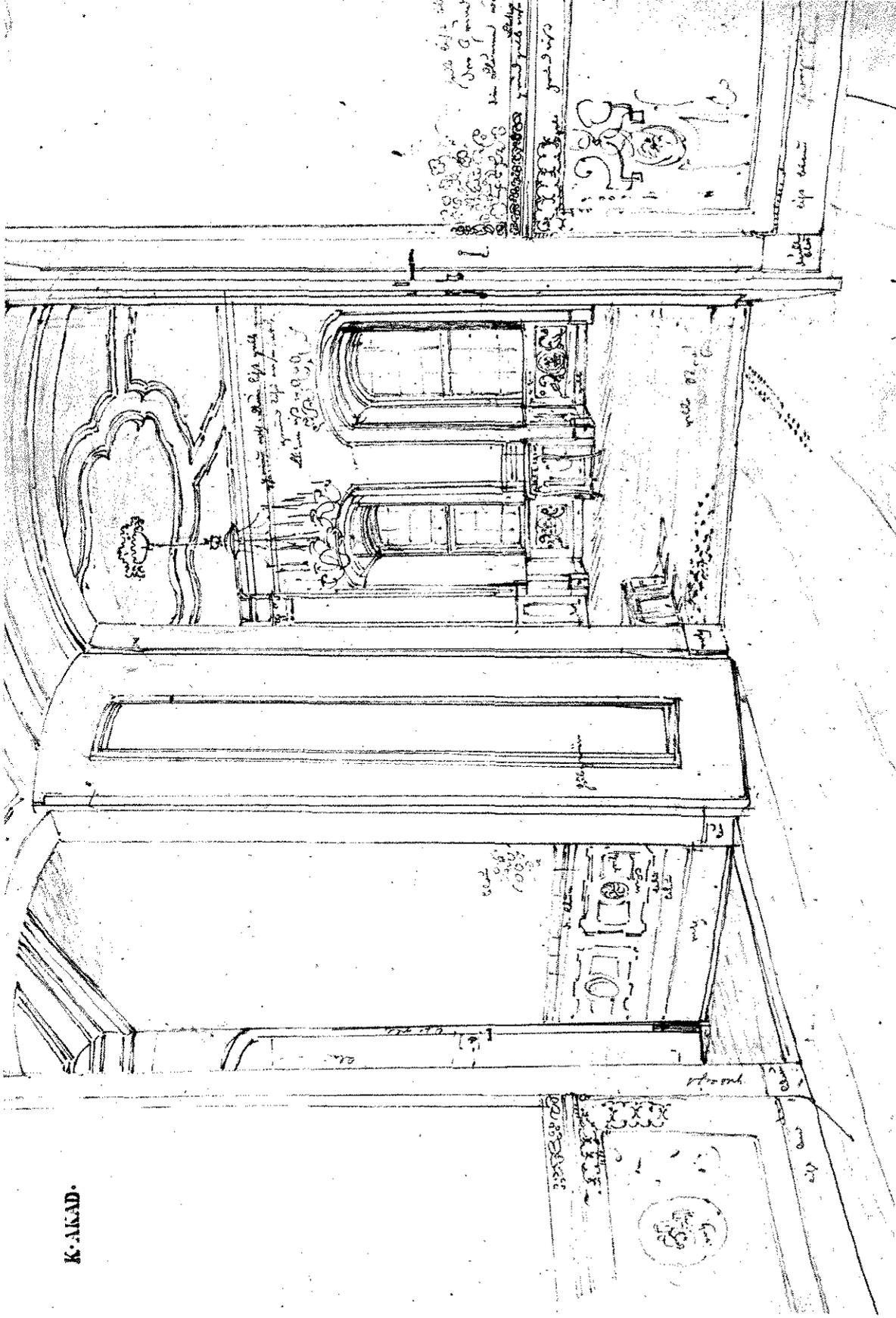
"Interior Barroco",<sup>158</sup> Ilustração XIII, é um esboço, de outro ângulo, ainda do interior do palácio do Conde von Eltz. Nessa ilustração, Ender registrou novamente o **ar barroco** da decoração rebuscada do reboco das paredes, do teto da sala de recepção que se vê ao fundo e do estilo da construção utilizada, com grandes portas pesadas de madeira --cujos vãos são ligeiramente arcados--, e as janelas do mesmo feitio que as portas e separadas por enormes vãos de alvenaria --características típicas de um solar luso-brasileiro.<sup>159</sup>



K. K. K.

86 ILUSTRAÇÃO XII -- "Salão de recepção do Palácio do Conde von Eltz",  
de Thomas Ender, 1817-1818.

K-AKAD.



87 ILUSTRAÇÃO XIII -- "Interior Barroco", de Thomas Ender, 1817-1818.



ILUSTRAÇÃO XIV -- "Entrudo", de Augustus Earle, década de 1820.

A Ilustração XIV, "Entrudo",<sup>160</sup> de Augustus Earle, representa uma animada cena de carnaval em uma casa de família branca, moradora do centro da cidade, onde homens e mulheres atiram limões de cheiro e farinha uns nos outros e nos vizinhos da casa em frente. Uma escrava chega trazendo mais munição. Esta é uma cena interessante, pois foi retratada com alguns móveis, incluindo cadeiras com assento de palhinha, o aparador na parede, à esquerda, acompanhado do indispensável espelho com moldura, e ainda



mostra os famosos balcões com grade de treliça de madeira, vistos de dentro. As casas vizinhas, do outro lado da rua, parecem estar bem próximas, visto que as ruas costumavam ser bastante estreitas.

A Ilustração XV, "Recepção de uma família abastada",<sup>161</sup> lembra bastante a reconstituição feita por Luiz Edmundo de um sarau em interior de residência do século XVIII:

"(...) Não ha, em todo esse recinto vasto e povoado, uma só cortina, um só tapete, um só móvel de estylo, uma estátua ou um quadro. É uma lastima. É o interior brasileiro do século XVIII.

Nas paredes vasiaas e tristes, apenas, como decoração, uma estampa do Santissimo num enquadramento de jacarandá, pesado, feito em estylo rocócó, algumas cruces trifoleadas, em prata massiça, uma aqui, outra alli, outra acolá. Do tecto, ao centro, um lustre vastissimo de trinta e seis velas. Um delirio de luz!

Como mobiliario, renques de cadeiras collantes às paredes, (...)"<sup>162</sup>

"Pelos corredores, por alcovas, por vãos, pelos cantos de sala e quarto vêem-se os escravos collocando mesinhas, cadeiras, banquetas para os baralhos de cartas, dados, tableiros de damas, de xadrez e de gamão".<sup>163</sup>



ILUSTRAÇÃO XV -- "Recepção de uma família abastada", A.P.D.G., 1826.

Na recepção da ilustração, nós vemos as senhoras presentes sentadas em um sofá, tendo uma delas, aos seus pés, o seu "moleque de estimação". Os homens permanecem de pé, exceto o senhor de óculos, que se encarrega da tarefa de acompanhar a senhora ao piano --como vimos, o piano era um instrumento indispensável em qualquer recepção de "bom nível", pois era um móvel muito caro e, sendo assim, um símbolo de **status**. As senhoras parecem usar apenas vestidos leves e decotados, de cintura alta, segundo a moda daquele início de século. Um criado (negro?) chega trazendo o que parece ser uma bandeja, talvez contendo refrescos. Na parede vemos, como na reconstituição de Luiz Edmundo, um quadro de santo (?) com moldura rebuscada, dois crucifixos e, ainda, uma decoração em gesso, ou pintura a óleo, nas bordas das paredes, do teto e ao redor da porta.

O viajante Leithold, em 1819, descreveu uma cena que curiosamente se parece com um trabalho de Debret. Comentou o prussiano:

"O belo sexo (...) pouco se deixa ver por estranhos (...). Eu as via muita vez de dia, quando olhava por curiosidade através das janelas das casas térreas, a dormirem sobre sofás de palhinha, e as crianças pelo chão, sobre as chamadas esteirinhas de escravos".<sup>164</sup>

Debret retratou uma cena de senhora, mãe de família de pequenas posses, em seu lar. Na Ilustração XVI,<sup>165</sup> nós a vemos sentada de pernas cruzadas, à maneira asiática, em uma marquesa. Tal marquesa parece um exemplo de cópia do estilo Diretório francês --pernas retas descendo dos montantes, espaldares da mesma altura revirados



ILUSTRAÇÃO XVI -- "Uma senhora brasileira em seu lar", de Debret, década de 1820.

para fora e com a travessa superior tendo aparentemente o formato de telha; há outra travessa fina e lisa logo abaixo da primeira. O assento é reto e, segundo Debret, em couro de boi esticado; a madeira usada foi o jacarandá. Ao lado da senhora, há um enorme cesto para roupa, que entreaberto nos deixa ver o chicote com o qual ela certamente ameaçava e castigava seus escravos. Uma criada negra trabalha a seus pés, sentada na esteirinha de palha trançada

(provavelmente esta é a mucama da senhora, já que se apresenta melhor vestida e penteada do que a outra escrava que também trabalha, sentada no canto da sala). Um escravo novo chega trazendo numa bandeja um grande copo d'água. A "moça da casa" exercita sua leitura sentada num banco tosco e mantendo a mesma posição da mãe. O piso parece ser em tábua corrida, as paredes pintadas de cores claras e a cornija (molduras sobrepostas, que formam saliências na parte superior das paredes), geralmente em madeira, costuma emoldurar tetos divididos em certo número de segmentos, muitas vezes pintados.<sup>166</sup> Era costume de alguns habitantes do interior cobrir o chão, ou parte dele, e o forro dos aposentos com as esteiras de bambu, fabricadas pelos escravos da casa, e que, com suas cores vivas, ofereciam um conjunto muito alegre, conforme testemunhou Rugendas.<sup>167</sup> A riqueza da roupa da senhora e o número elevado de escravos (cinco) presente na cena contrastam vivamente com a pobreza do mobiliário representado.

A Ilustração XVII, "A Sesta",<sup>168</sup> é um desenho do viajante inglês James Henderson (e litografia de Shoosmatch); ele retrata uma cena comum de senhora de família de posses que, após a refeição do meio do dia, descansa em uma cadeira, vestida apenas com uma leve camisola. Uma jovem mucama abana a senhora, enquanto seu filhinho brinca no chão. Sobre a mesa ainda se encontram alguns dos utensílios usados na refeição, com destaque para um único talher, uma faca de cortar e espetar alimentos. No canto direito, vemos um pedaço de uma porta de treliça e, no fundo da ilustração, temos

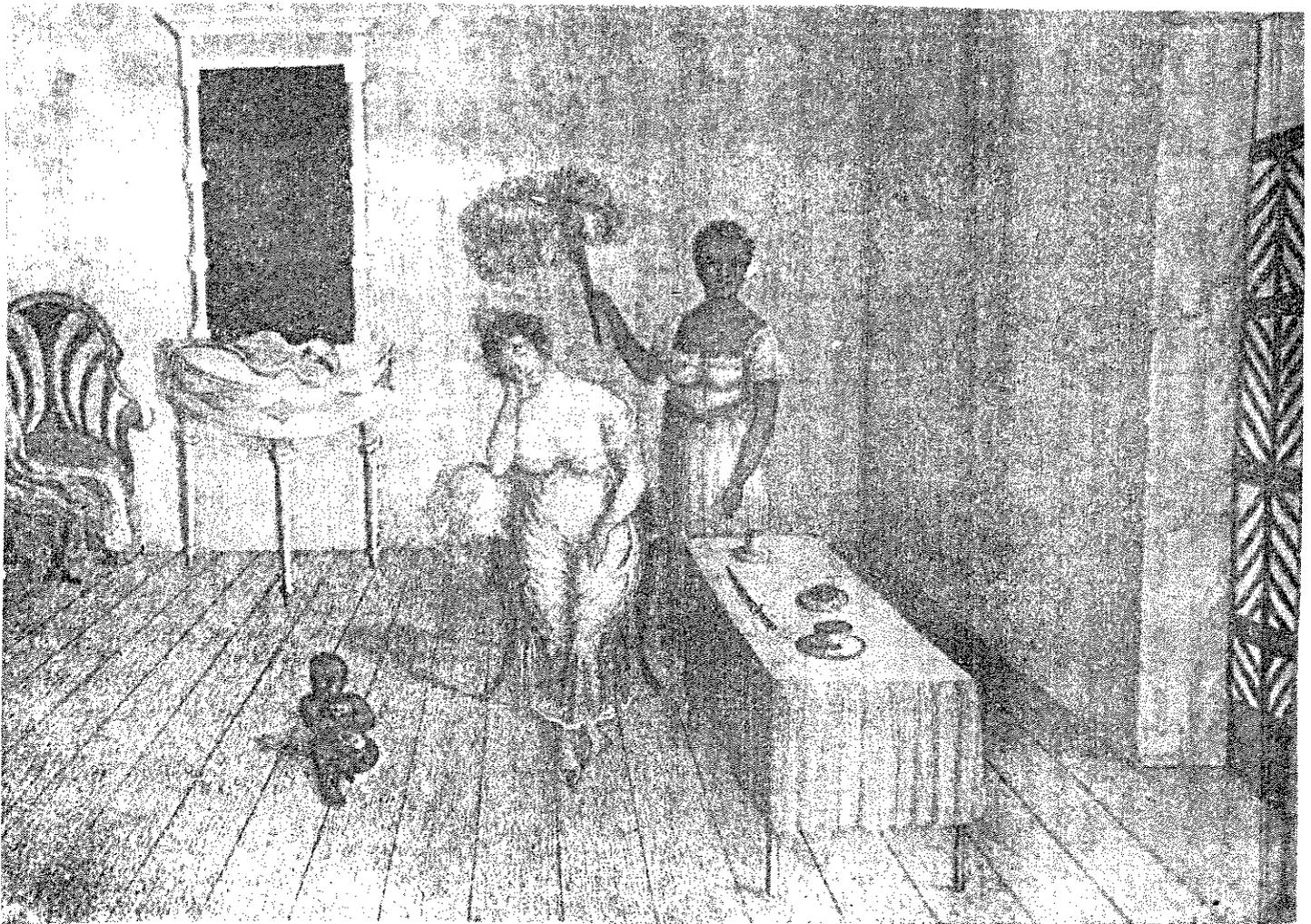


ILUSTRAÇÃO XVII -- "A Sesta", de James Henderson, 1820.

mais alguns indícios da boa situação financeira dos donos da residência: um "consolo" de madeira pintada (provavelmente de dourado), com o tampo em meio oval, moldura lateral do espelho em colunas cilíndricas, e pernas torneadas afinando para baixo -- algumas dessas características eram do estilo Império francês, que se tornou mais comum no Brasil por volta do segundo quarto do

século XIX. O outro sinal de abastança da família seria a cadeira com espaldar em curva e encosto com vazados, e braços também em curva, terminando enrolados para dentro, e com assento estofado, provavelmente forrado de rico tecido.

O artista Thomas Ender denominou "interior de uma casa portuguesa" a uma versão da aquarela de Joaquim Cândido Guillobel, esta última intitulada "escravo extraindo biju do pé do senhor". A Ilustração XVIII<sup>169</sup> mostra a sala íntima de uma família de certas posses. O senhor encontra-se sentado à vontade na desconfortável marquesa, enquanto um escravo lhe extrai um "bicho do pé". A senhora, sentada numa cadeira de espaldar alto e com travessas verticais, também tem um de seus pequenos pés descobertos. Será que ela espera a sua vez? Ao lado da senhora, temos uma mesa alta, retangular, de aparência bastante rústica, sem detalhes e com as pernas afinando ligeiramente para baixo; sobre a mesa encontra-se um ameaçador chicote, objeto aparentemente "indispensável", e mais alguns objetos: um castiçal simples com vela e um comprido recipiente com tampa, provavelmente um pote de barro para água. Na parede, como único enfeite, um espelho com um detalhe na parte superior, parecendo uma moldura aplicada e bastante entalhada, com diversas volutas, algo de aparência rococó. Uma escrava sai carregando um barril nas mãos (barril de água ou barril de despejo? Difícil saber, pois, por mais incrível que pareça, costumavam ser iguais) e uma criança negra amarrada às suas costas, a qual parece, inclusive, segurar algo parecido com um crucifixo. Uma outra

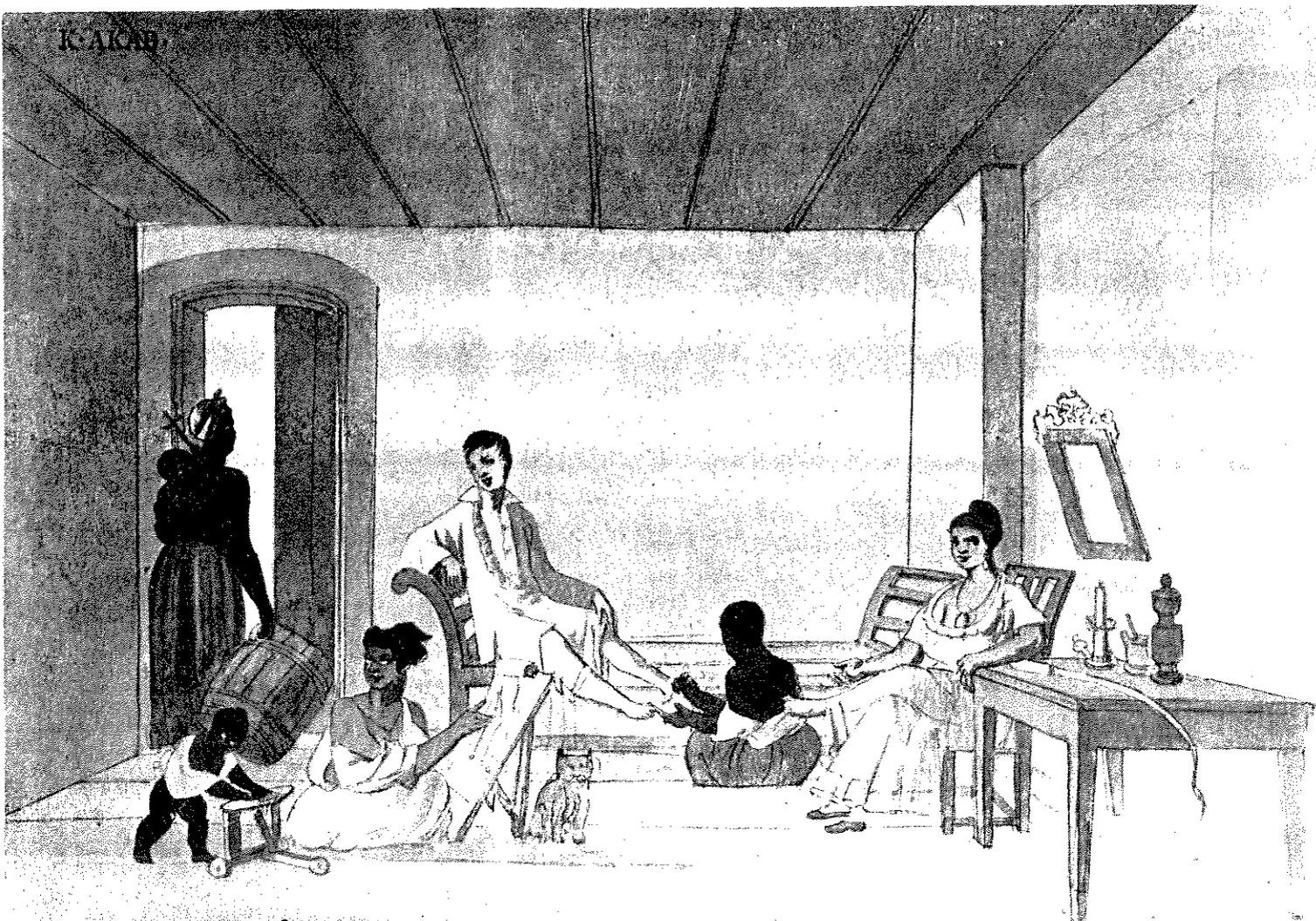


ILUSTRAÇÃO XVIII -- "Interior de uma casa portuguesa", de Thomas Ender, 1817-1818.

escrava, sentada no chão, se dedica à fabricação de renda, enquanto um menino negro atrai a atenção de todos empurrando e se apoiando num carrinho de madeira, aprendendo, ao que tudo indica, a andar (dentre as iconografias de interiores de residências que encontrei do período, esta é a única onde aparece retratado um brinquedo de

criança; logo, o documento é importante). Um gato completa a cena íntima (o gato era um animal muito importante nas moradias daquele tempo, como bem o coloca Gilberto Freyre, na defesa da comida, das roupas, e dos livros, contra os camundongos e as baratas, entre outros "bichinhos").<sup>170</sup> O teto possui forro de madeira (no desenho de Guillobel era de telha vã, sem forro) e o piso é de madeira corrida. Segundo Luiz Edmundo, os pisos das residências eram geralmente de tábuas largas e grossas, "mal unidas por pavorosas cabeças de pregos".<sup>171</sup> Nota-se ainda a ausência de tapetes, ou mesmo das esteiras de palha trançada.

A Ilustração XIX, "Visita a uma fazenda",<sup>172</sup> de Debret, mostra o exato momento da chegada de uma família em visita à residência de proprietários rurais. A gorda dona da casa se encontra sentada à moda asiática em sua marquesa, tendo à mão um enorme leque, aos ombros um xale displicentemente jogado e, no chão, à frente da marquesa, seu par de tamancas de usar em casa. Atrás da senhora, um(a) escravo(a), com o rosto coberto com uma máscara de zinco, tenta espantar as moscas, os mosquitos e o calor.<sup>173</sup> Na parede, atrás da marquesa, temos representada uma imagem de santa, coberta por fino tecido. Sentada no chão, a filha da senhora amamenta o seu bebê, enquanto cumprimenta uma das moças que chega. A outra gorda senhora, que chega em visita, traz também suas mucamas, sendo que a primeira lhe tira o xale, e a segunda segura seu enorme chapéu. No canto esquerdo, ao fundo, duas meninas se cumprimentam, enquanto uma outra senhora faz menção de pegar do





ILUSTRAÇÃO XIX -- "Visita a uma fazenda", de Debret, década de 1820.

colo da escrava a criança branca, que se esquia. No canto direito, à porta de entrada, os dois senhores conversam. Ao fundo, vemos um pedaço de uma varanda (artifício arquitetônico muito usado nesse tipo de construção, como estudaremos no item a seguir). Em primeiro plano, algumas escravas, ocupadas com trabalhos de costura, formam um semicírculo, sentadas sobre esteiras; e um moleque branco nu tenta se esconder debaixo da marquesa. No canto direito, temos ainda a única cadeira do recinto (a ser disputada a tapas por esse

peçoal todo); é esta denominada "cadeira de campanha", com assento de couro e armação de dobrar, móvel apropriado para ser levado em viagens, e reminiscência talvez do breve domínio holandês.

"Famille de planteurs",<sup>174</sup> Ilustração XX, é outro rico documento de interior de casa grande de fazenda, este registrado por Rugendas. A dona da casa está sentada em sua rede; aos outros moradores, ou visitantes, foram destinados esteiras ou bancos. Um dos homens tira algumas notas de uma viola. O jovem padre permanece de pé.<sup>175</sup> Uma ama-de-leite alimenta o bebê branco, sentada em uma esteira de palha e tendo ao seu lado um recipiente de barro e algumas bananas; outros meninos negros e uma menina branca brincam com uma arara sobre a esteira e a pele de animal. Uma outra criada enche uma tigela com o conteúdo da elegante jarra. Através da porta entreaberta, vemos o visitante que aguarda o garoto negro que foi avisar aos moradores de sua chegada. No canto direito, temos fios de palha --com os quais se trançavam as esteiras--, um banco simples --que, ao que parece, estava sendo consertado quando da chegada do visitante--, e um martelo. O chão da sala é de barro batido, as paredes caiadas possuem rachaduras, o teto não tem forro e a mobília praticamente não existe, mas nas paredes vemos uma pintura religiosa com rica moldura, um grande crucifixo, e os donos da fazenda possuíam, provavelmente, muitos escravos, ricas roupas, jóias, e baixelas de prata. Tollenare, que esteve no Brasil entre 1816 e 1818, notou que o luxo desses engenhos consistia em um grande número de baixelas de prata e talheres (usados quando havia



6 ILUSTRAÇÃO XX -- "Famille de planteurs", de Rugendas, 1821-1825.

visitas), ricas roupas e jóias. O francês viu também aparelhos de porcelana inglesa e soberbos vasos de metal que eram oferecidos ao visitante para abluções, mas comentou que o viajante que esperasse encontrar um leito onde pudesse repousar seus membros fatigados, veria os negros entrarem e estenderem uma rede para o senhor e algumas esteiras sobre bancos para os demais.<sup>176</sup>

A Ilustração XXI,<sup>177</sup> de Thomas Ender, reproduz um interior de casa pobre. Uma mulher negra está sentada perto da porta da rua sobre um banquinho baixo e se dedica a uma costura, ou a outro trabalho manual qualquer. O ambiente, que é sala, é quarto e local de preparo de alimentos, se encontra em absoluta desordem, com vasilhames, potes e vidros espalhados por cima das mesas; e chinelos, tamancas e um urinol também podem ser vistos pelo chão. Outros objetos de difícil identificação e alguns quadrinhos, ou retratos, enfeitam as paredes. A mobília se constitui de um baú comprido que se encontra sob a mesa à direita, e uma espécie de arca alta ao fundo --que servem para guardar os trastes na falta de armários. Vemos também uma cadeira simples e mais duas, aparentemente "de estilo", similares as que se produziam no decorrer do século XVIII, com assento e encosto (este recortado) de sola lavrada e pregaria. Ainda temos, encostada à parede, uma mesa alta que possui linhas leves e aparência mais "moderna" --talvez um trabalho de influência inglesa, copiado por algum marceneiro local. As duas cadeiras e a mesa podem ter encontrado "refugio" nessa pobre residência. Segundo um artigo de J. W. Rodrigues,

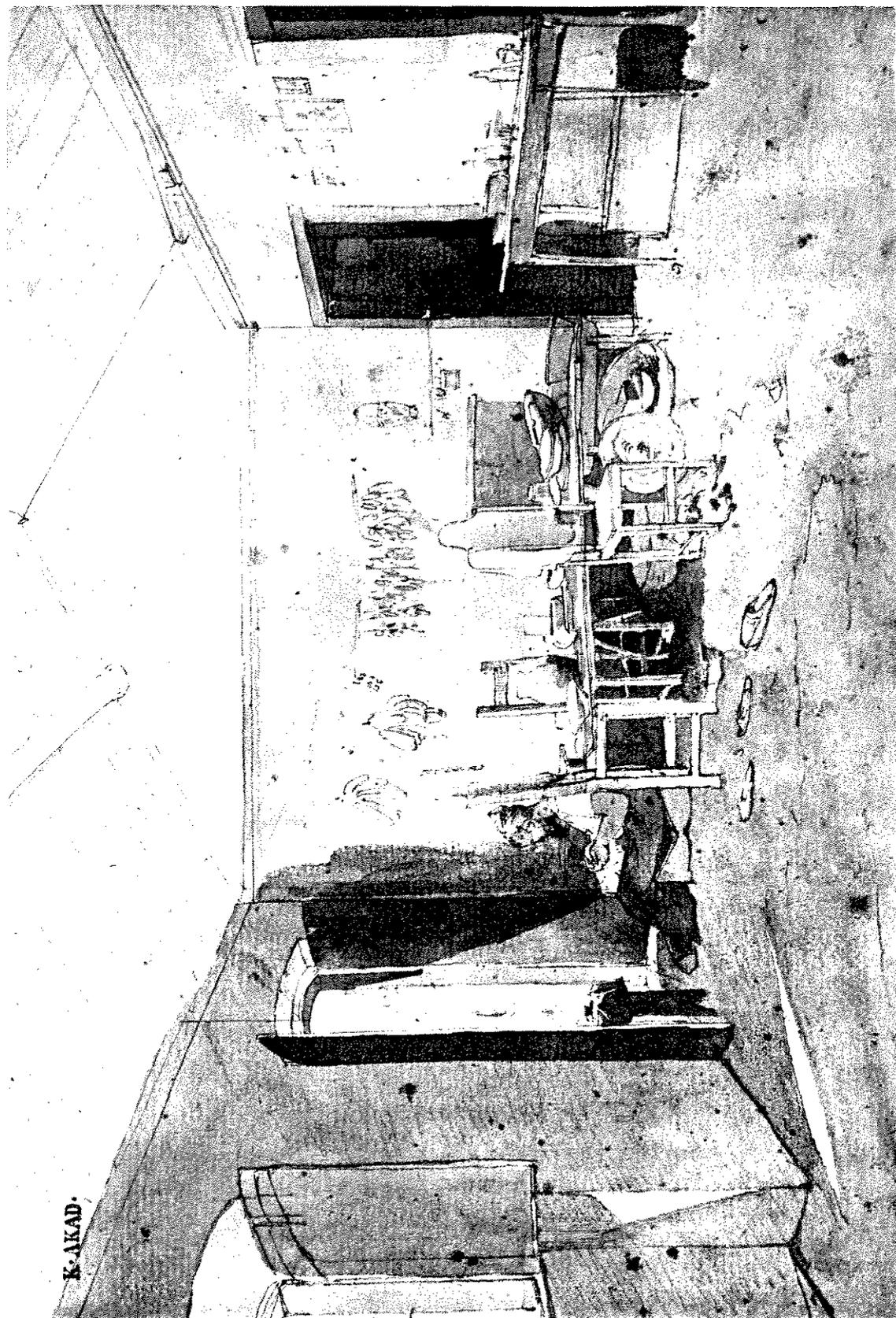


ILUSTRAÇÃO XXI, de Thomas Ender, 1817-1818.

intitulado "Móveis antigos de Minas Gerais", algumas casas de pessoas de posses se "modernizavam" com móveis contemporâneos e davam aos pobres os móveis antigos.<sup>178</sup> Voltando à Ilustração, na porta aberta para a rua mal se pode identificar um banco comprido bastante rústico, de pau, e, finalmente, algo que parece ser uma ampla mesa baixa (ou será um catre de madeira?) que se encontra no centro do cômodo e sobre a qual estão colocados os referidos vasilhames. O telhado, em tábuas, não possui forro, o piso é aparentemente de barro batido, e a janela não possui vidros, detalhes que eram comuns em casas deste tipo, ou seja, em pequenas casas térreas de gente pobre.



ILUSTRAÇÃO XXII -- "Vendedora de frutas de Benguela com sua filha", de Thomas Ender, 1817-1818.

A Ilustração XXII, "Vendedora de frutas de Benguela com sua filha",<sup>179</sup> parece ser uma representação que Ender fez, de outro ângulo, do mesmo interior de casa pobre da ilustração anterior. Nele vemos a mulher sentada trabalhando à soleira da porta da rua, o banco comprido de pau e uma das cadeiras "de estilo", com o encosto recortado. Notar a delicadeza e a elegância da vestimenta da filha da dona da casa, em comparação com a pobreza e a desordem do ambiente em que elas moravam.

"Família pobre em sua casa",<sup>180</sup> Ilustração XXIII, de Debret, representa, segundo o viajante, o interior da cabana de uma viúva pobre que havia ficado no mundo unicamente com sua filha e uma negra velha. O sistema de construção da cabana teria sido uma imitação das cabanas dos índios "camacãs" pelos primeiros colonos brasileiros, subsistindo ainda até o período.<sup>181</sup> O telhado não possuía forro, mas um caimento que permitia o escoamento de água; sendo que o maior "inconveniente", novamente segundo Debret, era o de que estas pobres moradias costumavam ser construídas abaixo do nível da rua, o que acarretava constantes inundações (e transformava esses casebres no ambiente ideal para o aparecimento de certas enfermidades). Seus habitantes viviam, com certeza, pior do que os mais pobres brancos. O interior da moradia da viúva se constituía de duas peças: ao fundo, uma espécie de cozinha, contendo um velho fogão, que deveria ter também a função de aquecer as moradoras nos dias mais frios; e, na frente, um cômodo mais amplo, que servia ao mesmo tempo de sala e quarto. Vemos, sobre



ILUSTRAÇÃO XXIII -- "Família pobre em sua casa", de Debret, década de 1820.

o piso de terra batida, um estrado de madeira, no qual a velha senhora trabalha, fiando algodão. Em frente ao estrado, temos uma peneira redonda com os gomos de algodão. Debret notou que o estrado servia, durante a noite, de leito para a velha que estendia nele a sua esteira. A jovem, sentada no outro canto, trabalha fabricando rendas, com as quais inclusive se veste, e estende a mão à terceira personagem, que entra carregando um barril d'água à cabeça -- agora contendo bananas, destinada à ceia das três mulheres. É o momento do regresso da negra do trabalho como vendedora de água (como



veremos mais adiante, nesse período ainda não existia água encanada nas residências e muitos negros escravos ou forros vendiam, de porta em porta, a água que pegavam nos vários chafarizes construídos pela cidade). Ao fundo do primeiro aposento, vemos uma grande rede suspensa por bastões (ou forquilhas), similares aos que os carregadores das serpentinas levavam nas mãos e fincavam no chão, apoiando as redes (normalmente essas forquilhas eram enterradas no chão, servindo assim de sustentação para as redes, já que as paredes desse tipo de construção não deviam poder suportar muito peso...). Durante a noite a rede servia como mais um leito. À esquerda, a porta da rua, ainda entreaberta, parece não proteger grande coisa, devido ao seu lastimável estado (esta porta é mais uma representante de objeto de casa rica, que, ao se tornar "imprestável" para seus donos, passou às mãos dos pobres); ao lado da porta, temos a janela do aposento. No primeiro plano, ao canto, encontra-se um grande pote de barro quebrado que armazena a água. Alguns animais, como duas galinhas e um gato, se criam livremente dentro e fora de casa, se alimentando exclusivamente de insetos (entre outros "bichinhos") tão abundantes no Rio neste período. Na parede, atrás da velha senhora, temos como único adorno uma lamparina. A iluminação das moradias dessa época era feita por lamparinas de ferro, ou de outro metal, alimentadas por óleo de baleia. Nas casas mais abastadas as pessoas usavam serpentinas, castiçais e candelabros com velas de cera e mangas de vidro.<sup>182</sup>

## 4.2. Varandas.<sup>183</sup>

O viajante alemão Carl Schlichthorst, que esteve no Rio de Janeiro entre 1824 e 1826, aprovou diversos detalhes das construções que visitou na cidade, como me referi anteriormente. Schlichthorst exaltou a importância dos balcões das residências e relatou o jantar servido numa varanda aberta para o mar na casa de uma espanhola:

"Estamos, pois, sentados na arejada varanda, cujo telhado sustenta colunas enrodilhadas de roseiras e jasmineiros floridos (...). A brisa fresca passa pela alpendrada fantásticamente enflorada. Velas de cera branca ardem clara e tranqüilamente dentro das altas mangas de vidro.(...)"<sup>184</sup>

Artifício arquitetônico bastante feliz em uma cidade tão quente como o Rio de Janeiro, servia a varanda, na casa da cidade, para ajudar a refrescar o interior da morada, resguardando-o um pouco do calor excessivo do sol, e como espaço de estar e lazer da família. Nas chácaras, a varanda tinha o mesmo objetivo de refrescar o interior, mas era também um local aberto onde se recebia os estranhos, e para onde dava a porta do quarto/alojamento de hóspedes (viajantes, muitas vezes), os quais não deveriam frequentar o interior da casa,<sup>185</sup> como veremos na Ilustração a seguir.

A "Sesta",<sup>186</sup> Ilustração XXIV, de Debret, se passa na varanda de uma casa de campo, provavelmente uma chácara um pouco afastada do centro da cidade. Como vimos na parte 3, essas chácaras eram muito comuns nos subúrbios do Rio de Janeiro, sendo que

algumas se encontravam até bem próximas do centro. Com relação às varandas, escreveu Debret:

"É muito natural que com uma temperatura que atinge às vezes quarenta e cinco graus de calor, sob um sol insuportável durante seis a oito meses no ano, o brasileiro tenha adotado a varanda nas suas construções; por isso encontra-se, embora muito simplesmente construída, até nas habitações mais pobres".<sup>187</sup>

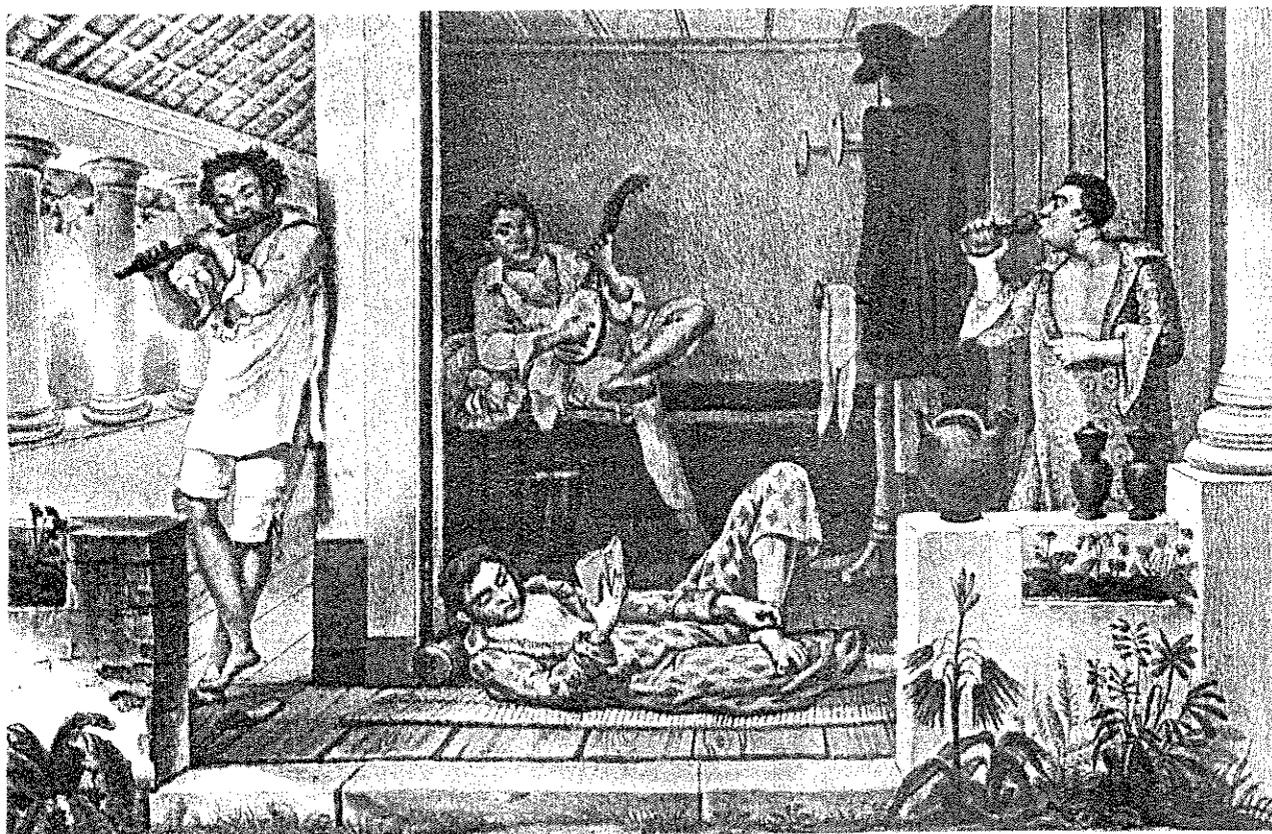


ILUSTRAÇÃO XXIV -- "A Sesta", de Debret, década de 1820.

Os quatro personagens da Ilustração procuram aproveitar essas horas mais quentes do dia para descansar, antes do cair da noite, quando, após feita a toilette, recebia-se visitas ou saía-se

a passeio. Nestas horas de preguiça, porém, os quatro se encontram vestindo camisolões, ou calça curta e camisa de algodão. O moço da esquerda tira algumas notas de uma flauta, acompanhado pelo violeiro que descansa em uma marquesa. O terceiro personagem se concentra na leitura, deitado sobre uma esteira de palha, e o último esvazia uma das moringas de água colocadas sobre o parapeito da varanda. No interior da alcova destinada aos hóspedes, à direita, vemos um comprido **mancebo** (hoje mais conhecido como **cabideiro**) com chapéu e casaca pendurados. Notar as colunas de secção circular, que sustentam o telhado da varanda.

A Ilustração XXV, "Interior de uma residência de ciganos",<sup>188</sup> outra de Debret, retrata a varanda de estar e o pátio interno de uma moradia de ciganos ricos, talvez comerciantes de escravos. Esse tipo de varanda, voltada para os fundos da moradia, era mais comum nas construções "urbanas", ou seja, que se localizavam mais próximas do centro da cidade. Voltando à ilustração...Na construção ao fundo, vários escravos assistem ao castigo dado ao negro no centro do pátio. No canto esquerdo, dois escravos jovens tiram água de um poço, e uma escrava, com seu filhinho amarrado às costas, lava roupa na grande bacia, enquanto olha a outra negra que chega trazendo às mãos e à cabeça algumas peças de roupa branca. Na varanda, que dá para este pátio interno, estão três senhoras ciganas ricamente vestidas e com adornos de flores nos cabelos. Duas delas se encontram sentadas sobre bancos muito baixos e esculpados de madeira, colocados sobre a grossa



ILUSTRAÇÃO XXV -- "Interior de uma residência de ciganos", de Debret, década de 1820.

esteira de palha, e, alheias à "movimentação" do fundo, se distraem descascando algumas frutas, se abanando com leques e se despedindo da terceira personagem que, tendo se levantado de seu banquinho, será conduzida à porta da frente da moradia pelo moleque uniformizado.

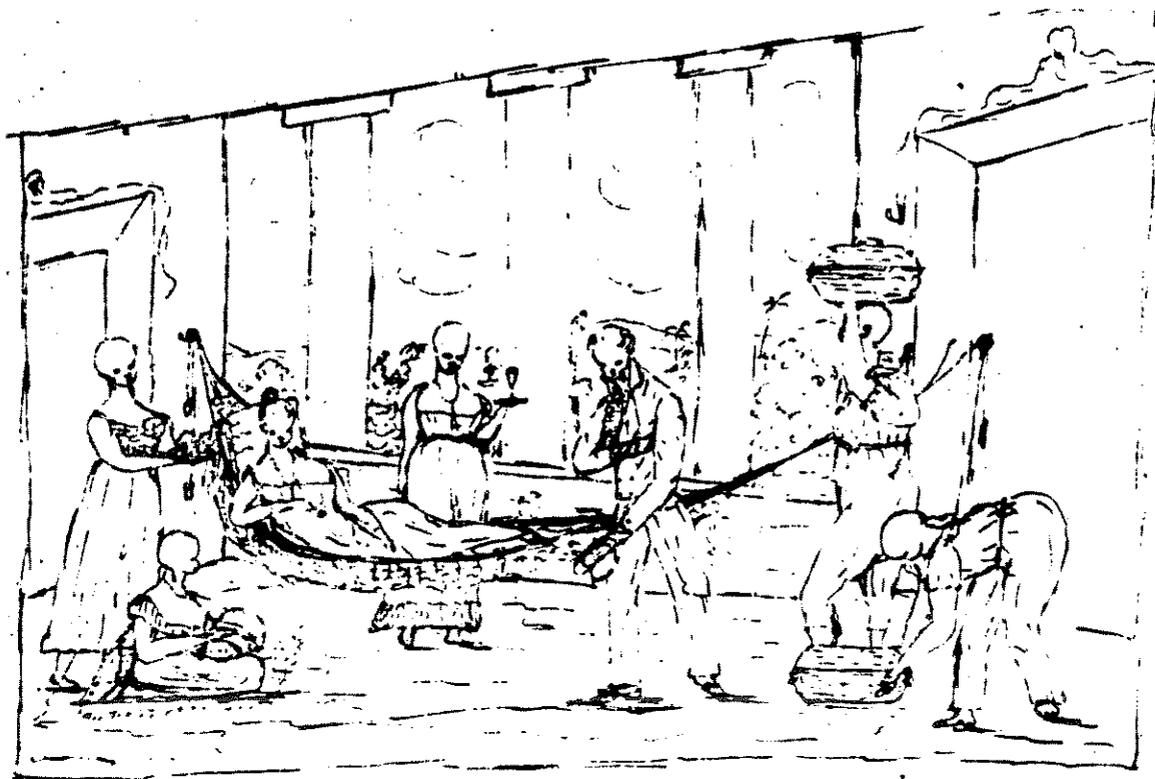


ILUSTRAÇÃO XXVI -- "Dame brésilienne recevant une visite", de Tollenare, [1818].

"Dame brésilienne recevant une visite",<sup>189</sup> Ilustração XXVI, é um pequeno desenho do viajante Tollenare que ilustra mais uma cena de residência "rural". A dama se encontra repousando em sua rede na ampla varanda da frente da moradia; ela tem ao seu redor três mucamas: uma das mucamas trabalha a seus pés, sentada em uma esteira, a segunda possivelmente abana e balança a senhora,

enquanto a terceira chega trazendo o que parece ser um cálice em uma bandeja --provavelmente um "refresco" para o visitante que chega tirando o seu chapéu e cumprimentando a senhora. Dois outros escravos vêm logo atrás, carregando dois balaios. Seria o visitante algum vendedor? Ou um hóspede que chega trazendo presentes?

A Ilustração XXVII é uma litografia de um desenho que Rugendas fez, retratando o que chamou de "Costumes de Rio de Janeiro".<sup>190</sup> Nela Rugendas retratou o namoro de dois jovens na varanda de uma habitação distante do centro da cidade. A jovem se encontra vestida à moda da época (década de 1820), com saia "curta", deixando ver os pezinhos calçados com sapatilha de cetim amarrada ao tornozelo, decote bastante amplo e generoso (detalhe que foi muito notado pelos viajantes e artistas do período), e uma mantilha "à espanhola", que se prende ao penteado. Quem irá tocar (ou já tocou) a viola, sentado na almofada e olhando as partituras? Curiosa é a figura da senhora enrolada em muitos panos, que lhe cobrem os cabelos, o rosto e o vestido, mas cujo olhar denuncia que ela estará atenta aos movimentos do casal de namorados.



ILUSTRAÇÃO XXVII -- "Costumes de Rio de Janeiro", de Rugendas,  
[1821-1825]



### 4.3. A Mesa.

Os novos artigos de uso doméstico foram se introduzindo aos poucos nas casas, sobretudo nas de senhores mais abastados. As pessoas mais simples se utilizavam de panelas de barro, alguns utensílios de ferro fundido e batido e poucos utensílios de cobre.<sup>191</sup> Quando havia convidados, nas casas de maiores posses, a mesa era servida com faiança fina e cristais ingleses (introduzidos pela Inglaterra no mercado brasileiro, a preço mais acessível aos de médio poder aquisitivo<sup>192</sup>), às vezes também com porcelana da China ou da Índia (estas já há algum tempo fartamente importadas<sup>193</sup>). Vejamos o que também testemunhou Luccock, entre 1808 e 1818:

"Nunca jantei em casa brasileira que parte dos objetos de mesa não fossem ingleses, especialmente a louça e a cristaleira. Antes de tais luxos terem sido introduzidos, usavam de pratos de estanho ou de uma espécie de cerâmica holandesa, com uns pequeninos copos portugueses sem pé, estreitos no fundo e com a boca larga; cabaças e côcos, em lugar de terrinas e chúcaras, eram comuns, mesmo quanto tinham convidados. (...). Cada convidado comparecia com sua própria faca".<sup>194</sup>

Luccock se impressionou ainda com a altura das mesas, que davam pelo peito quando a pessoa a ela se sentava, o que obrigava alguns a comerem com o rosto quase dentro do prato. Eram mesas pesadonas, que pareciam criar raízes no chão, de uma "solidez patriarcal", observou Gilberto Freyre.<sup>195</sup> Os assentos eram tamboretas ou cadeiras, muitas vezes compostos de rústicos caixotes e tábuas; e a mesa, quando tosca, era coberta com uma toalha de algodão, que alcançava o chão, lhe escondendo as pernas malfeitas, e era

decorada com bordados e franjas nas extremidades, um trabalho das moças ou das escravas da casa.

Até o século XVIII, eram as baixelas usadas como uma forma de depositar o lucro, na falta de bancos; e elas eram usadas apenas nas ocasiões de grandes festas. Louis de Freycinet, em 1817, reparou que normalmente as refeições eram mais marcadas pela abundância dos pratos, que pela elegância do serviço.<sup>196</sup> Mesmo nas casas ricas, em dias que não eram de grande cerimônia, os talheres consistiam de duas facas colocadas no centro da mesa, que eram usadas por todos para cortar e espetar as carnes; os demais alimentos eram servidos e levados à boca com os próprios dedos.<sup>197</sup> No decorrer do século XIX, o uso dos demais talheres, principalmente nas reuniões de cerimônia, foi aos poucos se tornando mais comum, assim como a presença das mulheres da casa à mesa, quando havia visita. No dia a dia, a família concentrava-se toda na sala de trás, onde tinham lugar as refeições, conforme vimos nas plantas de residências estudadas no capítulo 3. Na Ilustração XXVIII, "Repas d'une dame brésilienne",<sup>198</sup> um desenho de Tollenare, nós temos a refeição de uma senhora brasileira sobre uma esteirinha. Ela come com uma das mãos, sem fazer uso de talheres, e traz um pequeno sino na outra mão. A dama está cercada de escravas: uma traz um pote, provavelmente com água; a outra um lenço ou guardanapo; a terceira abana a senhora com um leque; e a quarta, sentada, lhe oferece qualquer coisa. A dona da casa ocupa a esteira sozinha, sentada à moda asiática, e as escravas ficam em volta. A vestimenta da senhora é simples e leve, visto que não tem



ILUSTRAÇÃO XXVIII -- "Repas d'une dame brésilienne", de Tollenare, [1818].

visitas. Quando Luccock chegou ao Rio, em 1808, notou que as mulheres normalmente vestiam-se, se entre amigos, apenas de camisa, cingida à cintura pelos cordões da saia e com as alças freqüentemente caindo de um dos ombros, não usavam meias e raramente chinelos, ou mesmo tamancas.<sup>199</sup> Porém com a chegada de grande número de estrangeiros e de novos conceitos (ingleses e franceses) de moda e elegância esses costumes foram, aos poucos, se modificando. Notar ainda na ilustração de Tollenare que, apesar da simplicidade da vestimenta da senhora e do fato de que ela faz a

sua refeição sem a ajuda de talheres e sentada sobre uma esteira de palha, a dama tem a seu serviço quatro escravas jovens, um sinal de boa situação financeira.



ILUSTRAÇÃO XXIX -- "O Jantar", de Debret, década de 1820.

Debret retratou a cena do jantar de uma família de posses. Na Ilustração XXIX, "O Jantar",<sup>200</sup> a senhora apresenta-se ricamente vestida e o senhor, mais à vontade, usa ceroulas, camisa e chinelos. Uma toalha com bordados cobre a mesa. As duas cadeiras, com a travessa superior torneada em "rolo de fumo", mais três

travessas lisas e pernas em "sabre", parecem características do estilo Regência inglês. Diversas iguarias regadas a um bom vinho compõem a refeição. Os utensílios retratados são pratos, travessas, cálices finos, alguns talheres, e um enorme copo d'água do qual todos se servem, e o qual os escravos mantêm sempre cheio. Atrás do senhor, há uma mesa menor que funciona como aparador e, embaixo desta, um recipiente de barro apelidado de "macaco", também conhecido como o "cântaro do Brasil", que armazena a água fresca. Uma escrava bem vestida tenta amenizar o calor e afugentar as moscas. Os outros dois escravos ficam por perto aguardando alguma ordem; e os moleques "distraem" a senhora, enquanto recolhem migalhas da farta refeição senhorial.

Os horários das refeições variavam pouco: almoçava-se às 7 horas, jantava-se do meio-dia a uma, e ceava-se por volta das cinco ou seis horas. Luiz Edmundo escreveu sobre a copeiragem à hora de um jantar para várias pessoas:

"A copeiragem era enorme. Sete, oito, dez escravos, por vezes, em torno a uma mesa de oito a dez pessoas. Não esquecer, ainda, os negros que, armados de palmas largas ou de espanadores de papel, faziam a tarefa de afugentar as moscas, inseparáveis e sinceras companheiras do homem na mesa colonial".<sup>201</sup>

No inventário, de 1823, do senhor Ignacio Miguel Pinto, temos listados os seguintes móveis:

"(...)  
-- 2 ditas (mezas de madeira branca) de húa tabua  
    com gaveta-----4\$000  
-- 2 mezas ditas de jantar com abas-----6\$000  
-- 1 dita grande-----12\$000

-- 1 dita pequena de almoso-----4\$000  
 -- 1 goardaloisa em dois corpos dito-----30\$000  
 -- 1 armario pequeno com caixilho e vidro-----3\$000  
 -- 1 caixa grande coberta de couro-----5\$000  
 -- 1 caixa dita pequena velha-----1\$200  
 -- 1 armario de madeira branca-----2\$000".

E os seguintes utensílios de louça e vidro:

"(...)  
 -- 1 traveço redondo-----\$640  
 -- 5 garrafas-----800  
 -- 5 garrafas de vidro qualhado-----5\$000  
 -- 4 ditas mais pequena-----2\$240  
 -- 2 jarras para flores, 1 defeituosa-----2\$000  
 -- 2 talheres de (...)------6\$400  
 -- 2 frascos quadrados de vidro branco-----960  
 -- 38 calix para vinho lapidados-----7\$600  
 -- 4 copos ditos para agoa-----2\$560  
 -- 6 copos pequenos lavrados para agoa-----960  
 -- 6 canecas de vidro com azas frizo dourado de ramos----3\$000  
 -- 21 cazal de tijelas da India e seus pés com  
 ramos de cor-----5\$040  
 -- 2 jarras da India douradas com ramos de flor  
 com redomas de vidro-----20\$000  
 -- 6 pratos traveços azues da India-----3\$000  
 -- 24 ditos de guardanapos-----2\$400  
 -- 6 saladeiras ouvadas ditas-----1\$200  
 -- 1 terina grande dita-----2\$000  
 -- 3 ditas pequenas para molho com seos pratos-----1\$200  
 -- 1 buly preto-----500  
 -- 2 ditos de barros ordinarios-----400  
 -- 1 buly da India dourado de matizes-----640  
 -- 1 dito mais pequeno com flores-----400  
 -- 10 cazais de chicaras grandes-----1\$600  
 -- 8 chicaras sem pires-----480  
 -- ...(ilegível)  
 -- 2 leiteras ditas-----320  
 -- 1 chicara e pires ditos para caldo-----200  
 -- 1 manteigueira dita-----200  
 -- 4 vazos de louça de fabrica grandes-----12\$000  
 -- ...(ilegível)  
 -- 2 espelhos grandes quadrados de moldura dourada-----51\$200  
 -- 1 bandeija outavada de folha dourada envirnizada  
 de preto ja velha-----800".

E, mais:

-- (...)  
 -- Hum prato com tizoura-----1\$280  
 -- Huma sesta para fruta-----3\$840".<sup>202</sup>

Com relação aos móveis listados, é claro que algumas dessas mesas deviam se encontrar na parte de serviço da moradia, na cozinha, assim como as duas caixas, que eram normalmente usadas para se armazenar alimentos. Observe-se, ainda, a falta de objetos de prata e mesmo de qualquer tipo de **talher** na lista (?).

No inventário (de 1850) dos bens de Dona Izabel Helena do Amaral Laemmert, também aparecem na lista de louça e vidros alguns utensílios de uso doméstico como os que costumavam aparecer nos anúncios de jornais da época:

"(...)

-- Treze pratos travessas de diferentes tamanhos	
louça inglesa de cor roxa-----	15\$000
-- Desesete pratos para sopada da louça acima-----	5\$440
-- Quarenta e trez ditos razos da louça acima-----	13\$760
-- Quatorze ditos pequenos da mesma louça-----	2\$240
-- Seis ditos mais pequenos da mesma louça-----	\$400
-- Huma salladeira da mesma louça-----	2\$000
-- Duas sopeiras da mesma louça-----	4\$000
-- Nove pratos cobertos da mesma louça-----	9\$000
-- Quatro pratinhos para molho da dita louça-----	1\$220
-- Dous castiças de casquinha ordinarias-----	\$400
-- Dez casaes de chicaras de porcelana	
dourada com flores-----	5\$000
-- Huma cafeteira pequena de casquinha-----	1\$000
-- Huma chaleira dita de dita-----	1\$000
-- Hum assucareiro de louça azul ja quebrado-----	\$400
-- Vinte e quatro casaes de porcelana digo casaes de	
chicaras de porcelana dourada-----	12\$000
-- Doze casaes de chicaras ordinarias-----	2\$000
-- Oito pratos de porcelana com flores verdes-----	8\$000
-- Huma chicara grande de porcelana dourada-----	1\$000
-- Trinta pratinhos de vidro-----	19\$200
-- Quinze potes para creme de louça pintada de roxo-----	4\$400
-- Sete ditas pra ovos da mesma louça-----	\$560
-- Oito fundos de garrafas de casquinha-----	6\$500
-- Quatorze garrafas brancas de vidro tendo quatro	
com defeito-----	14\$000
-- Deseseis copos ordinarios para Champagne-----	3\$200
-- Seis ditas ditas verdes para dito-----	1\$800
-- Seis ditas ditas ditas para vinho-----	\$960

-- Trez salleiras de vidro branco-----\$600  
 -- Vinte e trez copos de calix-----7\$360  
 -- Seis ditos ditos ordinarios-----1\$440  
 -- Doze calix ordinarios-----1\$200  
 -- Nove ditos ditos para madeira-----3\$600  
 -- Dez ditos ordinarios de varios tamanhos-----1\$000  
 -- Desesete talheres de cabo de asso ordinarios-----1\$700".

E mais, os utensílios de prata, a roupa de mesa e os móveis que, entre outros, deveriam decorar a sala de jantar da residência:

"- Duas salvas lizas sendo huma grande e outra pequena de prata de ley (...)-----74\$800  
 -- Dous pratos e thesouras antigos, de prata de ley-----25\$000  
 -- Dous paliteiros diferentes de prata de ley (...)-----24\$200  
 -- Huma colher de sopa de prata de ley (...)-----9\$200  
 -- Desesete ditas de meza de prata de ley (...)-----47\$600  
 -- ...ditas de chá e huma de assucar, prata de ley (...)17\$000  
 -- Hum coador de prata de ley-----1\$000  
 (...) "

"(...)  
 -- Cinco toalhas de mesa de linho ordinarias-----3\$000  
 -- Seis ditas de dita de dito mais finas-----7\$200  
 -- Quatro ditas ordinarias de linho-----2\$000  
 -- Seis toalhas de linho riscadas para pratos-----2\$400  
 -- Dezoito guardanapos grandes de linho lavrado-----9\$000  
 (...) "

"(...)  
 -- Huma meza de jantar de abrir de vinhatico com muito uso-----20\$000  
 -- Hum guarda louça de vinhatico-----30\$000  
 -- Hum aparador de jantar de vinhatico usado-----10\$000  
 (...) ".<sup>203</sup>

#### 4.4. Cozinhas.

Como vimos no capítulo 3, sobre a divisão do espaço interno das moradias, a sala de jantar das residências costumava ser ligada (ou próxima) à cozinha. Vejamos alguns relatos curiosos dos poucos viajantes que se dispuseram a descrever o que viram em tal aposento. Entre 1808 e 1818, Luccock notou que as cozinhas



possuíam uma vasta chaminé aberta e um forno; o fogão consistia de uma sucessão de divisões de tijolos e podia-se fazer fogo isoladamente em cada uma delas (como as divisões que aparecem nas plantas baixas apresentadas no capítulo 3). As panelas eram ainda de barro, de fabricação local. Luccock não viu grelhas, ou trempes, e, para atizar o fogo, usava-se uma espécie de leque de folhas de palmeira. Num canto da cozinha, encontrava-se uma grande mesa rústica, tendo por cima umas poucas prateleiras. Uma sólida banquetta servia de apoio aos potes contendo água, e, por cima deles, havia uma espécie de concha, feita de um côco vazio, que se usava para tirar a água dos potes.<sup>204</sup>

Thomas Ewbank, que esteve no Rio em 1846, compareceu a um leilão em uma boa casa particular na cidade e relatou ter encontrado um armário e ladrilhos nas paredes da cozinha da residência; esses ladrilhos podiam ser os ladrilhos de mármore que estavam constantemente chegando nos navios que vinham da Europa já desde alguns anos antes. Ewbank viu também na dita cozinha uma laje de mármore para pastelaria. Não havia cadeira ou banco de qualquer espécie e o fogão se constituía de uma chapa, com aberturas para panelas, tendo um lugar atrás para o carvão e algumas achas.<sup>205</sup> O depoimento, de meados do século XIX, sobre o rústico arranjo do fogão de uma moradia da cidade, é interessante, pois encontrei diversos anúncios de fogões e fornos de ferro nos jornais do período, alguns desde a década de 1820. O viajante viu ainda que toda casa tinha a água a ser utilizada armazenada e uma talha

grande colocada num canto de uma sala, ou na cozinha; quando a talha tinha o fundo arredondado, ela era colocada em cima de uma mesa com abertura no tampo. Ewbank viu também inúmeros "macacos" de barro, como o que aparece na Ilustração XXIX, "O Jantar", de Debret.<sup>206</sup> No inventário de Dona Izabel Helena do Amaral Laemmert aparece na lista "Hum moringo com banco de madeira ordinaria", no valor de 2\$000 e, ainda, "Huma mesa de cosinha de madeira branca" e "Dez panellas de ferro ordinarias de casa", avaliadas, respectivamente, em 2\$000 e 10\$000.<sup>207</sup>

A Ilustração XXX, "Debret à l'auberge -- Debret au travail",<sup>208</sup> mostra o interior de uma hospedaria. O que foi retratado era provavelmente a parte "de serviço" da casa. O cômodo em primeiro plano é um local para refeições, ligado talvez à cozinha pelo corredor à esquerda. Um grande cesto, no canto à esquerda, mais alguns potes de barro e diversas frutas formam um arranjo decorativo. Debret (?) está sentado à mesa, tendo uma garrafa à sua frente. Ao fundo uma criada negra segura uma bandeja. Estaria ela lhe servindo o jantar? O cômodo é aberto para um jardim ou pátio interno, artifício arquitetônico tão comum em muitas casas do período. A casa tem dois pavimentos e o piso e o teto deste cômodo são em madeira corrida, sendo que os dois degraus que levam à parte de trás da hospedaria parecem ser de uma espécie de tijolo, muito usado nos pisos dos corredores internos de algumas moradias.<sup>209</sup>

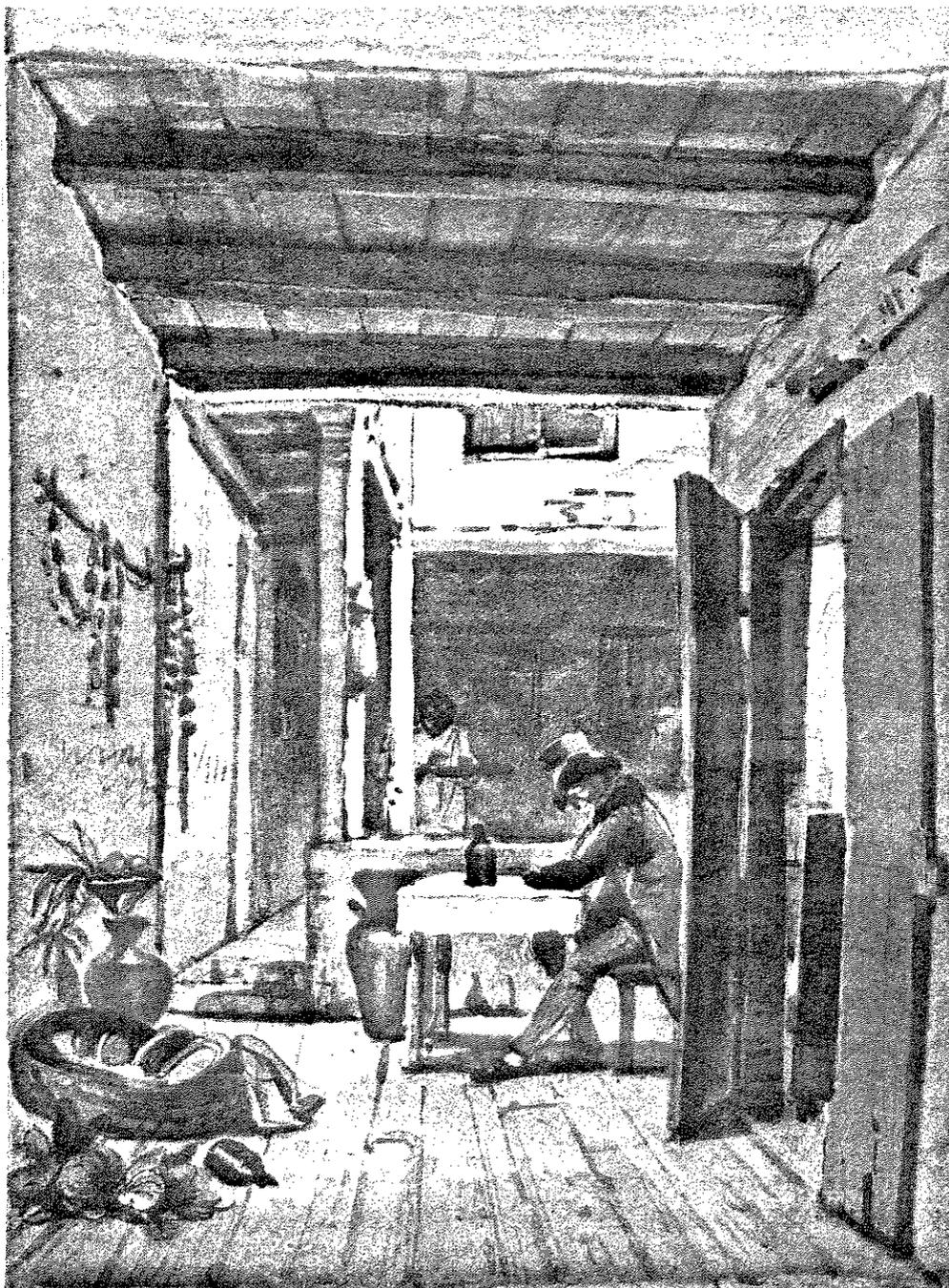


ILUSTRAÇÃO XXX -- "Debret à l'auberge -- Debret au travail", de Debret, década de 1820.



ILUSTRAÇÃO XXXI -- "Extraíndo um bicho do pé. Cena dos Brasis", de Augustus Earle, década de 1820.

O pintor inglês Augustus Earle fez três visitas ao Brasil: 1820, 1821 a 1824 e 1832; durante essas visitas, consta que o pintor permaneceu quase o tempo todo no Rio de Janeiro. Earle retratou o interior da cozinha de uma estalagem, provavelmente localizada no interior, quem sabe próxima à cidade do Rio... Na Ilustração XXXI, intitulada "Extraíndo um bicho do pé. Cena dos Brasis",<sup>210</sup> uma negra extrai um bicho do pé de um homem (será ele um viajante, ou um colono com suas mercadorias a caminho do interior?). No fundo, atrás do balcão, o dono da estalagem e um rapaz negro acompanham a operação. Os trastes se constituem de dois

bancos toscos de pau, uma cadeira de espaldar, uma escada simples de madeira, um barril para aguardente, um enorme copo d'água, outros copos pequenos, um grande barril tampado em um canto, arreios jogados no chão, um recipiente de barro e uma grande tina com água (que parece ter sido usada para lavar os pés do pobre homem, antes da operação que, segundo diversos relatos, os negros praticavam com incrível facilidade).

#### 4.5. Quartos e Gabinetes de trabalho.

Vimos no capítulo 3 que os quartos de estar e dormir da família se encontravam, nas casas nobres e de sobrado, via de regra, no andar de cima. Nas casas térreas, os habitantes dormiam em pequenos quartos, ou nas alcovas mal iluminadas e úmidas, que davam para corredores que ligavam a sala da frente aos fundos da moradia. No período de Luccock, 1808-1818, nas alcovas se viam leitos com mosquiteiros, malas e canastras de couro e cestos por toda parte; uma cômoda com gavetas, assim como guarda-roupas, eram ainda artigos raros.<sup>211</sup> Já Louis de Freycinet, em 1817, viu cômodas, cofres, malas e cestos para se guardar a roupa, porém também poucos guarda-roupas ou armários.<sup>212</sup> Debret relatou que a multiplicidade de insetos existentes no Rio, principalmente nos andares térreos das moradias, inibia ainda o uso de armários, indispensáveis na Europa. Dessa forma, alguns continuavam a se utilizar de grandes canastras de madeira que se fechavam

hermeticamente e que eram colocadas em cima de estrados (para que ficassem isoladas do chão), e, de vez em quando, esses "armários móveis" eram abertos aos raios de sol, para que se evaporasse a umidade. Em algumas casas ricas, as roupas dos senhores eram conservadas fechadas dentro de baús de zinco e deixadas aos cuidados das mucamas.<sup>213</sup> Por outro lado, alguns anos mais tarde, veremos aparecer nos anúncios de leilões de algumas famílias, no meio da tralha toda, inúmeros guarda-roupas, armários de todo tipo, ao lado de outros requintes, como consolos, aparadores, ricos espelhos e lustres de cristal, arandelas, relógios com música, pianos de cauda, e vários objetos de porcelana e prata. Louis de Freycinet notou ainda que somente algumas pessoas dormiam em camas; e muitos possuíam apenas uma esteira e um travesseiro, que colocavam sobre a marquesa, sem colchões ou lençóis.<sup>214</sup> Os mais ricos, donos das largas e pesadas camas trabalhadas em jacarandá, usavam sempre lençóis muito brancos, colchões e travesseiros macios, e colchas da Índia e da China. O mosquiteiro, ou algo que o imitasse, em poucos lugares podia faltar.

Na lista dos **trastes de madeira** de quarto e local (gabinete) de trabalho do inventário, de 1823, do senhor Ignacio Miguel Pinto constam:

"(...)  
 -- 2 papeleiras antigas-----28\$000  
 -- 2 comodas ditas (de jacarandá) antigas-----8\$000  
 -- 1 dita em bom uzo-----16\$000  
 -- 1 carteira dita com duas gavetas-----10\$000  
 -- 1 berço dito-----6\$400  
 -- 1 goarda livros pequeno dito com caixilhos-----16\$000  
 -- 1 meza dita (de madeira branca) grande para se

escrever com duas gavetas em bom uzo-----10\$000  
 -- 1 baú coberto de couro crú-----4\$000  
 -- 1 baú coberto de sola velho-----1\$000".<sup>215</sup>

Como mencionei no item 4.1, ao transcrever a lista dos trastes de sala, algumas das marquesas, que então apareceram, talvez se localizassem nos quartos e alcovas de dormir dos membros da família do senhor Ignacio; ou poderiam eles dormir em redes ou sobre esteiras. A criança menor ocupava, com certeza, o berço de jacarandá. Notar ainda a falta de guarda-roupas de madeira; porém, já se fazia uso de armários embutidos (construídos em alvenaria e com prateleiras e portas de madeira) há muito tempo, mesmo em interiores que quase não ofereciam conforto a seus habitantes.

Vejamos agora os móveis (presumidamente) de quarto, os objetos e a roupa de cama do inventário, de 1850, da rica senhora Laemmert, a qual possuía armários e cômodas, entre outros "luxos":

"(...)  
 -- Hum armario de madeira branca para roupa-----5\$000  
 -- Hum guarda roupa de senhora de madeira  
   branca embotido-----50\$000  
 -- Hum dito dito de homem de mogno com prateleiras-----24\$000  
 -- Huma estante de madeira branca para botas-----1\$000  
 -- Trez bahus uzados, forrados de couro-----6\$000  
 -- Huma Cama Franceza de jacarandá com seus colxões-----40\$000  
 -- Huma mesinha de pé de cama de mogno com assento  
   de pedra marmore-----5\$000  
 -- Huma poltrona de mogno com assento de estufa-----20\$000  
 -- Huma comoda de mogno-----16\$000  
 -- Huma comoda de jacarandá embotido-----18\$000  
 -- Huma carteira de senhora de jacarandá-----10\$000  
 -- Hum estojo com faca e sinete e pena-----6\$000  
 -- Dous leques quebrados-----4\$000  
 -- Huma caixa de costura de jacarandá-----8\$000  
 -- Hum berço de criança de armação de ferro  
   com seu cortinado-----20\$000  
 (...)  
 (...)

-- Quatorze lençoes de linho de cama de casados-----28\$800  
 -- Huma coberta branca de marquesa acolxada-----2\$000  
 -- Huma manta escarlata da India de Seda bordada-----10\$000  
 -- Huma dita bordada de touquim escarlata uzada-----12\$000  
 -- Huma coberta branca de cama-----4\$000  
 -- Huma colxa de chita uzada-----3\$000  
 -- Vinte e seis fronhas pequenas de linho-----13\$000  
 -- Nove ditas grandes de dito em bom uzo-----9\$000".<sup>216</sup>

Mas já é tempo de voltarmos às análises das iconografias de viajantes... A aquarela "Quarto do Barão von Hugel",<sup>217</sup> Ilustração XXXII, de Thomas Ender, mostra o interior do quarto do Barão no palácio do Conde de Eltz, onde Ender também ficou hospedado por um tempo. O quarto da ilustração tinha aparentemente dupla função, de dormir e de trabalho: uma mesa alta ao centro serve de escrivaninha e possui diversos livros, papéis e outros objetos espalhados sobre ela; a cadeira que a acompanha é confortavelmente acolchoada, tendo os estofados presos por pregaria, os braços em volutas enroladas para dentro e as pernas em forma de "sabre", projetadas para fora. O toucador (ou toilette) encostado à esquerda segue o desenho da mesa, o tampo possui recorte arredondado nos cantos frontais e o espelho oval dá a impressão de ser móvel, regulável. Alguns objetos, incluindo uma bacia com jarro (**gomil**), usadas para a higiene do rosto e das mãos, dão um toque pessoal ao ambiente, assim como o tecido que foi displicentemente jogado no encosto da elegante cadeira. Uma cômoda alta, com quatro gavetões, se encontra encostada à parede direita tendo a seu lado uma cadeira (?) bastante simples --essa "cadeira", ao que parece com o assento vazado, pode ser o desenho de um móvel que funcionava como **retrete**, onde era encaixado, no seu centro,



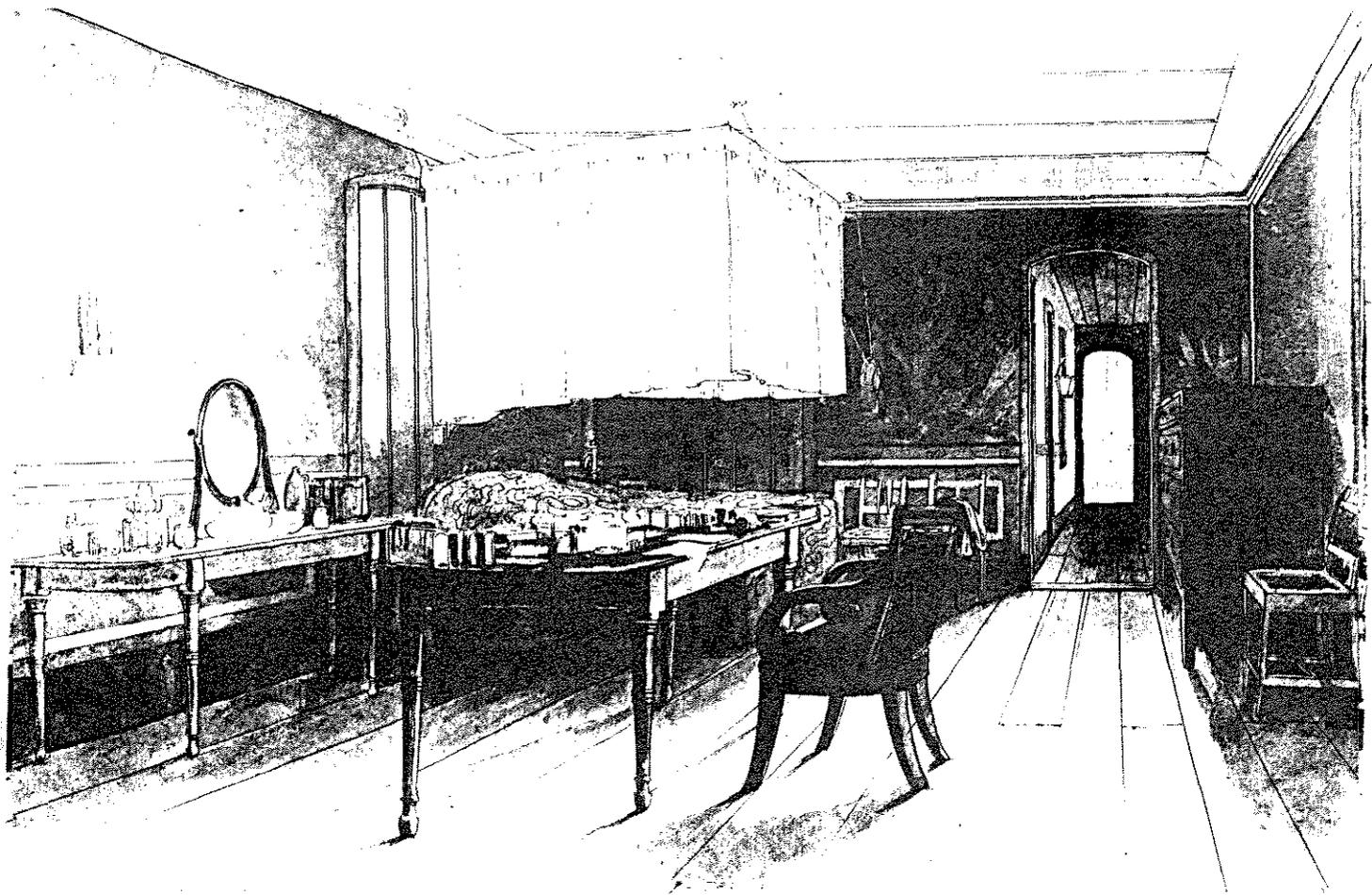


ILUSTRAÇÃO XXXII -- "Quarto do Barão von Hugel", de Thomas Ender, 1817-1818.

uma espécie de barril, que podia ser de madeira, metal ou louça, com tampa, e que, por longos anos, serviu como **latrina** nas residências. A cama do Barão, ampla e alta, fecha a passagem de uma porta e há um curioso sistema de roldanas suspendendo o seu cortinado. Mais duas cadeiras se encontram encostadas à parede perto da saída para o corredor. É interessante a falta de tapetes,

mesmo em se tratando de um ambiente mais rico. As paredes parecem ser revestidas de papel decorado a partir de uma certa altura, e a parte inferior tem uma decoração provavelmente com madeiras pintadas, acompanhando o desenho das molduras do teto.

Thomas Ewbank nos deixou um relato do que viu de decoração de paredes nos quartos de uma casa particular, em cujo leilão compareceu em 1846. Comentou o viajante:

"(...) apenas dois dos quartos eram revestidos de papel colorido, e o resto limitava-se a uma decoração, a partir de tres pés acima do chão e em cima tudo caiado. Nenhum tapete cobria o chão do quarto, a passagem ou as escadas".<sup>218</sup>

E, voltando ao quarto do Barão, não há quadros nas paredes, apenas um termômetro. Observa-se ainda uma luminária com vidros no corredor.

A Ilustração XXXIII, "Vue de la fenêtre du salon a la Gloria",<sup>219</sup> de Guilherme von Thering, representa um canto do interior de um quarto da casa do autor. À esquerda, temos uma cômoda com grandes gavetas lisas e puxadores em forma de argola; o tampo do móvel se sobressai e parece ser recortado com detalhes; a estrutura da cômoda é reta com coluna lateral cilíndrica, suas características são todas dos móveis estilo Império francês, assim como as características do espelho na parede, que possui frontão arredondado e molduras retas. Ao lado da cômoda há uma cadeira de difícil identificação. A cortina presa de um lado nos deixa ver a janela de madeira com vidros encaixados e a linda vista da Baía de Guanabara no ano de 1825. Ernst Ebel escreveu sobre a casa de

Theremin, na Glória:

"Ela é pequena, mas atraente; construída à maneira gótica, tem um aprazível e bem tratado jardim. A vista é de um raro encanto, descortinando-se o porto repleto de grandes veleiros, cujas marolas vêm lambendo a muralha".<sup>220</sup>

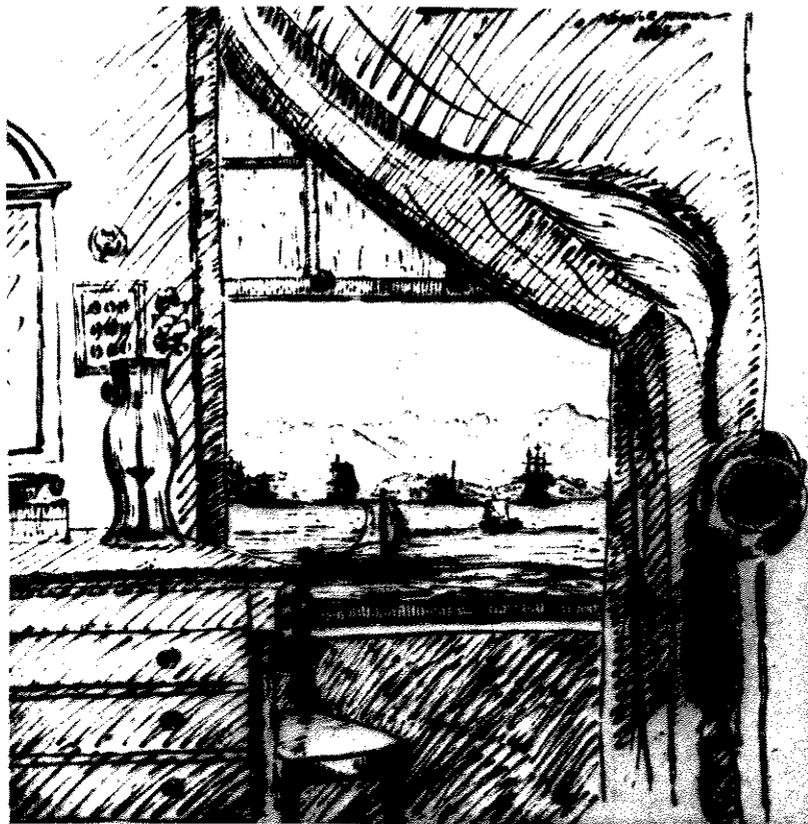
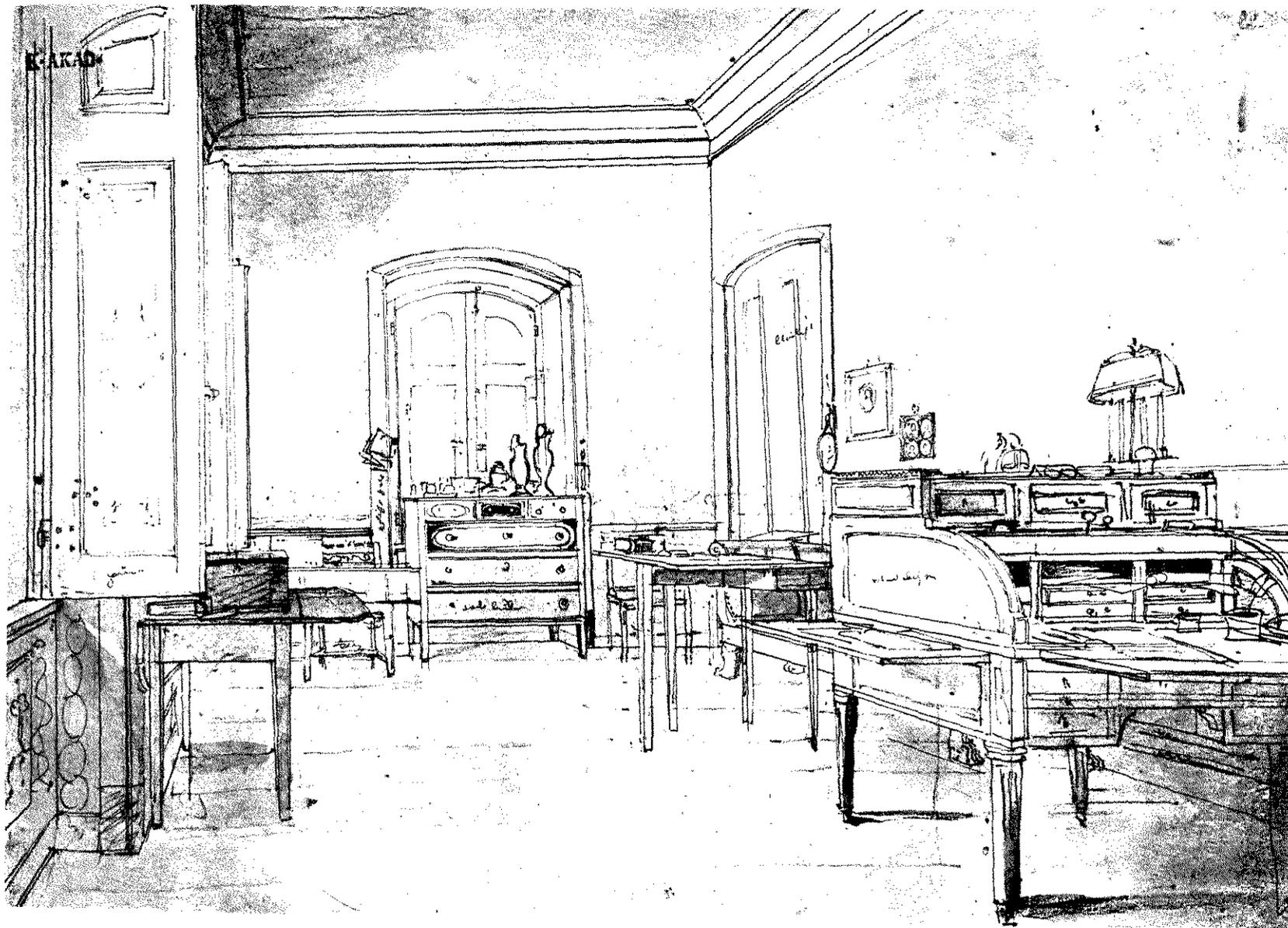


ILUSTRAÇÃO XXXIII -- "Vue de la fenêtre du salon a la Gloria", de Guilherme von Theremin, 1825.

"Escritórios no palácio do enviado extraordinário da Áustria",<sup>221</sup> Ilustração XXXIV, é o local de trabalho do Conde de Eltz, mais um desenho que Thomas Ender fez do interior do palácio onde ficou hospedado o Embaixador especial da Áustria. Em primeiro plano, à direita, encontra-se uma cômoda-papeleira de acentuada



influência inglesa: na caixa inferior do móvel, temos algumas pequenas gavetas; o tampo está aberto projetado para a frente, criando um local para se escrever; na parte interna, temos nichos e diversas gavetinhas, assim como na sua parte superior; as pernas afinam ligeiramente para baixo, são torneadas e possuem frisos delicados. Vemos ainda no ambiente mais algumas mesas de trabalho, e, atrás da janela, ao que parece, outra papaleira. Ao fundo, há uma cômoda alta com três gavetas grandes e três pequenas e uma série de vasos e outros utensílios encontram-se sobre seu tampo. Um sofá de espaldar baixo mal pode ser localizado à direita; seus braços parecem ser grossos e revirados para fora, talvez forrados de espuma e tecido; o recorte dos pés do sofá imita a pata de algum animal e suas linhas algo sinuosas destoam um pouco do resto da mobília de linhas mais finas, retas, neoclássicas. Faltam cadeiras acompanhando as mesas de trabalho. O teto possui molduras sobrepostas e o material usado no piso não é identificável. Notar, ainda, que a palavra **escritório** era antes usada para designar um móvel, o qual, no decorrer do século XIX, se transformou em um **apartamento privado masculino**, encontrado nas boas residências.<sup>222</sup>

Rio de Janeiro, 1827. A Ilustração XXXV, "Un savant travaillant dans son cabinet",<sup>223</sup> de Debret, mostra um sábio que trabalha em seu gabinete iluminado pelo sol, que entra pela janela à esquerda. Aparentemente cansado, sentado em sua rede --ainda o velho hábito; preferido por muitos às camas--, ele usa camisolão e chinelas; e utiliza como apoios: de um lado, para seu tinteiro, um



ILUSTRAÇÃO XXXV -- "Un savant travaillant dans son cabinet", de Debret, 1827.

banco simples, e de outro, para o enorme livro, uma cadeira de espaldar alto. Papéis se espalham pelo piso de tábua corrida. Ao fundo, vemos um enorme armário cheio de livros, com portas envidraçadas e emolduradas formando arcos ogivais na parte superior; o frontão do móvel é recortado e com molduras, tendo uma carapeta ao centro e mais dois "bilros" com forma de ponta de

diamante nas laterais do móvel. Seus montantes são retos. A mesinha, na qual está apoiado o globo, tem características neoclássicas; suas pernas são retas e torneadas, afinando para baixo, e o tampo parece ser de madeira mais escura ou pintada. As duas cadeiras têm diversas travessas lisas, espaldar ligeiramente inclinado para trás e amarração dos pés em forma de H. Nas paredes claras há um quadro com moldura, uma ave (?) empalhada, mais livros em prateleiras e um objeto que se parece com um termômetro perto da janela. No parapeito, vemos um jarro, talvez contendo água fresca. Tudo muito simples e útil; certamente o sábio ali trabalhava e ali mesmo dormia, e, tendo tudo o que era de seu interesse ao alcance das mãos, passava assim os seus dias.

A Ilustração XXXVI, "Atelier de Debret à Catumby",<sup>224</sup> outra aquarela de Debret, retrata uma parte do interior do atelier do artista em sua casa no bairro do Catumbi, no Rio de Janeiro. O aposento possui diversas portas e janelas e é bastante amplo e iluminado. Vários quadros com molduras (trabalhos de Debret?) se espalham pelas paredes. Na janela, de madeira com vidros encaixados, encontram-se alguns objetos, incluindo o indispensável recipiente de barro para água. As portas têm no alto uma parte fixa com vidros. Encostada à parede há uma arca sem pés e um enorme livro sobre seu tampo. Ao lado da arca, temos uma improvisada armação de madeira que serve para manter em pé e isolados da humidade do chão alguns livros, trabalhos e desenhos. Debret estava, ao que tudo indica, trabalhando no retrato de alguma

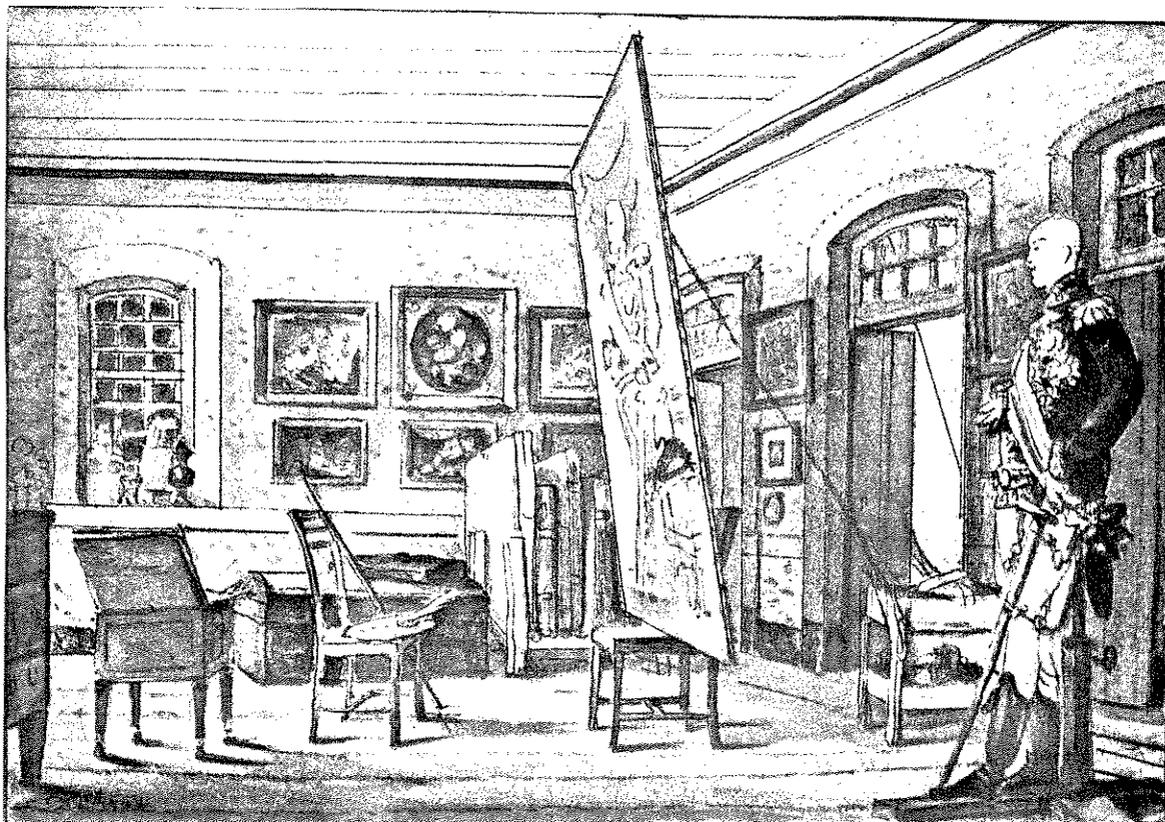


ILUSTRAÇÃO XXXVI -- "Atelier de Debret à Catumby", de Debret, década de 1820.

"personalidade" e, para que este não passasse horas e horas posando, um modelo foi vestido com seu uniforme, espada etc., e colocado em um suporte regulável de madeira. Interessante o arranjo que o artista improvisou como cavalete para a imensa tela: uma cadeira como apoio e, por trás desta, um móvel tosco (desses que se usa para apoio das tintas, vidros com solventes etc.) sustenta o quadro, amarrado por cordas. Uma outra cadeira apóia a paleta e os pincéis de Debret. Um móvel com rodinhas e o tampo levantado guarda



provavelmente o restante do material de pintura. À esquerda da ilustração, temos uma cômoda com gavetões. O piso é em tábuas corridas, assim como o teto, este pintado de branco e com molduras coloridas.



ILUSTRAÇÃO XXXVII -- "Quarto numa residência no Rio de Janeiro", de Thomas Ender, 1817-1818.

Vamos terminar este item com um desenho inacabado que Thomas Ender fez de um "Quarto numa residência no Rio de Janeiro",<sup>225</sup> Ilustração XXXVII. Nele, vemos a dona da casa sentada no chão com seu filho e observando o trabalho de costura que uma das escravas realiza. Notar a desordem do ambiente, o uso de uma arca, colocada à direita, e a falta de armários. À esquerda do aposento, temos uma mesa alta de fechar, uma cadeira e uma segunda mesa, esta última de linhas finas e com uma grande gaveta sob o seu tampo. Chão e teto são forrados de madeira em tábuas corridas.

#### **4.6. A Higiene.**

Descrevemos as salas de estar, de jantar, as cozinhas, os quartos de dormir e os gabinetes de trabalho; agora, diante da falta de banheiros, de água encanada e de sistema de esgoto, vejamos como os habitantes resolviam suas necessidades de higiene.

O hábito de tomar banhos diários era comum no Rio de Janeiro do início do século XIX, principalmente entre os brasileiros natos, segundo depoimentos de viajantes. Alguns desses viajantes, inclusive, consideravam tal hábito até mesmo excessivo, ou ao menos contrário aos costumes de seu países não-tropicais. A cidade do Rio, porém, ainda não dispunha de água encanada para as residências e nem de rede de esgoto. Muitos tomavam o(s) seu(s) banho(s) diário(s) em gamelas de madeira, ou utilizando-se de bacias de cobre areadas, colocadas nas alcovas e cheias da água

trazida dos chafarizes da cidade ou dos poços de fundo de quintal, pelo braço escravo. A gamela para banho era feita de uma só peça de madeira escavada, com, aproximadamente, 5 pés de comprimento (algo aproximado a 1.40 ou 1.50 m), muito pesada e, em geral, pintada a óleo internamente.<sup>226</sup> No decorrer do século XIX, vemos surgir anunciadas as primeiras banheiras de cobre, ou de zinco, ou de folha de flandres com rodinhas e chave para tirar a água. Eram então banheiras feitas com materiais considerados mais nobres, chiques e, talvez, mais higiênicos do que as gamelas de madeira.<sup>227</sup> Nos quartos de dormir dos mais elegantes encontravam-se também lavatórios, ou toilettes providos de bacias e jarras (como o da Ilustração XXXII, do interior do quarto do Barão von Hugel). Os retretes (móveis que continham o urinol e serviam como latrinas) e os bidets costumavam ser trazidos para os quartos apenas na hora devida (ver exemplos destes trastes nos desenhos no final deste capítulo).

Nas melhores casas havia uma espécie de estabelecimento balneário no quintal, para uso dos donos.<sup>228</sup> Logo, os muito ricos podiam se dar ao luxo de ter em seu quintal, em meio ao verde, um estabelecimento amplo e confortável, com locais para banho e para descanso, mas cujo abastecimento ainda necessitava do braço escravo. "Casa de banho no jardim do palácio onde ficou hospedado von Eltz",<sup>229</sup> Ilustração XXXVIII, mostra justamente uma dessas "luxuosas" construções cheias de portas e janelas com vidros e cercada do bucólico cenário do jardim do palácio, no bairro de Mata-Porcos (atual Estácio de Sá). Consta ainda que a cozinha do



palácio também estava instalada em uma construção à parte, isolada do restante da casa.<sup>230</sup>

Quando Louis Agassiz esteve no Brasil, por volta de 1865, já havia se tornado mais freqüente nas construções o uso desses estabelecimentos balneários nos quintais dos mais ricos. Escreveu Agassiz:

"O banho tem um grande papel na vida doméstica dos brasileiros. É uma grande volúpia nesses países escaldantes e muitas pessoas os tomam várias vezes ao dia. Fomos então mergulhar numa bacia do tamanho dum pequeno quarto, onde a água, com uma profundidade de dois pés mais ou menos, (...), corria lentamente num fundo macio de areia. No Brasil, estas espécies de piscinas são freqüentemente maiores; não é raro que a água nelas tenha uma profundidade de quatro a cinco pés, e quasi sempre o fundo é revestido de azulejos azuis e brancos que o tornam tão limpo quanto lindo de se ver; costumam ser construídos no jardim, a uma distância conveniente dos quartos".<sup>231</sup>

Existiram as casas de banho nos quintais, e em alguns também podiam ser encontradas as "casinhas" --completamente afastadas das casas de banho, devido aos odores, que eram "incompatíveis com a limpeza corporal, sempre perfumada por essências caras vindas de fora", observou Carlos Lemos.<sup>232</sup> Mas, apesar da existência das "casinhas" em muito quintal, continuaram os mais finos por longo tempo a fazer uso de seus vastos urinóis, disfarçados ou não dentro dos retretes, colocados em seus quartos, alcovas ou boudoir. Que servissem as "casinhas" às pessoas mais comuns...

Na Ilustração XXXIX,<sup>233</sup> um óleo de Armand Julien Pallière, o artista representou seu próprio filho tomando banho de gamela (ou bacia) na varanda da casa do avô, o arquiteto Grandjean

de Montigny, na Gávea. Uma criada negra ajoelhada acaba de colocar no chão a bacia com a água do banho; uma segunda criada estica a toalha que enrolará o bebê; e o rapaz negro chega trazendo o restante dos apetrechos do toilette da criança, enquanto esta, já despida, espera pela operação sentada no colo de sua mãe.



ILUSTRAÇÃO XXXIX, de Armand Julien Pallière.

Afonso Arinos de M. Franco transcreveu para o livro O Palacete do Caminho Novo;... o inventário do solar da Marquesa de Santos, no Rio de Janeiro, construído por volta de 1826, com "risco" de Pierre-Joseph Pézerat.<sup>234</sup> A arquitetura do solar acompanhava o gosto neoclássico da moda da época e se constituía de "uma morada de casa de sobrado com sótão" que dava para a estrada que ia para o Campo de S. Cristóvão, atual rua de São Cristóvão. Na divisão interna, o solar tinha inúmeras salas e quartos, sendo que um desses quartos se denominava "quarto de retrete". No interior do "quarto de retrete" do solar da Marquesa de Santos havia:

"1 retrete de mogno, com todos os seus pertences  
1 consolo de dito, com ornados dourados, coberto de mármore preto  
2 cadeiras de dito, com assentos de palhinha  
2 castiçais de casquinha".<sup>235</sup>

Ao lado do "quarto de retrete" ficava o "toucador das damas" da elegante residência, o qual era o local onde se devia fazer a toilette, tendo por testemunha apenas um grande espelho de moldura dourada. No interior dos toucadores das mais elegantes podiam ser encontrados ainda mesas com inúmeros compartimentos e divisões, para a guarda de todos os objetos de toilette de uma dama ("Ladies dressing tables", desenho 1, no final deste capítulo), assim como pequenos móveis, com espelhos ovais e gavetas, que deveriam ser colocados em cima de uma mesa, ou cômoda ("Dressing glasses", desenhos 4 e 5, conhecidos aqui como "toucadores", ou "toucadores de mesa", e que mais tarde cederam lugar definitivamente aos toilettes, que hoje denominamos "penteadeiras"). Nos mais elegantes quartos de vestir masculinos podiam ser encontrados também móveis

especiais para se fazer a barba ("Shaving tables", desenho 7). Mas voltando ao inventário do Palacete da Marquesa de Santos..., aparecem ainda na relação dos utensílios que existiam para a limpeza e o arranjo do Imperial Palacete:

"(...) 1 retrete de madeira ordinária, (...) 2 urinóis finos, aliás, um; 2 ditos de louça azul, aliás, sete; 2 ditos de dita brancos; 2 bacias de dito para retrete".<sup>236</sup>

No inventário, de 1823, do senhor Ignacio Miguel Pinto, temos listados os seguintes trastes móveis de higiene:

"(...)  
-- 3 tinas grandes-----9\$000  
-- 2 barris para agua-----\$960  
-- 1 banheira grande-----5\$000  
-- 1 bidé de folha com caixa-----3\$000  
-- 1 caixa pequena de nesesario-----\$800  
-- 3 gamellas de madeira menor-----4\$000".<sup>237</sup>

Com relação à roupa de banho, que deveria haver na residência do senhor Ignacio, não há qualquer menção no inventário.

Na lista dos trastes de higiene e toilette do inventário, de 1850, da senhora Laemmert, aparecem:

"(...)  
-- Hum espelho pequeno de moldura dourada-----6\$000  
-- Hum lavatorio de mogno embutido uzado-----10\$000  
-- Hum espelho toucador de mogno-----30\$000  
-- Hum bidé de mogno quebrado-----3\$000  
-- Hum lavatorio de jacarandá com pedra marmore-----12\$000  
-- Quatro vidros para agua de cheiro-----8\$000  
---Dous frasquinhos de porcelana-----1\$280  
-- Hum espelho pequeno de moldura dourada-----6\$000  
-- Hum espelho pequeno de madeira branca-----4\$000  
-- Hum vidro para cheiro-----2\$000  
-- Huma dita (caixa) com quatro vidros d'agua de  
cheiro de madeira jacarandá-----5\$000  
(...)  
-- Deseseis ditas (toalhas) finas de linho  
lavradas a mil-reis cada-----16\$000  
-- Doze toalhas de rosto de linho-----12\$000  
(...)



-- Hum lavapes de louça branca-----	1\$000
-- Dous jarros pintados-----	2\$000
-- Huma bacia de louça pintada-----	1\$000
-- Huma banheira de folha pintada-----	2\$000

(...)"<sup>238</sup>

Apesar de a lista dos bens que pertenceram aos Laemmert ser bastante extensa, não se encontra nenhuma referência explícita a urinóis, retretes, barris de madeira, ou a algum tipo de "cadeira furada", ou caixa pequena de "necessário".

A seguir apresento duas ilustrações com exemplos de toucadores de senhoras. Gravuras como estas, que chegavam de França e eram publicadas nos jornais femininos do período, certamente acabavam por influenciar com seus novos modos de decorar, trajar, pentear etc., povoando os sonhos consumistas de suas leitoras.

ILUSTRAÇÃO XL: Jornal das Senhoras, domingo, 30 de janeiro de 1853.<sup>239</sup> A cena se passa no interior do toucador de uma jovem mãe - a qual se prepara para levar os dois pequenos filhos a um baile à fantasia. Observe-se a profusão de tecidos representados neste interior, a cadeira estofada, com montantes laterais em "torcidos" (talvez de influência gótica), e o enorme biombo, com decoração pintada ou entalhada.

ILUSTRAÇÃO XLI: Jornal das Senhoras, domingo, 4 de setembro de 1853.<sup>240</sup> Interior do toucador de uma jovem senhora casada. Notar a riqueza do interior representado, com papel de parede, cortinas, porta decorada, tapete, tecidos e móveis ricos, como o toilette à direita, que tem um bonito espelho com moldura trabalhada e, sobre seu tampo, um fino tecido de renda, uma caixinha de jóias e um suporte para o chapéu de boneca da senhora.



ILLUSTRATED BY



ELIZABETH I

Quanto aos despejos das habitações, eram guardados em barris e conduzidos, ao anoitecer, por negros apelidados de "tigres". Estes eram assim chamados porque as pessoas deles fugiam, como de animais ferozes. Luiz Edmundo, em O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis, descreveu divertidamente essa função, que existia desde antes dos tempos dos Vice-Reis, e que se estendeu até meados do Segundo Reinado:

"De uma maneira singular, faz-se o despejo de cada casa. Ha o tigre. O tigre é um recipiente que affecta a fôrma esthetica de um vaso grego; amphora, porém, onde não se guardam perfumes... Tem a altura e a utilidade provisoria de um banco.

Deixam-no guardado, não raro, nas senzalas dos negros ou nas proprias alcovas dos senhores, estreitas, sem luz e sem ar. Não esquecer que para vedal-os ha uma tampa, e, sobre esta tampa, um panno forte dobrado em quatro, humido por vezes, por aviso e por cautela...

O escravo, logo que o dia tomba, põe o tigre á cabeça e sae, caminho da praia ou das covas mandadas fazer pelo Senado da Camara, no logar onde existe hoje o viçoso Parque da Acclamação. Quando uma cova está cheia, põe-se sobre ella uma bandeirola preta. É o signal. O portador do barril já sabe, desvia-se.

Esses barris são geralmente de madeira. Os tampos inferiores na parte onde se firma a cabeça, com a infiltração constante da humidade, não raro apodrecem, enfraquecendo a sua natural resistencia. Um bello dia -- catapruz -- a taboa carcomida desloca-se, parte-se e a extremidade circular do barril vem com um collar sobre o pescoço do negro. Esse desastre, que provoca sempre a alegria e o clamor dos outros negros, é communissimo até pelas ruas mais centraes, de maior transito, passagem obrigatoria desses indesejaveis recipientes, affectando a fôrma esthetica de vaso grego; amphora, porém, onde não se guardam perfumes...".<sup>241</sup>

Thomas Ewbank observou em 1846 (!) que ainda não existiam, no Rio de Janeiro, esgotos, nem privadas, nem mesmo nas grandes casas que possuíam anexos --estabelecimentos balneários e "casinhas"-- nos pátios e jardins espaçosos. O viajante escreveu que o uso de "tambores fechados", transportado nas cabeças dos escravos, ainda era universal, e ressaltou que, devido a isso, caminhar pelas ruas depois das dez horas da noite não era "seguro nem agradável".<sup>242</sup> O Reverendo Kidder, no Rio por volta de 1837, também fez algumas observações divertidas a respeito dos "tigres"; vejamos:

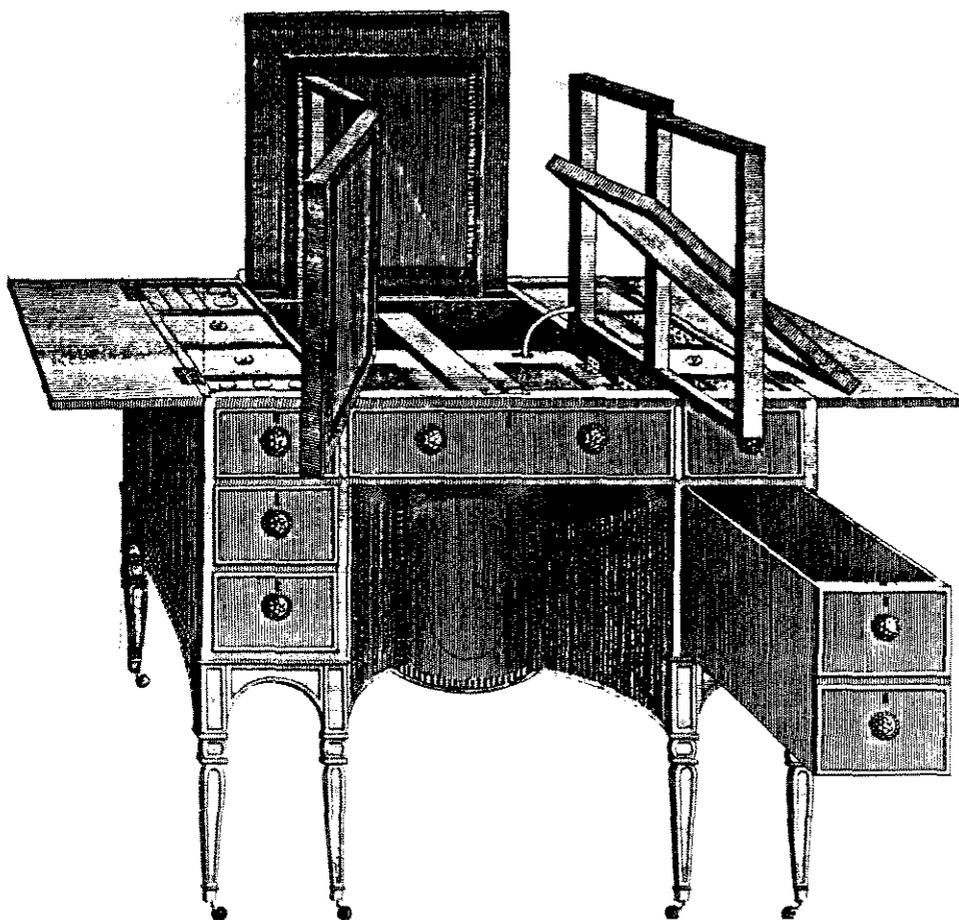
"Estamos no auge da admiração; talvez mesmo repetindo "numa noite como esta..." e pensando em alguma coisa como castas Dianas que se movimentam em nossa imaginação, livremente divagando, quando somos bruscamente chamados à triste realidade de que estamos neste mundo sublunar. Saímos às pressas da varanda, para apanhar um frasco de água de colônia, "bouquet", amônia, ou outra coisa qualquer que nos socorra o olfato. Os "tigres" também têm direito a contemplar a lua que se levanta. Batendo oito horas da noite, essas odoríferas -- para não dizer selvagens-- feras descem correndo a rua do Príncipe, e, pelo espaço de duas horas, tornam a noite uma coisa apavorante, não pelos seus rugidos, mas com perfumes que certamente foram importados da Arábia Infeliz".<sup>243</sup>

Kidder contou ainda a anedota de um fluminense que adoeceu gravemente em Paris: um médico, familiarizado com os ares da capital do Brasil, lhe receitou respirar o seu ar nativo. Assim, se queimou no quarto do doente uma mistura com os mais desagradáveis cheiros e o doente se salvou... Ele acrescenta que, à data em que escreveu o livro, já se fazia uso de carroças que recolhiam os barris hermeticamente fechados e os levavam para os pontos mais

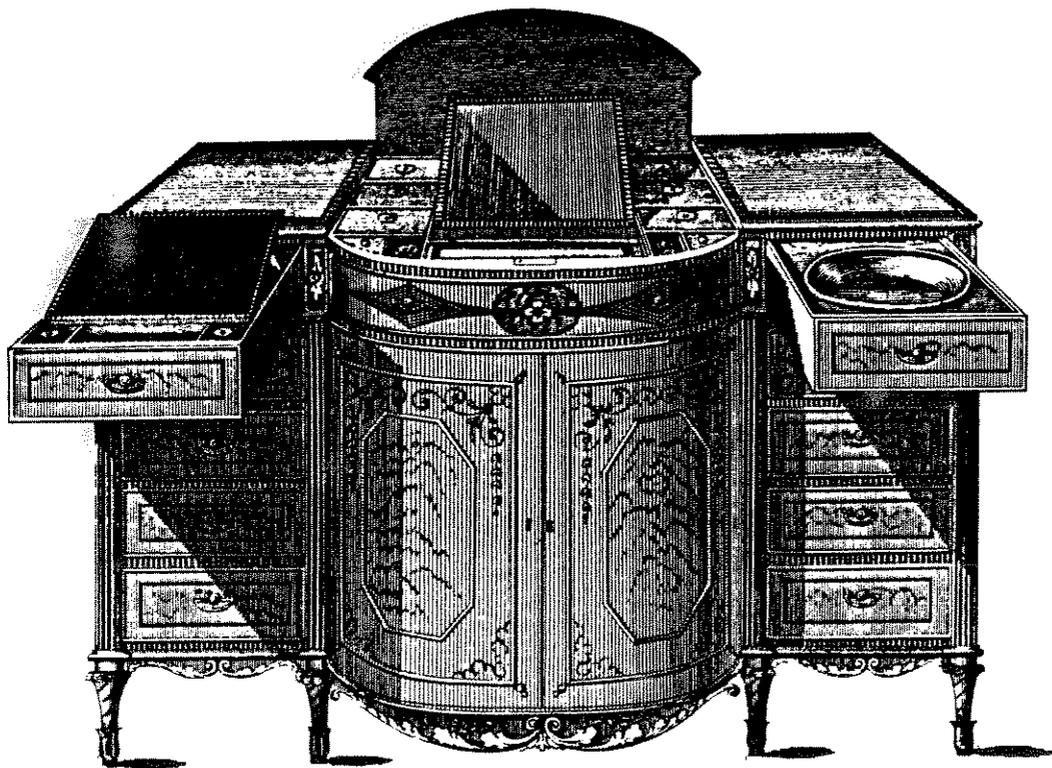
distantes da cidade.<sup>244</sup>

### **Trastes de Higiene:**

Para fechar este capítulo, selecionei alguns desenhos dos manuais de George Hepplewhite (The Cabinet-Maker and Upholsterer's Guide)<sup>245</sup> e Thomas Sheraton (The Cabinet-Maker and Upholsterer's Drawing-Book),<sup>246</sup> ambos publicados no final do século XVIII, onde podemos ter uma idéia de alguns tipos de trastes finos de higiene, de gosto neoclássico, como muitos que apareciam constantemente anunciados nos jornais do período e que deveriam ser usados pelos elegantes de então...

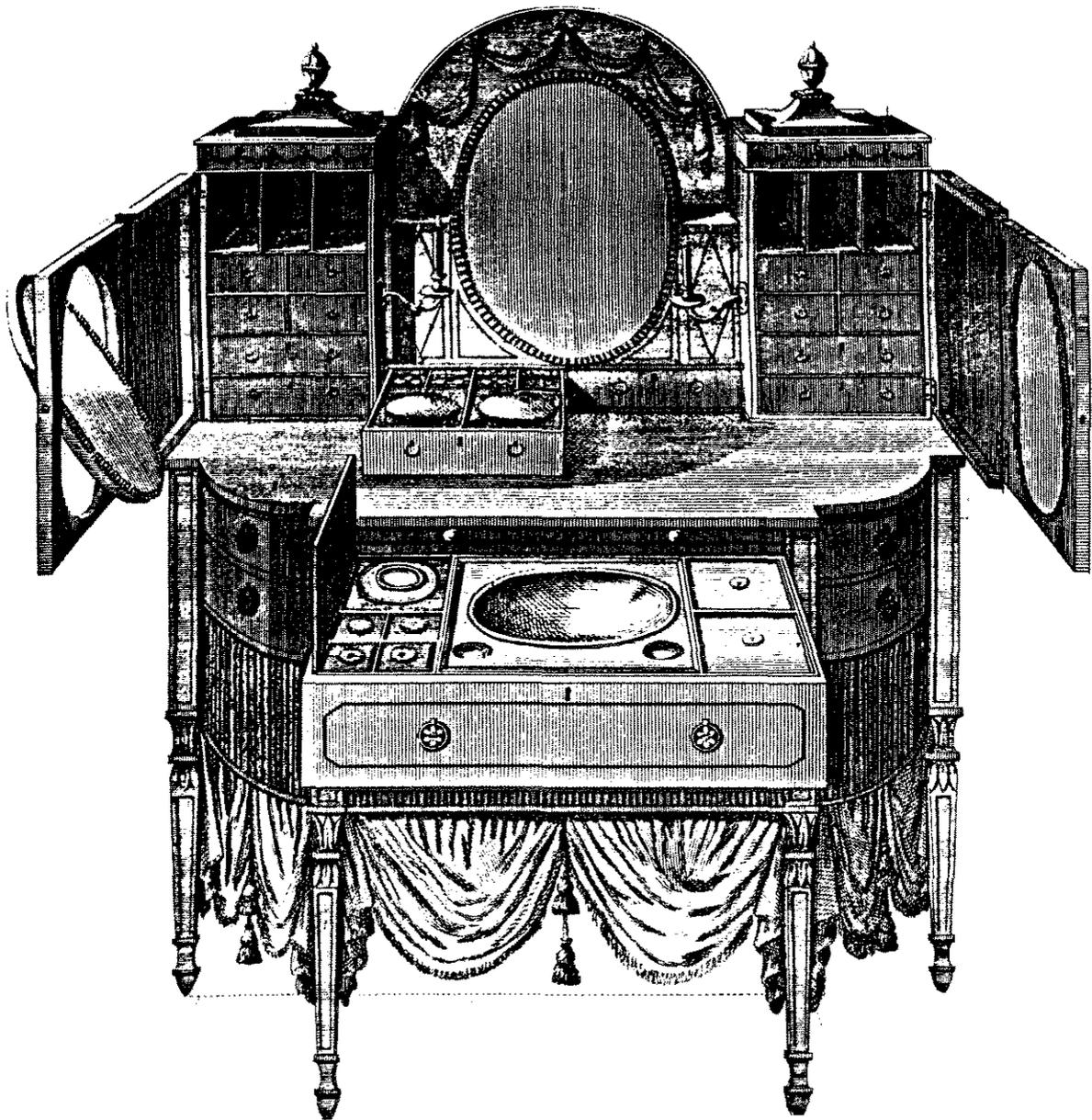


DESENHO 1 -- "A Lady's Dressing Table", de Thomas Sheraton.<sup>247</sup>  
Móvel de toilette feminino com vários compartimentos, espelhos e gavetas.

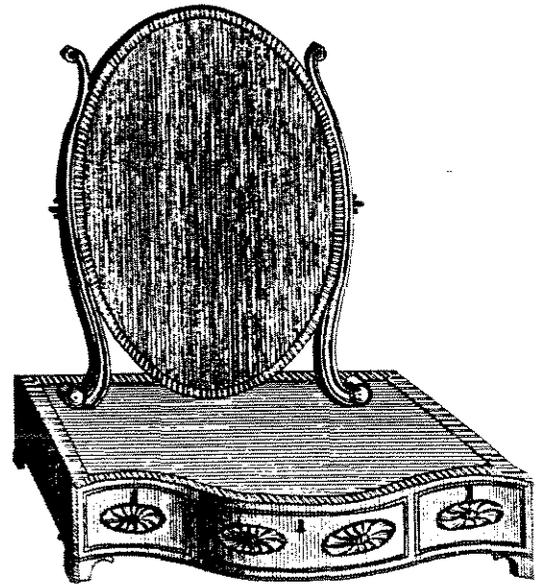
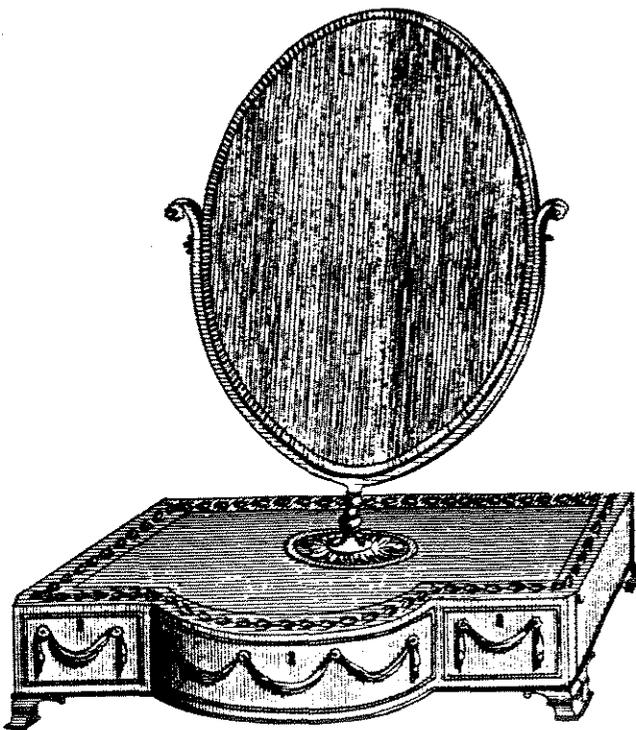


DESENHO 2 -- "A Lady's Dressing Commode", de Thomas Sheraton.<sup>248</sup>  
Cômada, com portas e gavetas. Na gaveta superior da direita, encontra-se embutida uma pequena bacia; e sob o tampo de levantar, inúmeros compartimentos e um espelho.



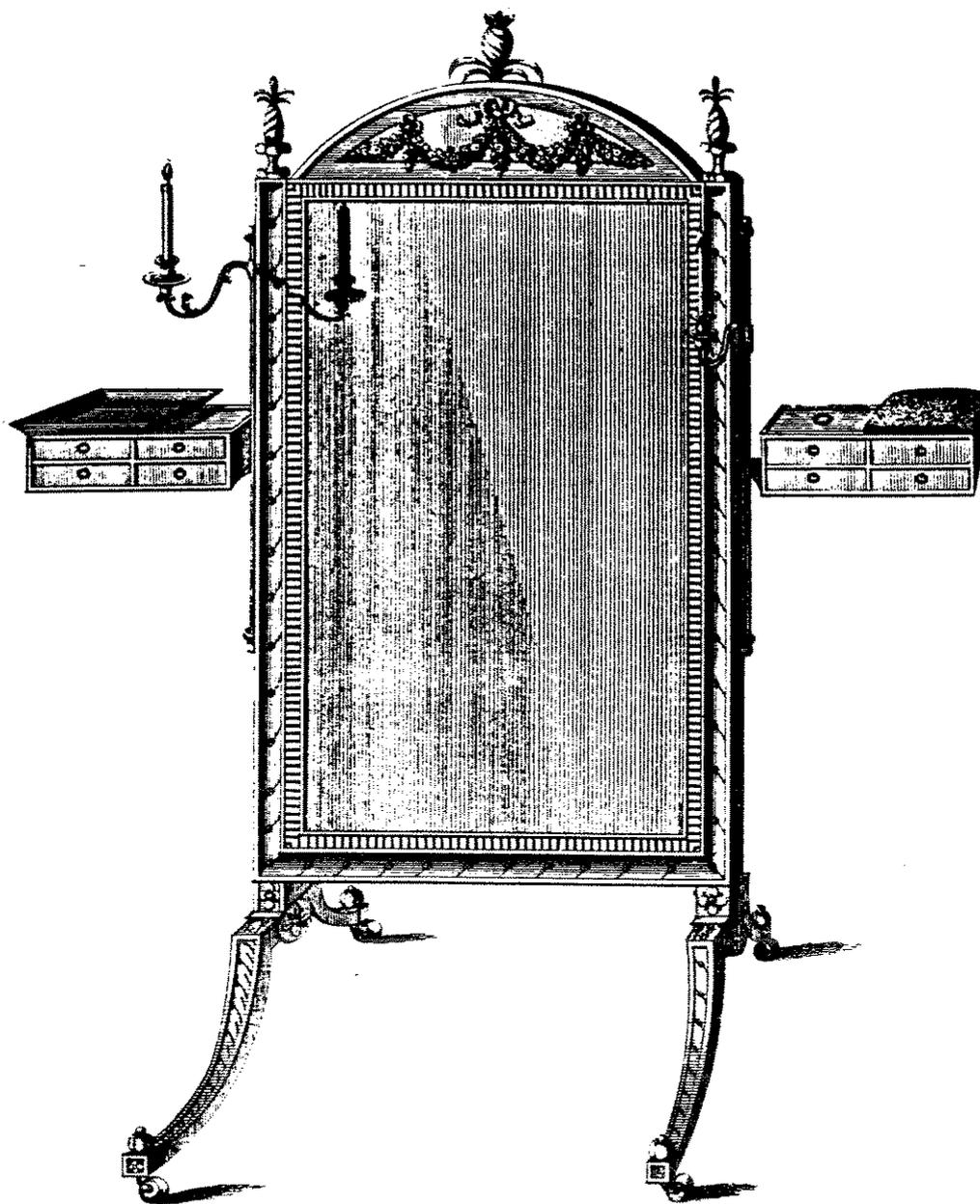


DESENHO 3 -- "A Lady's Cabinet Dressing Table", de Thomas Sheraton.<sup>249</sup> Móvel extremamente rebuscado, com inúmeras gavetas e espelhos, bacia embutida e dois pequenos castiçais para velas.

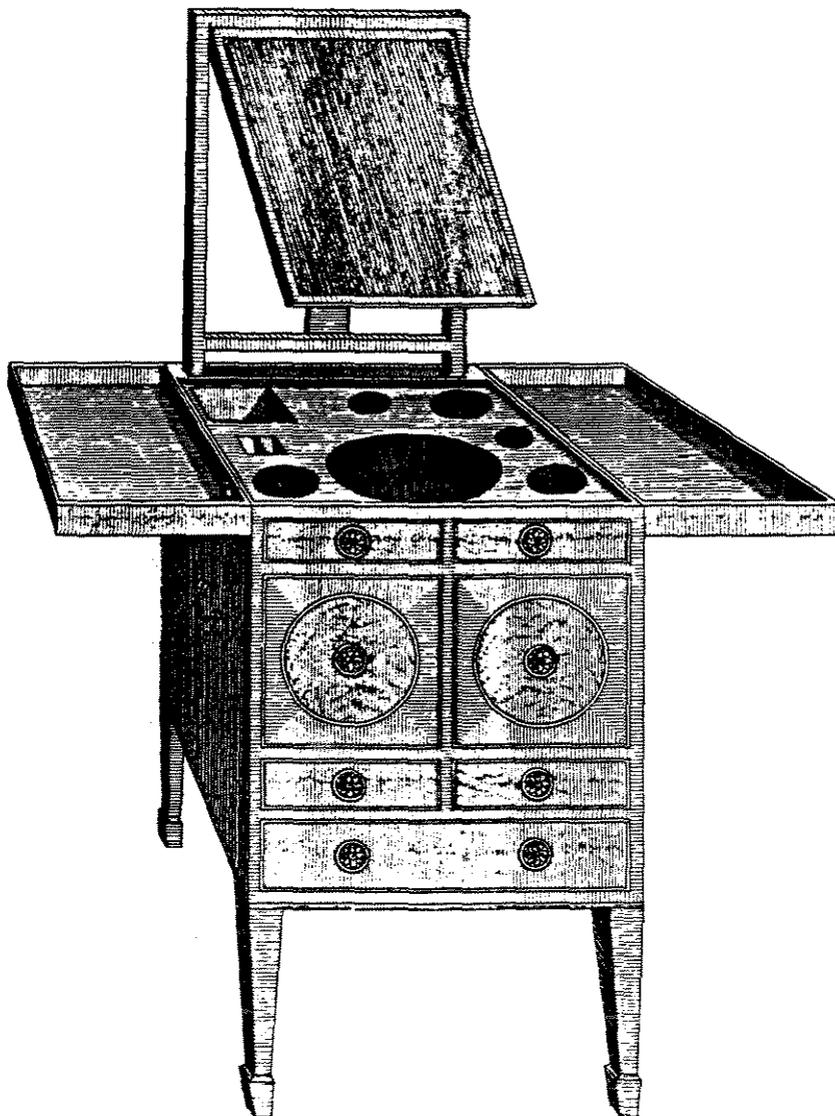


DESENHOS 4 e 5 -- "Dressing Glasses", de George Hepplewhite.<sup>250</sup>

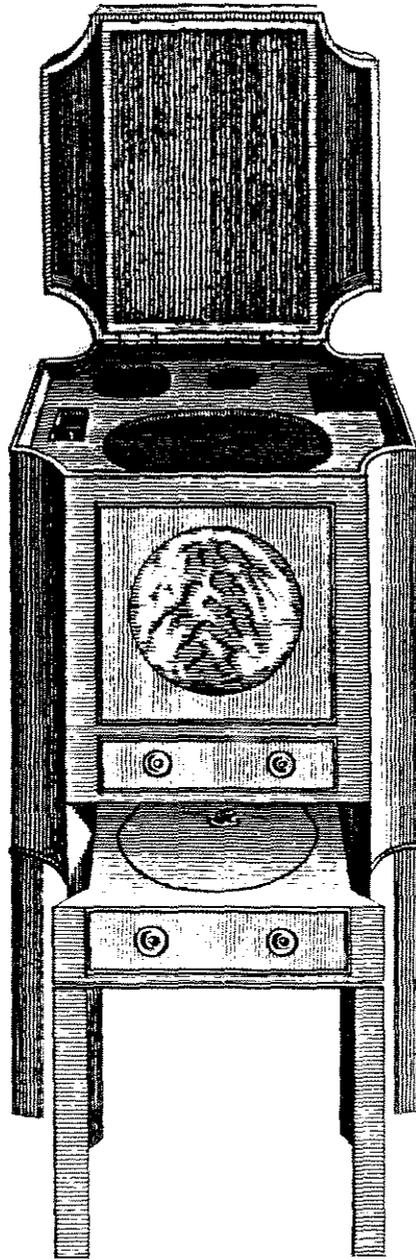
Móveis para serem colocados sobre uma mesa ou cômoda. Estes espelhos com gavetinhas eram aqui conhecidos como "toucadores de cima de mesa".



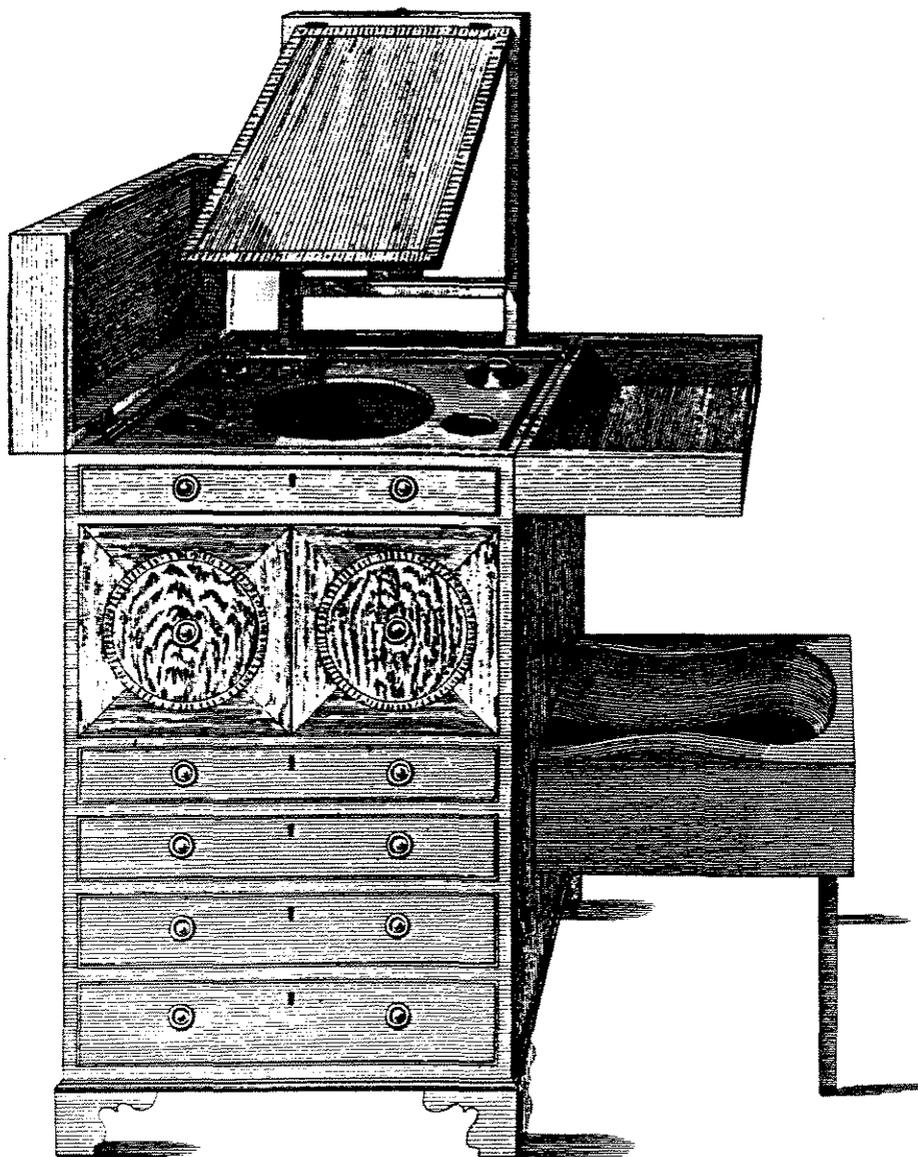
DESENHO 6 -- "Horse dressing glass", de Thomas Sheraton.<sup>251</sup> Aqui denominado "espelho toucador", este toucador do desenho possui locais para apoio de objetos de toilette, oito gavetinhas, castiçais para velas e ainda rodinhas nos quatro pés.



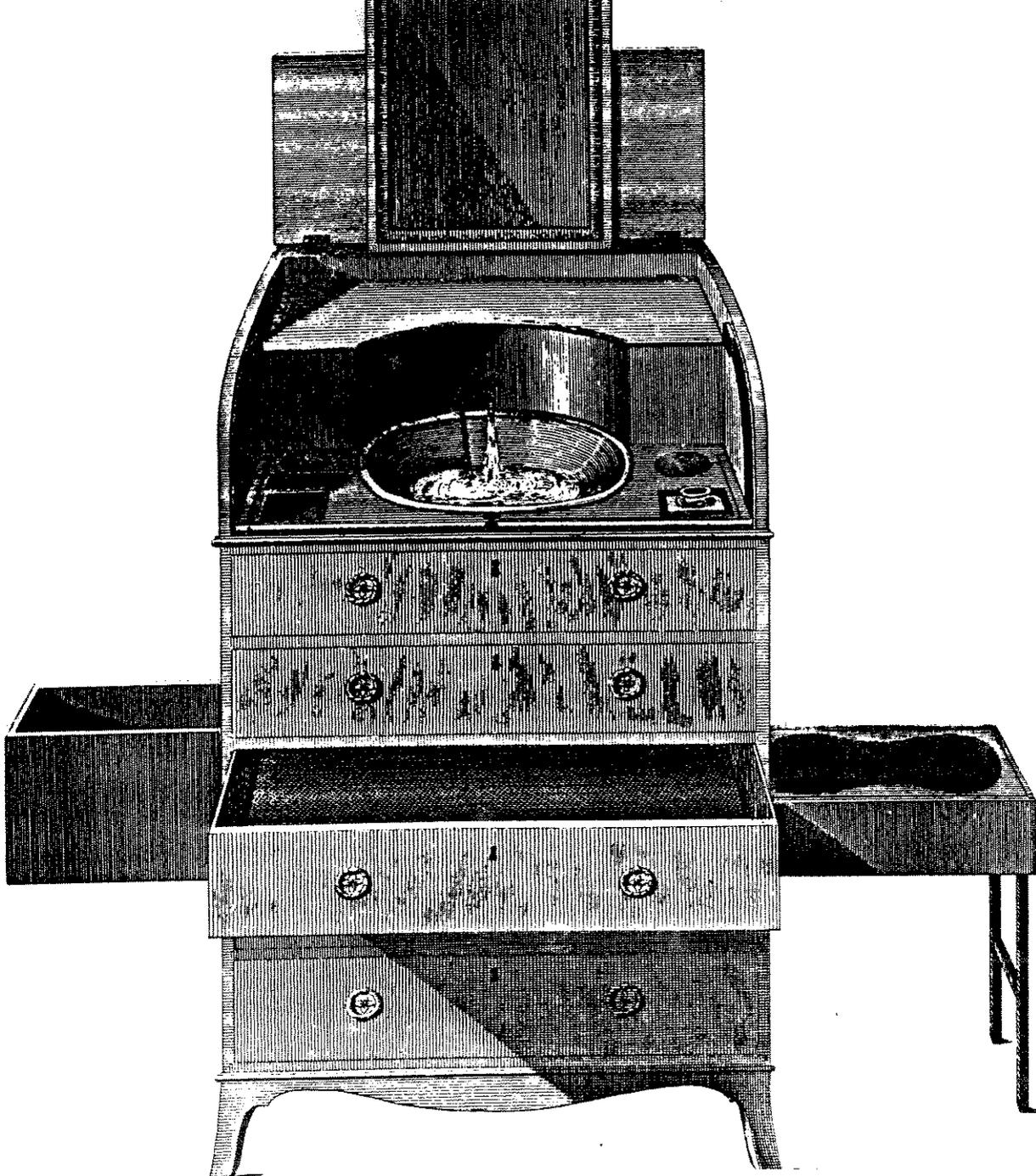
DESENHO 7 -- "Shaving Table", de George Hepplewhite.<sup>252</sup> Móvel para toilette de cavalheiros, com espelho, local para a guarda dos apetrechos necessários e furo no centro para encaixe da bacia.



DESENHO 8 -- "Bidet Shaving Table", de George Hepplewhite.<sup>253</sup> Sob o tampo de levantar, encontra-se o local para os apetrechos de barbear. Na parte inferior, disfarçado pelas gavetas, temos embutido um bidet.

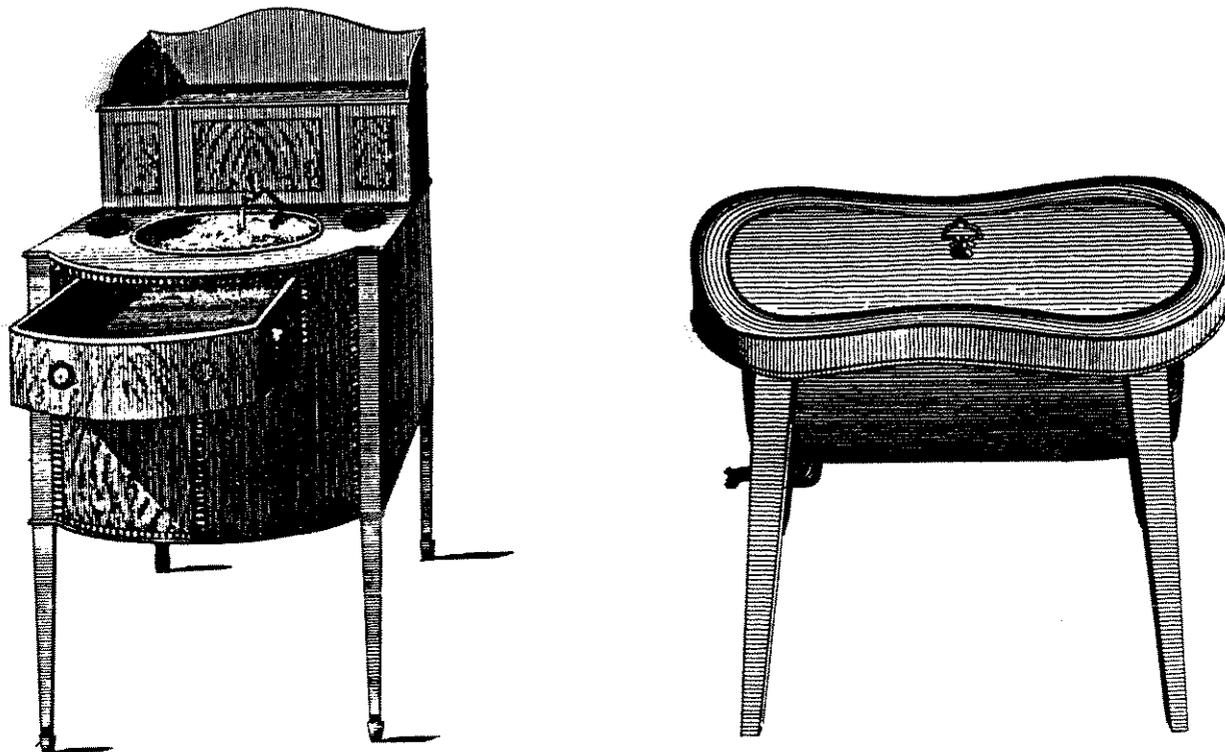


DESENHO 9 -- "Bidet Dressing Table", de Thomas Sheraton.<sup>254</sup> Móvel masculino, com local para toilette embutido na parte superior; e bidet, disfarçado pelas gavetas, na parte inferior.



DESENHO 10 -- "A Cylinder Wash-hand Table", de Thomas Sheraton.<sup>255</sup>

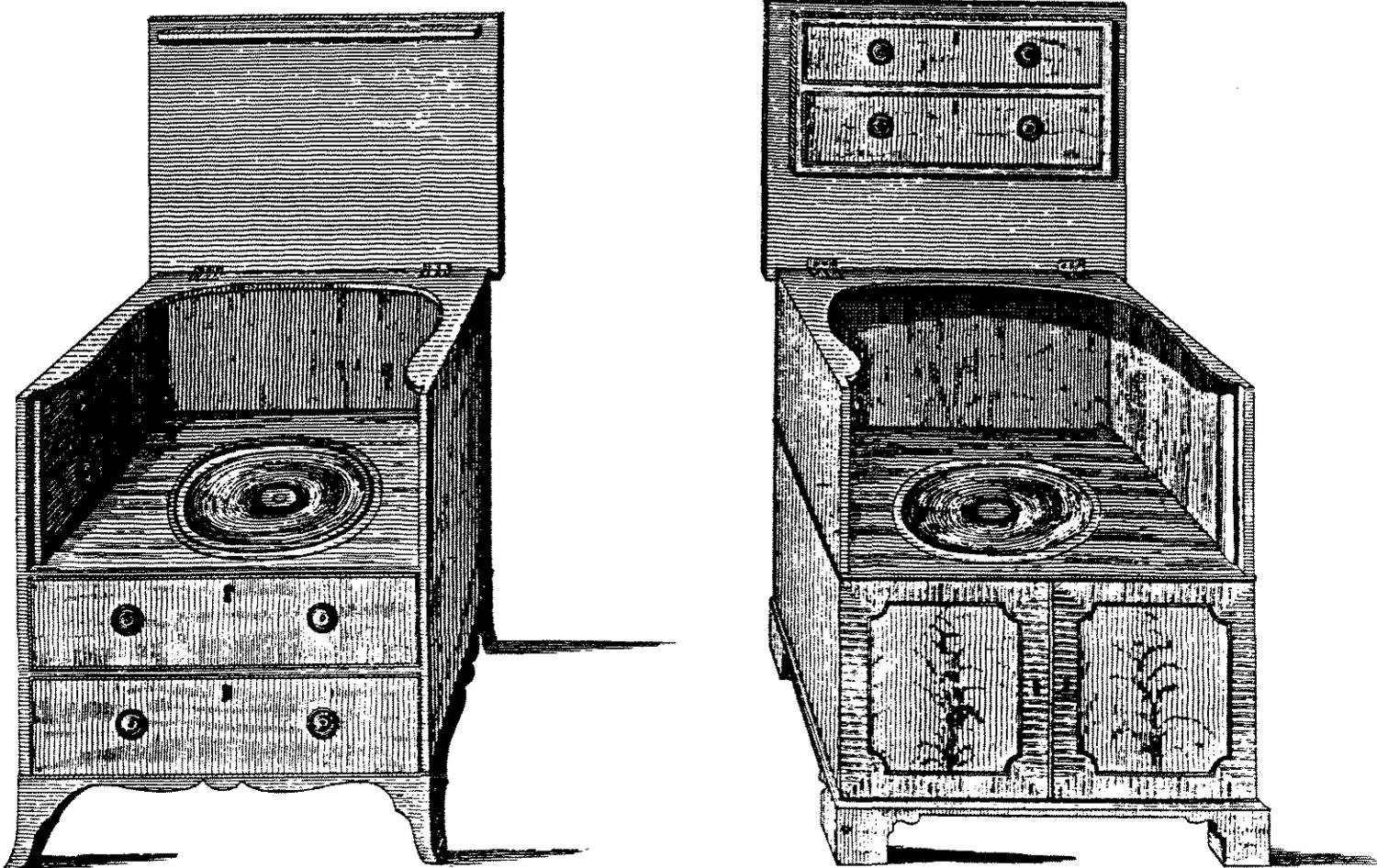
Móvel com dois pequenos compartimentos: um para armazenar a água limpa, e outro para receber a água suja; e também com bica, cuba, e corrente e chave para segurar a água; e, mais, um bidet embutido na parte inferior direita.



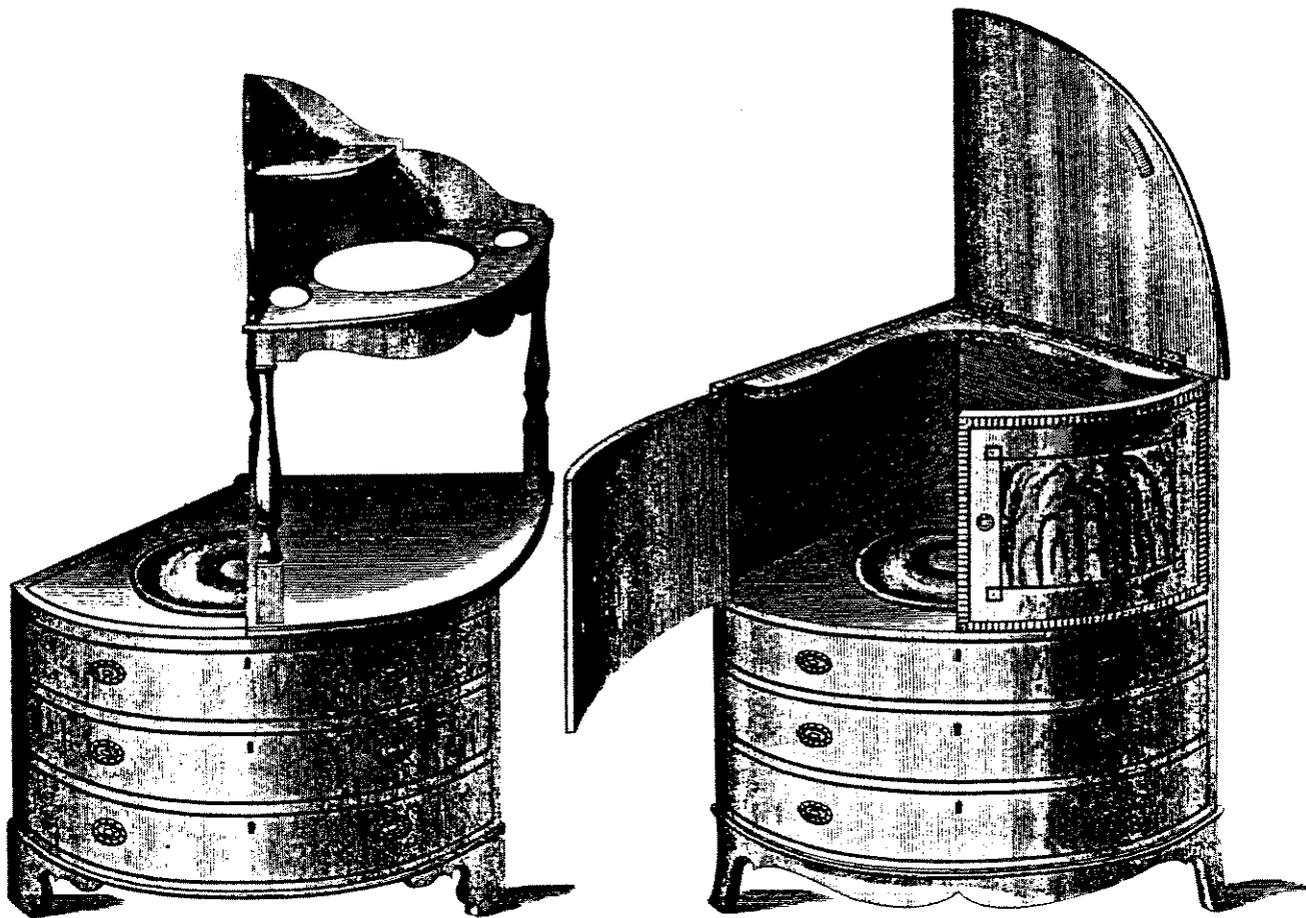
DESENHO 11 -- "A Wash-hand Stand", de Thomas Sheraton.<sup>256</sup> Móvel para se lavar as mãos, com dois compartimentos para água: um na parte de cima, para a água a ser usada, e outro sob o tampo, para a água suja.

DESENHO 12 -- "Bidet", de George Hepplewhite.<sup>257</sup> Este objeto para banho de assento era, depois de usado, retirado do local e esvaziado, abrindo-se a bica de baixo.





DESENHOS 13 E 14 -- "Night Tables", de George Hepplewhite.<sup>256</sup> Aqui conhecidos como **retretes**, esses móveis costumavam ser "**disfarçados**" (assim como alguns dos outros vistos atrás) sob a forma de outros móveis (no caso, pequenas cômodas), para que fossem retirados **incógnitos** do aposento íntimo do "elegante" usuário.



DESENHOS 15 E 16 -- "Corner Night Tables", de Thomas Sheraton.<sup>259</sup>

Temos aqui outros dois modelos de **retretes**, sendo estes de canto. O primeiro tem ainda, na parte de cima, um local para uma tina, ou jarro de água (usado para disfarçar o que vem por baixo, ou para fazer a higiene?).

Existiam na época inúmeros manuais publicados de móveis e decoração, talvez na sua maioria franceses e ingleses;<sup>260</sup> e acredito que alguns deles tenham chegado às mãos dos nossos

marceneiros e artesãos. Segundo Adolfo Morales de los Rios Filho, desde o século XVII engenheiros militares e artistas aqui aportavam trazendo primorosos riscos, cópias dos móveis executados em Portugal.<sup>261</sup> Outra forma de copiar os móveis de "último gosto" foi, como vimos no capítulo 1, a importação de trastes, que, ao chegarem, eram reproduzidos e, algumas vezes, até mesmo "simplificados", ou copiados com pequenas modificações. Nos referidos manuais para a construção de móveis, estes por vezes apareciam classificados separadamente; por exemplo: **móveis femininos**, como a escrivaninha, a chaise longue, a duchesse, a banqueta para a sala de costura, o mobiliário de higiene visto há pouco etc., destinados ao(s) espaço(s) privado(s) feminino(s);<sup>262</sup> **móveis masculinos**, como a biblioteca, o escritório, o gabinete (que, como já me referi, acabaram por evoluir de um móvel para um cômodo) etc.; **móveis para crianças**, como cadeiras altas para refeição, berços, camas (as quais costumavam ser iguais às dos adultos, porém em menores dimensões) etc.; e **móveis para os cômodos comuns** (para os espaços coletivos), como sofás, mesas de jantar, cadeiras, bufetes, aparadores, espelhos, entre inúmeros outros.

No capítulo seguinte, vamos tratar dos principais meios de transporte do período, procurando analisá-los como os trastes que eram. Para isso, me utilizo mais uma vez das descrições dos viajantes, dos anúncios de jornais do período e de uns poucos trastes de transporte que encontrei listados nos inventários pesquisados.

## CAPITULO 5

## 5. TRASTES DE TRANSPORTE.

Desde o século XVI, já era a **rede** utilizada pelos habitantes do Brasil como meio de transporte. Inicialmente, os novos habitantes se faziam carregar por escravos indígenas, mas logo o negro escravo, trazido da África, passou a ocupar também tal função. A rede, de origem indígena, era um **móvel** de larga aplicação, pois servia de cama, de transporte e de mortalha.<sup>263</sup> Meio de transporte barato, a rede era carregada suspensa por uma vara de bambu de 20 a 40 pés de comprimento (alguma coisa entre 5,76 m e 11,52 m) que se apoiava sobre um dos ombros dos escravos carregadores; estes levavam consigo bastões, os quais eram fincados no chão e apoiavam as varas quando havia uma parada. Usava-se ainda cortinas, ou simplesmente um grosso tecido, caído dos dois lados do bambu, que protegia o passageiro do sol, da chuva e também de olhares muito curiosos. Para o transporte de feridos, usava-se cortinas vermelhas; e para o transporte de mortos, as brancas cobertas com um pano preto com uma grande cruz.<sup>264</sup> No século XIX, os enterros em redes passaram a ser mais usados pela parte pobre da população.

A Ilustração XLII é um trabalho de Henry Chamberlain, copiado de um original de Guillobel.<sup>265</sup> Nessa ilustração, vemos a senhora que saiu a passeio na sua rede coberta com cortina e carregada por dois jovens escravos uniformizados. Alguns viajantes notaram que os escravos escolhidos para tal tarefa eram sempre selecionados entre os mais fortes e esbeltos das senzalas...



ILUSTRAÇÃO XLII, de Henry Chamberlain, 1814.

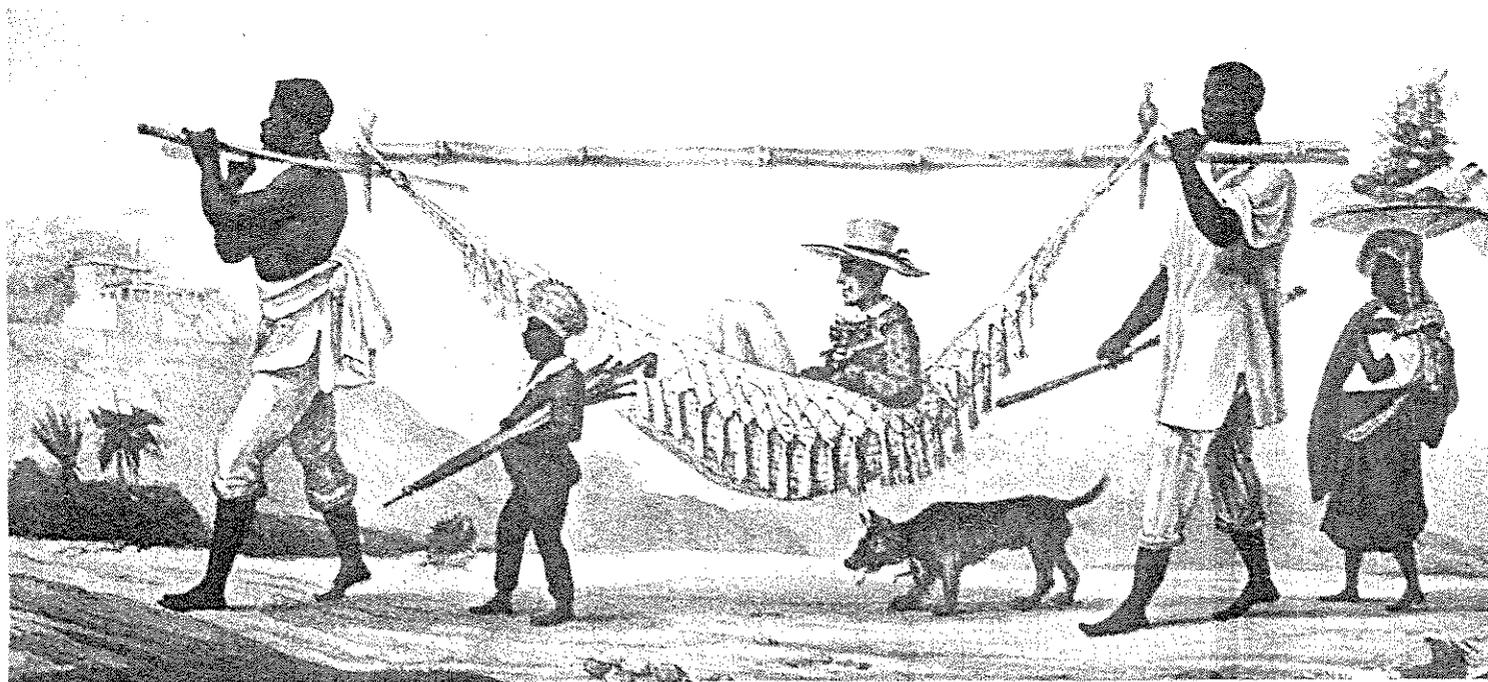


ILUSTRAÇÃO XLIII -- "O regresso de um proprietário", de Debret, década de 1820.

A Ilustração XLIII, "O regresso de um proprietário",<sup>266</sup> de Debret, mostra o regresso à cidade de um proprietário de chácara e negociante de fazendas carregado na sua rede. Debret escreveu que o luxo do proprietário representado consistia em ter escravos bem apessoados, gordos e limpíssimos;<sup>267</sup> e também no rebuscamento dos demais "acessórios": a qualidade da rede e a indumentária do "negrinho de estimação", que carrega o indispensável guarda-sol. Fechando o cortejo, uma menina negra equilibra à cabeça o balaio com provisões, uma pequena mostra das produções da chácara.<sup>268</sup>

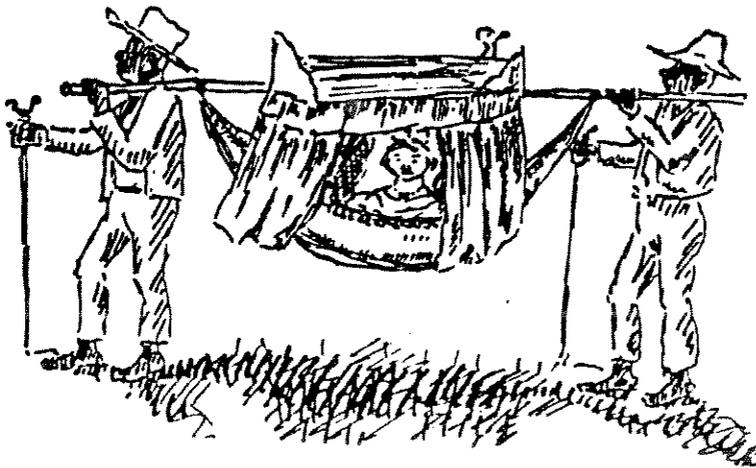


ILUSTRAÇÃO XLIV -- "Serpentina", de Maria Graham, 1821-1823.

Com o passar do tempo, as cortinas que cobriam as redes foram se sofisticando e se transformando em cortinas pendentes de um dossel que se apoiavam na vara de suspensão.<sup>269</sup> Muitas vezes as varas que sustentavam as redes tinham a forma sinuosa de uma

serpente; outras tinham nas suas extremidades a configuração de uma cabeça de serpente (o modelo fora trazido da China pelos portugueses).<sup>270</sup> Surgiu assim o meio de transporte que passou a ser conhecido como **serpentina**. A Ilustração XLIV, "Serpentina",<sup>271</sup> de Maria Graham, é a representação de um dos vários modelos de serpentinas. As serpentinas que se apresentavam decoradas simplesmente eram as mais usadas pelos homens. Já as mulheres se utilizavam das serpentinas com cúpulas ornamentadas "com anjos, pombas, flores, frutos, plumas, etc".<sup>272</sup> As esculturas dos bastões, as ornamentações das serpentinas e a indumentária dos escravos carregadores variavam segundo o gosto, a fortuna e o desejo de ostentação de riqueza dos senhores.

Nas viagens ou passeios de distâncias mais longas, e por caminhos quase sempre difíceis, eram empregados carros de bois ou **liteiras** atreladas a dois ou mais animais e acompanhadas a pé pelos escravos, como a da Ilustração XLV, "Liteira para viajar no interior",<sup>273</sup> de Debret. Essas liteiras, usadas em viagens desde o início da colonização, tinham a aparência de uma grande arca, com vazados servindo de portas e janelas, e podiam transportar de duas até quatro pessoas (mal acomodadas). O revestimento utilizado costumava ser de couro colado à madeira e pregado com pregos dourados.



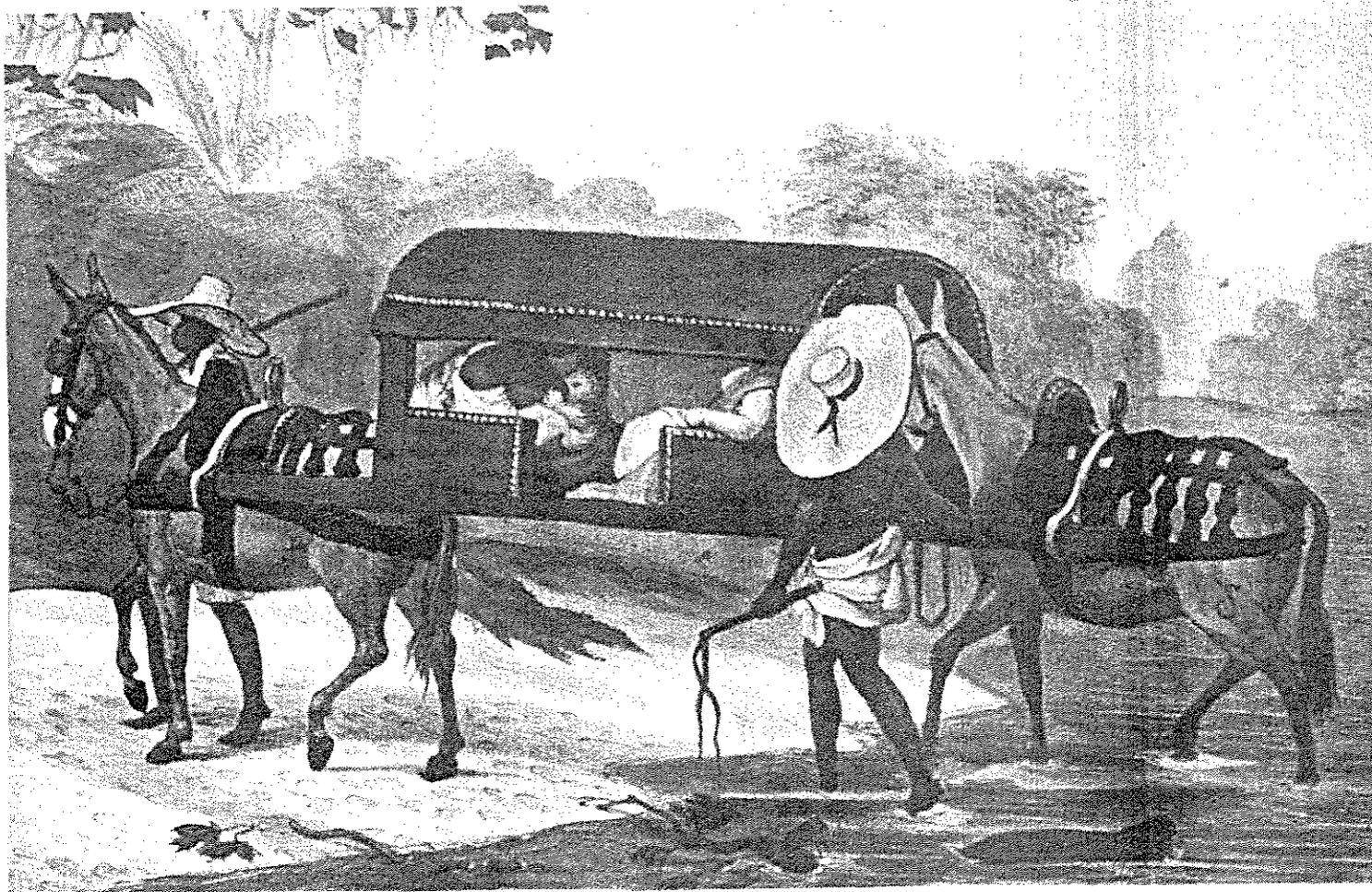


ILUSTRAÇÃO XLV -- "Liteira para viajar no interior", de Debret, década de 1820.

Chegamos, finalmente, ao meio de transporte que talvez tenha sido o mais famoso do período colonial --e que podia ser eventualmente encontrado até quase fins do século XIX--, a **cadeirinha**.<sup>274</sup> A cadeirinha teve aqui maior uso na primeira metade do século XIX, mas já existia no Brasil desde o XVII. Móvel de ostentação, inicialmente foi usada pela nobreza e pessoas do

governo e, em fins do século XVIII, começou a se expandir entre a classe senhorial.<sup>275</sup> Vejamos o interessante depoimento do padre francês Courte de la Blanchardière, que esteve no Rio de Janeiro em dezembro de 1748, um ano antes da "pragmática" que proibiu o excesso de luxo:

"Aqueles ou aquelas que estão bem de fortuna transportam-se numa espécie de cadeira, asseada e bem dourada; mas em lugar de dois varais, como se usa na Europa, há somente um, no qual fica suspensa a cadeira, carregada a ombro por dois pretos. Esta cadeira é acompanhada por um ou dois criados pretos vestidos de libré, porém descalços. Se a pessoa transportada é uma mulher, vai acompanhada normalmente de quatro a cinco pretas bem vestidas e enfeitadas com vários colares e brincos de ouro. Outros se fazem carregar em redes e, portanto, os que vão dentro são obrigados a ficar deitados. Esta rede é também suspensa a um varal de bambu, carregada ao ombro de dois pretos; recobre-a uma coberta de cores, bastante vistosa, que cai dos dois lados para proteger do ardor do sol, que é excessivo neste clima. Aqueles que vão a pé têm um preto ao lado que carrega um guarda-sol ou guarda-chuva como se queira chamá-lo, porque serve tanto para um como para outro uso; normalmente é de cor verde e tem quatro pés e meio de diâmetro".<sup>276</sup>

Luiz Edmundo, em O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis, comentou que, pelo fim do século XVIII, quando as damas de sociedade começaram a sair de casa, indo às igrejas no "bioco das serpentinas e cadeirinhas", não saltavam elas de seus veículos à porta, mas no interior das naves e sacristias, se acomodando então no chão com suas esteiras e almofadas, acompanhadas de seus micos de estimação e dos escravos, que nos dias de cerimônias mais prolongadas traziam consigo samburás cheios de gulodices.<sup>277</sup>

Para os governantes, o excesso de luxo, ostentado por parte dos habitantes, estava arrastando alguns à pobreza. Assim, com o pretexto de controlar o "prejuízo dos vassalos", impedir sua ruína financeira, como também a ruína dos "bons costumes", o Rei de

Portugal, D. João V, promulgou a lei de 24 de maio de 1749<sup>278</sup> -- mais conhecida como a "pragmática de 1749"-- que controlava o luxo e a ostentação na indumentária de senhores e escravos, no mobiliário (incluindo aqui as carruagens), no número de escravos que acompanhavam os passeios, entre outras tantas proibições. A lei, promulgada em Portugal, foi extensa às suas colônias. Não se poderia usar ouro, prata, ou pedras preciosas, nem nada que os imitasse. Nas carruagens as guias e as coberturas só poderiam ser de couro, de moscóvia, ou de oleado.<sup>279</sup> As librés dos escravos só poderiam ser confeccionadas com tecidos fabricados em Portugal. As pessoas que usassem de coches, cadeirinhas, ou liteiras, só poderiam ser acompanhadas por dois lacaios, além dos carregadores.<sup>280</sup> Nas seges, só um lacaios, além do cocheiro. As penas para os infratores variavam um pouco: para a primeira infração, o acusado pagava uma multa em dinheiro --equivalente à metade do valor do objeto de luxo apresentado--, ou era açoitado em praça pública, caso não tivesse com que pagar a multa; para a segunda infração, além das penas já referidas, o acusado era enviado para a prisão e, dependendo do caso, a pessoa poderia ser degredada para Angola, ou para a ilha de S.Thomé, por cinco anos, ou por toda a sua vida (!).<sup>281</sup>

Dessa forma, a pragmática de 1749 restringiu bastante o trabalho dos alfaiates, seleiros, segeiros, sapateiros, marceneiros etc., isso sem se falar nos trabalhos dos ourives. Em 1751, essa lei foi relaxada, porém favorecendo apenas alguns dos profissionais e, ainda assim, aos que tivessem nascido nos Reinos de Portugal e

Algarve. No vestuário e nas roupas da casa passou a ser permitido novamente o uso das rendas, por exemplo, mas a matéria-prima empregada deveria ser a produzida nas fábricas do Reino e de seus domínios. As carruagens podiam ser decoradas com figuras, máscaras e paisagens, à semelhança de obras pintadas em Portugal por artistas portugueses.<sup>282</sup> Em 1762, um novo Alvará Régio relaxou um pouco mais a rigorosa lei, permitindo que parte dos mestres de ofício e comerciantes respirassem mais aliviados. Porém, o ofício de ourives foi **proibido** no Brasil em uma Carta Régia a 30 de junho de 1766; assim, apenas a mão-de-obra escrava continuou a produzir, às escondidas, bonitas peças,<sup>283</sup> algumas das quais chegaram até nossos dias. Mais uma vez, Luiz Edmundo nos acude de forma divertida, comentando sobre o costume dos habitantes de guardar o dinheiro, na falta de bancos no tempo dos Vice-Reis, em forma de baixelas, que ficavam enterradas no fundo das velhas arcas:

"Houve um tempo, entretanto, em que tal processo de capitalização foi seriamente ameaçado por uma ordem do Reino: a que acabou com o ofício de ourives entre nós. Que era em demasia o ouro trabalhado que ficava no Brasil, quando d'elle, afinal, tanta necessidade havia na Metropole. Officinas de ourives foram fechadas, confiscadas, e seus artifices, sem trabalho, obrigados a procurar outra vida. Para desamassar a asa de um bule de prata tinha o carioca de mandal-o a Lisboa".<sup>284</sup>

Por outro lado, não é difícil imaginar que, apesar da severidade dessas leis e da ameaça de suas duras penas, muitos trataram de encontrar formas de transgredi-las... Mas voltemos às cadeirinhas!

Em 1787, o cirurgião inglês John White notou o uso bastante freqüente das cadeirinhas na cidade do Rio de Janeiro. No

entanto, elas lhe pareceram "pesadonas e presas a um varal grosseiramente trabalhado" e, completou o inglês, as da Inglaterra eram mais bem trabalhadas.<sup>285</sup>

Segundo a tradição, a moda da cadeirinha foi divulgada na Corte por D. João VI após a sua transferência para o Brasil. Estava D. João na fazenda de Santa Cruz quando um indiscreto carrapato se atreveu a se agarrar à real canela. O ferimento, em pouco tempo, infeccionou, e D. João, com dificuldades de se locomover, teve de lançar mão de uma cadeirinha para as distâncias mais curtas, carregada aos ombros de negros (bastante) robustos. Charles Dunlop, em Os Meios de Transporte do Rio Antigo, descreveu a cadeirinha na qual passou a desfilar o Príncipe Regente:

"(...) era riquíssima, de madeira primorosamente pintada a óleo cuja porta apresentava, no centro do painel, a figura de Apolo".<sup>286</sup>

Imaginem, a figura de **Apolo**... Divulgada a moda, esse meio de transporte se tornou praticamente indispensável dentre os trastes de todas as casas abastadas. As damas eram as que mais as utilizavam. Quem não possuía uma cadeirinha, alugava. Em 1819, Leithold notou que o preço dos aluguéis de cadeirinhas e carruagens era muito alto; e as senhoras, ao chamarem uma cadeirinha de aluguel, aproveitavam para fazer de doze a quinze visitas em uma única tarde, cumprindo assim, de uma só vez, todos os compromissos devidos.<sup>287</sup> Era comum a exploração das cadeirinhas a frete. Segundo Morales de Los Rios Filho, houve casas de aluguel de cadeirinhas em vários locais da cidade e nas ruas do Ouvidor, de S. Pedro (hoje desaparecida), dos Ciganos (atual rua da Constituição) e da

Imperatriz (atual rua Camerino), sendo esta a última a subsistir, por volta de 1860.<sup>288</sup>

Nos inventários que pesquisei do período, curiosamente, encontrei pouquíssimos meios de transporte listados. Se levamos em conta que vários desses inventários eram de pessoas que tinham uma situação econômica privilegiada, de acordo com os padrões da época, podemos, não muito brilhantemente, concluir que boa parte da população recorria às carruagens de aluguel quando necessitava cobrir distâncias mais longas ou quando havia alguma ocasião especial; ou, ainda, improvisava-se um outro meio de transporte qualquer.

Selecionei exemplos de duas cadeirinhas, uma sege e um calexe que encontrei listados nos inventários. Em 1821, no inventário de D. Clara Thomazia de Jesus, cujo inventariante foi Antonio Pereira da Costa (seu viúvo), aparece na lista de trastes de madeira "Huma cadeirinha de rebusco", por dezoito mil e seiscentos réis --pelo preço, esta devia ser uma cadeirinha bem ornamentada e seus donos eram pessoas que possuíam uma situação econômica confortável.<sup>289</sup> Em 1841, no inventário de D. Rita de Candida Telles, cujo inventariante foi Pedro Antônio Telles Barreto de Menezes (seu irmão), aparece apenas "Huma sege velha" no valor de dez mil réis e dois cavalos (já mortos quando se deu a listagem do inventário!), sendo que a inventariada era dona das terras de uma fazenda nas proximidades de S. João de Merity, com casa, engenho, senzala para os escravos e longa lista de trastes. Por

outro lado, aparecem no inventário "trinta e sete bois de carro", sendo que trinta já se encontravam mortos (!), no valor de cento e quarenta mil réis os sete que restaram.<sup>290</sup> Em 1853, no inventário de Michaela Francisca dos Anjos, cujo inventariante foi Bernardo Botelho de Siqueira, aparece na pequena lista de bens "Huma cadeirinha de gosto antigo muito velha", por quatro mil réis. Pelo preço não muito alto e pelo estado em que se encontrava o móvel, podemos notar como esse meio de transporte já estava em desuso.<sup>291</sup> Em 1853, na relação dos bens existentes na casa do falecido José Joaquim do Amaral e Souza, relação feita pela sua esposa, aparece listado "Hum calexe" sem o seu preço. O **calexe**, também chamado de **caleça**, era uma carruagem de 4 rodas de 2 a 4 assentos e puxada por uma parrelha de cavalos. O rico casal possuía ainda 3 casas de sobrado, uma cocheira na travessa de S. Domingos, 15 escravos e uma lista infindável de trastes de madeira (móveis), outros trastes, roupas, e vários objetos de ouro e prata.<sup>292</sup>

O custo e a manutenção desses trastes de transporte talvez fossem demasiadamente altos, o que para muitos não compensava o investimento. Podemos concluir ainda que os senhores que moravam na cidade costumavam se locomover a pé, ou a cavalo -- vários viajantes, inclusive, se ocuparam em descrever o desfile das famílias a passeio pelas ruas da cidade: o chefe da família ia à frente, atrás iam os filhos, a seguir a senhora, a mucama, a ama-de-leite carregando o último herdeiro e, por fim, os outros escravos.



ILUSTRAÇÃO XLVI -- "Dame brésilienne en chaise à porteur dans une rue du quartier de Santo Antonio", de Tollenare, [1818].

A Ilustração XLVI, "Dame brésilienne en chaise à porteur dans une rue du quartier de Santo Antônio",<sup>293</sup> de Tollenare, mostra um dos primeiros modelos de cadeirinhas. Semelhante a uma liteira,



esse modelo era carregado com dois varais e possuía duas janelas laterais e, eventualmente, uma frontal. Costumavam também ser forradas de sedas e damascos; e tinham uma almofada para se sentar e outra no chão para os pés. A cadeirinha da ilustração demonstra ainda o nível social da dama através do monograma (?) ostentado abaixo da janela lateral.

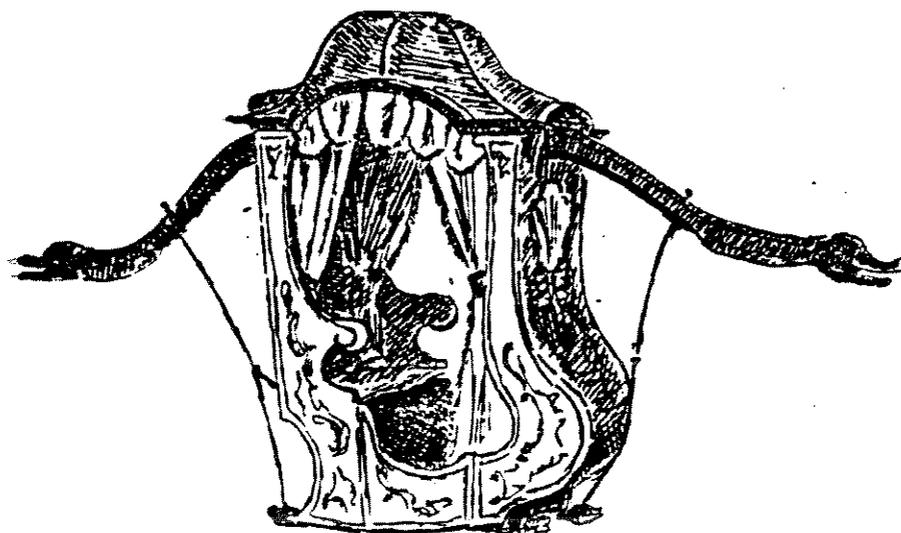
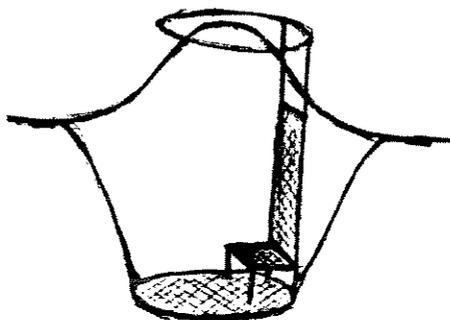


ILUSTRAÇÃO XLVII -- "Cadeirinha estilo D. José".

A Ilustração XLVII representa um modelo intermediário. Essa é uma cadeirinha de madeira, quase completamente aberta, com cortinas grossas, uma pequena janela na frente e uma portinhola de cada lado, para facilitar o acesso do passageiro. O varal representa uma serpente com duas cabeças. Extremamente rebuscada, esta cadeirinha de gosto chinês faz (ou fazia?) parte das coleções

do Museu Histórico Nacional no Rio de Janeiro, e foi classificada como "Cadeirinha estilo D.José".<sup>294</sup>

O terceiro tipo de cadeirinha representa o modelo que foi o mais freqüentemente utilizado. A estrutura desse modelo era basicamente a mesma, variando apenas os ornamentos da decoração. O viajante americano Thomas Ewbank (1846) entrou em uma cadeirinha para observar a sua construção e nos deixou um desenho e uma descrição de sua estrutura:



"Sobre uma tábua elíptica, de 75 centímetros por 50, é fixada uma cadeira de encosto alto, sendo que seus braços se estendem até um círculo ao alto com as mesmas formas e dimensões da base. Os varais curvos são ligados à base por pequenas varas de aço".<sup>295</sup>

Por serem trastes de grandes dimensões, as cadeirinhas costumavam ser guardadas penduradas ao teto dos corredores das residências por um sistema de roldanas. Assim, como o pé direito das construções do período era bastante alto, elas ficavam fora do alcance dos barris, que passavam à cabeça dos escravos carregadores da água e dos "tigres", e também fora do alcance das traquinagens das crianças. Antes de serem elevadas ao teto, as cadeirinhas eram

cobertas com um tecido ou tela grosseira que as protegia da poeira.

Alguns viajantes, em diferentes épocas, descreveram o jeito pitoresco com que os escravos carregavam as cadeirinhas. John White (em 1787), Maria Graham (em 1821) e Thomas Ewbank (em 1846) deixaram relatos semelhantes a esse respeito, pois se impressionaram com a habilidade dos carregadores, que nunca andavam em linha, ficando sempre um à direita e outro à esquerda, e quando necessitavam mudar o ombro de apoio o faziam ao mesmo tempo, transferindo o peso e usando para isso uma forte bengala que era colocada sobre o ombro desocupado e passada por baixo do varal.<sup>296</sup>

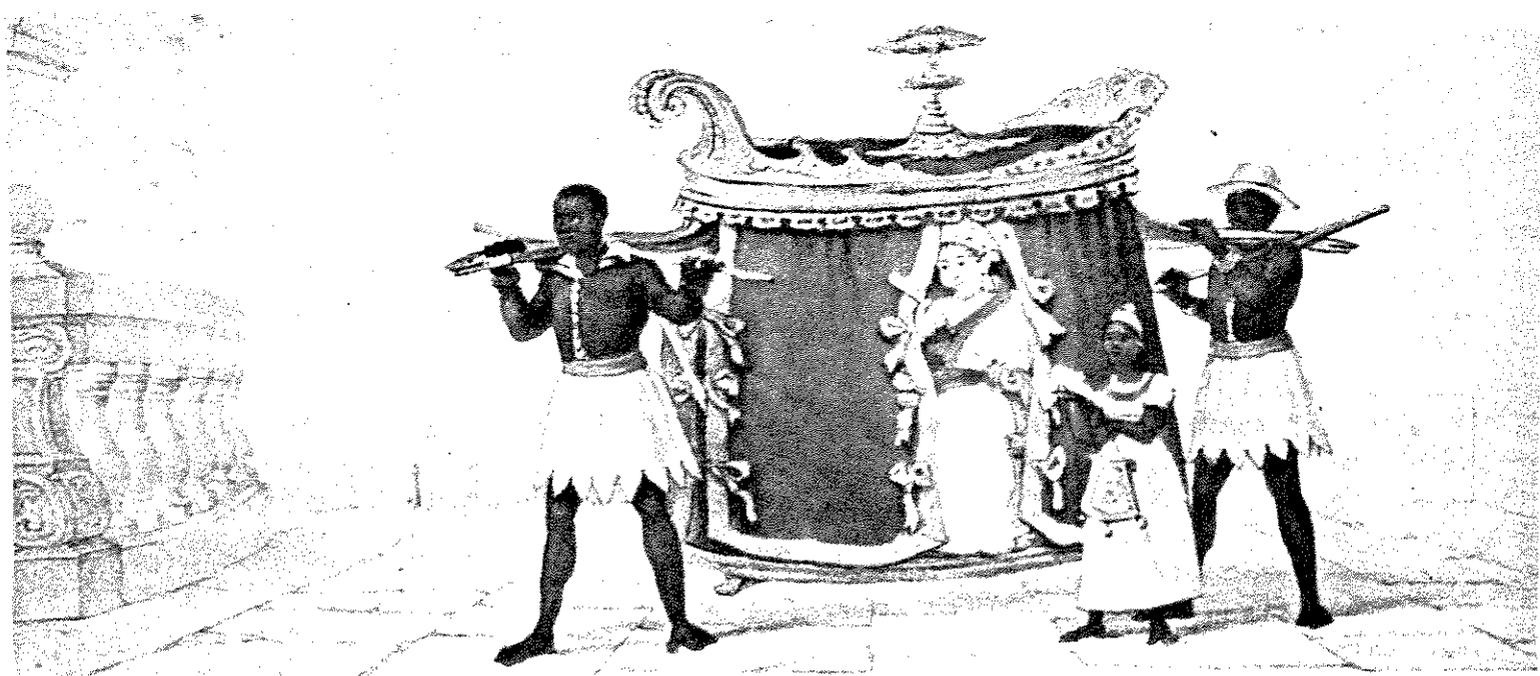


ILUSTRAÇÃO XLVIII -- "Senhora na sua cadeirinha a caminho da missa", de Debret, década de 1820.

Na Ilustração XLVIII, "Senhora na sua cadeirinha a caminho da missa",<sup>297</sup> Debret representou uma senhora da sociedade carregada por escravos de libré na sua cadeirinha ricamente ornamentada. Esse móvel era tido como um complemento da elegante toilette da dama. Uma criada nova acompanha a marcha, levando a bolsa e o livrinho de missa da senhora; é ela também quem se encarrega de transmitir as ordens da senhora aos dois carregadores. Notar o rebuscamento dos entalhes e o pequeno pé da cadeirinha -- algumas possuíam também rodinhas, assim como muitos dos pesados móveis que existiam nas residências do período.

Vamos tratar agora de alguns dos veículos de tração animal que foram os mais comuns. Começemos pela **sege**. A sege era uma carruagem pequena, de duas rodas, com um ou dois assentos e com dois varais, nos quais eram atrelados dois animais. O boleeiro geralmente ia montado no animal da esquerda. Esse meio de transporte já era conhecido no Brasil desde o início do século XVIII, período no qual quem possuísse um veículo de duas rodas era levado à conta de muito rico.<sup>298</sup> Luiz Edmundo descreveu uma espécie de engarrafamento, devido à presença de várias carruagens circulando ao mesmo tempo pelas ruas estreitas do Rio colonial:

"Por vezes, tres, quatro ou cinco conducções: liteiras, serpentinas, cadeirinhas ou mesmo seges, compromettendo o transito, formam um circulo apertado, de modo que cada viajero possa de sua almofada, commodamente, conversar, como em familia. Em certos pontos, graças a essa pratica, difficilmente se caminha".<sup>299</sup>

Reverendo Kidder, que esteve no Rio por volta de 1837, escreveu que

com o aumento do número de veículos e a estreiteza tradicional das ruas, várias ruas do centro da cidade se tornaram de mão única, e o sentido da mão era indicado com uma "mãozinha" desenhada logo abaixo do nome da rua.<sup>300</sup>

Luiz Edmundo fez referência a seis casas de alugadores de seges e a cinco lojas de segeiros já existentes na cidade do Rio de Janeiro por volta de 1769. Após a vinda da Corte portuguesa, a atividade dos segeiros e das casas de aluguel de carruagens aumentou consideravelmente. O viajante alemão Ernst Ebel, que esteve no Rio em 1824, escreveu:

"Como meio de transporte há aqui uma espécie de sege de duas rodas, atrelada a um par de mulas, uma das quais vai montada por seu boleiro, que se veste como os nossos postilhões alemães e calça botas altas de cano. Cortinas de couro na frente protegem-na do sol. Graças a sua leveza, tais veículos são mesmo funcionais, só que o aluguel é caro, pois, com a gorjeta que se costuma dar, saem pelo menos, a 7 ou 8 mil-réis (35 a 40 rublos) por dia".<sup>301</sup>

Na Ilustração XLIX, "Rio de Janeiro",<sup>302</sup> de Debret, foram representados três dos meios de transporte mais comuns: uma sege à direita, cujo boleiro aproveita para descansar, enquanto aguarda algum passageiro; uma cadeirinha, que passa ao centro; e uma traquitana (ou caleça) ao fundo --veículo de quatro rodas, sendo duas pequenas à frente e duas grandes atrás, puxado por dois ou quatro animais. A traquitana era ainda um veículo bastante comprido e possuía cortina de couro, ou de tecido, colocada na frente do passageiro.<sup>303</sup> Em outros trabalhos de Debret, podemos ver que esse tipo de carruagem era empregado também nos cortejos funerários de pessoas de posses.<sup>304</sup>



ILUSTRAÇÃO XLIX -- "Rio de Janeiro", de Debret, década de 1820.

O anúncio do Jornal do Commercio, a seguir, poderia acompanhar esta ilustração:

Sabbado, 25 de janeiro de 1840.

"Vende-se huma caleça com quatro assentos e de cocheiro, muito superior e nova, por muito commodo preço; quem a pretender dirija-se à rua da Alfandega n.157, fabrica de seges".

Na Ilustração L, de Henry Chamberlain, copiado de um original de Guillobel,<sup>305</sup> aparece, com maiores detalhes, um modelo de sege, sendo que esta tem agarrado atrás um segundo lacaio. Notar o tejadilho em forma de baú e como a caixa da carruagem é pequena,

já que esta se destinava somente a um ou dois passageiros, e a abertura na frente, mostrando que era feito por ali o acesso.

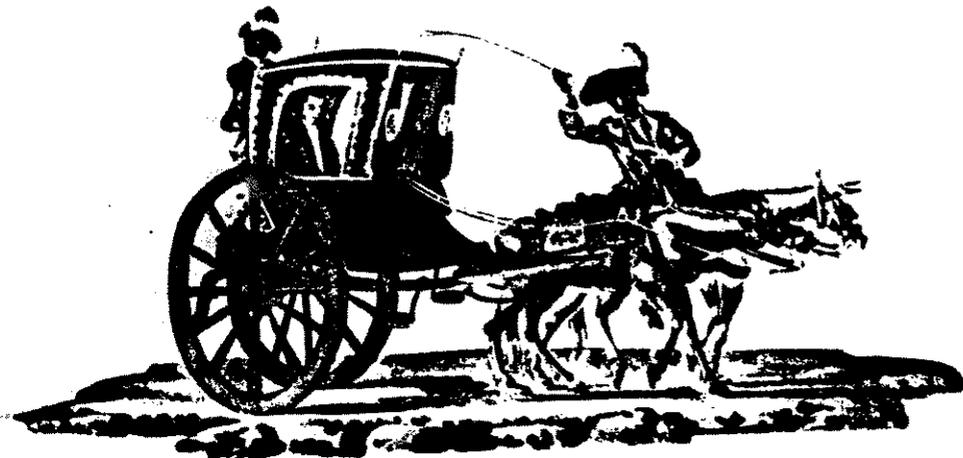


ILUSTRAÇÃO L, de Henry Chamberlain, 1814.

Rui Vieira da Cunha, no texto "A vida do Rio de Janeiro através dos testamentos: 1815-1822", transcreveu a lista dos meios de transporte pertencentes ao rico comerciante Elias Antônio Lopes (o qual doara a mansão de São Cristóvão a D.João VI, assim que este chegou ao Rio de Janeiro para o seu "exílio" de 14 anos); vejamos: uma luxuosa carruagem-caixa de portas pintadas de amarelo que, com seus arreios, valia, em 1815, 600\$000; outra carruagem-caixa com portas verdes; uma sege de boléia que possuía seus arreios e um par de rodas sobressalentes; um carrinho com cabeça de dobrar, também com seus arreios e um par de rodas sobressalentes; e mais, selas, mantas, arreios e molas, tudo no valor total de 1:062\$480.<sup>306</sup>

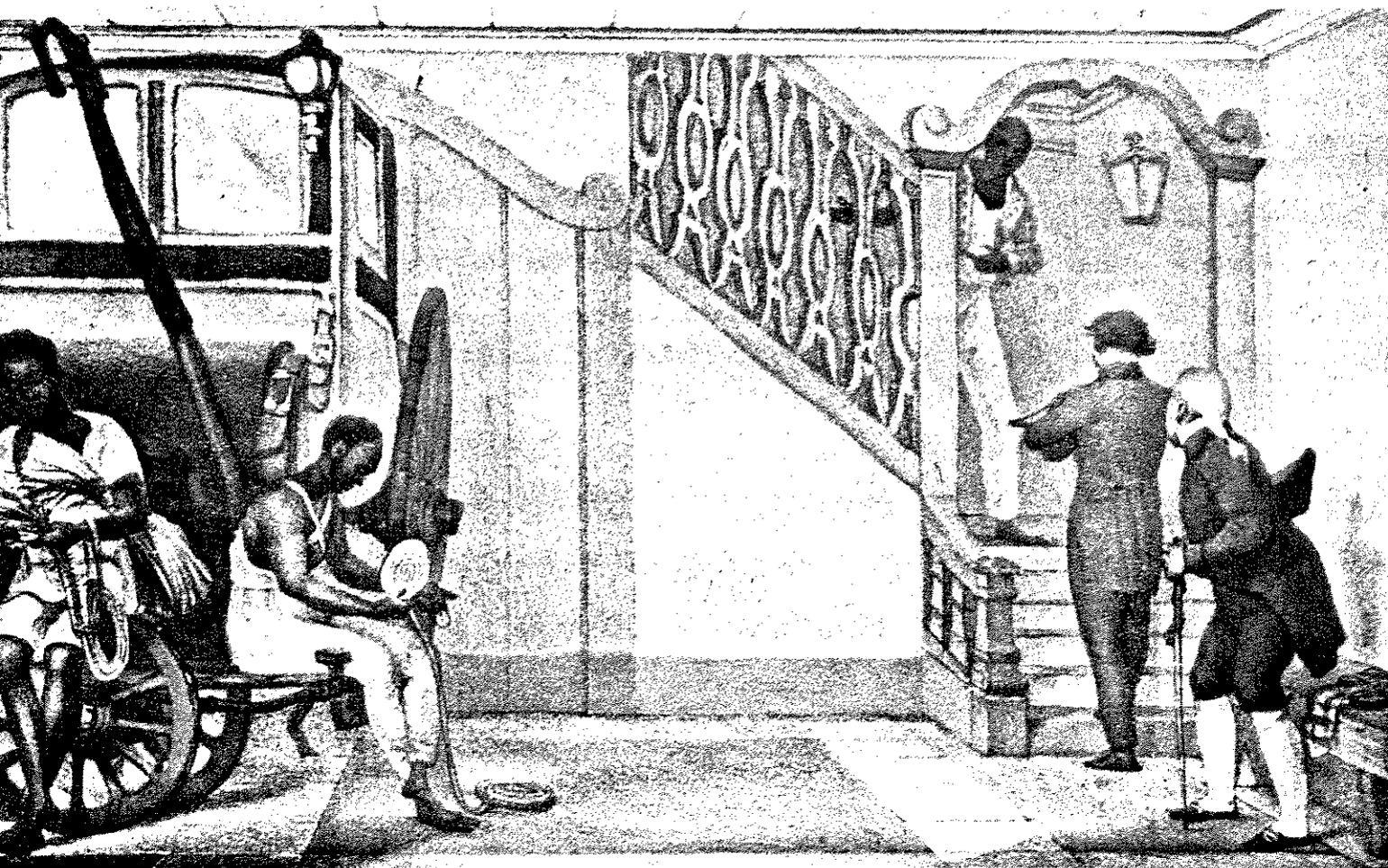


ILUSTRAÇÃO LI -- "Portão de uma casa rica", de Debret, década de 1820.

A Ilustração LI, "Portão de uma casa rica",<sup>307</sup> outra de Debret, mostra alguns indícios da boa situação financeira dos donos da nobre residência: o número de escravos, a enorme carruagem e os detalhes da arquitetura da casa. A metade fronteira da construção serve de local de entrada e cocheira. O portão sob a escada leva para o pátio interno onde fica a estrebaria. A moradia da família



se localiza no segundo e terceiro pavimentos. O viajante inglês Luccock (1808-1818) considerou que as casas dessa forma construídas --com o pavimento térreo com cocheiras-- apresentavam um terrível mal cheiro, que subia aos quartos e impregnava os ambientes,<sup>308</sup> os quais já não tinham por característica principal a boa circulação de ar... Voltando à ilustração, no momento retratado por Debret, um criado chega para receber os dois visitantes que aguardavam no banco comprido à direita. Os dois escravos, à esquerda, encarregados da limpeza da carruagem, aproveitam a hora de folga para confeccionar chapéus de palha. Notar a riqueza da enorme carruagem, com janelas e portas de madeira e vidro, e lanternas nas laterais.

Escolhi o anúncio com pequeno desenho, a seguir, para acompanhar essa ilustração de carruagem:

Jornal do Commercio, Segunda feira, 10 de fevereiro de 1840.



Vende-se huma rica carruagem nova, ingleza, e hum carro de cabeça e volta inteira, optimamente construido, ambos com arreios; na rua da Cadêa n. 27.

As iconografias que apresentei representam apenas alguns dos trastes de transporte que foram utilizados na cidade do Rio de Janeiro até meados do século XIX. Os coches, veículos de grande luxo, e as carruagens se destinavam às pessoas da Corte, aos

personagens da Justiça e do Conselho da Coroa, mas também eram usados pelos mais abastados, mesmo sem nobreza.<sup>309</sup> Desde o início do século XIX, havia o **cabriolet**, de origem francesa e o **cab** inglês, entre outros veículos "importados" da Europa. A **charrete** e o **tílburi** apareceram pouco depois. O tílburi era uma viatura de praça considerada rápida e barata, que tinha lugar para um só passageiro e era puxada por um só cavalo. Como meio de condução popular, o tílburi obteve grande aceitação a partir de meados do século XIX.<sup>310</sup> Outros veículos de praça de tração animal surgiram no decorrer daquele período, sendo que alguns deles foram os precursores dos bondes, pois se tratavam de veículos de lotação, como as **diligências**, os **ônibus** e as **gôndolas**.

Algumas das cadeirinhas, coches, traquitanas e carruagens usadas pela Corte portuguesa no Brasil ainda se encontram nas dependências do Museu Histórico Nacional no Rio de Janeiro. Em um texto denominado "As Carruagens Imperiais do Brasil", contido nos Anais do MHN, 1941, Alfredo Teodoro Rusins mostra que as carruagens utilizadas pelos nossos Imperadores provam um certo brilho, dentro das condições locais, contrariando o conceito generalizado de que a nossa Corte tivesse sido "paupérrima".<sup>311</sup> Algumas dessas carruagens foram trazidas quando da mudança da Corte para o Brasil. Rusins faz também uma relação das carruagens Imperiais restauradas em 1829; uma relação, de 1834, da lista das carruagens existentes nas cocheiras Imperiais; e mostra um pedido, de 1837, à Assembléia Legislativa, de verba para a compra de **carruagens**, **baixelas**, **móvelia**, **jóias**, **alfaias**, etc. que, ou precisavam de reforma, ou

simplesmente faltavam.<sup>312</sup>

Para fechar este capítulo, já que meti o nariz para dentro das cocheiras do Palácio, transcrevo mais um anúncio do Jornal do Commercio, de 20 de março de 1832, não muito tempo após a abdicação de D. Pedro I, onde se anunciava o leilão de algumas das carruagens pertencentes ao ex-Imperador:

"(...) e Ca.fazem leilão hoje terça feira 20 do corrente por conta dos Srs., Samuel Philips e Cia, procurador do ex-Imperador, nas cocheiras da Cidade ao pé da Praia aonde se guardavão as carruagens do ex-Imperador; a saber: 2 carruagens de almofada, 2 ditas de portas, 2 sejes, 3 carrinhos com cortinas, de 4 rodas, 1 dito pequeno sem cabeça, 1 jogo de carrinho, 3 caixas de sejes, 1 dita de carruagem. -- ás 11 horas".

No próximo capítulo, veremos algumas iconografias onde aparece um pouco da movimentação dos demais trastes nas ruas da cidade: um leilão, uma mudança, um piano sendo carregado na cabeça de seis negros, uma pequena loja de barbeiros de dois negros forros, escravos pegando água em um chafariz, etc. e um detalhe do incêndio do Recolhimento de Nossa Senhora do Parto (século XVIII), onde foi representada a trastaria sendo atirada pelas janelas do dito estabelecimento.

CAPITULO 6

## 6. A TRASTARIA NAS RUAS.

Grande parte dos anúncios que pesquisei se referiam a leilões. Eram leilões de trastes que pertenciam a pessoas que se retiravam da Corte, leilão de trastes do "finado Sr. Fulano de Tal" (cujo lucro seria dividido entre seus herdeiros que não conseguiam se entender), leilão de trastes recém-chegados, trazidos pelas diversas embarcações etc. As casas de leilões ou os leiloeiros mais conhecidos eram: Frederico Guilherme (rua do Ouvidor n.81, ou 118),<sup>313</sup> Cannell Southam e C. (rua do Hospício n.11), Barker Campbell e Greenwood (rua da Alfândega n.24), J. J. Dodsworth (rua da Alfândega n.28), Feraudy (rua do Ouvidor números 106 e 108), Tripe e Irmãos (rua do Ouvidor, n.128), Bouchon e Taniere (rua do Ouvidor, n.89), Sigaux e Farrenc (rua do Ouvidor, n.106) etc.<sup>314</sup>

Como vimos no capítulo 2, o número de trastes ofertados, para diferentes usos e finalidades, cresceu bastante na cidade desde o início até meados do século XIX, assim como cresceu também o número de casas de leilões e de leiloeiros; isso devido, com certeza, ao aumento da oferta e da procura das mais variadas mercadorias. Thomas Ewbank (em 1846) compareceu a um leilão na esquina da Rua dos Ourives com Ouvidor. Vejamos o que escreveu Ewbank:

"(...). Uma longa mesa estendia-se desde a entrada até o estrado em que estava o leiloeiro. Atrás dele via-se um pequeno balaústre de ferro. O lugar estava cheio de mercadorias novas e de segunda mão, velhos quadros, queijos holandeses, relógios americanos, utensílios de cozinha, louças, velhos livros, sapatos, conservas, etc. (...).

Diariamente temos aqui leilões dessas coisas e uma vez ou duas por semana são oferecidas outras variedades de mercadorias. Este

era o caso de hoje -- um sortimento variado de mercadorias coloridas, dispostas em bancos, atrás da grade. O catálogo continha oitenta e nove lotes, e cada lote tinha um número correspondente nele pregado, de modo que os compradores, percorrendo a lista, pudessem orientar-se. Essas mercadorias eram seres vivos. (...)"<sup>315</sup>.



ILUSTRAÇÃO LII -- "Une vente d'esclaves, à Rio-de-Janeiro", de François Auguste Biard, 1858.

A Ilustração LII, "Une vente d'esclaves, à Rio-de-Janeiro", de François Auguste Biard, retrata justamente a confusão de um desses leilões, nos quais quase sempre se vendia desde um simples paliteiro, passando por objetos de porcelana riquíssimos, móveis luxuosos, trajes suntuosos, adornos, livros,

escravos e escravas de diferentes idades (e para diferentes finalidades), cadeirinhas, carruagens, cavalos, até residências, lojas e lotes de terra. Na cena da ilustração, os ricos senhores e interessados nas "mercadorias" trocam idéias uns com os outros, examinam cada detalhe com curiosidade (inclusive os dentes da escrava ao centro), enquanto o leiloeiro se prepara para dar início às transações, de cima de uma cadeira. No canto esquerdo, está representado um elegante armário com colunas e frontão esculpido; e uma mesa com joelheiras e travessas entalhadas em volutas e pernas em forma de perna de animal.

O próprio François Biard relatou em seu livro:

"Assisti, uma vez, a uma venda de escravos num armazém e, de outra, numa casa particular após um falecimento. Não notei diferença entre as duas formas de comércio; apenas no armazém o leiloeiro estava trepado num caixão de queijos; no outro, em pé, numa cadeira com um martelinho na mão. Em meio de consolos, marquesas, lampiões, sentavam-se cinco negros e negrinhas. Julguei se mostrassem tristes. Ao contrário. Todos os cinco foram vendidos, um após o outro, por 6000 francos. Um dos compradores ficou com duas mulheres, uma mesa e um cavalo".<sup>317</sup>

"Retour d'une vente d'esclaves à Rio-de-Janeiro",<sup>318</sup>

Ilustração LIII, também de Biard, mostra um rico proprietário retornando de um leilão, acompanhado de suas "mercadorias"; entre elas: quatro escravos --que carregam os seus pertences--, um colchão e um relógio de colocar em cima de mesa, que vai ao braço de um dos escravos; logo atrás, um criado branco coloca ritmo na marcha. A reparar: a pose do senhor, que vai orgulhoso exibindo suas novas "aquisições", tendo ainda o cabo do guarda-chuva enfiado no bolso do paletó.



ILUSTRAÇÃO LIII -- "Retour d'une vente d'esclaves à Rio-de-Janeiro", de François Auguste Biard, 1858.

A Ilustração LIV , "Paisagem da Glória",<sup>319</sup> destaca a Igreja da Glória do Outeiro, o mercado da Glória, o casario e uma mudança passando pela rua. As mudanças das famílias ricas para a nova casa eram feitas por grupos de negros alugados (por 3 a 4 vinténs, cada um).<sup>320</sup> Cada móvel era carregado isoladamente; se o móvel fosse muito pesado ou frágil, um grupo de negros se reunia para suspendê-lo, amarrado por cordas e pendurado em varas compridas (ver ilustração XI, "Rio de Janeiro", no capítulo 3). O



transporte da mudança era geralmente feito de uma só vez, a fim de facilitar a fiscalização do criado branco, que sempre fechava o cortejo. Na ilustração de Bertichem aparecem três negros carregando alguns móveis: uma pequena marquesa (ou banco de janela), com resguardo dos pés enrolado para dentro, e uma mesa redonda, com perna central torneada em forma de balaústre e pés encurvados; dois criados brancos vêm logo atrás, puxando uma carroça com mais alguns trastes.

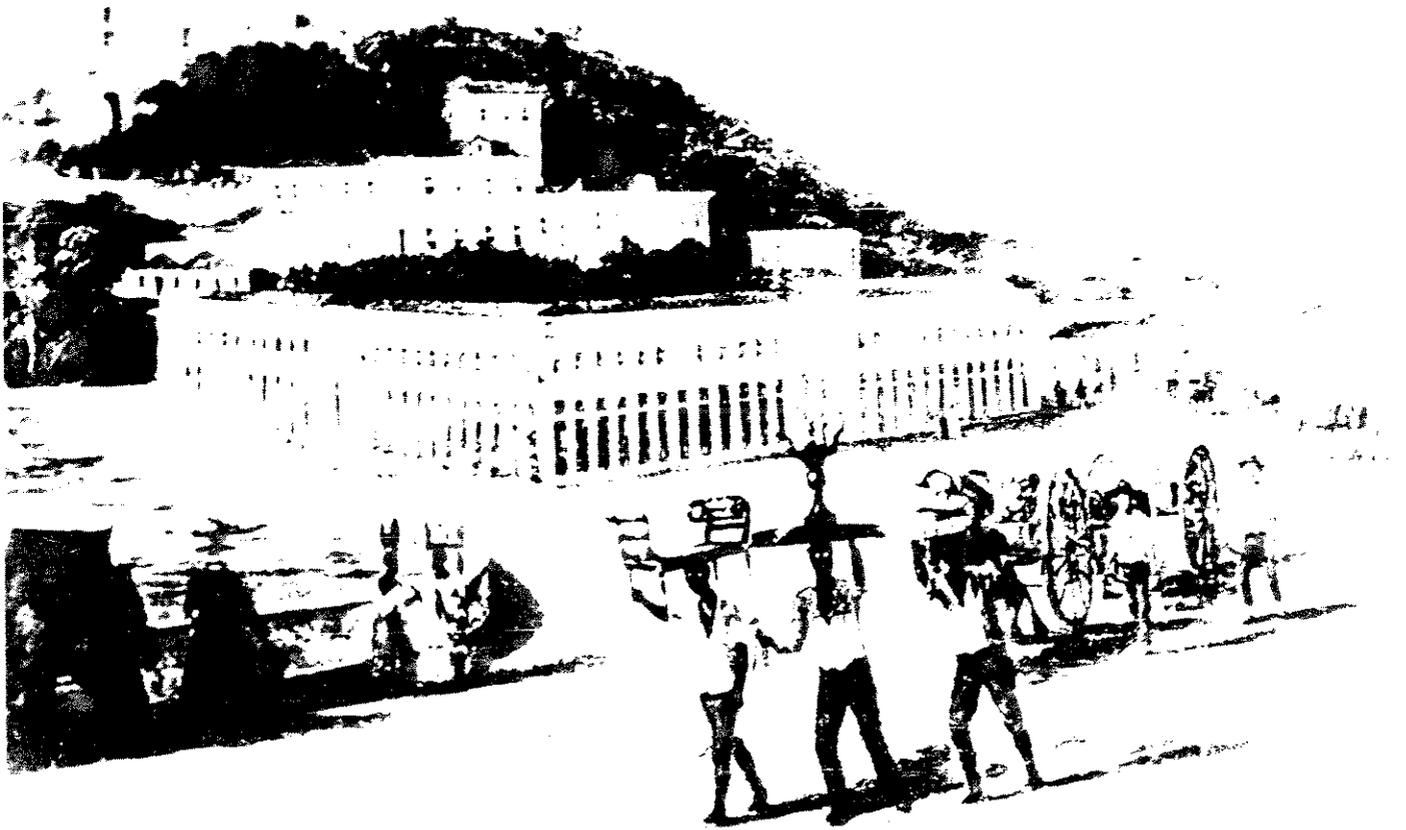


ILUSTRAÇÃO LIV -- "Paisagem da Glória", de Bertichem.



ILUSTRAÇÃO LV -- "Déménagement d'un piano, à Rio-de-Janeiro", de François Auguste Biard, 1858.

"Déménagement d'un piano, à Rio-de-Janeiro",<sup>321</sup> Ilustração LV, mais uma de Biard, mostra um enorme piano de cauda sendo carregado à cabeça de seis negros, os quais têm o seu trabalho ritmado pelo personagem que vai na esquerda, à frente, tocando um instrumento. O Reverendo Kidder representou, em um desenho, carregadores de sacos de café, que trabalhavam cantando e com uma marcha ritmada, e escreveu:

"Os negros carregadores de pianos e louças de barro frequentemente

trazem na mão um instrumento de música, semelhante a uma matraca de criança, que eles sacodem (...)"<sup>322</sup> -- e acrescentou que esse ato tinha, para eles, o efeito de suavizar a pesada tarefa.

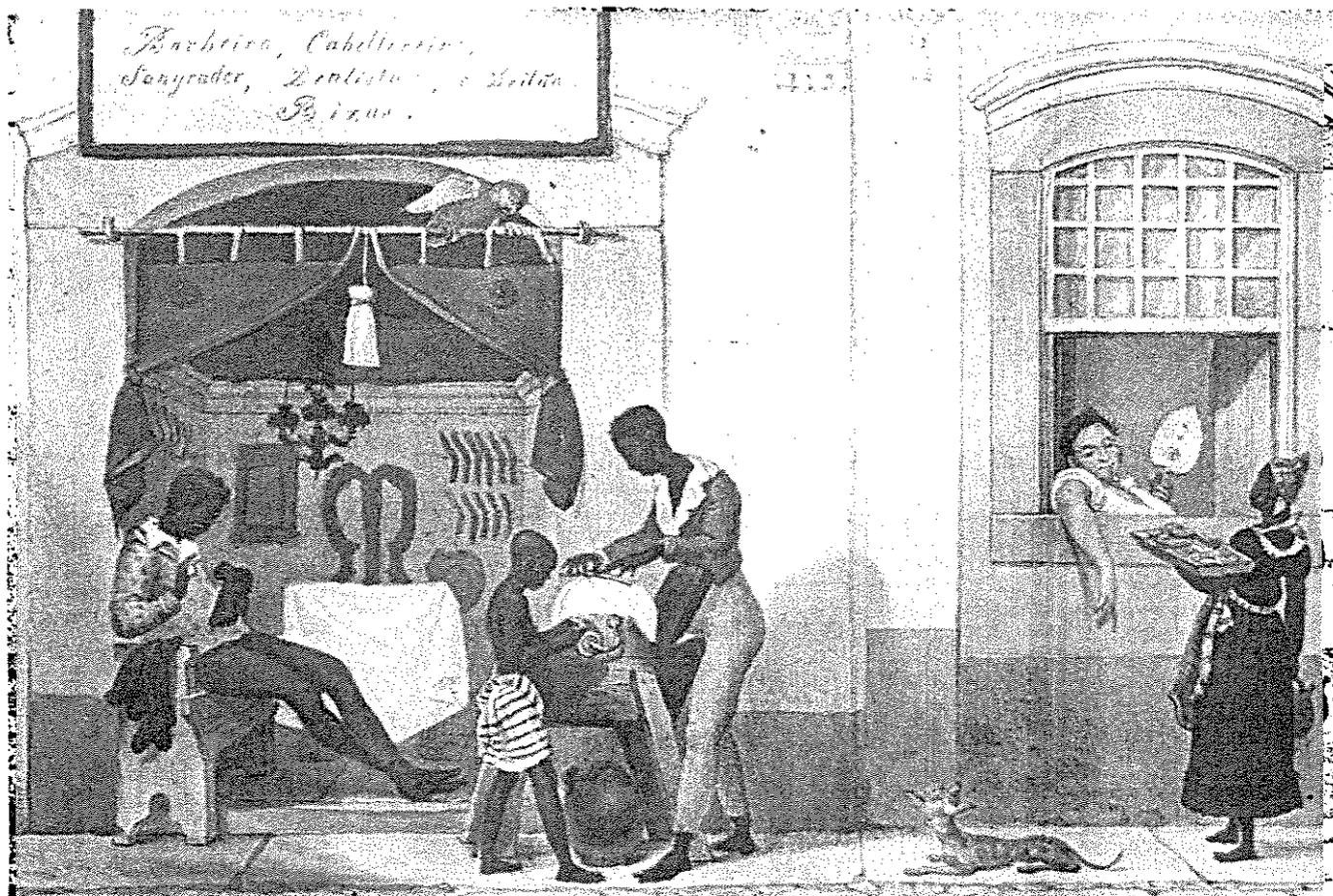


ILUSTRAÇÃO LVI -- "Loja de barbeiros", de Debret, década de 1820.

A cena da Ilustração LVI, "Loja de barbeiros",<sup>323</sup> de Debret, mostra o pequeno e distinto estabelecimento de dois antigos escravos de ofício, que com suas economias conseguiram comprar sua liberdade e estabelecer seu próprio negócio.<sup>324</sup> A tabuleta esclarece suas habilidades: barbeiro, cabeleireiro, sangrador, dentista e aplicador de sanguessugas. Um dos rapazes amola, à

calçada, uma enorme navalha, enquanto o moleque faz rodar a engenhoca; o outro barbeiro conserta um fio escapado de uma meia de seda, sentado no banco comprido (talvez um banco-baú, desses que tinham um lugar para guardar pequenos trastes sob o seu assento). Ao fundo da loja, vemos a imponente cadeira, com espaldar em forma de violão, colocada em destaque --único móvel rico do interior da barbearia, e que, coberta com uma toalha limpa branca, se encontra pronta para receber o primeiro cliente. Nas paredes vemos penduradas diversas navalhas, uma bacia e um espelho. O bonito lustre de metal iluminará mais tarde o pequeno ambiente. À porta da loja a cortina verde e amarela (!) deverá ser fechada quando houver algum cliente. Na casa ao lado, o gordo vizinho dos barbeiros se abana com um leque chinês, enquanto olha o tabuleiro de doces que a menina negra carrega.

Até quase meados do século XIX, a mulher brasileira pouco saía à rua --nem mesmo nos leilões de mercadorias para decoração ou trajar era notada a sua presença--; dessa forma, mandavam elas que seus escravos domésticos comprassem os mantimentos necessários no mercado, ou esperavam pelos vendedores ambulantes. Os vendedores de comestíveis, assim como alguns de cutelaria, cristais, porcelana e prata ofereciam suas mercadorias à porta da dona de casa. O mesmo acontecia com os artigos de uso feminino, desde vestidos de seda e mantas, até lenços, sapatos, jóias, livros etc., segundo depoimento de Thomas Ewbank em 1846. Ewbank comentou ainda que, mesmo que as senhoras quisessem sair, encontrariam poucos motivos



ILUSTRAÇÃO LVII -- "Café torrado", de Debret, década de 1820.

para fazê-lo, devido às ruas mal pavimentadas e sem passeio. Costumava-se, então, enviar à loja desejada uma nota com o escravo, o qual retornava com amostras para serem escolhidas.<sup>325</sup> O viajante Leithold (1819) relatou ter conhecido um vendedor ambulante, o Doutor Ritter, que tinha vindo de Berlim para tentar a vida no

Brasil e, não conseguindo se sair muito bem, acabou o pobre tendo que vender, de porta em porta, as porcelanas que havia trazido.<sup>326</sup> Geralmente, o próprio comerciante de mercadoria de valor era quem as negociava com os interessados, mas muitos se faziam acompanhar por negros que tinham a tarefa de carregar a dita mercadoria. A Ilustração LVII, "Café torrado",<sup>327</sup> de Debret, mostra o exato momento em que a senhora da casa térrea estende o prato, por debaixo da rótula de treliça da porta, à vendedora de café. As outras vendedoras de doces, caldos etc. aproveitam para conversar, enquanto aguardam a companheira. Notar a riqueza de detalhes das vestimentas das moças. São elas provavelmente escravas (visto que andam descalças) que trabalham de vendedoras durante o dia e regressam para a casa de seus senhores toda noite, ou em poucos dias, com o lucro conseguido.

A Ilustração LVIII, "Vendedoras de frutas e aves",<sup>328</sup> de Thomas Ender, é uma cópia de um original de Guillobel, também copiado por Chamberlain, e representa um grupo dos chamados "negros de ganho". Em uma barraca improvisada, duas vendedoras fumam seu enorme cachimbo, sentadas sobre banquinhos baixos, esperando a freguesia. As mercadorias expostas são frutas, legumes, farinhas e cereais (acondicionados em sacos), aves, ovos e até mesmo artigos de uso doméstico, como os indispensáveis cestos, balaios e samburás de palha trançada, de diversas formas e cores, utilizados com ou sem tampa, os quais serviam para guardar desde roupas e adornos até qualquer tipo de alimento. Esses utensílios da



ILUSTRAÇÃO LVIII -- "Vendedoras de frutas e aves", de Thomas Ender, 1817-1818.

indústria do trançado, fabricados pela mão-de-obra escrava, eram utilizados por todas as classes da população e, em algumas casas, eram ainda revestidos com um pano ou couro para que tivessem maior durabilidade.



ILUSTRAÇÃO LIX -- "Engenho Velho", de Eduard Hildebrandt, 1844.

Também até meados do século XIX, o abastecimento de água no Rio de Janeiro se fazia quase exclusivamente pelos inúmeros



chafarizes e bicas espalhados pela cidade, os quais, por sua vez, recebiam a água que vinha do Aqueduto de Santa Teresa. A distribuição da água para as residências e demais estabelecimentos era feita pelas carroças de pipa d'água e pelos aguadeiros (escravos ou pessoas da classe pobre que viviam da venda de água). A água era geralmente carregada em grandes vasos de barro ("macacos") ou barris de madeira. A Ilustração LIX é do viajante alemão Eduard Hildebrandt, que esteve no Rio em 1844. "Engenho Velho"<sup>329</sup> mostra a simplicidade das linhas do chafariz de apenas duas bicas, que ficava no cruzamento das atuais rua Conde de Bonfim e rua dos Araújo, no bairro da Tijuca.

\*

"Fatal e rápido incêndio que reduziu a cinzas, em 23 de agosto de 1789, todo o antigo Recolhimento de Nossa Senhora do Parto, salvando-se entre as chamas a milagrosa imagem da mesma senhora",<sup>330</sup> Ilustração LX, representa um detalhe do famoso óleo sobre tela de João Francisco Muzzi, onde aparecem os móveis, e tudo o mais que se podia tentar salvar do incêndio, sendo jogado pelas janelas. Só por essa preocupação das pessoas em salvar o mobiliário, enquanto o fogo destrói uma parte do prédio, já podemos confirmar o alto custo e a raridade de toda a trastaria naquele fim de século XVIII. Apenas nesse detalhe aparecem: tamboretas baixas (ou mochos); três cadeiras de assento redondo e encosto em forma de

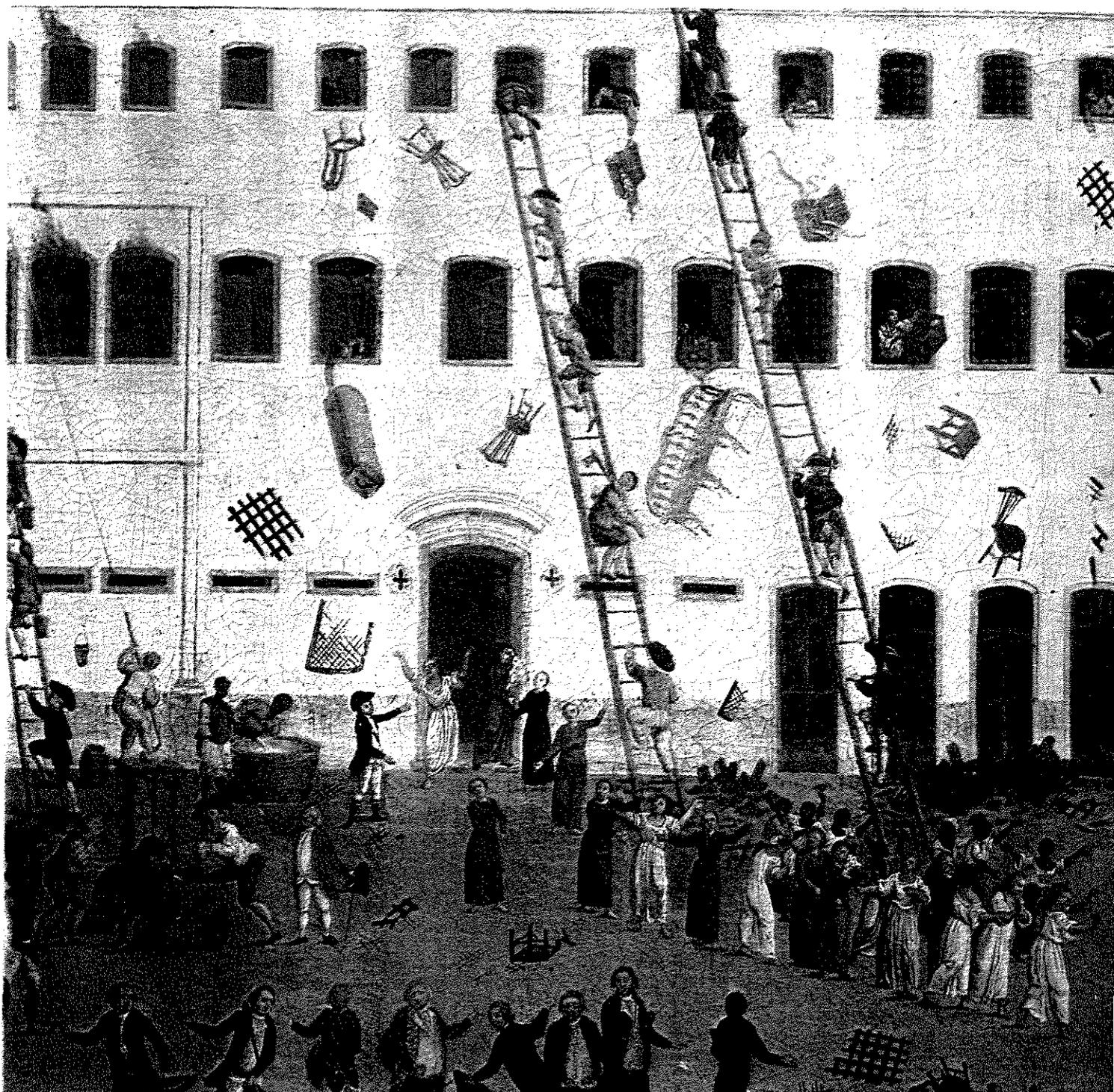


ILUSTRAÇÃO LX -- "Fatal e rápido incêndio..." (detalhe), de João Francisco Muzzi, 1792.

V --dos tipos que podiam ser usadas para se sentar ao contrário, ou seja, com o espaldar de encontro ao peito; uma cadeira com encosto arredondado, tabela recortada e pernas em curvas, cujo assento se desprende ao ser atirada pela janela; um baú comprido, com tampa convexa e com alças nas laterais; um canapé de madeira de 3 lugares; algumas caixas pequenas (ou maletas) e vários pedaços das grades e das rótulas das janelas. Tudo que era atirado se quebrava na queda e ia sendo amontoado em um canto da rua --e, mais tarde, iria o amontoado de madeira certamente parar nas mãos dos marceneiros locais e seus ajudantes, que seriam encarregados da paciente e difícil tarefa de reconstituir tão valiosa trastaria.

Essa enorme construção representada, situada entre as ruas S. José, dos Ourives (atual Rodrigues Silva) e da Carioca (atual Assembléia),<sup>331</sup> abrigava em uma extremidade a Igreja de Nossa Senhora do Parto e na outra um Recolhimento, que fora fundado para servir de asilo de mulheres não virgens e/ou revoltadas com a sua reclusão mourisca e condição extremamente limitada.<sup>332</sup> Consta ainda que uma das jovens que ali tinha sido encarcerada teria, por vingança, ou desespero, dado início ao incêndio. Gilberto Ferrez escreveu sobre a importância da tela de Muzzi:

"(...) das primeiras telas paisagísticas do país e além disso documentos fiéis da indumentária, (...); do mobiliário que está sendo atirado pelas janelas, do modo de se combater o fogo; do edifício; dos materiais de construção e até mesmo dos operários com suas diversas ferramentas".<sup>333</sup>

As obras para a reconstrução da parte destruída pelo fogo começaram a 25 de agosto de 1789 (dois dias depois do incêndio) e foram concluídas em 8 de dezembro do mesmo ano.

EPILOGO

## EPÍLOGO:

Como me referi na apresentação desta dissertação, o meu objetivo era o de reunir as fontes iconográficas de interiores de moradias da cidade do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX e tentar, a partir daí, fazer um estudo de como moravam alguns de seus antigos habitantes, que tipos de trastes possuíam e de que forma os organizavam e utilizavam.

O período escolhido se mostrou interessante por ter sido a época da mudança da Corte portuguesa e de inúmeros fidalgos e/ou oportunistas para o Rio de Janeiro, assim como também a época da abertura dos portos brasileiros ao comércio exterior e, conseqüentemente, da instalação de muitos comerciantes estrangeiros na cidade. Aos poucos, como vimos nos anúncios de jornais antigos, estudados principalmente no capítulo 2 ("A chegada da Corte e das trastarias"), houve vasta importação de móveis e artigos diversos, alguns realmente necessários, mas vários de capricho. Abriram-se novas lojas estrangeiras e iniciou-se o farto comércio do luxo -- luxo esse, dito "ocidental", que viria concorrer com os produtos orientais e acabar por dar "feição européia" à cidade e, no devido tempo, ao país, que, nas palavras do professor José Roberto Teixeira Leite, já fora aborígene, lusitano, africano, indiano e chinês.<sup>334</sup>

No período colonial, a ostentação se fazia na rua. Ao saírem de casa, confortavelmente instalados em ricas redes,

cadeirinhas etc., carregados aos ombros de escravos devidamente ataviados, os senhores locais expunham em público a sua condição social, o seu status. Iam ainda os ditos senhores ricamente vestidos, penteados e calçados. Ao chegarem em casa, se "despiam" de todo o aparato e se punham à vontade, em mangas de camisa, ceroulas e chinelos, os homens, e em camisolas cingidas por cordões à cintura, e descalças, as mulheres, segundo testemunho de inúmeros viajantes. O arranjo dos interiores acompanhava esse modo de viver e agir. Para que ostentariam um luxo dentro de casa, se não havia para quem mostrar? O lar era uma verdadeira fortaleza contra olhares estranhos, e os pouquíssimos convidados limitavam-se estritamente ao aposento a eles destinado, a sala de visitas, a qual, mesmo nas casas mais opulentas, raramente apresentava um mobiliário "ostentoso, magnificente, deslumbrante ou outros adjetivos similares", concluiu Emanuel Araújo, em O Teatro dos Vícios.<sup>335</sup>

A partir do início do século XIX, a importação insistente do luxo "ocidental" seduziu os que tinham posses, ou os que se esforçavam por parecê-lo. Assim, em pouco tempo surgiram aqui móveis especiais para cada finalidade. Alguns desses móveis eram peças autênticas dos estilos que representavam --e chegavam importados, trazidos pelas inúmeras embarcações--; porém outros (aliás, vários) eram produtos dos marceneiros e artesãos instalados na cidade. Dessa forma, encontravam-se mesas e cadeiras de diversos tamanhos e feitios, além de sofás, guarda-roupas, guarda-louça, cômodas, meias cômodas, camas com "todos os seus pertences", ricos

móveis de higiene disfarçados sob a forma de outros móveis, e os móveis que acabaram por evoluir de "móveis" para "cômodos privados": gabinetes, escritórios, bibliotecas etc., entre outros. E encontravam-se pianos, símbolos de status e erudição: pianos de cauda, pianos de parede, uns mais simples, e outros com ricas pinturas. Todos eram móveis de "último gosto"; uns, confeccionados em madeiras mais nobres, se destinavam aos ambientes mais ricos e ostensivos; já outros, confeccionados em madeiras mais baratas, eram colocados à venda por preços acessíveis aos menos abastados, os quais também tratavam de seguir, na medida do possível, os novos conceitos de moda e conforto. O fato é que, até meados do século, foi a cidade tomando ares de "europeizada", requisito básico para que vários senhores locais conseguissem realizar seus novos interesses econômicos e/ou políticos, e se introduzissem no restrito círculo da classe dominante.

Antes da abertura dos portos em 1808, poucos estrangeiros haviam obtido autorização do governo português para que fizessem expedições no Brasil.<sup>336</sup> E, no início do século XIX, o Brasil se tornou a "meca" de muito viajante e/ou cientista estrangeiro. Quando aqui chegaram, porém, os referidos viajantes se encantaram demais com a natureza exuberante do país e se ocuparam em retratá-la, relegando bastante os interiores das residências das diversas regiões. Por outro lado, estes estrangeiros tinham ainda o ingresso nas moradias dificultado pelos costumes locais. Muitos, quando se hospedavam em determinadas casas de fazenda, portando cartas de

recomendações de figuras importantes, eram alojados nas alcovas destinadas aos hóspedes, as quais costumavam dar para as varandas e não para o interior das casas. E, se esses viajantes estrangeiros se encantaram tanto com as belezas naturais do país, tanto melhor para mim. Pois, tivessem eles se ocupado em desenhar e pintar tudo o que vissem nos interiores das residências, e outro já teria tido a idéia de fazer o trabalho que ora apresento, e eu, pobre de mim, teria que ter procurado outro objeto de estudo e diversão...

\*

\*

\*



## NOTAS:

1. MACHADO, Alcântara, Vida e Morte do bandeirante. São Paulo, Livraria Martins Editora, s/d, p.23.

2. ARAÚJO, João Hermes Pereira de, no prefácio de, CANTI, Tilde, O Móvel do século XIX no Brasil. Rio de Janeiro, Edição de Cândido Guinle de Paula Machado, 1988.

3. Segundo Augusto Cardoso Pinto, em "Considerações acêrca do estudo da arte do móvel em Portugal e no Brasil" (em SARMENTO, Therezinha de Moraes, "Um preguiceiro no Museu Histórico Nacional", Anais do MHN, vol. XXI. Rio de Janeiro, MEC, 1969, p.52), os móveis de moldes portugueses existentes no Brasil se classificam assim:

"a) Mobiliário trazido da metrópole e que, portanto é genuinamente português.

b) Mobiliário feito no Brasil por artistas idos de Portugal ou já ali nascidos mas formados nas oficinas dos primeiros, segundo os modelos ou pelos moldes tirados fielmente desses modelos vindos da metrópole; e este é ainda mobiliário português.

c) Mobiliário em que por falta de modelos, necessidade de variação dos mesmos, natureza das encomendas ou outras razões se introduziram alterações nas formas e na decoração; e êste é já mobiliário brasileiro ou, pelo menos, luso-brasileiro.

d) Mobiliário em que intervieram influências estranhas ou se introduziram modificações estruturais, umas e outras não verificadas em Portugal, incluindo as espécies que, embora no estilo português, não têm congênere em Portugal; e este é já mobiliário brasileiro ou, pelo menos, luso-brasileiro.

e) Mobiliário de caráter semi-rústico, feito nas missões ou em locais afastados dos centros populacionais por artífices improvisados ou de fraca aptidão, para suprir às necessidades de instalação, em que, por falta de modelos e gramática ornamental de que dispõem os profissionais, houve que resolver empiricamente os problemas de construção e criar motivos decorativos tirando-os diretamente da fauna e da flora, e este é mobiliário lididamente brasileiro".

4. COSTA, Lúcio, "Notas sobre a evolução do mobiliário luso-brasileiro", em Revista do SPHAN, n.3. Rio de Janeiro, 1939, p.135.

5. CANTI, Tilde, O Móvel no Brasil. Rio de Janeiro, Edição Cândido Guinle de Paula Machado, 1985, 2a. edição, p.83.

6. CALMON, Pedro, em ROCHA, Carlos Eduardo da, O Mobiliário antigo da Bahia. Salvador, Museu do Recôncavo Wanderley Pinho, 1973, pp.13-14.
7. LESSA, Clado R. de, "Mobiliário brasileiro dos tempos coloniais", em Revista Estudos Brasileiros, n.6. Rio de Janeiro, 1939.
8. COSTA, Lúcio, op. cit., p.137.
9. , "Mobiliário, Vestuário, Jóias e Alfaias dos tempos coloniais", em Revista do SPHAN n.4. Rio de Janeiro, 1940, p.252.
10. RUGENDAS, J. Moritz, A Viagem Pitoresca através do Brasil. Rio de Janeiro, Editora Tecnoprint, s/d., p.116.
11. MACQUOID, Percy, A History of English Furniture. England, Antique Collectors' Club Ltd., 1987, vol.I, p.10.
12. RODRIGUES, J. W., em, vários autores, As Artes Plásticas no Brasil. Rio de Janeiro, 1952, p.188.
13. CANTI, Tilde, O Móvel no Brasil, p.13. Charão: técnica oriental (sobretudo na China e no Japão) de envernizar com laca artigos de madeira ou papelão, utilizando aplicações de madrepérola e outros materiais. Laca: verniz-da-China, utilizado para a obtenção do charão.
14. Ibid., p.79.
15. Ibid., p.23.
16. PINTO, José de A. Wanderley, "Mobiliário, vestuário, jóias e alfaias dos tempos coloniais", em Revista do SPHAN, n.4. Rio de Janeiro, 1940, p.259.
17. BARATA, Mário, "Os Móveis do Brasil Colonial", em Revista Cultura Política, n.40. Rio de Janeiro, 1944, p.244.
18. CANTI, Tilde, O Móvel no Brasil, op. cit., p.117.
19. FERREZ, Gilberto, A Muito Leal e Heróica Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Editado por Raymundo de Castro Maya, Cândido Guinle de Paula Machado, Fernando Machado Portella, Banco Boavista s.a., 1965, pp.15-16.
20. SANDÃO, Arthur de, O Móvel pintado em Portugal. Porto, Livraria Civilização, 1966, p.23.
21. ROCHA, Carlos Eduardo da, op. cit., pp.11-12.
22. COSTA, Lúcio, op. cit., p.141.

23. Na verdade, não podemos falar no fim de um estilo e sua completa substituição por outro, pois o que muitas vezes acontecia era que o estilo anterior, já muito enraizado nas tradições locais, continuava a ser por longo tempo produzido. Outras vezes, podia-se encontrar elementos dos dois estilos convivendo harmoniosamente numa mesma peça.

24. CANTI, Tilde, op. cit., p.184.

25. MARIANNO FILHO, José, Estudos de Arte Brasileira. Rio de Janeiro, p.58. Marianne Filho apresenta o mobiliário D. João V como a versão portuguesa do mobiliário francês do período Luiz XV, porém despido dos elementos "ouro" e tapeçaria.

26. CANTI, Tilde, op. cit., p.188.

27. COSTA, Lúcio, op. cit., p.143.

28. CANTI, Tilde, op. cit., p.284.

29. RODRIGUES, J. W., em, vários autores, op. cit., p.188.

30. LESSA, Clado R. de, op. cit., p.16.

31. CANTI, Tilde, op. cit., p.295.

32. LESSA, Clado R. de, op. cit., p.4. Porém, principalmente no interior do país o mobiliário de estilo barroco continuou a ser fabricado devido à inspiração religiosa e nobreza de suas linhas.

33. CANTI, Tilde, O Móvel no Brasil, op. cit., p.300.

34. CANTI, Tilde, O Móvel do Século XIX no Brasil. Rio de Janeiro, Edição Cândido Guinle de Paula Machado, 1988, p.15.

35. RIOS FILHO, Adolfo Morales de los, Grandjean de Montigny e a evolução da arte brasileira. Rio de Janeiro, Empresa A Noite, [1941], p.90.

36. CANTI, Tilde, O Móvel do Século XIX no Brasil, op. cit., p.55.

37. Ibid., p.79.

38. Ibid., p.81.

39. Ibid., p.82.

40. Ibid., p.181.

41. EWBANK, Thomas, Vida no Brasil. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1976, p.152.

42. Ibid., p.153.
43. MARIANNO FILHO, José, op. cit., p.65.
44. FLEXOR, Maria Helena Ochi, Mobiliário brasileiro: Bahia. São Paulo, Edição Espade, 1978, p.56.
45. SANTOS, Francisco Marques dos, "O Móvel antigo do Brasil", no Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 1 de maio de 1937, p.3 do suplemento 1.
46. LIMA, Oliveira, Dom João VI no Brasil, 1808-1821. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1945, volume I, p.63.
47. RIOS FILHO, Adolfo Morales de los, op. cit., p.80. Morales de los Rios Filho ressalta, ainda, que, devido ao fato de não terem os recém-chegados se preocupado em bem decorar seus Palácios e residências com a tralha trazida do Reino, a nossa Corte causou muito espanto com a sua aparência pobre; e completa: "Somente com a Regência e o Segundo Reinado é que o arranjo dos Paços Reais foi sensivelmente melhorado".
48. CRULS, Gastão, Aparência do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1965, volume I, p.287.
49. Ibid., p.290.
50. VIEIRA FAZENDA, José, "Chegada da Família Real", em "Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro", em Revista do IHGB. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1923, tomo 88, vol.142, p.32.
51. CRULS, Gastão, op. cit., p.290.
52. Ibid., p.288.
53. Ibid., p.290.
54. GUIMARÃES, A.C. Araujo, A Corte no Brasil -- figuras e aspectos. Porto Alegre, Edição da Livraria do Globo, 1936, p.11. Os favorecidos pelas "aposentadorias" podiam também se apropriar de **móveis, carruagens, escravos**, etc., bastava que o "objeto" lhes causasse cobiça. Consta que em 1818 D.João suprimiu o abuso das aposentadorias.
55. VIEIRA FAZENDA, José, "P.R.", em "Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro", op. cit., p.45.
56. Ibid., p.41.
57. KIDDER, D. P., O Brasil e os brasileiros. São Paulo, Recife, Porto Alegre, Cia. Editora Nacional, 1941, p.69.

58. Decreto de 8 de outubro de 1810 em SILVA, M. B. Nizza da, Cultura Sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821). São Paulo, Editora Nacional, 1978, 2a. edição, p.154.
59. Decreto de 26 de abril de 1811, em SILVA, M. B. Nizza da, op. cit., p.155. A política urbanística do governo visava aterrar pântanos, construir chafarizes, cuidar do calçamento e da iluminação, levantar pontes de madeira e cuidar do aspecto das construções (p.153).
60. R.B. de M., em LUCCOCK, John, Notas sôbre o Rio-de-Janeiro e partes meridionais do Brasil. São Paulo, Livraria Martins, 1942, p.V.
61. Ibid., p.VI.
62. A farta concessão de títulos estimulava o gosto pelo luxo e pelo modo de vida europeus, atraindo, inclusive, inúmeros habitantes do interior, que acabavam por se influenciar por alguns dos novos hábitos da Corte.
63. LEITHOLD, T. von e RANGO, L. von, O Rio de Janeiro visto por dois prussianos em 1819. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1966, p.29.
64. HOBBSAWM, Eric J., "O Mundo Burguês", em A Era do Capital; 1848-1875. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1979, 2a. edição, p.243.
65. RIBEYROLLES, Charles, Brasil Pitoresco. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1980, volume 1, p.170.
66. ASSIS, Machado, Iaiá Garcia (romance), em Machado de Assis -- obra completa. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S.A., 1986, pp.397-398, Série Brasileira, volume I.
67. LUCCOCK, John, op. cit., p.81.
68. EDMUNDO, Luiz, O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis; 1763-1808. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1932, p.60.
69. LUCCOCK, John, op. cit., p.81.
70. GRAHAM, Maria, Diário de uma Viagem ao Brasil. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. USP, 1990, p.270.
71. O vidro, quando aqui chegava importado, geralmente era trazido cortado em pedaços. Segundo Robert C. Smith, em "Arquitetura Civil no Período Colonial" (Revista do SPHAN, n.17. Rio de Janeiro, 1969, pp.27-125), "em 1792 ainda não havia no Rio lojas especializadas na venda de vidros. Em 1799, no entanto, já havia nove", p.109 --dado tirado do "Almanac historico da cidade de S.Sebastião do Rio de

Janeiro", RIHGB, vol. XXI, 1858, p.170.

72. FREYRE, Gilberto, Sobrados e Mucambos -- Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1951, p.615, volume II; e capítulo IX, volume III.

73. AUGEL, Moema Parente, Visitantes Estrangeiros na Bahia Oitocentista. São Paulo, Cultrix/MEC, 1980, p.243.

74. COSTA, Jurandir Freire, Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2a. edição, 1983, p.82.

75. EDMUNDO, Luiz, O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis; 1763-1808. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1932, p.326.

76. COSTA, Lúcio, "Depoimento de um arquiteto carioca", citado em COSTA, Jurandir Freire, op. cit., p.94.

77. Ibid., p.96.

78. Ibid., p.96.

79. LUCCOCK, John, op. cit., p.25.

80. Ibid., p.25.

81. EDMUNDO, Luiz, op. cit., pp.311-312.

82. Gilberto Freyre sugeriu que o "desejo inglês" concorreu para a proibição do uso de rótulas e gelosias de madeira nos sobrados. Aos ingleses interessaria a importação e o uso dos balcões de ferro e das janelas de vidraça. As casas térreas, principalmente as dos arrabaldes da cidade, estavam livres da nova lei; podiam elas conservar suas rótulas, mesmo porque seus habitantes dificilmente teriam condições de pagar pelas novas janelas de vidraça... Em Sobrados e Mucambos, op. cit., pp.742-743, volume III.

83. LUCCOCK, John, op. cit., p.25.

84. COSTA, Jurandir Freire, op. cit., p.104.

85. Ibid., p.107.

86. Ibid., p.119.

87. HOBBSBAMM, Eric J., "O Mundo Burguês", em A Era do Capital; 1848-1875. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1979, p.242, 2a. edição.

88. Ibid., p.242.

89. SILVA, Maria B. Nizza da, op. cit., pp.41-42.
90. Conde de Palmela, citado em, NORTON, Luís, A Corte de Portugal no Brasil. São Paulo, Editora Nacional; [Brasília], INL, 1979, p.85.
91. LEITHOLD, T. von e RANGO, L. von, op. cit., p.13.
92. FERREZ, Gilberto, Aquarelas de Richard Bate; o Rio de Janeiro de 1808-1848. Rio de Janeiro, Galeria Brasileira, 1965, p.9.
93. Luiz Joaquim dos Santos Marrocos veio com a imensa legião de funcionários que acompanhou a Corte portuguesa ao Brasil. Chegou ao Rio em 1811 acompanhando a 2a. remessa dos livros da Biblioteca Real, onde foi trabalhar. As cartas, que Marrocos escreveu para sua família durante o período que aqui permaneceu (1811-1821), estão publicadas nos Annaes da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 1939, vol.56.
94. PRADO, J.F. de Almeida, D.João VI e o início da classe dirigente do Brasil; 1815-1889. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1968, p.200. E Debret foi morar no Catumbi, onde levaria uma vida difícil até a oportunidade que se lhe deparou de empregar-se como cenarista no teatro São João (p.201).
95. SILVA, M. B. Nizza da, op. cit., p.43.
96. Ibid., p. 43.
97. Uma das exceções era o palácio onde ficou hospedado o Embaixador especial da Áustria, o conde de Eltz, e que se localizava em Mata-Porcos. O artista vienense Thomas Ender, que esteve no Rio entre 1817 e 1818, ficou hospedado no referido palácio e para nossa felicidade se ocupou em desenhar um pouco de seu rico interior, como veremos no capítulo 4. Ainda na Estrada para São Cristóvão, no bairro de Mata-Porcos, havia, à época em que Ender aqui esteve, casas de campo de pessoas ricas dos dois lados da Estrada.
98. SILVA, M. B. Nizza da, op. cit., p.43.
99. EWBANK, Thomas, op. cit., p.151.
100. BENCHIMOL, Jaime Larry, Pereira Passos: um Haussmann Tropical. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1992, p.25.
101. FERREZ, Gilberto, As cidades do Salvador e Rio de Janeiro no século XVIII. Rio de Janeiro, 1963, p.66.
102. GRAHAM, Maria, op. cit., pp.197-198.

103. Ibid., p. 199.
104. Ibid., p.273.
105. SCHLICHTHORST, Carl, O Rio de Janeiro como é; 1824-1826. Rio de Janeiro, Editora Getulio Costa, s/d, p.183.
106. Ibid., p.44.
107. Ibid., p.86.
108. MINTURN, Robert B., From New York to Delhi,.... pp.15-16, em BERTICHEM, P. G., por FERREZ, Gilberto, Rio de Janeiro e seus arrabaldes, 1856. Rio de Janeiro, Livraria Kosmos Editora, [1976].
109. EDMUNDO, Luiz, op. cit., pp.58-59.
110. DEBRET, Jean Baptiste, Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil. Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora USP, 1989, volume III, prancha 43.
111. Ibid., volume III, p.247.
112. KIDDER, D.P. e FLETCHER, J.C., O Brasil e os brasileiros. Rio de Janeiro, Editora Nacional, 1941, vol.1, p.179.
113. FREYRE, Gilberto, Sobrados e Mucambos, op. cit., p.429, volume II.
114. Juízo de órfãos, caixa 4000, n.202.
115. Juízo de órfãos, caixa 4000, n.197.
116. Juízo de órfãos, caixa 4145, inventário n.1512.
117. Ibid., n.1512.
118. EBEL, Ernst, O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1972, p.25.
119. Ibid., p.26.
120. "Casas térreas -- Plantas tradicionais", copiadas da tese de VAZ, Lillian Fessler, Contribuição ao estudo da produção e transformação do espaço da habitação popular; as habitações coletivas no Rio antigo. Rio de Janeiro, setembro de 1985.
121. LEITHOLD, T. von e RANGO, L. von, op. cit., p.11.
122. Ibid., pp.80-81.



123. GRAHAM, Maria, op. cit., pp.208-211; e EBEL, Ernst, op. cit., pp.182-183. Hogendorp era um exilado, um general de Napoleão. Viveu durante alguns anos em retiro na casa a que me referi, no alto da encosta do Corcovado, onde plantava café, laranjas, bananas, etc. e sobrevivia da venda desses produtos, e também de seu vinho e lenha, que ele mesmo levava à cidade. Em 1822, Hogendorp foi encontrado morto na floresta perto de sua moradia. Em seu Diário..., Maria Graham escreveu que, quando conheceu o general, ele já se encontrava sofrendo de uma série de enfermidades e que estava preparando um livro com suas memórias. Quando Ebel visitou a propriedade, ela pertencia a Herrn Franz Scheiner, um alemão.

124. LEITHOLD, T. von, op. cit., p.81.

125. Juízo de Órfãos, caixa 1511, inventário 4145.

126. Juízo de Órfãos, caixa 4145, inventário n.1512.

127. Ao que tudo indica, esta era mesmo a residência de Debret no Catumbi, pois uma aquarela, reproduzida no volume da Viagem... considerado o número IV, e com o nome de "Maison de Debret à Catumby", pranchas 8 e 9, reproduz o que parece ser a mesma construção dessa planta.

128. DEBRET, Jean Baptiste, op. cit., volume III, prancha 243.

129. Ibid., volume III, pp. 244-245.

130. SMITH, Robert C., "Arquitetura civil do período colonial", op. cit., p.34 (nota 37).

131. DEBRET, Jean Baptiste, op. cit., prancha 42.

132. Ibid., volume III, p.245.

133. Ibid., volume III, pp. 245-246.

134. KIDDER, D.P. e FLETCHER, J.C., op. cit., vol. 1., p.232.

135. AGASSIZ, Louis e AGASSIZ, Elizabeth, Viagem ao Brasil. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938, pp.79-80.

136. FERREZ, Gilberto, Aquarelas de Richard Bate; o Rio de Janeiro de 1808-1848. Rio de Janeiro, Galeria Brasileira, 1965, s/p.

137. HENDERSON, James, A History of Brazil. Londres, 1821, p.49.

138. FRÜHBECK, Franz, em SMITH, R. C. e FERREZ, Gilberto, Franz Frühbeck's Brazilian Journey. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1960, s/p.

139. DEBRET, Jean Baptiste, Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil. Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da USP, 1989, volume IV, prancha 56. Este volume, considerado o volume IV, contém aquarelas e desenhos que não foram reproduzidos na edição de Firmin Didot, 1834. Publicada em Paris: R. de Castro Maya, Editor, 1954.
140. FERREZ, Gilberto, Aquarelas de Richard Bate; o Rio de Janeiro de 1808-1848, op. cit., p.11.
141. RENAULT, Delso, O Rio Antigo nos Anúncios de Jornais. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1969, p.88.
142. DEBRET, Jean Baptiste, op. cit., volume II, p.52.
143. RIOS FILHO, Adolfo Morales de los, Grandjean de Montigny e a Evolução da Arte Brasileira. Rio de Janeiro, Empresa A Noite, s/d., p.89.
144. FREYCINET, Louis Claude Desausles, Voyage autour du monde, entrepris par ordre du Roi sur les corvettes de S.M. l'Uranie et la Physicienne, pendant les années 1817, 1818, 1819 et 1820. Paris, 1825, p.180, livre premier de l'"Historique".
145. LUCCOCK, John, Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil. São Paulo, Livraria Martins, s/d., p.81.
146. Ibid., p.81.
147. RIOS FILHO, Morales de los, op. cit., p.89.
148. LEITHOLD, T. von e RANGO, L. von, op. cit., p.28.
149. ARAGO, Jacques Etienne Victor, Promenade autour du monde pendant les années 1817, 1818, 1819 et 1820, sur les corvettes du roi l'Uranie et la Physicienne. Paris, Leblanc, 1822, p.69.
150. CASCUDO, Luiz da Câmara, O Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied no Brasil; 1815-1817. Rio de Janeiro, Livraria Kosmos Editora, 1977, p.30.
151. GRAHAM, Maria, op. cit., p.273.
152. EWBANK, Thomas, op. cit., p.53.
153. Juízo de Órfãos, caixa 4084, inventário com numeração ilegível. Transcrevi de uma só vez a lista completa dos trastes móveis deste inventário, por ser a dita lista bastante pequena, o que não justificava a sua divisão.
154. Juízo de Órfãos, caixa 1511, inventário 4145.
155. Juízo de Órfãos, caixa 4145, inventário n.1512.

156. ENDER, Thomas, em FERREZ, Gilberto, O Brasil de Thomas Ender; 1817. Fundação João Moreira Salles, 1976, s/p.
157. PRADO, J. F. de Almeida, D. João VI e o início da classe dirigente do Brasil 1815-1889. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1968, p.87.
158. ENDER, Thoma, em FERREZ, Gilberto, op. cit., p.162.
159. Ibid., p.158. J.F. de Almeida Prado observou que construções desse vulto contavam-se então pelos dedos. Tanto na aparência externa como através das vistas dessas salas, e de outros aposentos que veremos mais adiante, podemos perceber que se tratava de uma das mais importantes habitações cariocas do período (em PRADO, J. F. de Almeida, op. cit., p.88).
160. EARLE, Augusto, reproduzida em FERREZ, Gilberto, A muito leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Editado por Raymundo de Castro Maya, Cândido Guinle de Paula Machado, Fernando Portella, Banco Boavista s.a., 1965, p.125.
161. A.P.D.G. (autor desconhecido, cujas iniciais são atribuídas por alguns à irmã de Henry Chamberlain), do álbum Sketches of portuguese life. Impresso em Londres, 1826. Iconografia reproduzida em MACEDO, Joaquim Manuel de, Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro -- Belo Horizonte, Livraria Garnier, 1991, s/p.
162. EDMUNDO, Luiz, op. cit., p.312.
163. Ibid., pp.316-317.
164. LEITHOLD, T. von, op. cit., p.27.
165. DEBRET, Jean Baptiste, op. cit., volume II, prancha 6.
166. LEITÃO, C. de Melo, O Brasil visto pelos Ingleses. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1937, p.129.
167. RUGENDAS, Johann Moritz, op. cit., p.116.
168. HENDERSON, James, reproduzido em COARACY, Vivaldo, Memórias da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1965, p.66.
169. ENDER, Thomas, em FERREZ, Gilberto, O velho Rio de Janeiro através das gravuras de Thomas Ender. São Paulo, Melhoramentos, 1956, s/p.
170. FREYRE, Gilberto, Sobrados e Mucambos, op. cit., p.461, volume 2.

171. EDMUNDO, Luiz, op. cit., p.60.
172. DEBRET, Jean B., op. cit., volume II, prancha 10.
173. Alguns escravos acreditavam que se morressem comendo terra seu espírito retornaria à África. Sendo assim, os que fizessem tal tentativa, quando mal-sucedidos, eram obrigados a usar a máscara "protetora" de zinco.
174. RUGENDAS, J. M., op. cit., s/p.
175. Segundo Charles Expilly, em algumas fazendas habitavam sob o mesmo teto o capelão, o caixa, o feitor-mor e o médico. EXPILLY, Charles, Mulheres e costumes no Brasil. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1935, p.383.
176. TOLLENARE, L. F., Notas dominicais tomadas durante uma viagem em Portugal e no Brasil em 1816, 1817 e 1818. Bahia, Livraria Progresso Editora, 1956, pp.86-88.
177. FERREZ, Gilberto, O Brasil de Thomas Ender, op.cit., s/p.
178. RODRIGUES, José W., "Móveis antigos de Minas Gerais", em Revista do SPHAN, n.9. Rio de Janeiro, 1945, p.82.
179. THOMAS, Ender, em FERREZ, Gilberto, O Velho Rio de Janeiro através das Gravuras de Thomas Ender, op. cit., s/p.
180. DEBRET, Jean Baptiste, op. cit., volume II, prancha 34.
181. Ibid., volume II, p.139.
182. LEITÃO, C. de Mello, Visitantes do Primeiro Império. São Paulo, 1934, p.83.
183. Carlos Lemos, em História da casa brasileira (São Paulo, Contexto, 1989, Coleção Repensando a história, pp.27-30), explica a diferença entre **varanda** e **alpendre**: alpendre seria "o telhado que se prolonga para fora da parede mestra da casa e que é apoiado em sua extremidade por colunas, (...)", e que tem como função principal refrescar os interiores das moradas, evitando que o calor do sol se acumule nas paredes de alvenaria. Já varanda seria o local refrescante de estar e lazer da família. Carlos Lemos explica que um alpendre pode vir a ser uma varanda, mas que nem toda varanda é alpendrada. Entretanto, apesar desta explicação, que considerei importante copiar, usarei nas análises das iconografias desse item apenas o termo **varanda**, por ser este o mais vulgarmente conhecido, ainda que eu corra o risco de errar em tal denominação.
184. SCHLICHTHORST, Carl, op. cit., p.183.

185. LEMOS, Carlos, op. cit., pp.27-28.  
Inúmeros viajantes, como Garner (1836-1841), em passagem pelas cidades do interior, notaram que o alojamento de hóspedes não tinha contato com o resto da casa, onde habitava a família do dono; dessa forma, um viajante poderia passar ali dias sem sequer saber o que ocorria dentro da casa -- uma preocupação evidente com as mulheres da família...
186. DEBRET, Jean Baptiste, op. cit., volume II, prancha 8.
187. Ibid., volume II, pp.64-65.
188. Ibid., volume II, prancha 24.
189. TOLLENARE, L.F. de, Notes dominicales prises pendant un voyage en Portugal et au Brésil en 1816, 1817 et 1818. Paris, Presses Universitaires de France, 1973, tome III, p.XXXVIII.
190. RUGENDAS, Johann Moritz, op. cit., s/p.
191. FREYCINET, Louis, citado em SILVA, M. B. Nizza da, op. cit., p.18.
192. LIMA, T.A; FONSECA M.P.R. da; SAMPAIO, A.C. de O; FENZL-NEPOMUCENO, A. & MARTINS, A.H.D., "A tralha doméstica em meados do século XIX: reflexos da emergência da pequena burguesia do Rio de Janeiro". São Paulo, Dédalo, pub. avulsa, 1989, p.208.
193. Entre os trastes da casa da baronesa de Goitacazes, na Glória, encontravam-se: espelhos, **porcelanas**, **pratas**, **porcelana chinesa**, sedas, colchas de chita da Índia, fabulosa quantidade de lençóis e fronhas de linho, colchas e cortinados de cama de damasco carmesim e amarelo... Em, CUNHA, Rui Vieira da, "A vida do Rio de Janeiro através dos testamentos: 1815-1822". Conferência realizada no MHN, em 19 de dezembro de 1967, Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, jan.-março de 1969, vol.282, p.60.
194. LUCCOCK, John, op. cit., p.83.
195. FREYRE, Gilberto, Sobrados e Mucambos, op. cit., p.447, volume 2.
196. FREYCINET, Louis C. D., citado em SILVA, M. B. Nizza da, op. cit., p.20.
197. EDMUNDO, Luiz, op. cit., p.406.
198. TOLLENARE, L. F. de, Notes dominicales prises..., op. cit., s/p.
199. LUCCOCK, John, op. cit., p.75.

200. DEBRET, Jean Baptiste, op. cit., volume II, prancha 7.
201. EDMUNDO, Luiz, op. cit., p.410.
202. Juízo de Órfãos, caixa 1511, inventário n.4145.
203. Juízo de Órfãos, caixa 4145, inventário n.1512.
204. LUCCOCK, John, op. cit., p.82.
205. EWBANK, Thomas, op. cit., p.216.
206. Ibid., p.267.
207. Juízo de Órfãos, caixa 4145, inventário n.1512.
208. DEBRET, Jean Baptiste, op. cit., volume IV, prancha 11.
209. SILVA, M. B. Nizza da, op. cit., p.49.
210. EARLE, Augustus, em JAMES, David, "Um pintor inglês no Brasil do Primeiro Reinado", em Revista do SPHAN, n.12. Rio de Janeiro, 1955, s/p.
211. LUCCOCK, John, op. cit., p.81.
212. FREYCINET, Louis C.D, op. cit., p.180, livre premier de l'"Historique".
213. DEBRET, Jean Baptiste, op. cit., volume II, p.76.
214. FREYCINET, Louis C.D., op. cit., p.180, livre premier de l'"Historique".
215. Juízo de Órfãos, caixa 1511, inventário n.4145.
216. Juízo de Órfãos, caixa 4145, inventário n.1512.
217. ENDER, Thomas, aquarela original, encontra-se na seção de Iconografia da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro.
218. EWBANK, Thomas, op. cit., p.216.
219. THEREMIN, Guilherme von, em FERREZ, Gilberto, O "Sketch Book" de Guilherme von Theremin. s/p.
220. EBEL, Ernst, op. cit., p.125. Theremin (1784-1852), nascido em Berlin, veio para o Brasil em 1817 ou 1818 e foi reconhecido Cônsul da Prússia em 1821. A casa de Theremin na Glória possuía quatro altas empenas laterais, daí talvez classificá-la de gótica.

221. ENDER, Thomas, em FERREZ, Gilberto, O Velho Rio de Janeiro através..., op. cit., s/p.

222. No texto "Os refúgios da intimidade", em História da Vida Privada III -- da Renascença ao Século das Luzes, São Paulo, Companhia das Letras, 1991, p.214, Orest Ranum comentou: "Os arquitetos dos séculos modernos criaram novos espaços privados nas casas da elite, ou melhor, ampliaram seus espaços transformando em cômodos o que antes era sobretudo peças de mobiliário. Nas diferentes línguas européias, palavras como gabinete, biblioteca, escritório podem designar um móvel; pouco a pouco, no entanto, passam a indicar também um aposento dotado de uma função específica e em geral de caráter privado". (...). "(...)quem tinha antes um escritório-móvel provido de fechaduras agora pode entrar num escritório-cômodo e trancar a porta à chave. Está aberto o caminho para a habitação burguesa do século XIX, com seu acúmulo de objetos de arte, papéis, livros e curiosidades sempre dispostos e organizados atrás de vitrines e de portas providas de fechaduras e chave. (...)"

223. DEBRET, Jean Baptiste, op. cit., volume IV, prancha 18.

224. Ibid., volume IV, prancha 10.

225. ENDER, Thomas, em FERREZ, Gilberto, O Brasil de Thomas Ender. op. cit, p.58.

226. DEBRET, Jean Baptiste, op. cit., volume II, p.55.

227. FREYRE, Gilberto, Sobrados e Mucambos, op. cit., nota 122, p.826, volume III.

228. PRADO, J. F. de Almeida, D. João VI e o início da classe dirigente do Brasil 1815-1889. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1968, p.222.

229. ENDER, Thomas, em FERREZ, Gilberto, O Velho Rio de Janeiro através... s/p.

230. Normalmente, as cozinhas das casas nobres se localizavam em construções isoladas do núcleo residencial -- LEMOS, Carlos, op. cit., p.19.

231. AGASSIZ, Louis e AGASSIZ, Elizabeth, Viagem ao Brasil. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938, p.179.

232. LEMOS, Carlos, op. cit., p.56.

233. Armand Julien Pallière, em SANTOS, Francisco Marques dos, "Dois Artistas franceses no Rio de Janeiro", na Revista do SPHAN, n.3. Rio de Janeiro, 1939, p.125.

234. FRANCO, Afonso Arinos de Melo, O Palacete do Caminho Novo; solar da Marquesa de Santos. Rio de Janeiro, UEG, 1975, p.16. Consta, porém, que a tralha pertencente à Marquesa a acompanhou no seu retorno a São Paulo (1829?). A tralha do inventário, ou provinha da Imperatriz Leopoldina, ou eram da Princesa Maria da Glória, ou, ainda, eram de propriedade do Imperador D. Pedro I, que os herdara de sua primeira esposa.
235. Ibid., pp.44-45.
236. Ibid., p.49.
237. Juízo de Órfãos, caixa 1511, inventário n.4145.
238. Juízo de Órfãos, caixa 4145, inventário n.1512.
239. Jornal das Senhoras; modas, litteratura, bellas artes, teatro e critica. Rio de Janeiro, Typ. Parisiense, 1852-1855, 30 de janeiro de 1853.
240. Ibid., 4 de setembro de 1853.
241. EDMUNDO, Luiz, op. cit., p.62.
242. EWBANK, Thomas, op. cit., pp.75-76.
243. KIDDER, D.P. e FLETCHER, J.C., op. cit., p.100.
244. Ibid., p.100. Em 1865, a "Rio City Improvements Company" estava realizando o serviço de esgotamento de uma parte da cidade.
245. HEPPLWHITE, George, The Cabinet-Maker and Upholsterer's Guide. New York, Dover Publications, [1969] The Third Edition of 1794.
246. SHERATON, Thomas, The Cabinet-Maker and Upholsterer's Drawing-Book. New York, Dover Publications, [1972].
247. Ibid., plate 46.
248. Ibid., plate 20.
249. Ibid., plate 49.
250. HEPPLWHITE, George, op. cit., plate 70.
251. SHERATON, Thomas, op. cit., plate 17.
252. HEPPLWHITE, George, op. cit., plate 80.
253. Ibid., plate 81.



254. SHERATON, Thomas, op. cit., plate 7.
255. Ibid., plate 53.
256. Ibid., plate 43.
257. HEPPLWHITE, George, op. cit., plate 83.
258. Ibid., plate 82.
259. SHERATON, Thomas, op. cit., plate 23.
260. Em 1839, J. C. Loudon publicou em Londres a Encyclopaedia of Cottage, Farm and Villa Architecture and Furniture, onde apareciam desenhos de móveis funcionais de todos os tipos de modelos. Em "Sweet Home", História da Vida Privada IV -- Da Revolução Francesa à Primeira Guerra, São Paulo, Companhia das Letras, 1991, p.69, Catherine Hall escreveu sobre J. C. Loudon: "(...) o árbitro do gosto burguês em questões de arquitetura, mobiliário e conservação de jardins, dizia em seus livros, que faziam um enorme sucesso, em que consistia uma **nursery**, como mobiliar um salão, quais as delícias que um jardim podia oferecer, quais as alegrias a serem partilhadas entre o casal". **Nursery** era o aposento onde ficavam instaladas as crianças da casa, com seus berços, objetos e brinquedos.
261. RIOS FILHO, Adolfo Morales de los, Grandjean de Montigny e a evolução da arte brasileira, op. cit., p.80.
262. HALL Catherine, "Sweet home", em PERROT, Michelle (organização), vários autores, História da Vida Privada; da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo, Cia. das Letras, 1991, volume 4, pp.84-85.
263. BOTELHO, Nilza, "Serpentinas e cadeirinhas de arruar", em Anais do MHN, vol. IV, 1943. Rio de Janeiro, MES, Imprensa Nacional, 1947, pp.445-472.
264. Ibid., p.446.
265. CHAMBERLAIN, Henry, segundo original de Guillobel, em MACEDO, Joaquim Manuel de, op. cit., entre as páginas 176 e 177.
266. DEBRET, Jean Baptiste, op. cit., volume II, prancha 15.
267. Ibid., volume II, p.86.
268. Ibid., volume II, p.86.
269. BOTELHO, Nilza, op. cit., p.448.

270. DUNLOP, Charles, Os Meios de Transporte do Rio Antigo. Rio de Janeiro, Serviço de Documentação, 1972, p.13.
271. GRAHAM, Maria, "Álbum de aquarelas existente na Biblioteca Nacional", citado em BOTELHO, Nilza, op. cit., p.451. O modelo de serpentina, representado nessa ilustração, fora visto pela viajante em Pernambuco.
272. BOTELHO, Nilza, op. cit., p.449.
273. DEBRET, Jean Baptiste, op. cit., volume II, prancha 16.
274. Alguns autores consideram a serpentina como um elemento de transição entre a rede e a cadeirinha. Há os que chamam de "serpentina de luxo" o que outros já denominam de "cadeirinha". Vou considerar a classificação de serpentina como o elemento de transição e mostrar os três tipos principais de cadeirinhas.
275. BOTELHO, Nilza, op. cit., p.454.
276. BLANCHARDIÈRE, Courte de la, citado em FERREZ, Gilberto, "O Rio de Janeiro, no tempo de Bobadela, visto por um padre francês", na Revista do IHGB, vol.264. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1964, pp.162-163. Ferrez comentou que o padre não exagerou nas dimensões desses guarda-chuvas, ou guarda-sóis, que eram de origem chinesa.
277. EDMUNDO, Luiz, O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis; 1763-1808. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1932, p.97.
278. VIEIRA FAZENDA, José, "Antiquinhas e Memórias do Rio de Janeiro", na Revista do IHGB, tomo 89, vol.143, 1921. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1924, p.69.
279. Ibid., p.71. Moscóvia -- chamado couro da Rússia. Oleado -- lona impermeabilizada por uma camada de óleo, verniz, ou cera.
280. Ibid., p.72.
281. Ibid., p.72.
282. Ibid., pp.76-77.
283. BARROS, Sigrid Pôrto de, "A Condição Social e a indumentária feminina no Brasil-Colônia", em Anais do MHN, vol. VIII, 1947. Rio de Janeiro, MEC, 1957, p.128.
284. EDMUNDO, Luiz, op. cit., p.406.
285. TAUNAY, Afonso d'Escragnolle, "Rio de Janeiro de Antanho", na Revista do IHGB, tomo 90, 1921, p.474.

286. DUNLOP, Charles, op. cit., p.16.
287. LEITHOLD, T. von, op. cit., p.28.
288. RIOS FILHO, Adolfo Morales de Los, O Rio de Janeiro Imperial. Rio de Janeiro, Editora A Noite, 1946, p.111.
289. Juízo de Órfãos, caixa 4065, número 819.
290. Juízo de Órfãos, caixa 2748, número 137.
291. Juízo de Direito Civil da 3a. Vara, caixa 284, número 3393.
292. Juízo de Órfãos, caixa 2748.
293. TOLLENARE, Louis François de, Notes dominicales prises..., s/p.
294. BOTELHO, Nilza, op. cit., pp.461-462.
295. EWBANK, Thomas, op. cit., pp.77-78.
296. Ibid., p.78.
297. DEBRET, Jean Baptiste, op. cit., volume III, prancha 5.
298. SANTOS, Noronha, Meios de Transporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Typ. do Jornal do Commercio, Rodrigues & C., 1934, p.81.
299. EDMUNDO, Luiz, op. cit., p.26.
300. KIDDER, D. P. e FLETCHER, J. C., op. cit., pp.34-35.
301. EBEL, Ernst, op. cit., p.30.
302. DEBRET, Jean Baptiste, op. cit., volume IV, prancha 55.
303. SANTOS, Noronha, op. cit., p.96.
304. DEBRET, Jean Baptiste, op. cit., volume III, p.123.
305. CHAMBERLAIN, Henry, segundo o original de Guillobel, em MACEDO, Joaquim Manuel de, op. cit., entre as páginas 176 e 177.
306. CUNHA, Rui Vieira da, op. cit., p.61.
307. DEBRET, Jean Baptiste, op. cit., volume III, prancha 16.
308. LUCCOCK, John, op. cit..
309. DUNLOP, Charles, op. cit., p.19.

310. Ibid., p.20.

311. RUSINS, Alfredo Teodoro, "As Carruagens Imperiais do Brasil", em Anais do MHN. Rio de Janeiro, MES, Imprensa Nacional, 1941, volume II, p.222.

312. Ibid., pp.226-229.

313. Os números das casas de leilões às vezes aparecem mudados. Talvez houvessem várias casas de um mesmo leiloeiro, ou este mudasse com alguma freqüência de loja, ou, ainda, a própria numeração da rua variasse com o aumento do número de construções.

314. As casas de leilões mais conhecidas se localizavam quase sempre nas ruas mais centrais e movimentadas da cidade.

315. EWBank, Thomas, op. cit., p.213.

316. BIARD, François Auguste, Deux Anneés au Brésil. Paris, Hachette et cie, 1862, p.95, (com ilustrações).

317. BIARD, François Auguste, Dois anos no Brasil. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1945, p.51, (sem ilustrações).

318. BIARD, François Auguste, Deux Anneés au Brésil, p.99.

319. BERTICHEM, P. G., em VALLADARES, Clarival do Prado, Rio, análise iconográfica do Barroco e Neoclássico remanentes no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1978, volume 2, s/p.

320. DEBRET, Jean Baptiste, op. cit., volume II, p.149.

321. BIARD, François Auguste, Deux Anneés au Brésil, p.91.

322. KIDDER, D. P. e FLETCHER, J. C., op. cit., p.23.

323. Ibid., volume II, prancha 12.

324. Ibid., volume II, p.73.

325. EWBank, Thomas, op. cit., p.79.

326. LEITHOLD, T. von, op. cit., p.49.

327. DEBRET, Jean Baptiste, op. cit., volume IV, prancha 44.

328. ENDER, Thomas, op. cit., s/p.

329. HILDEBRANDT, Eduard, em FERREZ, Gilberto, O Brasil de Eduard Hildebrandt. Rio de Janeiro, Distribuidora Record de Serviços de Imprensa, [entre 1986 e 1989], p.47.

330. MUZZI, João Francisco, em VALLADARES, Clarival do Prado, op. cit., volume I, s/p. Consta que o incêndio é de 1789 e o quadro de Muzzi é de 1792.

331. SANTOS, Noronha, As freguesias do Rio antigo. Introdução, notas e bibliografia por Paulo Berger. Rio de Janeiro, Edições "O Cruzeiro", 1965.

332. PIZARRO, em FERREZ, Gilberto, A muito leal e heróica cidade de São Sebastião..., op. cit., p.46.

333. Ibid., p.46.

334. TEIXEIRA LEITE, José Roberto, A China no Brasil. Influências, marcas, ecos e sobrevivências chinesas na arte e na sociedade do Brasil. Tese apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas como requisito para a obtenção do Título de Doutor, São Paulo/Campinas, 1992, p.12.

335. ARAÚJO, Emanuel, O Teatro dos Vícios: transgressão e transigência na sociedade urbana colonial. Rio de Janeiro, José Olympio, 1993, p.122.

336. SILVA, Maria Beatriz Nizza da, Vida Privada e Quotidiano no Brasil. Na época de D. Maria e D. João VI. Lisboa, Editorial Estampa, 1993, p.247.

## BIBLIOGRAFIA: Livros de Viajantes.

AGASSIZ, Louis e AGASSIZ, Elizabeth, Viagem ao Brasil. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938.

A.P.D.G., Sketches of portuguese life, manner, costume and character. London, B. Whitaker, 1826.

ARAGO, Jacques Etienne Victor, Promenade autour du monde pendant les années 1817, 1818, 1819 et 1820 sur les corvettes du Roi l'Uranie et la Physicienne. Paris, Leblanc, 1822.

BATE, Richard, em FERREZ, Gilberto, Aquarelas de Richard Bate; o Rio de Janeiro de 1808-1848. Rio de Janeiro, Galeria Brasiliana, 1965.

BERTICHEN, P. G., em FERREZ, Gilberto, O Rio de Janeiro e seus arrabaldes, 1856. Rio de Janeiro, Livraria Kosmos Editora, [1975-1976].

BURCHELL, William John, O mais belo panorama do Rio de Janeiro, 1825. Rio de Janeiro, IHGB, 1966.

BURCHELL, William John, em FERREZ, Gilberto, O Brasil do Primeiro Reinado visto pelo botânico William John Burchell: 1825/1829. Rio de Janeiro, Fundação João Moreira Salles, Fundação Nacional Pró-Memória, 1981.

BURMEISTER, Herman, Viagem ao Brasil através das Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. São Paulo, Livraria Martins Ed., 1952.

CHAMBERLAIN, Sir Henry, Vistas e costumes da cidade e arredores do Rio de Janeiro em 1819-1820.... Rio de Janeiro, Livraria Kosmos, 1943.

DEBRET, Jean Baptiste, Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil. Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da USP, 1989, três volumes.

DEBRET, Jean Baptiste, Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1989 -- considerado o volume IV; contém aquarelas e desenhos que não foram reproduzidos na edição de Firmin Didot, 1834. Publicada em Paris: Raymundo de Castro Maya, editor, 1954.

EBEL, Ernst, O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824. Tradução e notas de Joaquim de Souza Leão Filho, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1972.

ENDER, Thomas, em FERREZ, Gilberto, O Brasil de Thomas Ender; 1817. Rio de Janeiro, Fundação João Moreira Salles, 1976.

ENDER, Thomas, em FERREZ, Gilberto, O Velho Rio de Janeiro através das gravuras de Thomas Ender. São Paulo, Editora Melhoramentos, 1956.

EXPILLY, Charles, Mulheres e costumes do Brasil. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1935.

EXPILLY, Charles, Le Brésil, tel qu'il est.... Paris, E. Dentu, 1862.

EWBANK, Thomas, A Vida no Brasil. Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da USP, 1976.

FREYCINET, Louis Claude Desaulces de, Voyage autour du monde fait par ordre du Roi sur les corvettes de S. M. L'Uranie et la Physicienne, pendant les années 1817, 1818, 1819 et 1820. Paris, 1825.

FREYCINET, Rose de, em BASSETT, Marnie, Realms and islands: the world voyage of Rose de Freycinet in the Corvette Uranie, 1817-1820. London, New York, Oxford, University Press, 1962.

FREYREISS, Georg Wilhelm, 1789-1825, Viagem ao interior do Brasil. Tradução A. Fofgren; revisão e notas Mário Guimarães Ferri, Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1982.

FRÜHBECK, Franz, em SMITH, R. C., e FERREZ, Gilberto, Franz Frühbeck's Brazilian Journey. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1960.

GARDNER, George, Travels in the interior of Brazil. USA, Boston, Milford House Inc., 1973.

GRAHAM, Maria, Diário de uma viagem ao Brasil. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1990.

GUILLOBEL, Joaquim Cândido, Usos e costumes do Rio de Janeiro nas figuras de Guillobel. Curitiba, Estudo Gráfico Fitolito, Kingraf, 1978.

HENDERSON, James, A History of the Brazil. London, 1821.

HILDEBRANDT, Eduard, O Brasil de Eduard Hildebrandt. Rio de Janeiro, Distribuidora Record de Serviços de Imprensa, [entre 1986 e 1989].

KIDDER, D. P., e FLETCHER, J. C., O Brasil e os brasileiros. Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional, 1941, volume 1.

KIDDER, Daniel P., Reminiscências de viagens e permanências no Brasil. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1972, 2 volumes.

LEITHOLD, T. von e RANGO, L. von, O Rio de Janeiro visto por dois prussianos em 1819. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1966.

LINDLEY, Thomas, Narrativa de uma viagem ao Brasil... São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1969.

LUCCOCK, John, Notas sôbre o Rio-de-Janeiro e partes meridionais do Brasil; tomadas durante uma estada de dez anos nesse país, de 1808 a 1818. São Paulo, Livraria Martins, 1975.

MARTIUS, C. F. P. e SPIX, J. B., Viagem pelo Brasil; 1817-1820. São Paulo, Edições Melhoramentos, s/d, volume I, 2a. edição.

ORBIGNY, Alcides Dessalines d', Viagem Pitoresca através do Brasil. Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora USP, 1976.

PETIT-THOUARS, A.A., Voyage autour du monde sur... [1840- ]. n.p., n.d.

POHL, Johann Emanuel, Viagem no interior do Brasil. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1976.

RIBEYROLLES, Charles, Brasil Pitoresco. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1980, 2 volumes.

RUGENDAS, Johann Moritz, Viagem Pitoresca através do Brasil. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1989.

SAINT-HILAIRE, Auguste de, Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1974.

SCHLICHTHORST, C., O Rio de Janeiro como é; 1824-1826. Rio de Janeiro, Editora Getulio Costa, s/d.

THEREMIN, Carlos Guilherme von, em FERREZ, Gilberto, O "Sketch book" de Carlos Guilherme von Theremin. Rio de Janeiro, Livraria Kosmos Editora; São Paulo, Cia. Brasileira de Projetos e Obras, 1982.

TOLLENARE, Louis François de, Notas dominicais tomadas durante uma viagem em Portugal e no Brasil em 1816, 1817 e 1818. Salvador, Livraria Progresso Editor, 1956, (sem ilustrações).

TOLLENARE, Louis François de, Notes dominicales prises pendant un voyage en Portugal et au Brésil en 1816, 1817 et 1818. Paris, Presses Universitaires de France, 1973, tomes I, II et III, (com ilustrações).

TSCHUDI, J. J. von, Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São



Paulo. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1980.

VAILLANT, Auguste Nicolas, Voyage autour du monde execute pendant les anees 1836 et 1837 sur la corvette la Bonite. Paris, A. Bertrand, 1840-1866.

WALSH, Robert, Notícias do Brasil. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1985, 2 volumes.

WIED-NEUWIED, Maximiliano de, em CASCUDO, Luis da Camara, O Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied no Brasil; 1815/1817. Livraria Kosmos Editora, Rio de Janeiro, 1977.

WIED-NEUWIED, Maximilian Alexander Philipp, prinz von, Viagem ao Brasil; 1815-1817. São Paulo, Melhoramentos, 1969.

## **BIBLIOGRAFIA DE APOIO:**

### **Livros de mobiliário:**

AGUIAR, Antônio de, O Mobiliário Português do século XVIII. Lisboa, Rev. Ocidente, 1963.

AUSSEL, A., Estilos de Mobiliário. Lisboa, Presença, 1974.

BEARD, Geoffrey, The National trust book of English furniture. Great Britain, Viking in Association with the National trust, 1985.

BELL, J. Munro (arranged), The furniture designs fo Chippendale, Hepplewhite and Sheraton. New York, R. M. McBride and Co., 1938.

BOGER, Louise Ade, The complete guide to furniture styles. New York, Charles Scribner's sons, 1969.

BUTLER, Ellis Parker, The french decorative styles; from the earliest times to the present day. New York, T. A. Cawthra & Co., 1904.

CANTI, Tilde, O Móvel no Brasil. Rio de Janeiro, Cândido Guinle de Paula Machado, 1985, 2a. edição.

CANTI, Tilde, O Móvel do século XIX no Brasil. Rio de Janeiro, Cândido Guinle de Paula Machado, 1988.

CHIPPENDALE, Thomas, The Gentleman & Cabinet-Maker's Director. New

York, Dover Publications, Inc.

COTTINO, Alberto, Mobiliário do século XVII -- França, Espanha, Portugal. Lisboa, Editorial Presenç, 1989.

FEDUCHI, Luis, Historia del Mueble. Barcelona, Editorial Blume, 1975, Tercera edición.

FLEXOR, Maria Helena M. Ochi, Mobiliário baiano séculos XVIII e XIX. Salvador, 1970.

GERE, Charlotte, Nineteenth-Century Decoration. New York, Harry N. Abrams, Inc., Publishers, 1989.

GUIMARAES, Alfredo, Mobiliário artístico português. Porto, Solivros de Portugal, 1989.

HEPPLEWHITE, George, The Cabinet-Maker and Upholsterer's Guide. New York, Dover Publications, first published in 1969, it is unabridged and unaltered republication of the third (1794) edition, as published by I. and J. Taylor, London.

HOWE, Katherine, The Gothic Revival style in America, 1830-1870. Houston, Texas, Museum of Fine Arts, 1976.

JARRY, Madeleine, Chinoiserie: chinese influence on European decorative art 17th and 18th century. New York, Nendome Press, 1981.

LUCIE-SMITH, Edward, Furniture, a concise history. London, Thames and Hudson Ltd., 1988.

MACQUOID, Percy, A history of English furniture. England, Antique Collectors' Club Ltd., 1987, 2 vols.

MARTEL, João Carlos e SERAPHICO, Luiz, Arte colonial: mobiliário. São Paulo, Editora das Américas, Rhodia, 1977.

NASCIMENTO, João Filipe da Silva, Leitos e camilhas portuguesas; subsídio para o seu estudo. Lisboa, Edição do Autor, 1950.

NOGUEIRA DE BRITO, Francisco, O Nosso Mobiliário. Porto, Livraria Lello, [193-?]

ROCHA, Carlos Eduardo da, O Mobiliário antigo da Bahia. Salvador, Museu do Recôncavo Wanderley Pinho, 1973.

RODRIGUES, José Wash, O Mobiliário do Brasil Antigo. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1958.

SANDÃO, Arthur de, O Móvel pintado e Portugal. Porto, Livraria Civilização, 1966.

SANTOS, José de Almeida, Mobiliário artístico brasileiro. São Paulo, Museu Paulista, 1963, três volumes.

SHERATON, Thomas, The Cabinet-Maker and Upholsterer's Drawing-Book. New York, Dover Publications, Inc., 1972.

THORNTON, Peter, Seventeenth-Century Interior Decoration in England, France and Holland. New Haven and London, Yale University Press, 1978.

WANSCHER, Ole, The art of furniture; 5000 years of furniture and interiors. New York, Reinhold Pub. Corp., [1967].

### **Outros Livros:**

ARAÚJO, Emanuel, O teatro dos vícios: transgressão e transigência na sociedade urbana colonial. Rio de Janeiro, José Olympio, 1993.

ASSIS, Machado, Iaiá Garcia (romance), em Machado de Assis -- Obra Completa. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar S.A., 1986, Série Brasileira, volume I.

AUGEL, Moema Parente, Visitantes Estrangeiros na Bahia Oitocentista. São Paulo, Cultrix/MEC, 1980.

BARATA, Mário, "As Artes Plásticas de 1808 a 1889", em, vários autores, O Brasil Monárquico: Reações e Transações. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967, pp.409-424, (Coleção História Geral da Civilização Brasileira, tomo II, terceiro volume).

BARATA, Mário, "Século XIX. Transição e início do século XX", em, vários autores, História Geral da Arte no Brasil. São Paulo, Instituto Walther Moreira Salles, 1983, pp.377-451, volume I.

BARTHES, Roland, Sistema da Moda. São Paulo, Companhia Editora Nacional, Editora da USP, 1979.

BAUDRILLARD, Jean, O Sistema dos Objetos. São Paulo, Editora Perspectiva, 1989.

BENCHIMOL, Jaime Larry, Pereira Passos: um Haussmann Tropical. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1992.

BERGER, Paulo, Bibliografia do Rio de Janeiro de viajantes e autores estrangeiros, (1531-1900). Rio de Janeiro, Livraria São José Ltda, 1964.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti, Mulheres de ontem? Rio de Janeiro -- século XIX. São Paulo, T. A. Queiroz, 1989.

CAMPOFIORITO, Quirino, História da Pintura Brasileira no século XIX. Rio de Janeiro, Edições Pinakotheke, 1983.

CHARTIER, Roger, organização, em, vários autores, História da Vida Privada III -- Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

COARACY, Vivaldo, Memórias da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1965.

COSTA, Jurandir Freire, Ordem Médica e Norma Familiar. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1983, 2a. edição.

CRULS, Gastão, Aparência do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1965, 2 volumes.

CUNHA, Lygia da Fonseca Fernandes da, O Rio de Janeiro através das estampas antigas. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, Divisão de Publicações e Divulgação, 1970.

DUNLOP, Charles J., Os meios de transporte do Rio Antigo. [Rio de Janeiro], Ministério dos Transportes, Serviço de Documentação, 1972.

EDMUNDO, Luiz, O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis (1763-1808). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1932.

EDMUNDO, Luiz, A Corte de D. João no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Conquista, 1957, três volumes, 2a. edição.

FERREZ, Gilberto, A muito leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Editado por Raymundo de Castro Maya, Cândido Guinle de Paula Machado, Fernando Machado Portella, Banco Boavista s.a., 1965.

FERREZ, Gilberto, As cidades do Salvador e Rio de Janeiro no século XVIII. Rio de Janeiro, 1963.

FERREZ, Gilberto, Iconografia petropolitana, 1800-1890. Petrópolis, Ministério da Educação e Cultura, Museu Imperial, 1955.

FERREZ, Gilberto, A fotografia no Brasil, 1840-1900. Rio de Janeiro, Fundação Nacional de Arte, Fundação Nacional Pro-Memória, 1985.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo, O Palacete do Caminho Novo, solar da Marquesa de Santos. Rio de Janeiro, UEG, 1975.

FREYRE, Gilberto, Sobrados e Mucambos -- Decadência do Patriarcado

Rural e Desenvolvimento do Urbano. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1951, três volumes.

FREYRE, Gilberto, Inglese no Brasil. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1977, 2a. edição.

GERSON, Brasil, História das ruas do Rio de Janeiro. Prefeitura do Distrito Federal, Secretaria Geral de Educação e Cultura.

GRAHAM, Richard, "The urban style", in Britain and the onset of modernization in Brazil 1850-1914. Cambridge, Great Britain, University Printing House, 1968, pp.112-124.

GRAHAM, Sandra Lauderdale, House and street: the domestic world of servants and masters in nineteenth-century Rio de Janeiro. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1988.

GUIMARAES, A. C. D'Araújo, A Corte no Brasil -- figuras e aspectos. Porto Alegre, Edição da Livraria do Globo, 1936.

HOBBSAWM, Eric J., "O Mundo Burguês", em A Era do Capital; 1848-1875. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, 2a. edição, pp. 241-260.

KARASCH, Mary C., Slave life in Rio de Janeiro 1808-1850. Princeton, Princeton University Press, 1987.

LEITE, Miriam Moreira (organizadora), A condição feminina no Rio de Janeiro -- século XIX. Antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo, Brasília, Editora Hucitec em convênio com o Instituto Nacional do Livro, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984. (Coleção Estudos Históricos).

LEMONS, Carlos, História da casa brasileira. São Paulo, Contexto, 1989. (Coleção Repensando a História).

LIMA, Oliveira, Dom João VI no Brasil -- 1808-1821. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1945.

MACEDO, Joaquim Manuel de, Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Livraria Garnier, 1991.

MACEDO, Joaquim Manuel de, Memórias da Rua do Ouvidor. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1988.

MACEDO, Joaquim Manuel de, As Mulheres de Mantilha. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, 1988.

MACHADO, Alcântara, Vida e Morte do Bandeirante. São Paulo, Livraria Martins Editora, s/d.

MARIANO FILHO, José, Estudos de Arte Brasileira. Rio de Janeiro,

1942.

MCDANIEL, George W., Hearth & Home; Preserving a People's Culture. Philadelphia, Temple University Press, 1982.

MELLO-LEITÃO, C. de, O Brasil visto pelos Ingleses. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1937.

MELLO-LEITÃO, C. de, Visitantes do Primeiro Império. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1934.

NORTON, Luís, A Corte de Portugal no Brasil. São Paulo, Editora Nacional, 1979, 2a. edição.

PEIXOTO, Maria Elizabete Santos, Pintores Alemães no Brasil durante o século XIX. Rio de Janeiro, Edições Pinakotheke, 1989.

PERROT, Michelle [et al.], organização, em, vários autores, História da Vida Privada IV -- Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

PINHO, Wanderley, Salões e Damas no Segundo Reinado. São Paulo, Livraria Martins Editora, s/d., 4a. edição.

PRADO, J. F. de Almeida, D. João VI e o início da classe dirigente do Brasil; 1815-1889. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1968.

RENAULT, Delso, "A Sociedade Fluminense no século XIX", em Indústria, Escravidão, Sociedade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976, pp.119-178.

RENAULT, Delso, O Rio Antigo nos anúncios de jornais. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1969.

RIOS FILHO, Adolfo Morales de los, Grandjean de Montigny e a evolução da Arte Brasileira. Rio de Janeiro, Empresa A Noite, s/d.

RIOS FILHO, Adolfo Morales de los, O Rio de Janeiro Imperial. Rio de Janeiro, Editora A Noite, 1946.

SANTOS, Noronha, Meios de transporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Typ. do Jornal do Commercio, Rodrigues & C., 1934.

SANTOS, Noronha, As freguesias do Rio Antigo. Introdução, notas e bibliografia por Paulo Berger. Rio de Janeiro, Edições "O Cruzeiro", 1965.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da, Cultura e Sociedade no Rio de Janeiro (1808-1821). São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1978, 2a. edição.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da, Vida Privada e Quotidiano no Brasil.

Na época de D. Maria I e D. João VI. Lisboa, Editorial Estampa, 1993.

TEIXEIRA LEITE, José Roberto, Dicionário Crítico de Pintura no Brasil. Rio de Janeiro, Artlivre, 1988.

TEIXEIRA LEITE, José Roberto, A China no Brasil; influências, marcas, ecos e sobrevivências chinesas na arte e na sociedade do Brasil. Tese apresentada ao Instituto de Artes da Unicamp como requisito para a obtenção do Título de Doutor. Campinas, 1992.

VALLADARES, Clarival do Prado, Rio, análise iconográfica do barroco e neoclássico remanentes no Rio de Janeiro. Apresentação Marcos Tamoyo, Rio de Janeiro, Bloch Editores, 1978, 2 volumes.

VÁRIOS AUTORES, As Artes Plásticas no Brasil. Rio de Janeiro, 1952.

VAZ, Lilian Fessler, "Contribuição ao estudo da produção e transformação do espaço da habitação popular. As habitações coletivas no Rio Antigo". Tese apresentada à UFRJ, Rio de Janeiro, setembro de 1985 (encontra-se no Arquivo Geral da cidade do Rio).

#### ARTIGOS:

ALMEIDA, Aluizio, "Casas dos séculos 18 e 19 em Sorocaba", em Revista do SPHAN, n.9. Rio de Janeiro, 1945, pp.347-367.

BARATA, Mário, "Os Móveis do Brasil colonial", em Revista Cultura Política, n.40. Rio de Janeiro, 1944, pp. 243-248.

BARBOSA, Antônio da Cunha, "Aspecto da Arte Brasileira colonial", em Revista do IHGB, volume 97, tomo 61, parte I. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1898, pp.89-154.

BARROSO, Gustavo, "Classificação Geral de Móveis Antigos", em Anais do Museu Histórico Nacional, volume IV, 1943. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1947, pp. 587-594.

BARROS, Sigrid Pôrto de, "A condição social e a indumentária feminina no Brasil-colônia", em Anais do MHN, volume VIII, 1947. Rio de Janeiro, MEC, 1957, pp.117-154.

BLANCHARDIÈRE, Courte de la, em FERREZ, Gilberto, "O Rio de Janeiro, no tempo de Bobadela, visto por um padre francês", em Revista do IHGB, volume 264. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1964, pp.154-170.

- BOTELHO, Nilza, "Serpentinas e cadeirinhas de arruar", em Anais do Museu Histórico Nacional, volume IV, 1943. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1947, pp.445-472.
- COSTA, Lúcio, "Notas sobre a evolução do mobiliário luso-brasileiro", em Revista do SPHAN, n.3. Rio de Janeiro, 1939, pp.135-146.
- CUNHA, Rui Vieira de, "A vida do Rio de Janeiro através dos testamentos", em Revista do IHGB, n.282. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1960.
- DIAS, Hércia, "O Mobiliário dos Inconfidentes", em Revista do SPHAN, n.3. Rio de Janeiro, 1939, pp.163-172.
- DORIA, Luis Gastão d'Escragnolle, "História e a Moda", em Revista do IHGB, tomo 76, parte 2. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1913, pp.603-623.
- DORIA, Luis Gastão d'Escragnolle, "Cousas do Passado", em Revista do IHGB, tomo 71, volume 118, parte II. Rio de Janeiro, 1908, pp.183 a 403.
- EAMES, Penelope, "Inventories as sources of evidence for domestic furnishings in the fourteenth and fifteenth centuries", in The Journal of the Furniture History Society. Great Britain, 1973, vol.IX, pp.33-40.
- FREYRE, Gilberto, "Sugestões para o estudo da Arte brasileira em relação com a de Portugal e as das colônias", em Revista do SPHAN, n.1. Rio de Janeiro, 1937.
- FREYRE, Gilberto, "Casas de residência no Brasil", em Revista do SPHAN, n.1. Rio de Janeiro, 1937, pp.99-127.
- JAMES, David, "Um pintor inglês no Brasil do Primeiro Reinado" (Augustus Earle), em Revista do SPHAN, n.12. Rio de Janeiro, 1955.
- JAMES, David, "Rugendas no Brasil: obras inéditas", em Revista do SPHAN, n.13. Rio de Janeiro, 1956.
- LANGSTEDT, F. L., o pastor, por TAUNAY, Affonso de E., "Um viajante alemão no Rio de Janeiro em 1782", publicado em, O Jornal. Rio de Janeiro, sabbado, 22 de março de 1924.
- LESSA, Clado Ribeiro de, "Mobiliário brasileiro dos tempos coloniais", em Revista Estudos Brasileiros, n.6. Rio de Janeiro, 1939, pp.5-28.
- LIMA, T. A.; FONSECA, M. P. R. da; SAMPAIO, A. C. de O; FENZL-NEPOMUCENO, A. & MARTINS, A. H. D., "A tralha doméstica em meados do século XIX: reflexos da emergência da pequena burguesia do Rio



de Janeiro", em Revista Dédalo, publicações avulsas n.1. São Paulo, Museu de Arqueologia e etnologia, USP, 1989, pp.205-230.

MARIANO FILHO, José, "A Casa Brasileira", conferência realizada na Sociedade Brasileira de Bellas-Artes, publicada em, O Jornal. Rio de Janeiro, sabbado, 21 de junho de 1924.

MARQUES DOS SANTOS, Francisco, "O Móvel antigo do Brasil", no Diário de Notícias, 1 de maio de 1937.

MARQUES DOS SANTOS, Francisco, "Subsídio para a história do Mobiliário Antigo no Brasil", em Revista Espelhos, n.II. Rio de Janeiro, 1936, pp.8-12.

MARQUES DOS SANTOS, Francisco, "O ambiente artístico fluminense à chegada da Missão Francesa de 1816", em Revista do SPHAN, n.5. Rio de Janeiro, 1941, pp.213-240.

MARROCOS, L.J. dos Santos, "Cartas de Luiz Joaquim dos Santos Marrocos, escritas no Rio de Janeiro à sua família em Lisboa, de 1811 a 1821", em Annaes da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 1939, vol.56.

PINTO, Estêvão, "Muxarabís e Balcões", em Revista do SPHAN, n.7. Rio de Janeiro, 1943.

PINTO, José de Araújo Wanderley, "Mobiliário, Vestuário, Jóias e Alfaias dos tempos coloniais", em Revista do SPHAN, n.4. Rio de Janeiro, 1940, pp.251-271.

RIBEIRO, Maria Laura, "O Mobiliário da sala de D. João VI no Museu Histórico Nacional", em Anais do Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1966.

RIOS, Morales de los, "O mobiliário das mansões", em Vamos Lêr!. 2 de novembro de 1939, pp.27-29 e 66.

RIOS, Morales de los, "Outros tipos de móveis", em Vamos Lêr!. 9 de novembro de 1939, pp.50-51 e 58.

RODRIGUES, José W., "Móveis Antigos de Minas Gerais", em Revista do SPHAN, n.7. Rio de Janeiro, 1943, pp.78-97.

RODRIGUES, José W., "A casa de Moradia do Brasil Antigo", em Revista do SPHAN, n.9. Rio de Janeiro, 1945, pp.159-197.

RUSINS, Alfredo Teodoro, "As carruagens Imperiais do Brasil", em Anais do MHN. Rio de Janeiro, MES, Imprensa Nacional, 1941, vol. II, pp.221-239.

SANTOS, Francisco Marques dos, "Dois Artistas franceses no Rio de Janeiro", em Revista do SPHAN, n.3. Rio de Janeiro, 1939, pp.123-

SANTOS, José de Almeida, "O estilo brasileiro D. Maria ou colonial brasileiro", em Revista do SPHAN, n.6. Rio de Janeiro, 1942, pp.319-335.

SARMENTO, Therezinha de Moraes, "Um preguiceiro no Museu Histórico Nacional", em Anais do MHN, vol. XXI. Rio de Janeiro, MEC, 1969, pp.43-52.

SIMÕES, João Miguel dos Santos, "Azulejaria no Brasil", em Revista do SPHAN, n.14. Rio de Janeiro, 1959, pp.9-18.

SLEENES, Robert W., "Na Senzala, uma flor: as esperanças e as recordações na formação da família escrava". Trabalho em andamento, 1993.

SMITH, C. Robert, "Arquitetura Civil do Período Colonial", em Revista do SPHAN, n.17. Rio de Janeiro, 1969, pp.27-125.

TAUNAY, Afonso d'Escragnolle, "Rio de Janeiro de Antanho", na Revista do IHGB, tomo 90. Rio de Janeiro, 1921.

TAUNAY, Afonso d'Escragnolle, "Viagens e Viajantes", em Revista do IHGB, tomo 92, vol. 146. Rio de Janeiro, 1922, pp.211-336.

TELLES, Augusto C. da Silva, "Vassouras (estudo da construção residencial Urbana)", em Revista do SPHAN, n.16. Rio de Janeiro, 1968, pp. 9-135.

VIANA, Ernesto da Cunha de Araújo, "Das Artes Plásticas no Brasil em Geral e na cidade do Rio de Janeiro em particular", em Revista do IHGB, tomo 78, volume 132, parte 2. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1915, pp.205-608.

VIEIRA FAZENDA, José, "Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro", na Revista do IHGB, tomo 86, volume 140, 1919, pp.56-61 e tomo 89, volume 143, 1921, pp.69-78 e 427-441. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.

#### JORNAIS DE ÉPOCA:

Gazeta do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Imprensa Régia/Imprensa Nacional, 1808-1822.

Jornal das Senhoras; modas, litteratura, bellas artes, theatro e critica. Rio de Janeiro, Typ. Parisiense, 1852-1855.

Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, anos diversos (1827, 1828, 1829, 1830, 1832, 1835, 1840).

**FONTES MANUSCRITAS -- INVENTÁRIOS (citados):**

Juízo de Órfãos, caixa 1511, número 4145.

Juízo de Órfãos, caixa 2748, número 137.

Juízo de Órfãos, caixa 4000, números 197 e 202.

Juízo de Órfãos, caixa 4065, número 819.

Juízo de Órfãos, caixa 4084, inventário com número ilegível.

Juízo de Órfãos, caixa 4145, número 1512.

Juízo de Direito Civil da 3a. Vara, caixa 284, número 3393.

\*